



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

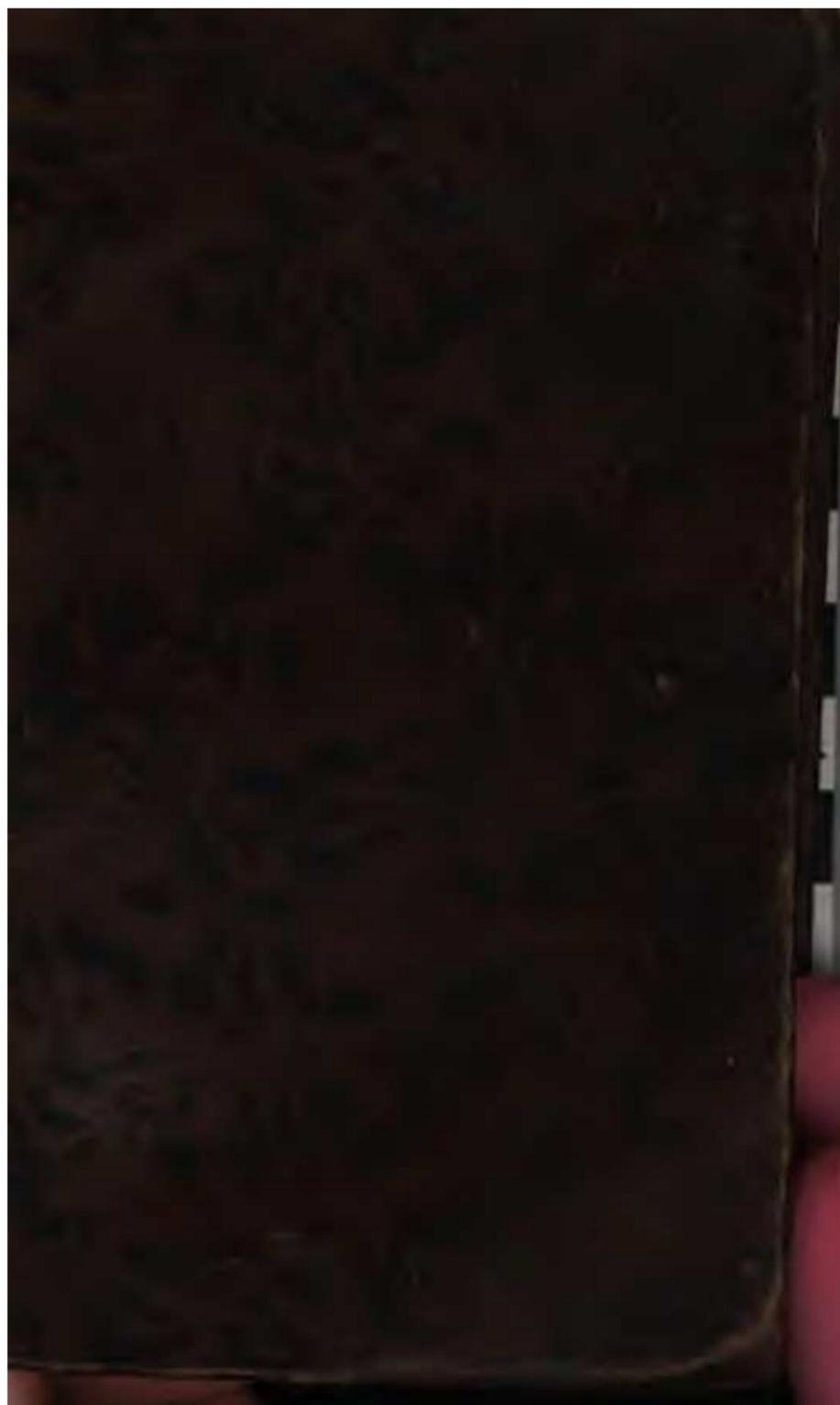
O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

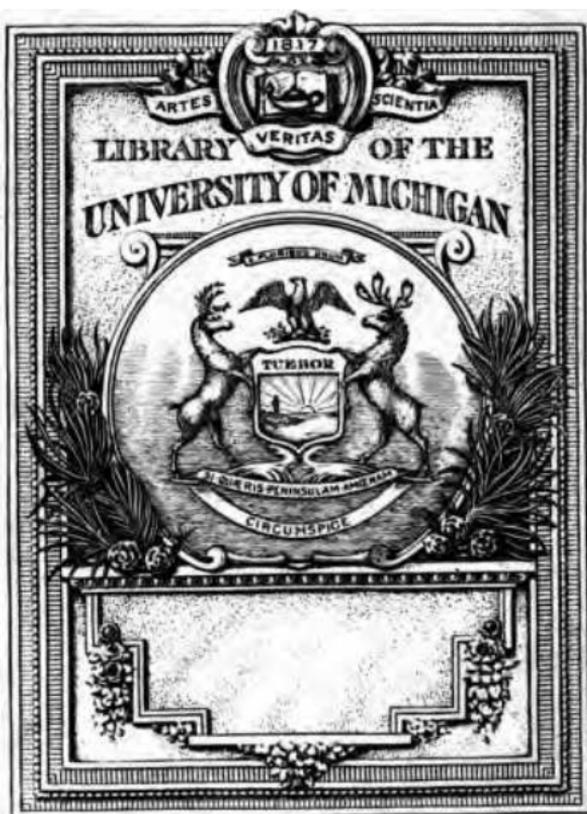
Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

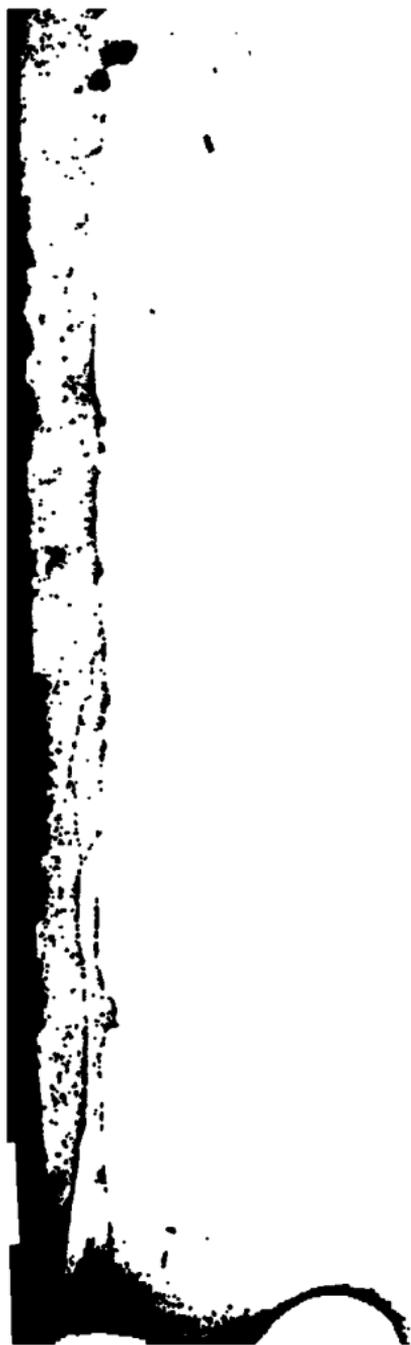
Sobre a Pesquisa de Livros do Google

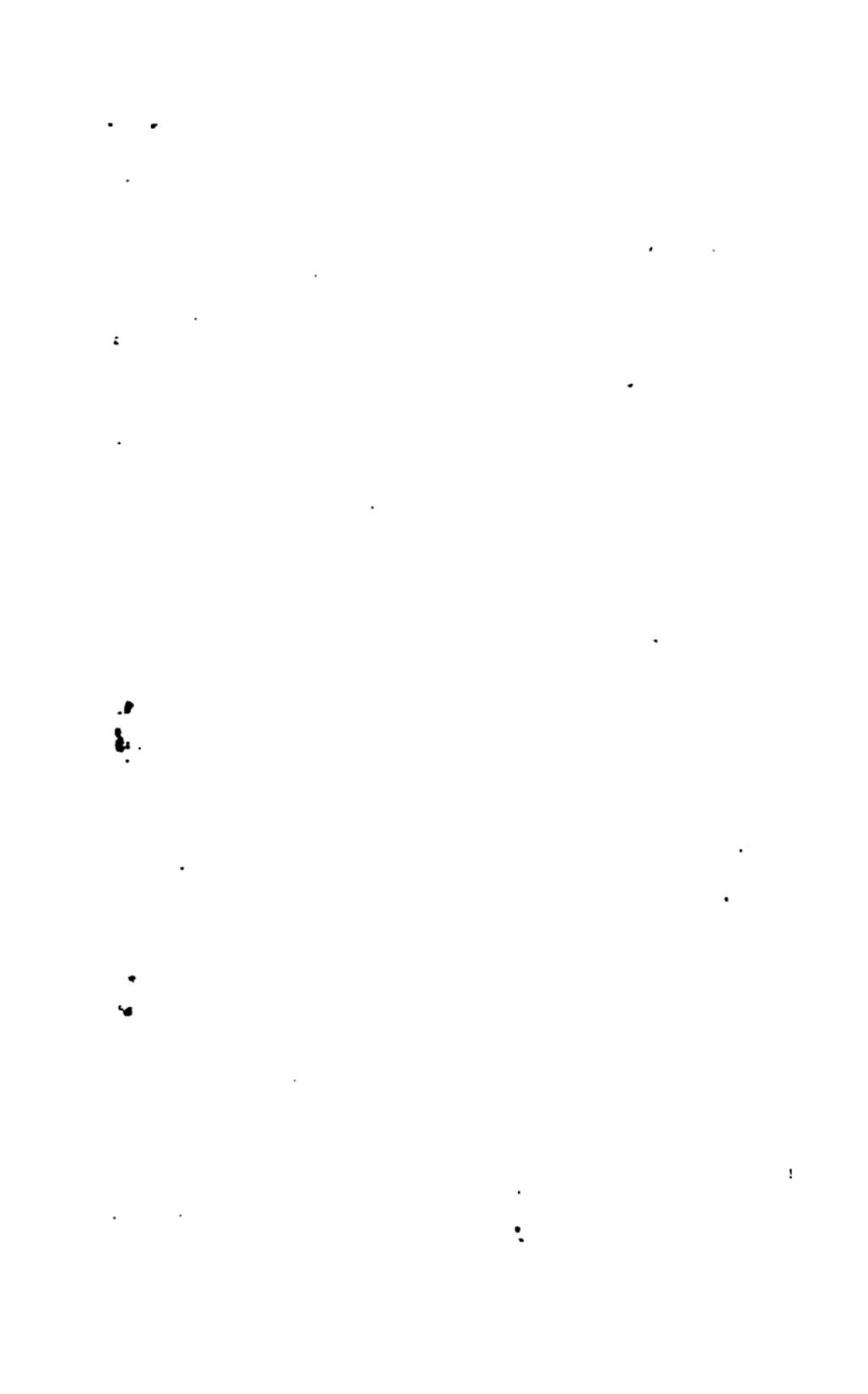
A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>





97







OBRAS
POETICAS
DE
DOMINGOS
DOS REIS QUITA,

Chamado entre os da Arcadia Lusitana
ALCINO MICENIO,

Dadas á luz por .

BOREL, E ROLLAND,
Mercadores de Livros.

TOMO I.



LISBOA,

Na Officina de Miguel Manescal da Costa,
Impressor do Santo Officio.

Anno M. DCC. LXVI.

Com todas as licenças necessarias.

Vendem-se na logea dos mesmos Borel, e Rolland,
e á sua custa impressas.

869.0
R 3785
BME

63-219480



EX.^{mo} E R.^{mo} SENHOR.



TEMOR de que o tempo, que tudo estraga, perdesse, e consumisse para sempre-as Obras Poeticas de Domingos dos Reis, nos moveo a erigir-lhe hum
mo-

monumento indelével pelo meio da impressão. Este he aquelle grande Génio, que encarecem os eruditos: aquelle Cisne, que quando cantou o amado Colbera Lusitano, mereceo que este Heroe, interrompendo as suas zelosas fadigas, com benigno acolhimento o ouvisse, e honrasse. Para este célebre Portuguez deviamos buscar a protecção de hum Sabio: V. EXCELLENCIA, que com despeza magnífica fórma numerosa, e escolhida Bibliotheca, digno-se aceitar estes pequenos volumes. Os Padres mais illustres estimarão os Poetas: nas suas obras vemos insertos mil versos: elles nos derão a ler Obras Poeticas, e até nos Escriutores Sagrados não só lemos dos versos profanos, mas observamos a mais viva, e sublime Poezia, como se patentea a cada instante á severa, e judiciosa lição de V. EXCELLENCIA. Se consideramos tambem a V. EXCELLENCIA como Ministro secular, desarreigando abusos, e trabalhando por conservar os povos no seu justo equilibrio, nestas obras offerecemos huns Dramas, produções

ções da lição critica dos primeiros Me-
stres , e capazes de produzir aquelles
effeitos , para que os sabias inventarão
o theatro. Se respeitamos em fim a V.
EXCELLENÇA como Cidadão , util á
Patria , e que promove a gloria da Na-
ção , e o estabelêcimento das letras , não
deviamos dedicar a outrem este novo Vir-
gilio , este suave Alcino , a cujo verso tem
sido tantas vezes encantado o patrio Te-
jo , não com menos gloria do que o ce-
lebrado Mincio. Não deviamos dedicar
a outrem este segundo Tragico Portu-
guez , digno da mesma fama de Raci-
ne , e que he o primeiro , que enobrece
a Patria com hum Drama pastoril , Dra-
ma mais conforme ás regras , e mais
cheio de bellezas , do que aquelles , de
que se desvanecem tanto as nações mais
cultas , sem o defeito de offender os cos-
tumes. Finalmente tem Portugal mais
hum Poeta : a lingua cresce , e enrique-
ce , e os Oradores tem aonde bebão as
expressões nobres , e os pensamentos
grandes. Outras muitas mais , são as ra-
zões , que nos levão aos pés de V. EX-
CEL-

CELLENCIA com esta offerta; mas quando todas estas não fossem, bastava a obrigação, em que a affabilidade, e grandeza de V. EXCELLENCIA nos tem posto, e o desvanecimento de que buscamos hum dos mais sabios, e doutos Prelados, que illustrão o Reino de Portugal, e em quem até os mesmos estrangeiros reconhecem a immensa erudição de Origenes, unida á maravilhosa, e solida eloquencia de hum Chrysostomo. Deos guarde a pessoa de V. EXCELLENCIA, como todos bavemos mister.

De V. EXCELLENCIA

Criados mais obsequiosos, e
reverentes

José Agostinho Borel, e
Francisco Rolland.

C A R T A

SOBRE A UTILIDADE DA POEZIA,
escrita ao Author por hum seu amigo.

A MIGO do coração. Muito me alegro com a noticia, que V. M. me dá de que já as minhas persuasões tem vencido a sua repugnancia, e que em fim se resolve a consentir na impressão das suas obras, que intentão fazer M.^{rs} Borel, e Roland. A razão, que até agora o tinha remisso, era quasi sem fundamento. Que importa que o vulgo reputa, como V. M. diz, hum Poeta por hum louco, ou por hum membro inutil da Republica, se em todo o tempo o numero dos sábios estimou a Poezia como a mais bella de todas as artes? Como aquella, que he a mais capaz de fazer amavel a virtude, e de a imprimir no coração dos povos? Nós estamos vendo que este genero de estudo foi o esplendor da sabia Antiguidade, que criou as artes, e as sciencias, e hoje faz a principal gloria das nações mais cultas da Europa. Que importa que hum Rabula, que nunca abriu outros livros mais que alguns alfarrabios de pratica judicial, clame que a Poezia he pueril emprego de ociosos, se elle julga que o ser Poeta consiste em glossar de repenit nos outeiros, ou em armar hum Romance a ma-

neira do Soares ? E julga V. M. que não tem razão estes desprezadores das Musas , se elles mais não distinguem ? Se elles não sabem que a Poezia foi inventada para instruir o homem , e para a sua utilidade , e que só o abuso , e a ignorancia a tem affastado de hum tão legitimo fim ; e por este meio o que era salutifero remedio veio a ser veneno perigoso.

V. M. bem sabe que os antigos Gregos , vendo que as verdades da solida Filosofia não tinham bastante força para moderar os corruptos costumes dos povos , forão obrigados a procurar o remedio das suas defordens , e recorrêrão á Poezia , adoptando a Tragedia , e a Comedia , como o meio mais seguro para rebater a sua dissolução , e ensinar-lhes a Moral. E na verdade quem pôde mais eficazmente que a Poezia mostrar a virtude com todo o seu esplendor , a deformidade do vicio , e as suas funestas consequencias ? Só esta arte divina he que tem o poder de animar toda a natureza , de abalar o coração , de mover as paixões , e de ferir a imaginação : ella usa sem limite de todos os meios de agradar , e de instruir. Que cousa ha tão admiravel , ou estranha , que não seja permittida ao Poeta ? Elle pinta , anima os elementos , vivifica tudo , porque as cousas mais admiraveis do mundo não nos interessão se não as vemos representadas por hum modo sensivel. He necessario mostrallas á nossa imaginação decoradas , e cheias de ornamento , e de huma viva luz , sem a qual tudo nos he fastidioso , ou indifferente. Se nos fallão , por exemplo , de huma noite tempest-

peſtuofa , muito pouco nos move eſta idéa geral ; mas ſe no-la pintão como Camões nos ſeguintes verſos :

*A noite negra , e fea ſe allumia
C'os raios , em que o pollo todo ardia ,*

nos affuſta , e nos faz tremer. Em huma palavra , he aquella força , aquelle fogo , que faz , e fará por todos os ſeculoſ chorar a deſtruição de Troia , como nos ſuccede , quando vemos o ſegundo livro da Eneida , que nunca o lemos ſem nos arrebatarmos , e ſem derramar lagrimas. Eis-aqui o que he ſó permittido á Poezia : eis-aqui como ella nos pinta com a meſma efficacia o vicio odioſo , a virtude amavel , nos inſtrue , e refrea as deſordenadas paixões do homem.

Pois que outra couſa he o Poema Epico , ſenão o retrato do Heroiſmo , pintado com toda a ſua vaſta extenſão , e eſplendor ? Que outra couſa he a Tragedia , ou a Comedia mais que o theatro de todas as paixões , e dos coſtumes , e por conſequeſcia a eſcola da virtude ? Quem poderá ler Homero , que não aprenda o valor , e a prudencia ? Quem Virgilio , ſem que ſe ſinta inflammillar no vivo lume da piedade ? Que coraçáo illuſtre póde ler Camões , que não inveje os trabalhos de Vaſco da Gama ? Que não aprenda a deſprezar os perigos para illuſtrar a patria ? Quem eſtudará a verdadeira Tragedia , tanto antiga , como moderna , que não tire utiliffimas lições ? Que não veja abertos , e ſemeados de flores os caminhos da virtude ? Ella enſina a Moral mais pura , o temor das Leis , o amor da

patria , a submissão dos vassallos , a authori-
dos Soberanos , e mais que tudo ensina o
mem a conter as paixões naquelle certo lim-
em que consiste a perfeição. Ella nos mostra
mo os excessos da ira , do orgulho , e da
gança nos precipitão em abyssos de males. *III*
nos adverte que õs funestos accidentes da *fortu*
na devem necessariamente succeder , e que aquil-
lo mesmo , que nos diverte sobre a scena , no
não deve parecer insupportavel , quando o vir
mos no grande theatro do mundo. Eis-aqui hum
maravilhoso effeito da Poezia , e huma grande
utilidade , porque na Tragedia dispõe os mais
miseraveis a supportar animosamente os terriveis
accidentes da fortuna , e a julgarem-se venturo-
sos , comparando as suas desgraças com aquellas ,
que a Tragedia lhes representa. Em que lastimo-
so estado se pôde achar o homem , que não ache
leves as suas infelicidades , vendo hum Edipo ,
hum Philoctetes , e hum Orestes ? Mas a Tragedia
não nos dá sô esta importante lição , ainda vai
muito mais longe , porque representa-nos as fal-
tas , que precipitarão estes infelices nas miserias
que tolerão , nos ensina a não cahirmos nellas ,
e a purgar , ou moderar as paixões , que forão
a causa da sua perda. Não haverá ninguem , por
exemplo , que sendo o Edipo de Sophocles , não
trate de corrigir em si a temeridade , a colera , e
cega curiosidade , que são a causa da sua ruina.
Nos vemos na Tragedia a innocencia exaltada ,
os crimes punidos , a vida sacrificada pelo amor
da honra , e da justiça : vemos cair sobre o
impio o formidavel poder da divindade. E que
effei-

effeito não fazem no coração humano estas allegorias sustentadas pela força da Poezia?

A verdadeira Comedia, ainda que com menos impetuosidade, tambem nos interessa muito, e nos dá importantes maximas, mostrando-nos a deformidade dos vicios ridiculos, aquelles, que fazem o homem objecto de rizo, v. g. aquelle, que presume de fidalgo, sendo de humilde nascimento; de sabio, sendo ignorante; ou aquelle, que julga que o saber, e a virtude consiste em huma esclarecida origem. E que prova bem sensível nos não daria o Poeta do caracter da Comedia, se nos puzesse na scena huma destas personagens, que declamão contra a Poezia, pondo-lhe na boca os ridiculos argumentos, com que elles costumão sustentar a sua opinião, accommodando-lhes as rizadas, e gestos, com que elles festejão o seu desprezo? Haveria cousa, que mais divertisse? Haveria nada mais util para corrigir este abuso do vulgo?

Haverá quem negue que a Poezia applicada ao seu verdadeiro fim he utilissima, quando se mostra que ella póde mais efficaçmente que todas as sciencias reformar os costumes, e criar Heroes? Não he a Poezia Dramatica a escola dos povos, e principalmente a Tragedia o mais agradável, e o mais necessario de todos os divertimentos? Qual he a arte, que possa instruir delectando, senão a Poezia?

Mas, meu amigo, não condemnemos tão severamente a preocupação do vulgo. Este corpo he sempre o mais numeroso das Republicas, e communmente cego: he necessario mostrar-lhe

he as cousas sensiveis por huma utilidade palpavel. E que vê elle sobre o nosso theatro, que he não pareça com bem justa razão a cousa mais inutil do mundo, e não só inutil, mas contraria aos bons costumes? Que vê? Heroes affeminados: Damas, que atropelando todas as leis da modestia, e do decoro, exhalão na presença de seus mesmos pais suspiros, e lagrimas pelos amantes: os varões, que a Historia nos representa como exemplo de valor, e da constancia, querendo morrer a cada passo, ou despenhar-se desesperados por hum ciume, ou por hum desprezo: hum sordido gracioso dizendo mil equivocos, lascivos capazes de escandalizar os ouvidos dos mais dissolutos: em huma palavra, hum ridiculo tecido de novela sem arte, e sem decoro. Estes são os espectaculos, com que a mocidade se instrue, e se diverte, capazes de corromper o coração mais casto. Aqui se vê o homem pintado com toda a sua fraqueza cahir abatido pela vehemencia dos deleites, e não o vencedor do monstro das paixões. Hum estylo languido, e mole, tudo he ternura, fogos, fetas, e amor, e não aquelle estylo viril, que commove o animo, que arrebatava o espirito; e além de ser o nosso theatro o fermento dos costumes corruptos, he o monstro, que Horacio pinta nos primeiros versos da Arte Poetica. Não se vem mais que incidentes complicados, lances inverosimeis, costumes confundidos, em fim relogios cantando, e homens com azas voando como passaros. Ha nada mais disforme, nem mais inutil? E não he o vulgo bem arraçoado

se elle despreza a Poezia por semelhante principio ?

Os sabios Legisladores do Paganismo degradão da Republica não só as fabulas, que podião corromper os povos, mas ainda aquellas, que lhes não servião de proveito :

O corpo Senatorio não approva

Assumptos, que não sejam proveitosos. ()*

Se neste caso erão tão escrupulosos os pagãos, qual não deveria ser a severidade das nações Chriftans contra os espectaculos contagiosos ? Mais. Examinemos o theatro Grego, e veremos quanto elles erão exactos em observar as leis do decoro. Em todas as Tragedias de Sophocles não achamos hum só vestigio de amor profano. Em Euripedes sim vemos Phedra furiosamente namorada de Hipolyto, mas vemos o admiravel contraste de hum mancebo, que a pezar das persuasões, e affagos de Phedra se conserva casto. E quanto não forceja Phedra para vencer a sua paixão desordenada, procurando escondella até de si mesma ? Quanto nos não ensina esta fabula a purgar pelo meio do terror, e da compaixão este amor escandaloso, quando chegamos a ver que elle foi a causa da desgraçada morte de duas pessoas tão illustres ? Que bem differentes quadros nos debuxa commummente a nossa scena ! Nós vemos que semelhantes paixões são quasi sempre os degrãos, por onde sobem os namorados á felicidade, e ao premio dos seus suspiros.

Fi-

(*) Horat. Art. Poet. na traducç. de Candido Lusitan.

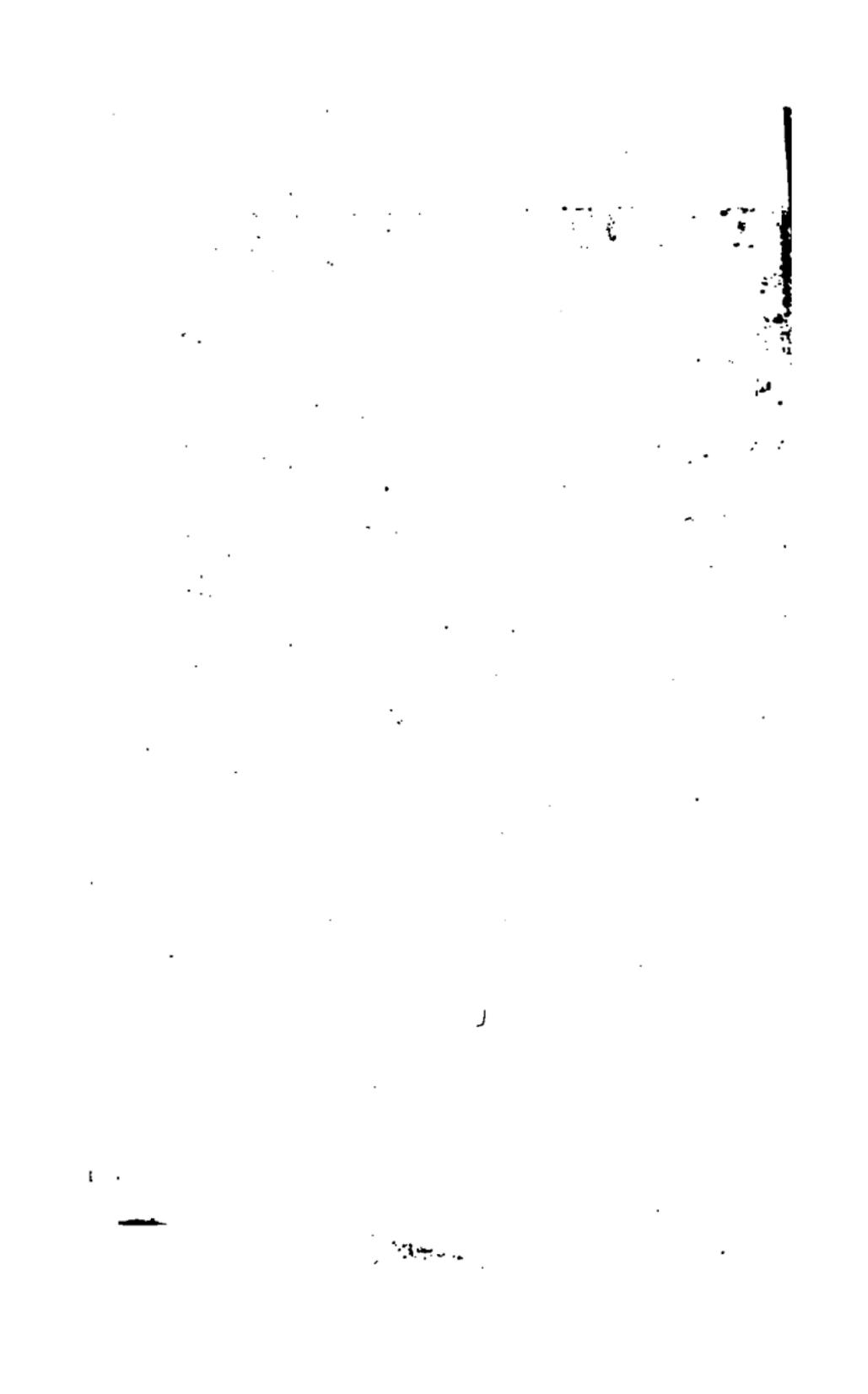
Finalmente, meu amigo, assentemos que o desprezo, que o vulgo faz da Poezia, só provém do abuso, que della tem feito a ignorancia, porque de outra sorte basta só ver que os Patriarcas mais veneraveis da Lei escrita se empregarão fervorosamente nesta arte. Nada iguala a magnificencia dos Canticos de Moysés: nada a graça, e ternura do Cantico dos Canticos. Os Psalmos de David serão sempre a admiração, e a consolação de todos os seculos, e de todos os povos, em que for conhecido o verdadeiro Deos. Em fim toda a Escriitura está cheia do vivo fogo da Poezia.

Mas que grandes esperanças nos não promette o nosso vigilantissimo Monarca, e o seu incansavel Ministro de vermos a Poezia restituída á sua primitiva? Nós os vemos anciosamente occupados em restaurar as artes, e as sciencias, que jazião na ultima decadencia, erigindo Collegios para a educação da Nobreza, Cadeiras para instrução do público, e chamando os sabios da Europa para fazer Lisboa huma nova Athenas.

Deos guarde a V. M. &c. &c. &c.

PROTESTAÇÃO.

Protesta o Author , que as palavras *Deoses , Numes , Divindades , &c.* só se devem entender no sentido Poetico , não de outra maneira , porque só usa dellas como necessario adorno da Poezia , e não com intenção de offender os dogmas da Santa Madre Igreja , a quem em tudo o que determina se submete como obediente filho , &c.





ECLOGA I.
A O
SANTISSIMO NATAL
Por Silvano Ericinio, e Alcino Micenio.

Alc.



H como tardos os passos
Não igualão os desejos,
Nunca achei tão dilatada
A subida deste outeiro.

Silv. Socega, Alcino; eu diviso
Já por entre este arvoredado
Huma luz mais portentosa,
Que a do Sol vindo nascendo.

Alc. Graças ao Ceo, meu Silvano,
Que estamos já muito perto:
He naquella pobre gruta
O venturoso aposento.

Silv. Té parece que as estrellas
Lá no alto firmamento

Para

* Silvano o Beneficiado José Dias Pereira, Alcino o Author.

2 OBRAS POETICAS

Para este mesmo lugar
Apressadas vem correndo.

Alc. Em huma escabrosa lapa,
Onde sô toscos rochedos
Partidos, e pendurados
Ruina estão promettendo,
Entre brutos, e deitado
Sobre palhas, mal cuberto,
Em noite de tanto frio,
Que a pedaços cahe o gello,
Hum Rei, hum Senhor de tudo,
Que faz com poder immenso
Que se revolva, ou suspenda
O mar, os trovões, e o vento:
Que faz medrar as espigas,
Florecer os arvoredos,
Que cria a mimosa relva
Para pasto dos cordeiros.
Olha como a bella Mãi,
Unindo terna a seu seio,
Entre seus braços o aperta,
E lhe beja o rosto bello.
Quem será este Pastor
Cheio de hum fanto respeito,
Que lhe nascem novas flores
Do cajado curvo, e seco?

Silv. Vós dais os gados, e a relva,
Vós fazeis os opulentos,
E sendo Senhor de tudo,
Estais sobre pobre feno.
Vós fazeis que nasça a Aurora,
E que o Sol divida os tempos,

Que

Que o mar não passe da praia,
 Por mais que embraveça o vento.
 Sendo hum Rei, a cuja vista
 Treme a terra, e o triste Inferno,
 Quizeste vir entre os homens
 Tomar o traje de servo.
 Mais pobre estais do que nasce
 O mais pobre pegureiro:
 Ah Senhor, dizer não posso
 Quanto a vosso amor devemos.
 Olha como o forte boi,
 Estando manso, e quieto,
 Com o respirar fumoso
 Lhe está o ar aquecendo.

Alc. Hum novo çurrão, que fiz
 De alvas pelles, vos offreço,
 Aceitai-o, meu Menino,
 Que de frio estais tremendo.
 Estas duas novas rolas
 Também offrecer-vos venho,
 Não posso mais, não são minhas
 As ovelhas, que apascento.

Silv. Estes dous favos de mel.
 Vos offreço, e brandos queijos,
 E eu me offreço também
 Para vosso pegureiro.
 Alcino, tempera a lyra,
 Este dia festejemos,
 A cantar já principia
 Em seu louvor brandos versos.

Alc. Já da paz o dia
 Nos amanheceo,

OBRAS POETICAS

Já o Sol Divino,
 Pastores, nasceo.
 No valle, e no monte
 O lyrio mimoso
 Junto da corrente
 Não he mais formoso.
 Nem mais crystallina
 He na Primavera
 A fonte, em que a luz
 Do Sol reverbera.
 Ao ver vosso rosto
 Tão puro, e perfeito,
 Sinto de alegria
 Rir alma no peito.
 Correr a ternura
 Sinto nas entranhas
 Qual gello desfeito
 Das altas montanhas.
 Já nos fertes campos
 Colhereis, Pastores,
 Dos proprios abrolhos
 Frutos, e mais flores.
 No mais frio Inverno
 As vacas darão
 Abundante leite,
 Como no Verão.
 Já mais não veremos
 Affogar as cheias
 As nascentes searas,
 As doces colmeas.
 Nem já nascerão
 Co' a relva nos prados

D E Q U I T A .

7

Na fresca manhã
Da Aurora orvalhada
Não tem tanta luz,
Tanta graça, e brio
A brilhante Lua
No fundo do rio.
Este Deos Menino
Mil favores traz,
Já goza este campo
Do fruto da paz.
As lanças, e espadas
Dos feros soldados
Estão convertidas
Em ferros de arados.
Descança o pastor
No val, e na serra,
E nunca o desperta
A trompa da guerra.
As aves nocturnas,
Que só triste espanto
No peito infundião,
Já tem doce canto.
Já foge do mundo
A calamidade,
Principia agora
Outra nova idade.
Já não temerá
O novo rebanho,
Avistando o lobo
Com tremor estranho.
Os feros leões
Sempre carniceiros

OBRAS POETICAS

Andarão brincando
 Co's mansos cordeiros.
 O tenro Menino
 Com tremula voz
 Amedrentará
 O tigre feróz.
 Co' a mão miúda
 Alegre, e contente
 Tirará da cova
 A fera serpente.
 Nem mais se verá
 Timida a manada,
 E o pastor medroso
 Pela trovoada.
 Nunca mais será
 Do raio incendiado
 O duro carvalho
 Com furia partido.
 Nem se ha de encontrar
 Na relva viçosa
 Já mais escondida
 A cobra enganosa.
 Nascerá o trigo
 No val, e na ferra,
 Sem que o curvo arado
 Rompa a dura terra.
 No tronco robusto
 Do carvalho anoso
 Se verá correr
 O mel saboroso.
 Vinde em fim louvar,
 Pastores da ferra,

Hum dia, que fez
Tão feliz a terra.

Alc. Olha como vem aos bandos
Os pastores concorrendo,
Desejando cada qual
Ser a chegar o primeiro.

Silv. Vê como vem no Horizonte
A rocha Aurora rompendo:
Nunca vi que apparecesse
Nem tão bella, nem tão cedo.

Alc. Que alegre manhã, Silvano!
Nunca hum dia tão sereno
Lá dos altos Horizontes
Desceo sobre estes outeiros.

Silv. Olha tu como respira
O Zefyro no arvoredado,
Que apenas menca os ramos
De miudo aljofar cubertos.

Alc. E quasi aos Ceos sobre a aldeia
Se está em nuvens erguendo
O fumo, sem que o perturbe
A incerta furia dos ventos.
Nem na fresca Primavera
São os prados mais amenos.
Oh de quantas maravilhas
Estão estes campos cheios!
Não vês aquelle alto chopo,
Que estava crestado, e seco
Do fogo de hum fatal raio,
Como vai reverdecendo?
E a mesma vide, a que os laços
O estrago tinha desfeito,

Já lançada aos verdes ramos
 O abraça em novo enleio.
 Vem ás timidas ferranas
 Os lobos as mãos lambendo
 Tão mansos, e focegados
 Como se fossem rafeiros,
 As flores os Ceos perfumão
 Com mais agradaveis cheiros,
 E até os mesmos cypresses
 Derramão puros incensos.

Silv. Que bellas, que brancas pennas
 Veste agora o corvo feio;
 Como tem a rouca voz
 Mudada em suave acento.
 Os caminhos mais trilhados
 Estão de boninas cheiros,
 E até o candido lyrio
 Nasce do duro penedo.

Alc. Mas tu não ouves, Silvano,
 Soar huns suaves ecos
 De outros muito mais sonoros,
 Mas pastoris instrumentos?

Silv. São de Belém os pastores,
 Que são na lyra os mais d'effros.

Alc. He verdade, que já cantão,
 Ouçamos os seus acentos.

O GRÃO PASTOR.

ECLOGA II.

Alc. **G** Raças aos Ceos, Sincero, q̄ te virão
Estas margens do nosso Alceo faudofo!
Todos estes Pastores te suspirão.

Vem, Pastor, com teu canto sonorofo
Alegrar estes montes, estes vales,
Que tem chorado tão immensos males.

Sinc. Sentemo-nos, Alcino, á sombra fria,
Que espalhão estes alamos frondosos,
E conta-me que estrella pôde impia
Perturbar destes campos venturosos
Aquella paz tão cheia de alegria.
Lá nos montes do Tagro nos contarão
Confusamente huns casos horrorosos,
Que espantados, e abortos nos deixarão,
Tão estranhos, que os tem por mentirosos.

Alc. De chorar a maior calamidade.
Muito perto estivemos, charo amigo:
Em tanto estrago, em tanta crueldade
Buscarião os homens para abrigo
As escondidas brenhas das serpentes:
Se o piedoso poder dos Ceos clementes
Nos não viesse salvar de tantos males,
Derramarião lagrimas ardentes
As mesmas duras penhas destes vales.

Ah!

* Celebrando a Arcadia a preservação da preciosíssima vida de S. Magestade.

Ah! que bem receámos que o máo facto,
 Carregar nos queria de pezares,
 Quando vimos hum dia neste prado
 Succeder de improviso mil azares.

Huma ovelha pario fóra de Lua
 Sobre hum a aspera, e fria penha nua,
 E qual faminta loba irada os dentes
 Enfanguentou nos filhos innocentes.
 Coroada de espigas, e de flores
 Sobre a ara estava a victima, que a Ceres
 Costumáo confagrar os Lavradores,
 Quando de hum ouco freixo de repente
 Sahio embravecida hum a serpente,
 Profanou com a boca venenosa
 A victima sagrada, e sequiosa
 Bebeo o sangue, que no altar ondeava,
 Trez vezes sibilou medonha, e brava.
 Lá dos vales as brenhas pavorosas
 No silencio maior da noite fria
 Se ouviráo lançar vozes espantosas,
 E como derramados os rafeiros
 Mordêrão os pastores, e os cordeiros.
 Mas ah Sincero! que inda mais horrendo
 Foi o caso terrivel, que o ameaço
 Não pode as bravas iras accendendo
 Erguer mais a maldade o impio braço:
 Táo maldito veneno a ambição cega
 Introduzio nos peitos de huns malvados,
 Que contra o Ceo voltárão os cajados.
 Huns guardadores de animo danado
 Daquelle Gráo Pastor, que do governo
 Do Tejo estende ao Ganges o cajado,

Como tigres cruéis enfurecidos
 Contra seu Grão Pastor se conjurááo.
 Que horror! Quem tal dissera! fementidos
 Os pastores do Luso se mostrarááo.

Huma noite, em que a sombra mais escura
 Tinha cheia de horrores a espessura,
 Nos bosques o feroz vento bramava,
 E lá na brava costa o mar bradava,
 As negras densas nuvens escondião
 Das estrellas os frouxos resplandores,
 Resolutos os ares já feriáo
 Com seus uivos os lobos roubadores,
 E dos moxos os écos pezarosos
 Soaváo pelos vales pavorosos,
 Quando mesmo detrás do seu ferrado
 Os temerarios d'entre huns altos freixos
 Desatáráo das fundas duros seixos
 Contra o grande Pastor, que descuidado
 Se recolhia então para a cabana.
 Oh prodigio! Da furia deshumana
 O supremo poder a vida amada
 Lhe salvou, mas em sangue já banhada;
 O supremo poder, que os pastos cria,
 Que estende a noite, e nos accende o dia.

Ah! se visses, Pastor, com que desgosto
 Este desfatre misero se ouvia,
 Aos velhos, e aos meninos pelo rosto
 Inconsolavel pranto lhe cahia.
 Largos tempos as Ninfas desta selva
 Nas suas frescas grutas não entraráo,
 Nem as flores colhêráo d'entre a relva,
 Que tambem de tristeza se murcharáo.

14 OBRAS POÉTICAS

Com as louras madeixas exparcidas
 Pelas rosas das faces delicadas
 De lastimoso pranto humedeoidas
 Sobre as pedras do sangue salpicadas
 Com gemidos, com ais os Ceos ferião.
 Nestas selvas, e montes sô se ouvião
 As maldições, as raivas, os clamores
 Dos que chamavão cheios de lealdade
 Barbaros, aleivosos aos traidores.
 De sentimento as vides finaes derão,
 Como assustadas tanto se abraçarão
 Com os robustos choupos, que estalarão,
 E dolorosas lagrimas vertêrão.
 Eu vi as mesmas rolas amorosas
 Sem os charos consortes, solitarias
 Gemendo nos cyprestes lastimosas:
 As mansas ovelhinhas como varias
 Pelos outeiros asperos perdidas.
 A fria, e branda relva não tocavão,
 Balandando amargamente entristecidas,
 Pelas medonhas grutas se embrenhavão.
 Sim, amado Pastor, as Ninfas virão
 Chorar os Faunos tua desventura,
 As mesmas feras o teu mal sentirão.
Sine. Quem vio caso maior, mais desestrado!
 O coração me chora de magoado;
 Mas para mitigar-me a dor, Alcino,
 Os brandos versos canta, que costumás,
 Espalha os écos do teu som divino,
 Canta as graças da bella Galatea,
 Ou os loucos amores de Narcizo,
 Que para ouvir-te o vento se refrea,
 E mo-

E moveram-se os troncos já diviso.

Alc. Huns versos, que eu cantei o feliz dia,
Que o nosso Grão Pastor já restaurado
Veio encher estes campos de alegria,
Agora cantarei, Sincero amado.

Casto Deus dos bosques, e dos montes,
Em meus versos inspira graça immensa,
Que de dous cervos as ramosas fronte
Nas tuas aras porei em recompensa.

Tu, Deus Paí, que proteges os Pastores,
Dá-me hoje versos dignos dos louvores
Deste Pastor do mundo maravilha,
Que os teus sacros altares respeitosa
Co' sangue tingirei de hũa novilha
Mais branca do que o Cisne mais formoso.

Ninfas, deixai as aguas, vinde á selva,
Descei Pastoras dos erguidos montes,
Colhei as bellas flores d'entre a relva,
Espalhai murtas, enramai as fontes,
Pendurai pelos troncos dos loureiros
Os festões de boninas, e de rosas:
Pastores, vinde á sombra dos ulmeiros
Tocar as vossas frutas sonoras.

A minha humilde gaita, que de amores
Só cantar sabe, hum novo canto emprenda,
Os novillos ornados de mil flores
Nos terreiros em rispida contenda
Levantem bravos antes da carreira
Com as mãos densas nuvens de poeira.

Os satyros co' as pontas enramadas
Movão leves dançando os pés caprinos,
De espadas as Tagedes croadas

16 OBRAS POÉTICAS

Sobre as correntes cantem doces hymnos,
Já tornão estes campos venturosos
A ver seu defensor, o seu amparo,
Por quem chorarão tanto, e tão faudosos:
Os mesmos campos cheios de alegria
Te offrecem gratos, ò Pastor piedoso,
Dos carvalhos a sombra doce, e fria,
Nas arvores o fruto laboroso,
O rosmaninho, e os lyrios, as boninas,
E nas fontes as aguas crystallinas.
Affim como enche a Primavera os prados
De flores matizadas, e cheirosas,
E o Estio de frutos fazonados
Enche os ramos das arvores frondosas,
Affim como de orvalho a relva fria
Enche a primeira, e roxa luz do dia,
Affim, ò Grão Pastor, com vigilancia
Nos encheste de paz, e de abundancia.
O cançado cultor sua gostoso,
Sem recear que as gentes inimigas
Venhão roubar o fruto laboroso
Das suas grandes, e asperas fadigas.
Sem guardadores pelas espessuras
Pastão nossas ovelhas, e novilhos,
As aguas deste rio correm puras,
Sem que o sangue de nossos charos filhos
Lhe turbe o crystallino das correntes:
Enche-se o fresco valle de alegria,
Das frutas repetindo os sons cadentes,
Sem que o assuste a voz sempre espantosa
Da trombeta guerreira, e pavorosa.
A branda chuya ás verdes sementieiras,

Ao pasto o fresco orvalho, o vento ás eiras
 Não lhes he mais gostoso, e favoravel
 Do que tu para nós, Pastor amavel.

No lugar mais ameno da floresta
 Hum novo altar de jaspe te ergueremos,
 Onde todos os annos pela festa
 Os teus justos louvores cantaremos,
 E verás em teu nome glorioso.

Arder alli a victima mais pura
 Entre o fogo do cedro mais cheiroso.

Em quanto nestes montes a verdura

Gostarem as pacificas ovelhas,

E nestas tenras, e cheirosas flores

Tocarem as sollicitas abelhas,

Sempre nas suas frautas teus louvores

Os Pastores, e Ninfas destas praias

Estarão desde a terra ao Ceo erguendo.

Os lizos troncos destas altas faias,

Em que escrito teu nome se está lendo,

Sempre ornarão de rosas, e boninas

As Pastoras gentis destas campinas.

Sinc. Alcino, o teu alegre, e doce canto

Me tem a grande magoa suavizado,

Que sempre me fará horror, espanto;

Mas que concurso he este de Pastores,

Que lá vem para o Menalo subindo

Coroados de louros, e de flores?

Alc. São da Arçadia os Pastores mais famosos,

Vamos ouvir seus cantos harmoniosos.

L I N C E A.

E C L O G A III.

DORINDO, E ALCINO.

Dor. **S**êjas bem vindo , meu Alcino amado :
 Que acaso te deteve , que inda agora
 Conduzes para o pasto o manso gado ?

Ainda antes que a luz da roxa Aurora
 Affugentasse as sombrás do alto monte ,
 Já eu aqui debaixo do arvoredor
 Escutava o murmúrio desta fonte ,
 Que fâhe daquelle côncavo rochedo.

Alc. Nunca acôrdei tão tarde : já subia
 O louro Sol por cima do horizonte ,
 Quando eu a porta da cabana abria.
 Cançado de correr de monte em monte
 Em busca de hum novillo affugentado ,
 Hontem me recolhi já quando a Lua
 Hia escondendo o rosto prateado ;
 E como são tão breves , e apressadas
 As noites de Verão , em doce fono
 Hum fatigado passa as madrugadas.

Dor. Pois a mim despertou-me hu sonho estranho ;
 E já cançado de esperar o dia ,

A ca-

* Ao feliz nascimento do Serenissimo Principe da Beira
 Senhor.

A cabana deixei, trouxe o rebanho,
 Que já farto descansa á sombra fria.
 E como com agudo, e sabio aviso
 Tu decifras os sonhos, e os agouros
 Melhor que Maliarda, e do que Anfriso,
 Quero contar-te a maravilha rara,
 O prodigio, que a vaga fantasia
 Me figurou, Pastor, quando dormia.

Vi hum tenro leão recém-nascido
 Fazer a cruéis lobos dura guerra;
 Como já vigoroso, embravecido
 Tingio de negro sangue toda a terra:
 Depois á fresca sombra da frondosa,
 E sagrada oliveira retirado,
 Descançou da fadiga gloriosa.

Alc. Tudo presagios são de alta ventura.

O tempo da maior felicidade
 O teu sonho, Pastor, nos assegura.
 Verás aquella desejada idade
 Tornar ao mundo. Oh como o Ceo piedoso
 Nossos votos, e lagrimas premea!
 O suspirado fruto glorioso
 Das fecundas entranhas de Lincéa
 He que tão feliz tempo vem trazer-nos.
 Com as virtudes, que dos Pais famosos
 Herdou este Menino, vem reger-nos
 Debaixo dos auspicios mais ditosos.

Dor. Basta, Alcino, meu sonho decifraste.

A nuvem, que os sentidos me cubria,
 Com teu saber profundo dissipaste.
 Oh quanto rude sou! Eu bem sabia
 Que tanta gloria o Tejo já gozava,

E a penetrar o fim mysterioso
 Deste feliz agouro não chegava.
 Mas creio que o excessão da alegria,
 Em que o meu coração anda embebido,
 O acordo, Pastor, me confundia.
 Ah meu Alcino, já que nos convida
 A sombra destes alamos frondosos,
 Enredados com hera retrocida,
 E tu es dos pastores mais famosos
 No cantar de improviso o verso brando,
 Canta agora em louvor deste Menino,
 Em quanto a doce frauta eu vou tocando.
 Canta alguma cantiga, canta, Alcino,
 Assim dous estrellados bezerrinhos
 Paira a tua morena de hum só parto;
 Assim tu de codeço, e rosmaninhos
 O teu rebanho vejas sempre farto.
 Eu tambem versos canto: já de louro
 Vi nos bosques da Arcadia a fronte ornada;
 E cantando, hum pastor venci do Douro;
 Mas eu não sou tão nescio, que me creia
 Capaz dos brandos versos cantar dignos
 Do filho do Grão Pierio, e de Lincéa.

Alc. Toca a frauta, Pastor, que eu te obedeço.

Mas como cantarei tão altas cousas?
 O teu favor, ó Musa, agora peço,
 De Lincéa me inspira digno canto,
 Ella he digna dos versos do Grão Febo;
 Mas se te não mereço favor tanto,
 A croa me arrebatê o vento irado,
 E leve a frauta o rio despenhado.

Oh gloria destes prados! Maravilha,

Que

Que nos quizerão dar os Ceos propicios.
 Oh fecunda Lincéa! digna Filha
 Daquelle alto Pastor, cujos auspicios
 Sempre espalhando estão com mão piedosa
 Nestas largas campinas a abundancia,
 Como as nuvens a chuva proveitosa.

Oh fecunda Lincéa! restaurada
 Neste ditoso dia por ti vemos
 A geração dos Ceos abençoada.

Tu, Menino feliz, do Tejo, e Douro
 O primeiro Pastor, serás chamado,
 E em quanto de amaranto, e verde louro
 As Ninfas tecem para ti capellas,
 Teu nome em nossos versos levantado
 Da terra voará té ás estrellas.

Zefiro brando, que entre as ramas gyras,
 Batendo as leves azas subtilmente,
 Vem co' a viração fresca, que respiras,
 Mitigar-lhe o ardor da calma ardente,
 E com suffurro alegre, e deleitoso
 Vem convidallo ao sono saboroso.

Deixai, Ninfas das fontes crySTALLINAS,
 As limosas, as humidas moradas,
 Brancos lyrios colhei, colhei boninas;
 Vinde de verde myrto coroadas
 Ornar-lhe o berço de cheirosas flores:
 Alli em doces hymnos alternando
 De seus grandes Avós altos louvores,
 O estareis docemente adormentando.

Affim como a novilha branca, e loura
 He sempre do rebanho a formosura,
 E a seara dos campos, quando doura,

Ou quando cobre a terra de verdura,
 Assim tu, ó Menino, dos Pastores
 Es a esperança, es toda a honra, e glori

Com nunca ouvido som de teus louv.
 Contentes cantarão a alegre historia,
 Seguindo o curvo arado os Lavradores.

O cançado cultor com versos ledos,
 Atando as tortas vides aos olmeiros,
 Fará soar teu nome nos rochedos,
 E o vento sussurrante entre as espigas
 Também em teu louvor dirá cantigas.

Para ti das solícitas abelhas
 O saboroso favo creftaremos;
 Do branco, e doce leite das ovelhas
 Para ti grandes tarros encheremos,
 E de vermelhas rosas, e tomilho
 Para ti ornaremos o novillo.

A mesma terra os frutos saborosos
 Offrecendo-te esta de prazer cheia,
 Pendentés dos seus ramos graciosos
 As roxas uvas, os medronhos bellos,
 Os camoezes rosados, e amarellos.

Principia a encher com doce rizo
 A bella Mãi de gosto, e de alegria:
 Principia, ó Menino, que he preciso
 Suavizar-lhe os gemidos, e agonia,
 Que lhe custou o dar-te á luz do dia.

Quando já varão firme, e vigoroso
 Te fizer a viçosa flor dos annos,
 Submetterás ao jugo valeroso
 Os indomaveis tigres Africanos,
 E os ferozes leões da Libia ardente.

Passa á robusta idade felizmente,
 Tomra o cajado, com valor defende
 Das inimigas feras o rebanho.
 Grandes fadigas de alta gloria emprende,
 Voe teu nome ao monte mais estranho,
 Enche de nova fama a patria nossa,
 Que se esta pobre vida durar tanto,
 Que teus gloriosos feitos cantar possa,
 Nem Orfeo mesmo vencerá meu canto.

Dor. Nos sombrios olmeiros as frondosas
 Parreiras pelos troncos enredadas,
 Guarnecidas das uvas graciosas:
 Nos valles as correntes despenhadas,
 De gotas borrifando o verde musgo,
 De que as lapas estão sempre adornadas,
 Não me são tão gostosas, e agradaveis,
 Como teus doces versos admiraveis.
 Nunca os sentidos com teu som divino,
 Como agora encantados me deixaste.
 Esta fruta te dou em premio, Alcino,
 Dos sonorosos versos, que cantaste:
 Com ella venceo Titiro os Pastores,
 E tu de Pan alcançarás victoria,
 Se com ella cantares os louvores
 Deste Menino, nosso amor, e gloria.
 Mas ladra lá no valle o meu rafeiro,
 Póde ser que na mata lobo finta,
 Rodeemos aqui por este outeiro,
 Para o cercarmos, sem que nos persinta.

E C L O G A I V .

ALCINO, E DORINDO.

Dor. **M**Eu Alcino, que á sombra desta faia
Recoitado com tua doce ayena:
Desafias as Ninfas desta praia,

Como conservas a alma tão serena
Entre os duros espinhos do teu fado?
A todos nos faz mágoa, charo Alcino,
Ver que hum Pastor da Arcadia tão gabado
Tenha tão má fortuna, que o destino
Lhe não conceda pastos, nem rebanho:
Como estás sem cuidado em mal tamanho
Aos outeiros, aos bosques ensinando
O nome de Carvalho em verso brando?

Alc. Ah quem de Cifne a digna voz tivera,
Que tão alto Pastor cantar pudéra!
Desto Carvalho á sombra descansando
Estão do Tejo todos os Pastores:
As mais das horas passo aqui cantando
Com minha humilde frauta os seus louvores,
E sempre cantarei seu nome, e fama,
Em quanto o Ceo quizer que na espessura
Goze a sombra, que espalha a crespa rama.
Se eu tivera cordeiros, os melhores
Lhos offrecêra com vontade pura
Adornados das mais cheirosas flores.

Dor.

• Celebrando a Arcadia .o despacho do Illustrissimo, e
• Dentissimo Senhor Conde de Oeiras.

Dor. Esse Pastor conheces decantado,
 Que tanto louvas? dize, Alcino amado.
Alc. Eu não cuidei que elle era semelhante,
 Que louco fui! aos nossos guardadores,
 Que o gado antes que raie o Sol brilhante
 Guiava para os asperos outeiros,
 Que os vigorosos membros guarnecia
 Com as humildes pelles dos cordeiros,
 Que a nossa frauta rustica tangia.
 Mas tanto este Pastor engrandecido
 De nós outros Pastores se distingue,
 Quanto o Cisne do corvo denegrado.

Dor. E como vistes já sua figura?
 Tu á Cidade fostes por ventura?

Alc. Por ir a ver os montes arruinados
 A' que chamão Cidade de Lisboa
 Hum dia me ausentei dos nossos prados.
 Oh quanto ver estrago tal magôa!
 Charo Dorindo, bem não sei dizer-te
 Qual a planta ficou, que o raio ardente
 Em cinza a verde rama lhe converte.
 Ah Dorindo! vi cousas portentosas;
 Maravilhas soberbas, e espantosas
 Entre as ruinas ainda representa.
 Aqui nas fraldas de hum despenhadeiro
 Hum pedaço de hum arco se sustenta
 Em columnas mais altas que hum sobreiro:
 Alli para outra parte mais espanta
 Huma torre de hum Templo destrôado,
 Que aberta, e estalada se levanta
 Como aquelle distante, e alto monte,
 Que nas nuvens esconde a verde fronte:

26 OBRAS POETICAS

Alli sobre huma fonte collocado
 Hum Apollo se vê de jaspe duro
 Com a lyra na mão, mais bem lavrado
 Que os que Montano faz de cedro puro.

Dor. Se tu a visses, quando eu lá levava
 A vender os cabritos, e as novilhas,
 Que a mão de ouro pezado carregava,
 Então verias grandes maravilhas,
 Então coufas teus olhos lá verião,
 Que alli ficar pasmado te farião;
 Mas agora só lá se vem mófinas,
 Montes de cinza, montes de ruínas.

Alc. Ah Pastor, tu verás em breves dias
 Lisboa renascer de cinzas frias,
 Assim como dos troncos desfolhados
 Vês renascer na Primavera as flores:
 Agora mais que nunca affortunados
 Se chamarão os seus habitadores.
 Alli naquelles montes vi o famoso
 Carvalho, de quem hoje a Arcadia canta
 E aqui sempre seu nome glorioso,
 Que affirma das estrellas se levanta,
 Nas frautas ouvirás destes Pastores.
 Elle me ouviu cantar, e ao meu canto
 Humilde deo benigno mil louvores,
 E me disse: Pastor, torna aos teus montes
 Que eu te fio que ainda com descanso
 Sentado nas sombrias, frescas fontes
 Apascentes cantando gado manso!
 Não te temas da sorte deshumana,
 Que inda pastos terás, terás cabana.

Dor. Oh venturoso Alcino! alto reparo

Conseguistes com forte segurança
 Contra o fatal poder do fado avaro.
 Em mais seguro arrimo não descança
 A vide, que o robusto chopo abraça.
 O' venturoso Alcino, neste rio,
 Que murmurando as aguas embaraça
 Nas altas pedras, lá do ardente Estio
 A calma passarás em paz gostosa,
 Tocando a tua fruta sonora
 Naquella fresca sombra dos rochedos,
 Que pendem sobre a praia coroados
 De eras, e de frondosos arvoredos,
 Os versos ouvirás mal concertados
 Dos cançados, e rudes Pescadores,
 Que ao som dos duros remos vão cantando.
 As abelhas, que alli das tenras flores
 Andão o mel gostoso fabricando,
 Com seus brandos susurros a corrente
 Por entre os lizos seixos murmurando,
 E os Zefiros soprando levemente
 Te estarão pela festa adormentando.

Alc. Ah! que se tu fallasses, meu Dorindo,
 Ao grão Carvalho, seu saber profundo
 Verias no seu rosto reluzindo.

Não creio que haja homem cá no mundo
 De tão alto saber, de tanto aviso,
 Té sabe aquelles versos, que cantava
 O Pastor, que deteve o claro Anfrísio,
 E as sonoras cantigas, que entoava
 O Pastor da Cicilia antigamente.
 Ninguem ha tão ousado, que se atreva
 A contender com elle, he tão sciente,

que

Que ao mais déstro Pastor ventagem leva,
 Se o Deos Pan c'os seus satyros caprinos
 C'os humanos Pastores disputasse,
 Só Pan com sua fructa, e com seus hymnos
 Co' grão Carvalho contender podia,
 E o mesmo Pan vencido ficaria.
 Elle melhor que o velho Nemeroso
 Sabe o tempo, em que a terra as sementeiras
 No amoroso, e sulcado seio abraça,
 Para depois encher de grão as eiras,
 E conhecer a nuvem, que ameaça
 Lá da parte da ferra a tempestade,
 Para com tempo recolher o gado,
 Sem que finta da cheia a mortandade.
 Elle os mais bravos touros tem domado,
 Que fazião mugindo enfurcidos
 Os valles retumbar espavoridos.
 Elle sabe como ha de ser podada
 A vide, que no chopo se segura,
 Para vir de mais calxos carregada:
 Elle sabe tambem de leme, e remos,
 E mil cousas em fim de grande altura,
 Que nós outros Pastores não sabemos.

Dor. Ah Pastor, o saber he grão thesouro,
 O saber deo a Liso immortal nome,
 E a douta fronte lhe cingio de louro.
 Sempre ouvi que o saber levanta o homem
 Mais alto que as estrellas: que louvores
 Esse maioral tão sabio não merece?
 Algum dia erão sabios os Pastores,
 Que apascentão aqui nestes outeiros;
 Porém depois que lá do Manisanares

Tá passárão huns rudes estrangeiros,
 Tanto no seu máo uso nos puzerão,
 Que das suaves frautas a pureza
 Em feia, e rouca trompa convertêrão,
 A cujo som os Satyros fugião,
 E nas aguas as Ninfas se escondião.
 Graças aos altos Ceos, que nos tem dado
 Hum sabio maiorál, por quem veremos
 O nosso antigo canto restaurado.

Alc. Dos Carvalhos he muito antiga a fama:

Elles sempre Pastores governárão,
 Sempre forão maioraes, e a sacra rama
 Do verde louro muitos tem cingido;
 Mas este mais que todos estendido
 Tem pelo mundo o nome glorioso.
 Os justos Ceos lhe tem abençoado
 Seus campos, e rebanho numerozo:
 Elles hum tenro filho lhe tem dado,
 Que mil bens nos promette, em quem veremos
 Reproduzida a sua fama, e gloria.
 Ah bom Carvalho, quanto te devemos!
 O teu nome feliz, tua memoria
 Em pedra branca sempre escreveremos.
 Aquelle alto Pastor, que estende o mando
 Do Tejo té ás barbaras campinas,
 Que o dilatarado Ganges vai regando,
 Pelo grande saber o estima tanto;
 Que grão parte do mando seu lhe entrega;
 Mas este alto Pastor bem sabe quanto
 O bom Carvalho em nosso bem se emprega.
 Novos campos agora, novo gado
 Nas margens do Mondego, e nas do Tejo

Em

30 OBRAS POÉTICAS

Em merecido premio lhe tem dado.

Dor. Graças ao Ceo, Alcino, que já vemos

Dado o premio do bom merecimento:

Sempre, ó Alto Pastor, te louvaremos,

Pois sabes premiar o grão talento.

E tu, fabio Carvalho, o Ceo estenda

Por largo tempo tua vida amada;

Do máo olho, e do lobo te defenda

A formosa, e pacifica manada.

Sempre os teus campos dem louras espigas,

Sem que as affogue a importuna grama

Mal logrando tão asperas fadigas:

Sempre vejas a inveja, que derrama

Mordaz veneno sobre os venturosos,

Debaixo dos teus pés atropelada,

Torcendo os feios olhos fanguinosos,

Mordendo a terra já desesperada.

Alc. Pastor, o Sol se ausenta já da selva,

E apenas lá por cima da montanha,

Daquella alli defronte doura a relva:

Já na Arcadia se dá principio á festa,

Que ao famoso Carvalho se dedica,

A turba dos Pastores já se apresta,

Nenhum ferrano pelo pasto fica,

Que não corra a cantar os seus louvores.

Dor. Pois vamos nós tambem c'os mais Pastores.

Alc. Espera, meu Dorindo, antes que vamos

De rama de carvalho nos croemos,

Que até de Apollo já por estes ramos

O verde louro desprezado vemos,

E já todo o Pastor da Arcadia bella

De rama de carvalho traz capella.

DEDICATORIA

AO ILLUSTRIS. E EXCELLENT. SENHOR

HENRIQUE JOSE' MARIA

ADÃO DE CARVALHO E MELLO

Da Ecloga , que se segue.

MImoso Henrique, que na tenra idade
O sabio mundo vos respeita, e préza,
Já em vós amanhece a claridade,
Com que os Heroes distingue a natureza:
Protegei com a vossa urbanidade
O canto, que formou minha rudeza,
Ide-vos costumando, Infante charo,
A ser dos desválidos firme amparo.

Nos breves annos já virtude tanta
Vemos em vós, Senhor, resplandecendo,
Que em toda a parte a fama vos decanta,
De esperanças o mundo estais enchendo:
Assim como ao cultor a nova planta,
Que vê na Primavera ir florecendo,
Novo exemplo dareis á heroicidade,
Quando chegares á madura idade.

32 OBRAS POETICAS

Então conhecereis o Pastor raro,
De quem com rude som canto os louvores
Aquelle, em que hoje tem seguro amparo
Do patrio Tejo os miseros Pastores:
Aquelle, de quem nasce o sangue claro,
Que vos enche de tantos resplandores;
E imitando-o fareis que o mundo veja
A si propria morder-se a negra inveja.

Já para vós estão as Ninfas bellas
Nestes valles, e praias arenosas
Fabricando de louro mil capellas,
Que em premio vos darão de acções famosa
He decreto inviolavel das estrellas
Que veja a patria em vós as mais gloriosas
Façanhas, que no orbe decantado
A fama tem com altissonante brado.

Ide os primeiros passos hoje dando
Para o campo immortal, que a fama gyra,
Ide já vosso nome eternizando
Na protecção da minha rude lyra:
Ide os humildes versos aceitando,
Que o amor da verdade só me inspira,
Seja a benignidade quem pregoe
Primeiro o vosso nome, e vos coroe.

DALMIDO.

ECLOGA V.

PElas ferras a neve branquejava,
 O ribeiro gelado não corria,
 O Sol, que já dos valles se apartava,
 Huma nuvem o mostrava, outra o cubria:
 Os cordeiros atrás das máis balando
 Se andavão pelas matas abrigando:
 Os ventos tão furiosos affopravão,
 Que as rochas parecia que abalavão:
 Remavão para a praia os Pescadores,
 Recolhião-se ás choças os Pastores;
 Quando já na cabana de Dalmido
 Huns vizinhos Pastores se ajuntavão,
 Onde os serões do Inverno desabrido
 Em faborosa pratica passavão.
 He Dalmido de idade em decadencia,
 Mas de animo robusto, e esforçado,
 Largamente ensinada da experiencia,
 E a climas mui diversos costumado.
 Tem despovoado o alto da cabeça,
 A barba quasi branca, mas espessa,
 He venerando, alegre de semblante,
 E de antigas historias abundante.

Sen-

* Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de Oeiras na restauração do commercio.

34 OBRAS POETICAS

Sentados os Pastores rodeavão
 Huns fecos troncos vivamente ardendo,
 Concavos tarros huns formando estavão,
 E cestinhos de cana outros tecendo;
 E o bom velho no seu usado assento
 Todo entregue a seu sabio pensamento,
 Na mão, em que o cajado sustentava,
 A respeitavel face reclinava;
 Mas Silvio não soffrendo que tardasse
 A pratica, que tanto desejava,
 Cubiçoso pedio que lhe contasse
 Algum conto dos que elle costumava.

Sem responder Dalmido hum pouco este
 Qual se de hum largo sono despertasse;
 Porém depois que novo acordo teve,
 Logo da mão desencoando a face,
 O corpo endireitando, a voz erguendo,
 Estas verdades puras foi dizendo.

Que poderei contar-vos, (e ficarão
 Para elle attentos todos logo olhando
 Apenas estas vozes escutarão)
 Que poderei contar da antiguidade
 Tão justo, tão feliz, e proveitoso,
 Que a sorte iguale da presente idade?
 Mais que nunca invejado, e venturoso
 O povo Lusitano hoje se chama;
 Acções de tanta gloria, e tanta fama
 Inda até agora os homens não fizeram:
 De quantas justas Leis ao mundo derão,
 Merecedor se faz de fama eterna
 Aquelle alto Pastor, que nos governa,
 Em ter para mandar-nos escolhido

Maioral tão fagaz, tão entendido.

Ah Pastores mancebos, todo he vosso
 Todo o bem, que estou vendo: esta ventura
 Já com vosco gozar toda não posso,
 Que em fim já perto estou da sepultura.
 Vós o fructo commum ireis gozando,
 Que ainda agora em flor vem rebentando.

A tempo chegareis tão venturoso,
 Que bebereis o leite faboroso
 Não pelos pobres tarros de cortiça,
 Pelo metal, que a todos faz cubiça.

Estes valles vereis, estes outeiros
 Cubrir de vossas vacas, e cordeiros,
 E das vossas grandísimas manadas
 Vereis por arte nova as lans pintadas
 Com tão bellas, e tão diversas cores,
 Quaes pelo prado as matizadas flores,
 Que a ser depois virão gala custosa
 Dos maioracs na aldea populosa.

O cultor no exercicio trabalhoso
 Banhando o rosto de suor copioso
 Ha de gostosa achar sua fadiga,
 Antes que o doce fructo lhe confira
 Seguro o merecido premio, vendo
 Na propria mão, que sabia dissipára
 O vicioso tronco, a inutil vara,
 Ou com agudo arado foi rompendo
 Da frutifera terra o seio brando,
 E as providas sementes espalhando.

Hoje vereis cubertos de verdura,
 Do proveitoso trigo semeados
 Os campos, que por falta de cultura

36 OBRAS POETICAS

Só de abrolhos se vião povoados.
 Oh dos homens descuido indefculpavel!
 Depois que pareceo mais agradavel
 Da vide o ingrato fruto ver pendente,
 Que ondear pelos campos as espigas,
 Tem-se entregado a Portugueza gente
 Sem proveito ás solícitas fadigas.

Estes montes em fim vemos sem gados,
 Ferrugentos os ferros dos arados,
 E o moço mais robusto, e astucioso
 Esquecido de toda a honesta lida
 Dado do vinho ao vicio vergonhoso,
 Que nos meus tempos era com medida
 Só aos cançados velhos concedido
 Para alentar-lhe o sangue enfraquecido.
 Tão atrazados vemos os Pastores,
 Tão famintos os pobres Lavradores,
 Que, por se alimentarem, aos estranhos
 Vendem as mesmas lãs dos seus rebanhos:
 Vendem as mesmas lãs, (oh desamparo!)
 Que elles precisão para seu reparo.

Nestes fertes destritos algum dia
 (Ah meu tempo, meu tempo) não havia
 Pequeno Lavrador, que não colhesse
 Frutos para viver muito abastado,
 Que vacas, e cordeiros não tivesse:
 Eu conheci alguns em tal estado,
 Tão poderosos, que de cem passavão
 Os moços de soldada, que occupavão.
 O bom Alcimidonte, o bom Sileno,
 O avô de Veneroso, pai de Almeno,
 E outros, que nesta fertil espessura

Gozarão, de tão prospera ventura ;
 Mas só tinham em tão feliz bonança
 Nas suas sementeiras a esperança,
 Só das lans de seus gados se adornavam,
 E deste bom viver não se apartavam.

Mas hoje tornarão ao antigo estado
 Estes campos, que foram tão famosos,
 Este povo vereis todo occupado
 Sómente em exercicios proveitosos :
 Já não vereis encher a mocidade
 Dos vicios, que produz a ociosidade.

Já não virão as gentes estrangeiras
 A fazer tão frequentes sementeiras
 Nos destritos das nossas mesmas terras,
 E nas fraldas amenas destas serras
 Famintos não vereis vossos rebanhos,
 E de relvas fartar gados estranhos.

Vede o bem, que vos vem apparellhando
 A boa ordem, que tudo vai levando :
 Usar não pôde o pastoril cajado
 O que meneia o remo carregado ;
 Nem o que a vide co' podão separa
 Metter a curva fouce na seara.

Vede como o valor, a sabia idéa
 Já se préza, se louva, e se premea :
 Meneje valeroso na campanha
 O soldado as pezadas armas de aço,
 E sem o vil temor com força estranha
 Rebata os golpes do inimigo braço,
 Que mais certo que a croa da victoria
 Premio terá igual a sua gloria.
 Passe a cultivar, passe o entendido ;

38 OBRAS POETICAS

Do Mondego as campinas deleitosas,
 Sagaz se faça, faça-se sabido,
 Arranque espinhos, hervas viciosas,
 Recolha o fruto, mostre-o fazonado,
 E verá seu trabalho premiado.

Oh grande coração, copiosa fonte,
 De donde tanto bem está nascendo,
 A's estrellas o nome se remonte,
 Que tão digno de inveja ides fazendo:
 Qual o tronco, que a vide está amparando,
 Estais á amada patria sustentando.

Com vosso grão saber tendes erguido
 Este povo ao mais alto da ventura
 No tempo, em que se vio mais destruido:
 Quando vio abalarem-se as montanhas,
 Bramir a terra toda nas entranhas,
 Desfazerem-se os asperos rochedos,
 E gemerem debaixo dos penedos
 Os miseros mortaes despedaçados,
 O rio levantar ondas tão grossas,
 Que nos proprios curraes levou os gados:
 O fogo consumir aldeas, choças,
 Sementeiras, rebanhos, em fim tudo
 Destruído ficar. Vós sois o escudo,
 Que tendes reparado valeroso
 Estrago tão fatal, tão horroroso.

Benigno o Ceo vos tinha decretado
 Para tanto mal vermos remediado.
 Que mal conhece o bem, que tendes feito,
 O vulgo errado, e nunca satisfeito;
 Porém escurecer em vão pertende
 A costumada inveja, ou a ignorancia

A gloriosa luz, que em vós se accende:
Vossa vida, Pastor, o Ceo proteja,
Elle premeo quanto em vós conhece,
E caia sobre vós a torpe inveja,
Que entre as sombras a luz mais resplandece,
Quando virem faltar ao pobre abrigo,
Premio ao bom, ao malfeitor castigo;
Quando ficar sem pai a patria virem,
Quando tão grande bem não possuirem,
E sem remedio em fim fores chorado,
Conhecido fereis, fereis louvado.

Assim o sabio velho proseguia,
Quando o canto dos gallos annunciava
Que ao meio curso a noite já chegava:
Então depois de toda a companhia
Ter a Dalmido mil louvores dado,
A' choça cada qual se recolhia
A gozar do repouso costumado.

MELINDO.

E C L O G A VI.

ALCINO, E MENALCA.

Men. **A**lcino, porque estás tão fatigado
Mudádo o curso ás aguas desta fonte?
Já de fuor o rosto tens banhado,

E pelo perigoso Alpestre monte
Deixas errar sem guarda o pobre gado.

Alc. Não vês a nova planta, que disposto
Eu tenho nesta fertil espeffura?

Pois quero que a pezar do seco Agosto
Seja regada desta fonte pura.

Men. Vejo hum novo Carvalho alli plantado.

Mas não sabes, Alcino, que dispór
Não se póde este tronco respeitado,
Se á memoria de algum alto Pastor
Não for solemnemente dedicado?

Alc. Mas tu ignoras que hoje a sacra tea
De hymineo nesta selva acceza brilha,
E que Melindo, e Marcia, desta aldea
O suspirado amor, a maravilha,
Já em firmes, e santos laços prezos
Suspiráo do mais terno amor accezos?
Pois aqui tenho em seu louvor plantado
Este tenro Carvalho, com que deixo
Hum tão ditoso dia affinalado.

Cres-

* Aos felices desposorios do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de Oeiras filho.

Cresce, cresce, sagrada, e nova planta,
As nuvens toca c'os frondosos ramos,
Assombra os montes, os mortaes espanta.

Em ti as doces aves em reclamos,
Melindo, e Marcia, estejão repetindo:

Cresce, gloriosa planta, que chamada
A arvore ferás do grão Melindo.

Quando de longe fores avistada,

Os Pastores dirão com alegria:

Aquella, aquella he a arvore sagrada

Aos dous ternos Esposos, por quem via

O grande Tejo a gloria sustentada.

Nunca do raio sejas destruida,

Nunca das tempestades offendida.

Abençoa esta planta Deos da selva:

O' cabras atrevidas, preservada

Seja do vosso dente a branda relva,

Que nascer de seus ramos amparada.

A era respeitai, que vai crescendo,

Deixai que huma grinalda de verdura

Pelo delgado pé lhe vá tecendo.

Aqui sempre os Pastores, e Napeias

A tão ditosa sombra o feliz dia

Celebrarão com versos, e coreias.

Men. A tua sabia empreza invejo, Alcino:

De Melindo a memoria immortaliza,

Hum tal Pastor de immortal nome he digno.

Mas já que tu es déstro nas canções,

Alternados cantemos seus louvores,

Que eu das Musas tambem tomei lições.

Sentemo-nos aqui sobre esta relva,

Que matizada está de varias flores,

As folhas brandamente agita a selva:

Aqui o doce fresco respiramos,

Que nos offrece a sombra destes ramos.

Daquella fria gruta, que morada

He das formosas Ninfas da espessura,

Sahe murmurando a fonte prateada:

A rola suspirando entre a verdura

Espalha mil requebros namorada,

A suave, e queixosa Filomena

Faz ao longe soar ternos accentos,

Tudo, Pastor, a doce Cantilena

Convida nestes verdes aposentos.

Tu de Melindo a gentileza canta,

Que eu te responderei cantando, Alcino,

Da bella Marcia as graças, com que encanta.

Als. Sim, Menalca, eu começo sem demora,

E tu solta depois a voz sonora.

Se com vosso favor, Musas suaves,

Em minha frauta neste bosque umbroso

Os cantos imitei das doces aves,

Agora com o nectar melodioso

Perfumai minha boca, porque espanto

Hoje seja Melindo no meu canto.

Men. Se á sombra destas arvores tangendo

Minhas canções, ó Febo, te agradarão,

Quando o famoso Titero vencendo

De teus ramos as Ninfas me croarão,

Faze que ainda mais que da alva a estrella

Em meus versos pareça Marcia bella.

Alc. Amor, que dos vermelhos pomos bellos

Tem no mimoso rosto a viva cor,

E tem inda mais louros os cabellos,

Que

D E Q U I T A .

43

Que as espigas, que corta o segador,
Tão formoso não he, tão engraçado,
Como o gentil Melindo desejado.

Men. De verdes folhas, e cheirosas flores
A alegre Primavera ornando o prado,
Espalhando os brilhantes resplandores
Na serena manhã o Sol dourado,
Tão amaveis não são, tão delectosos,
Como de Marcia os olhos luminosos.

Alc. Olha a formosa Marcia por Melindo
Enchendo os bellos olhos de ternura
Como lhe está no rosto reluzindo
Do mais ardente amor a chamma pura.
Quem negará, Mancebo, teus louvores,
Vendo Marcia por ti morrer de amores!

Men. Olha como Melindo, que inflammado
Na luz dos claros olhos esmorece,
Ancioso suspira namorado,
E internecido o coração lhe offrece.
Quem não louvará Marcia, se a belleza
Tem de Melindo a liberdade preza!

Alc. Quando daquella rocha despenhadas
Duas cabras do pobre Alexis vio,
Duas tirou das suas mais gabadas,
E com ellas do triste o mal remio:
Logo Melindo do Pastor queixoso
Reparou a desgraça generoso.

Men. Que mágoa, que piedade não mostrou
A bella Marcia, quando de Montano
A madura seara se abrazou?
Consola o infeliz no grave damno,
E logo de seu campo dilatado

Lhe

44 OBRAS POETICAS

Lhe manda dar do trigo já segado.

Alc. Tenho hum fiel cachorro, que o primeiro
He na destreza, novo, e bem malhado,
Sabe da frauta ao som dançar ligeiro,
Por Filis salta sobre o meu cajado;
Mas quero que hum projecto novo emprenda,
Que a saltar por Melindo agora aprenda.

Men. De huns confusos silvados entre a rama
Apanhei huma pèga inda pequena,
Mil cousas lhe ensinei, Filena chama,
Diz que o terno Menalca ama a Filena;
Mas quero que a dizer aprenda agora:
Viva Marcia, que a Marcia o Tejo adora.

Alc. Os dilatados campos não desejo,
Que o fertil Douro, e Lima vão regando,
Nem os rebanhos, que sustenta o Tejo:
Feliz ferei, se o meu Pastor cantando,
Repetirem comigo as penedias:
Sempre sejam dourados os teus dias.

Men. Não cubiço aquella arvore divina,
Que os pomos de ouro dá, nem as preciosas
Conchas, que o licor tem, com que a lá fina
Tingem da viva cor das bellas rosas,
Desejo que a pezar das nevoas frias
Sempre sejam dourados os teus dias.

Alc. Sempre em teus largos campos delectosos
Cheiroso mel destilem os rochedos,
E co' pezo dos frutos deliciosos
Vejas curvar os verdes arvoredos,
Fujão de ti cuidados, e agonias,
Sempre sejam dourados os teus dias.

Men. Cedo vejas brincar sobre estas flores,
Sem

Sem que offendidos sejam dos espinhos,
 Do amor teu os caríssimos penhores,
 Como ao redor da mãe os cordeirinhos:
 Cerquem-te, bella Marcia, as alegrias,
 Sempre sejam dourados os teus dias.

Alc. Basta, Pastor, que por detrás do monte
 Vai o disperso gado já descendo.

Men. Pois tomemos o atalho allí defronte,
 Que já também nos vai anoitecendo.

VIOLINA.

ECLOGA VII.

AULIZA, E DAPHNES.

Daph. **A** Uliza, donde corres, a quem levas
 Estas grinaldas, e festões de flores?
 Tu de purpureas rosas coroada!
 Adonde com ornatos tão festivos
 Alegre moves apressada os passos?
 Agora, que as cabeças inclinando
 Estão com a calma ardente as dormideiras,
 E á fresca sombra está dos arvoredos
 O preguiçoso gado ruminando?

Aul. Para o bosque dos myrtos vou correndo,
 E já cançada venho da campina.

Daph. Pois hum pouco descança nesta selva:
 Aqui do Sol os raios não penetrão
 Os verdes ramos dos copados freixos

Co' as frondosas parreiras enredados:
 A Ninfa desta gruta, que parece
 Estar saudosas lagrimas vertendo
 Pelas musgosas fendas do rochedo,
 Augmenta destas sombras a frescura.
 Esta viçosa relva brando assento
 Nos offrece, Pastora, aqui descança.

Aul. Deter-me aqui não posso, que me espe
 Nas margens da ribeira as mais Pastoras.

Daph. Ah maligna Pastora, sempre buscas
 Subtis, e novos modos de fugir-me:
 Para que me enganaste aquelle dia,
 Que esperar-te no rio me mandaste,
 Dizendo que alli logo levarias
 As brancas patas a banhar nas aguas?
 Ah maligna Pastora, facilmente
 Meus vãos desejos enganar pudeste:
 Alli passei a tarde suspirando,
 Té que as sombras cahirão das montanhas.
 Quantas vezes chamei Auliza, Auliza,
 Mas só Auliza os valles respondião?
 Alli para offrecer-te te levava
 Hum ramo de coral, e ruivas conchas,
 Que Agrario Pescador me tinha dado
 Por lhe ensinar as pastoris cantigas:
 Tambem versos levei para cantar-te,
 Em que dos teus rigores me queixava,
 E te pintava convertida em cana
 A dura, e bella Ninfa, que os amores
 Ingrata desprezou do Deos Caprino.

Aul. Importuno Pastor, não me perturbes:
 Quasi me tem fugido dos sentidos

O doce, e novo som de huma cantiga,
 Que ha pouco me ensinou o sabio Elpino,
 E vou cantar na festa celebrada
 Em louvor da bellissima Violina:
 Com taes versos vencer cantando espero
 A mesma Filis, a invejosa Alcipe.

Daph. Pois se te agrada, Auliza, aqui sentar-te,
 Debaixo deste freixo provaremos
 Ao som da minha fruta o novo verso;
 E tu agora o canto exercitando,
 Mais na lembrança o levarás seguro.
 Não te apresses, Pastora, que inda Febo
 Do mais alto do Ceo pouco declina:
 Aqui passa cantando a quente festa,
 Até que a branda viração da tarde
 Refresque os ares meneando as ramas.

Aul. Bem me advertes, ó Daphnes, sim, vejamos
 Se a memoria está prompta: eu principio,
 E tu me segue co' a delgada fruta.

Fiquem mansas no monte
 As feras sanguinosas:
 Prendei as bravas ondas,
 O' Tagides formosas.
 Que o nome de Violina
 Vai soar no meu canto:
 Suspende, ó Filomena,
 Suspende o triste pranto.
 O' formosa Violina,
 Por quem florece o prado,
 Por quem despreza a Flora
 Zefiro namorado.

OBRAS POETICAS

Por verem de teus olhos

Os claros resplandores

Habitão nesta selva

As graças, e os amores.

Por ti penhas, e troncos

Respirando alegria

Cantão sonoros versos

Neste dito dia.

Daph. A' tua voz sonora levantarão

As Naiades as fronte sobre as aguas,

Os Satyros por entre as verdes ramas

As agudas orelhas estendêrão.

Tanto excedes cantando Alcipe, e Filis,

Quanto o suave Cisne o rouco ganso;

Mas se a meu puro amor sensível fosses,

Huma nova cantiga te ensinára,

Com que certa a victoria ter podias,

Inda que contendesses com as Musas;

Mas tu, ingrata, meu amor desprezas,

Não prezas minhas dadivas, e versos.

Aul. Não he ingrata Auliza injustamente:

De mim te queixas, desejado Daphnes,

A suspeitosa mãe, que vigilante

Os meus passos observa, não consente

Que ao valle, onde apascentas, leve o gado.

Ensina-me, Pastor, teus brandos versos,

Os teus versos já Titaro vencerão,

E com elles louvar quero Violina:

Ensina-me teus versos, ó meu Daphnes,

E este meu coração em premio accita.

Daph. O' minha bella Auliza, se te agrada,

A Violina dedico a minha frauta,

Nes-

Nestes valles farei soar seu nome,
 Por ti dos bosques, ás estrellas altas
 Voarão seus louvores nos meus versos.

O' branca Galatea,
 Deixa as limosas, e falgadas grutas,
 Foge ao som pavoroso,
 Com que as ondas se quebrão nos rochedos:
 Vem á sombra dos verdes arvoredos

Ouvir na minha frauta
 Soar o doce nome de Violina,
 E julgarás o canto
 Grossoiro de Alicuto teu encanto:
 Vem cercada das humidas deidades
 Celebrar este dia.

Aqui os bravos ventos não combatem
 As altas plantas, porque fazem sombra
 A' formosa Violina.

Só Zefiro brincando entre a verdura
 Colhe o perfume das cheirosas flores,
 E sofrrando canta seus louvores.

As aves os accentos
 Com as sonoras fontes concertando
 Festejão o feliz, e grande dia,
 De que a bella Violina foi Aurora.

O' branca Galatea,
 Sabe das agnas, e piza a seca arêa,
 Vem ver a formosura
 Do Tejo, e Douro espanto,
 Por quem de Auliza o canto
 Ha de hoje triunfar.
 O doce movimento
 De seus graciosos olhos

Faz nos secos abrolhos
As flores rebentar.

Aul. Que agradavel cantiga! Facilmente
Me ficou a toada nos ouvidos,
Mas não tenho inda os versos na memori
Daph. Espera hum pouco, Auliza, que encami
Para as margens do rio o meu rebanho,
E pelo valle abaixo irei cantando,
Té que te fiquem prezos no sentido.

I N V E J A.

ECLOGA VIII.

MEu rafeiro fiel, unico resto
Dos bens, que me entregou a avara sor
Fujamos desta selva, onde a desgraça
Me traz pelos cabellos arrastado:
Vem cá, fiel Melampo, que amoroso
Me estás com mil affagos festejando,
Por me estar em meus males consolando,
Fujamos destes campos, que a inveja
Tem com seu negro baso invenenado.
Aqui as plantas fruto não produzem,
Aqui antes de abrir as flores murchão,
E se a semente o Lavrador derrama,
Morre affogada da importuna grama.
A Deos, praias do Tejo, a Deos, campina
Banhadas de meu sangue, e de meu prante
Ficai pois dos despojos carregadas,

Que o fado me venceo sem resistencia,
Que eu vou fugindo á barbara inclemencia,
Que tanto sem piedade me persegue.
Qual madeiro, que a rapida corrente
Arrebatado leva, e entre as ondas
Hora escondido fica, hora apparece,
Aqui já se desprende de hum penedo,
Alli noutro vai dar precipitado,
Até que sobre algum se despedaça,
Assim eu impellido da desgraça
Irei por valles, montes, e desertos
Até perder a vida despenhado.
Ferinos corações, que a torpe inveja
Estais co' proprio sangue alimentando,
Vossas iras fartai em meus estragos;
Vós, que vos alegrais se o nêdio gado
Do vizinho Pastor mata a gafeira,
Ou se a cheia lhe leva a sementeira.
Tudo em fim já perdi, já me não resta
Nem sequer huma sombra de esperança,
Com que este triste pensamento engane.
Vede nas garras do faminto lobo
As formosas, as unicas ovelhas,
Que o destino cruel me consentia.
Foi-se a minha Estrellada, que eu amava
Inda mais do que Tityro Amarillos,
Outra igual nestes montes não pastava.
Vede em fim destas miseras colmeas
Huns enxames fugidos, outros mortos,
E de hum raio abrazada a pobre choça.
Que mais pôde ferir-me o duro fado?
Vós, impios corações, tanto pudestes,

Que

52 OBRAS POETICAS

Que em odio a piedade convertestes,
 Em que eu tão felizmente descansava.
 Do nosso maioral eu era amado,
 Vós me fizestes delle aborrecido:
 Fartai-vos, . . . já me vedes abatido,
 Já, crueis inimigos, me estais vendo
 Tal como a debil vide, que lhe falta
 O robusto, e alto tronco, a que se arrime.
 Salvai, piedosos Ceos, salvai clementes
 Destes impios os tristes innocentes.
 Sacudi altos montes os rochedos,
 Lançai-os sobre gente tão malvada,
 Para vós se converta o branco leite
 Em terrivel veneno de serpente:
 Fontes, negai-lhe as aguas saborosas,
 Negai-lhe a sombra, ó arvores frondosas.
 Oh tempo antigo! venturoso tempo,
 Se he verdade o que os sabios velhos contão;
 Inda então não soava o feio nome
 Da denegrida inveja: a vã cubiça
 Não abrazava os campos assolando
 O misero sustento dos Pastores.
 Ah pervertido tempo! então vivia
 Nestas selvas a candida innocencia,
 Amavão-se os Pastores ternamente,
 Só cuidavão dos gados, e lavouras,
 Doces versos contentes entoavão
 Em louvor da paz santa, que gozavão,
 Mas já tão bons costumes se perdêrão.
 Agora o pobre gado desamparão,
 Deixão do bosque a doce amenidade,
 E se embrenhão no centro da Cidade.

Alli debaixo dos dourados tectos,
 Ajoelhando ante seus habitadores,
 Estão em torpes crimes insolentes
 Culpando os miseraveis innocentes.
 A Deos, formosas Ninfas, aqui deixo
 No tronco deste funebre cypreste
 A capella de louros, com que a fronte
 Me honrastes: quando aqui venci Palemo,
 Vencedor me julgou o Mestre Elpino.
 A Deos, formosas Ninfas, destes bosques
 Parte chorando o infeliz Alcino,
 Vou habitar para as gelladas serras
 Desertas de Pastores, e de gado,
 Adonde em vão do Sol os raios ferem
 A fria neve; adonde não ha planta,
 Que fresca sombra faça aos encalmados:
 Alli irei viver c'os desgraçados,
 Mas livre de tratar peitos fingidos,
 Que com palavras brandas de amizade
 Me despenhem do alto de huma rocha:
 Alli verei se cança de affligir-me
 O terrivel açoute da fortuna.
 Mudou o tempo o curso deste rio,
 Que daquella terra alta se despenha,
 De hum pimpolho este tronco fez robusto,
 Rasgou o duro seio desta penha,
 Mudou em fertil campo o mato agreste,
 Só a minha desgraça se não muda,
 Descei, Deoses do Ceo, em minha ajuda.

SILENO.

E C L O G A IX.

ALCINO, E SILENO.

Alc. **C**Antemos, frauta, miseras endexas,
 Em quanto a verde relva pasta o gado:
 Demos ao furdo vento tristes queixas,
 Inutil refrigerio de hum magoado.
 Ouvi, selvas, o som de hum descontente,
 Já que de nós Tricea vive ausente.
 Quando haveis de deixar, olhos faudosos,
 De banhar-me com lagrimas o peito!
 Quando vereis, ó fados rigorosos,
 Vosso rigor comigo satisfeito!
 Mas chorai, olhos meus, a ausencia dura,
 Chorai, já que nascestes sem-ventura.
 Esta espessura vede, onde já vistes
 O bem, por quem chorais agora ausentes:
 Quem dissera que haveis de ver tristes
 Este prado, que vistes tão contentes!
 Ah! se vê a relva inda pizada,
 Onde Tricea esteve reclinada.
 Alli junto das margens da ribeira
 A' fresca sombra de huma rocha dura
 Foi o lugar, aonde a vez primeira
 Me croou com seus mimos a ventura.
 Estrellas, se já fostes tão piedosas,
 Porque me sois agora rigorosas?

Tão modesta comigo aqui passava
 A bella Ninfa em pratica amorosa,
 Que quando respeitoso lhe beijava
 A delicada mão branca, e formosa,
 Vergonhosa ficava hum breve espaço
 Com os olhos cahidos no regaço.

Quantas vezes dizendo que me amava,
 No seu formoso rosto conhecia
 Que cheia de ternura desejava
 Inda dizer-me mais do que dizia?
 Porém não lhe deixava o honesto pejo
 De todo declarar o seu desejo.

Huma tarde me disse na floresta,
 Que lá junto da praia eu a esperasse,
 Que alli iria ver-me pela festa,
 Depois que das ferranas se apartasse;
 Que sem guarda o rebanho deixaria
 Só por estar na minha companhia.

O caminho da praia fui seguindo,
 Sentei-me sobre huns concavos rochedos,
 Onde do prado estava descobrindo
 Os verdes, e frondosos arvoredos,
 Té que depois da festa já passada
 A vi ao longe vir muito apressada.

Vinha por entre as ramas tão airosa,
 Que dava graça a tudo quanto via,
 Com a pressa do andar a cor formosa
 Nas bellas faces mais se lhe accendia:
 Os cabellos, que de ouro a cot mostravão,
 Pelo nevado collo se espalhavão.

Silen. Que delectoso canto, que harmonia
 Soa nos valles deste occulto prado!

56. OBRAS POETICAS

Quem ferá, que em lugar tão retirado
Espalha tão sonora melodia?

Mas quem havia fer, que solitario
Estivesse cantando docemente,
Senão o triste Alcino, que da gente
Anda sempre fugindo como vario?

Meu desejado Alcino, charo amigo,
Dá-me os teus braços, que inda bem não posso
Explicar-te a alegria, o alvoroço,
Que sinto em encontrar-me hoje contigo.

Alc. Aqui, Sileno, os tens; mas que gostosa
Te pôde fer de hum triste a companhia,
A quem persegue a dura tyrannia
Da ventura cruel, e rigorosa?

Silen. Aqui de teu queixoso, e doce canto
Me traz a suavidade arrebatado,
Que tinha todo o campo deste prado
Cheio de hum novo assombro, hũ novo encanto.
Pareçe que estas penhas se movião
Por te ouvirem, que os ventos se acalmavão,
Que de pasmo os cordeiros não pastavão,
Que estas aguas tambem se suspendião.

Alc. Taes, meu Sileno, são as minhas mágoas,
Que tudo de me ouvir se compadece,
O mais duro penedo se internece,
Suspendem a corrente as frias aguas.

Silen. Dize-me, meu Alcino, que desgosto
Te pode penetrar, de que te peza,
Que pela sonolencia da tristeza
A alegria trocaste de teu rosto?

Que loucura te traz preocupado
Sem accordo, sem uso, e sem sentido,

Que

Que de tudo te vemos esquecido,
Sem te lembrar ao menos do teu gado?

Faminto no radil, ou pelo estranho
Pasto o deixas andar com desatino:
Não sabes que não tem, amigo Alcino,
Hum Pastor maior bem que o seu rebanho?

Eu quando recolhendo hia o meu gado
Os dias da semana já passada,
Dous cordeiros perdidos da manada
Dos teus achei mettidos num silvado.

Com os meus os levei, e inda até agora
Para buscallos não tiveste hum dia?
Torna em ti, meu Pastor, e essa agonia,
Que affim te traz mudado, lança fora.

Tu já não vás á aldea ver a festa,
Nem ao jogo da barra, e forte luta,
Nem na serena tarde já se escuta
Soar a tua frauta na floresta.

Se te fallão, não ouves, nem respondes,
E sóltas sem acordo mil suspiros,
Fugindo andas da gente, e nos retiros
Dos mais occultos matos só te escondes.

Os olhos trazes sempre raios de agua,
Andas como assustado, e vacilante,
Em fim nada se vê no teu semblante,
Que não seja sinal de dura mágoa.

Alc. Padeoendo da ausencia as cruéis dores,
Que gosto posso ter, ou que alegria?
Já viste por ventura alegre o dia,
Que a ver do Sol não chega os resplandores?

Silen. Pastor, faze do tempo confiança,
E não te entregues todo ao sentimento.
O re-

60 OBRAS POETICAS

Vamos ver se está falva da ribeira,
Não ma leve a corrente arrebatada.

ALBANO.
ECLOGA X.

NUm valle de frondosos arvoredos,
Onde a corrente de huma fontezinha
Por entre verdes juncos, e penedos
Para as praias do Tejo se encaminha;
Onde a relva se vê sempre viçosa,
O roxo lyrio, a encarnada rosa,
Alli junto de huma arvore sombria
Sentado estava Albano sobre as flores,
E ao som de huma sanfona, que tangia,
Saudoso cantava seus amores,
E cantavão pendentos dos raminhos
Tambem os namorados passarinhos.
De huma grinalda a fronte enriquecia
De lyrios, e boninas fabricada,
Escrito no instrumento se lhe via
O nome da Pastora suspirada,
E no cajado as prendas excellentes
Como trofeo de amor tinha pendentos.
Desordenado andava pelo outeiro
Gostando a verde relva o manso gado
Sómente do folicito rafeiro
Pelo deserto monte acompanhado,
Em quanto o seu Pastor ao vento dava
As queixas, que saudoso assim cantava:

Solitaria campina,
Medonhos valles, rustica aspereza,
Fonte não tendes, arvore, ou bonina,
Que não encha meus olhos de tristeza.
Que differentes são, que delectosos
Os campos saudosos,
Onde a minha Pastora ausente assiste!
Nada alli se vê triste:
Não sei que nova graça
Estão aquellas plantas respirando!
Que suavemente a calma alli se passa
Ao movimento brando,
Que faz o fresco vento no arvoredo!
Não sei que maravilha alli me offrece
Qualquer tosco penedo,
Que melhor que estas plantas me parece!
Aqui as mesmas flores a meus olhos
Se convertem em asperos abrolhos:
Lá os espinhos duros
Em frutos faborosos, e maduros.
Olhos, por quem de amor sempre suspiro,
Vinde ver-me, e vereis pelo meu rosto
As lagrimas correndo em largo gyro:
Vereis o triste estado, em que o desgosto
Me tem da larga ausencia,
Com tanta violencia
Os saudosos ais esta alma exhala,
Que parece que estala
O triste coração de sentimento.
Vinde, olhos, consolar-me em tal tormento,
Eu creio que vos víra
Não só cheios de amor, mas de piedade,

62 OBRAS POÉTICAS

Se me visseis nas ancias, que conspira
Contra mim o rigor desta faudade.
He possível que lastima não tenhas,
Fado injusto, de ver tão divididos
A quem amor unio tanto as vontades!
Como cruel te empenhas
Em que eu padeça os golpes repetidos
Do terrivel tormento das faudaes!
Mas segue o teu costume, dura sorte,
Que por mais que o rigor tyranno, e for
Armes contra meu peito,
Não has de nunca o laço ver desfeito
Deste constante amor, desta fé pura,
Inda que em meus retiros
Não alcance outros mimos da ventura
Mais que lagrimas tristes, e suspiros.
Assim soltava Albano o triste pranto,
Com que a dor da faudade mitigava;
Mas a noite, que as sombras espalhava,
Renovando-lhe o mal deo fim ao canto.

ALCINO.

ECLOGA XI.

HA nas margens do Tejo caudaloso
 Hum bosque tão sombrio, e intrincado,
 Que dos raios de Febo luminoso
 Já mais em tempo algum foi penetrado:
 Hum valle tão profundo, e tão fragoso,
 Tão esteril, medonho, e inhabitado,
 Que parece que o fez a natureza
 Para horrivel morada da tristeza.

As pardas sombras vinha o Sol rasgando,
 Enchendo de alegria os horizontes,
 E com escaça luz vinha dourando.
 Os altos cumes dos floridos montes:
 Inda bem não se estava retratando
 Nos undosos crystaes das claras fontes,
 E enxugava nas folhas das boninas
 As lagrimas da Aurora crystallinas,

Quando no mais occulto do arvoredo
 O desgraçado Alcino se assentava
 Junto de hum alto, e rustico penedo,
 Onde huma clara fonte rebentava:
 Fazia ao mesmo valle espanto, e medo
 Com os tristes suspiros, que exhalava,
 E formava estas queixas descontente,
 Como se a causa fosse alli presente.

Fal-

* *Esta Ecloga fez o Author na sua puericia.*

64 OBRAS POÉTICAS

Falssissima Pastora, a quem voltaſte
Aquelles bellos olhos, que algum dia
Tão cheios de piedade me moſtraſte?

Ah ferrana cruel! ah fera impia!
Comb de preſſa deſſe peito ingrato
Moſtraſte a deſhumana tyrannia!

Es mais cruel que as feras deſte mato,
E inda mais fugitiva, e inconstante
Do que as aguas, que leva eſte regato.

He a tristeza em mim tão inceſſante
Depois que me negaſte teus favores,
Que ſó ſei fuſpirar a todo o instante.

Oh! não ules comigo taes rigores,
Não me desprezes não, que he couſa feia
Desprezar quem por ti morre de amores.

Tal no deſgoſto eſtou, que deixo a aldeia
Ainda antes que a luz do Sol aponte,
E a triste ſolidão ſó me recrea.

O gado deixo errante pelo monte,
E aqui paſſo chorando os mais dos dias
Sentado ſobre as pedras deſta fonte.

Aqui me lembra quanto me dizias,
E tudo o que entre nós então paſſava,
Quando tão enganado me trazias.

Lembra-me quando as flores apanhava
Pela verde campina da floresta,
Com que os louros cabellos te toucava.

E lembra-me tambem que junto a eſta
Freſca fonte debaixo deſta faia
Paſſavamos a calma pela feſta.

Lembra-me quando andámos pela praia
As luzentes conchinhas apanhando,

Que o mar lança na arêa, quando espraia.

E tambem hum serão me está lembrando,
Que eu na tua cabana, e outros da ferra
Em baile, e canto estavamos passando.

Mas como ao peito, a quem amor faz guerra,
Nunca o viver alegre lhe consente,
Nos olhos se me via o que a alma encerra.

Eu fei que estava triste, e descontente,
Mas não fei se de amor era o costume,
Ou se já receava o mal presente.

Sentia a alma abraçar-se em vivo lume,
Morder-me o coração tambem sentia
O aspid venenoso do ciume.

Affim estava eu nesta agonia,
Quando tu me mandaste por Silvoza
A mágoa perguntar, que padecia.

A mim chegou a ferrana, e cautelosa
Com ternura me disse o quanto estavas
De ver-me descontente cuidadosa.

E que de novo em fim me seguravas
De ser sempre fiel, sempre constante
A fé, que no teu peito me guardavas.

Escuta qual fiquei naquelle instante!
Encheo-se de alegria de improviso
O coração, as vozes, e o semblante.

Qual menino, que chora sem aviso,
A quem a mãe com mimos affagando
Lhe faz trocar o pranto em doce rizo;

Pois affim eu, que estava suspirando,
Ao escutar as vozes da Pastora
Em alegria as mágoas fui trocando.

Nunca nos meus ouvidos tão sonora

66 OBRAS POETICAS

Foi a lyra tocada no descante,
Como a voz de Silvana aquella hora.

Nunca a era do choupo tão amante
A mim me pareceo nesta espeffura,
Como me pareceste aquelle instante.

Oh como então foubeste na ternura
Occultar os rigores deshumanos
Da tua condição tyranna, e dura!

Julguei serem verdades teus enganões,
Que não cuidei que tanta falsidade
Ular pudessem corações humanos.

Oh Pastora sem fé, e sem lealdade!
Oh coração de fera embravecida
Sem amor, sem ternura, e sem piedade!

Como não te lastimas de huma vida
De tuas sem-razões tão desgostosa,
Das setas de amor cego tão ferida!

Ah! não sejas ingrata, e rigorosa,
De ser tão deshumana não te prezes,
Que te faz parecer menos formosa.

He possível, ingrata, que desprezes
Hum amante Pastor; a quem chamaste
O teu amado Alcino tantas vezes!

Depois que tu, cruel, me desprezaste
Com tal rigor, com tanta tyrannia,
Ao mais misero estado me entregaste.

Já não tenho prazer, nem alegria,
Já nada he agradável aos meus olhos
De quanto o Ceo nos mostra, a terra cria!

Os nevados jasmíns, tenros pimpolhos,
E as mais flores, que esmaltão este prado,
Me são agudos, e asperos abrolhos.

Con

Comtigo tudo vejo estar mudado,
Nem claras as estrellas me parecem,
Nem o Sol como dantes tão dourado.

Todos os do lugar me desconhecem;
E quando alguns me vem, cheios de espanto
Com os olhos em mim mudos se esquecem.

Eu era o mais gabado em baile, e canto
Dos Pastores do Tejo; mas já agora
Só sei nos olhos enxugar o pranto.

Ao longo da ribeira a toda a hora
Sentado sobre a relva, e entre as flores
Tocava a minha cytara sonora.

Suspensos me escutavão os Pastores,
E depois que os folgares se acabavão
Me rogavão mil bens, e mil louvores.

As ferranas, que a ouvir-me se ajuntavão,
Para me coroarem as capellas
De murtas, e de flores concertavão.

Eu era desejado das mais bellas,
Nenhum dos guardadores da montanha
Merecia mais que eu nos olhos dellas.

Mas oh terrível mal! oh dor tamanha!
Tal me tem a agonia, em que estou posto,
Que quem então me vio hoje me estranha.

Tu só a causa es deste desgosto,
Pois te fez por meu mal a natureza
Tyranno o coração, formoso o rosto.

De ver-me assim magoado não te peza?
Oh duro coração, tyranno, e fero,
Incapaz de animar tanta belleza.

Deixa, falsa, o rigor duro, e severo,
E vem aqui gozar, bella homicida,

70 OBRAS POETICAS

Como ao Divino aspecto se confunde
 O funesto Dragão! agora busca
 Enroscado entre as selvas esconder-se,
 Agora espavorido o collo erguendo
 Fogo despe de dos torcidos olhos:
 Como vibrando a lingua sibilante
 Furibundo co' a cauda a terra açouta!
 Mas a vaticinada forte Virgem,
 Desprezando os indomitos furores,
 Accommette o raivoso, e fatal monstro.
 Já valerosa com o pé lhe opprime
 A medonha garganta, e resoluta
 A escamosa cabeça lhe separa!
 Já nos ares suspende a mão mimosa
 O terrivel triumpho envolto em sangue.
 Assim Judith intrepida degolla
 O soberbo oppressor da grão Betulia,
 E no meio do povo desolado
 Levanta pelos humidos cabellos
 A horrivel cabeça ensanguentada.
 Deixa o pranto, Israel, facode as cinzas,
 Rompe em cantos de jubilo, os louvores
 Canta da victoriosa Virgem pura,
 Que a indomavel serpente vencer pode,
 Ficando illeza do mortal veneno.
 Ella só entre todos os humanos
 Foi do commum contagio preservada:
 Assim como huma unica familia
 Ficou livre das chammas de Sodoma;
 Assim huma só não salvar se pode
 Das ondas vingadoras do diluvio;
 Assim de Gedeão o seco vélo

IDYLLIO I.

TRistes Mortaes, que estrago lamentavel
Faz em vós a mortifera serpente!

Com boca famulenta a todos fere,

A terra geme envolta em negro luto,

O pranto banha as faces descoradas:

Fugi, fugi do monstro; porém onde

Podereis escapar a seus furores,

Se o terrivel veneno, que respira,

Todo o Universo tem contaminado,

A toda a parte o alito corrupto

A dura morte leva sem refugio?

Oh serpente cruel! oh fatal pomo!

Em que horrivel desgraça, em qual abyssmo

Submergistes os miseros humanos!

Mas serenai, Mortaes, o triste pranto,

Fujão do mundo as lutuofas sombras:

Santos Profetas, Patriarcas Santos,

Que suspirando estais no Limbo escuro,

Levantai as cabeças exultando,

Que a dissipar as trévas principia

A promettida luz: alegres hymnos

As nações cantem, que chorando estavam:

Coroadas de estrellas scintillantes

Já do Libano desce a Mulher forte,

A cuja nova luz fica assombrado

O claro Sol no ponto mais brilhante.

Tom. I.

F

Co.

IDYLLIO II.

Como vem no Orizote descubrido
 A Aurora a roxa fronte!
 Oh como alegre, e bella se vem rindo
 Sobre o florido monte
 Nova luz, novo orvalho hoje derrama,
 Que a bulicosa rama
 Como aljofar guarnece,
 E mais que o crystal puro resplandece.
 Que frondosos estão no Inverno frio
 Os verdes arvoredos!
 Como pura a corrente deste rio
 Sobre os lizos penedos
 Em branca, e crespa escuma vai quebrando,
 E as ondas espalhando
 Em crySTALLINAS veas
 Lambe em remanso placido as arêas!
 Agora que o Dezembro congelado
 Com sereno semblante,
 E não de inchadas nuvens carregado,
 Nos mostra o Sol brilhante,
 Gostai, gostai as humidas ervinhas,
 Manfas ovelhas minhas,
 Que eu cheio de alegria
 Cantarei os louvores deste dia.

Mas

* Fazendo annos a Illustrissima, e Excellentissima S
 mbora D. Teresa Violante de Daun, sendo ainda m

Mas que vejo! Oh prodigio nunca usado!

Na rustica espeffura

A sombra de hum Carvalho alto, e copado;

Que lá da grande altura

Os elevados ramos debruçando

Está sempre amparando

Benefico, e robusto

A era humilde, o mais rasteiro arbufto.

A sombra venturosa vai buscando

Todo o coro das Musas,

Trás dellas as Bacchantes vão saltando

Em coreas confusas:

Huma Ninfa, que ás outras se adianta,

Que nos hombros levanta

Duas azas brilhantes,

Que despede mil luzes scintillantes,

Entre seus braços leva reclinada

Huma tenra Donzella,

Que de candidos lyrios adornada

Lhe traz a fronte bella:

Já num throno de flores, e verdura

A nova formosura,

Mais que todas graciosa,

Assenta reverente, e respeitosa.

Densas nuvens os ramos mais cheirosos

De fumo estão lançando,

Que vai pelo ar com sopros vagarosos

O Zefyro espalhando:

As Musas tocão doces instrumentos,

E com puros accentos

Sentadas sobre as flores

Assim vão alternando seus louvores.

74 OBRAS POETICAS

Bellas Ninfas, que as liquidas correntes
Cortais de Alfeo faudofo,
E vós, Pastores, que adornais as frentes
Do louro glorioso,
Que o Menalo fecundo brota, e cria,
Sabei que neste dia
De glorias todo cheio
Allumiar Tarcine ao mundo veio.

Como brilha em seus olhos a grandeza!
Aquelle alto talento
Dos peitos, em que a sabia natureza
Gerou este portento
Daquelle raro Heroe, que em zelo accezo
Sustem da patria o pezo,
Daquelle illustre filha
Do Danubio, do Tejo maravilha.

Nas vossas frautas soe o nome amado
Da formosa Tarcine,
A repetillo ao valle, ao monte, ao prado
O vosso canto ensine:
Cisnes do Alfeo, soltai doces accentos,
Oh sussurrantes ventos,
Ficai agora quedos,
Emudecei nos verdes arvoredos.

Zefyros, que com sopros lisongeiros
Respirais entre as flores,
As azas levantai, batei ligeiros,
E levai seus louvores
De região em região, de prado em prado,
Para que celebrado
Em toda a parte seja
Este nome a pezar da negra inveja.

Serranas destes montes, e campinas,
 Vinde, vinde ás florestas,
 Colhei rosas, jasmims, colhei boninas,
 Coroai as alvas testas:
 De Tarcine em louvor cantai, Pastoras,
 As cantigas sonoras,
 Com que á sombra contentes
 Cantais vossos amores innocentes.

Não he mais bella a pudibunda rosa,
 Quando entre seus verdores
 Principia a mostrar a cor formosa:
 A luz dos resplandores,
 Que o Sol mostra na fresca madrugada,
 Não he mais engraçada:
 Em sua gentileza
 Mostrou quanto podia a natureza.

Nas subtis redes lhe trazei, Pastores,
 Os lindos passarinhos,
 Medronhos lhe trazei, trazei-lhe flores
 Nos seus proprios raminhos:
 Dos verdes cedros deste valle umbroso
 Colhei o humor cheiroso,
 Lançai-o nestas chammas,
 Que se alimentão nas fragrantas ramas.
 Naiades, que habitais nas puras fontes,
 Erguei sobre as correntes
 Os humidos cabellos, e alvas fronteas,
 Os versos excellentes
 Cantai, silvestres Deoses, lá nas brenhas,
 Retumbe nestas penhas
 Com arte defusada
 Do semicpro Pan a frauta amada.

76 OBRAS POETICAS

Louvem todos a rara formosura,
 Por quem hoje deixamos
 Do sacro Pindo a luminosa altura,
 Que dos gloriosos ramos,
 Que o crystal rega da sagrada fonte,
 Verão cingida a fronte:
 Com som, que o mundo espante,
 Versos dignos de Apollo a Arcadia cante.
 Estas coroas de louro Apollo offrece
 Aos sabios vencedores,
 Elle a ser o Juiz do Pindo desce,
 Vinde competidores,
 Merecei este premio tão glorioso,
 Soe o canto harmonioso,
 Que as croas promettidas
 Pelas irmans de Febo são tecidas.

IDYLLIO III.

Sobre huma densa nuvem prateada,
 Onde por entre globos resplandece
 O rosado esplendor da madrugada,
 Do mais alto do Ceo Hymineo desce:
 A seu lado conduz o Deos Menino,
 E na dextra sustenta a sacra tocha,
 Já nas margens do Tejo crystallino
 Entra no Bosque ás Nupcias consagrado.
 Pelo florido prado,
 Largando aljava, e setas,

Vc

* Aos felices Desposorios do Illustrissimo, e Exceller-
 simo Senhor Conde de Oeiras filho.

'oa brincando a turba dos amores,
 'al como as esmaltadas borboletas
 atendo as leves azas sobre as flores.
 um pezado no tronco de hum loureiro
 urva o flexivel ramo forcejando
 ara se ver nas aguas de hum ribeiro.

Outro mil gyros dando,
 Disputa com o Zefyro ligeiro
 Beijar a fresca rosa,
 ue começa a mostrar a cor formosa,
 m quanto espalhão flores no terreno
 s Ninfas do sagrado bosque ameno.
 huma preclarissima Donzella,

Que na fronte *mimosa*
 te brancos *lyrios* cinge huma capella,
 ts olhos abaixando vergonhosa,
 he tinge as faces o virgineo pejo,
 omo se lhe tocasse o bello rosto
 frouxa luz purpurea do Sol posto.
 em pelas mãos das Graças conduzida,
 'entre os saudosos braços arrancada,
 Da Mãi internecida.

em de hum Mancebo illustre acompanhada,
 uja modestia, cujo grave gésto
 kcede a sua juvenil idade.

' sagrado Hymineo com riso honesto
 ' Cirio nupcial nas mãos de amor
 ãe ornado de flores ao redor,

E o branco Veo lançando
 Sobre os ternos Esposos,
 s castas, santas leis está dictando.
 s Graças os perfumes mais cheirosos

78 OBRAS POETICAS

Lhes estão nas cabeças derramando.
 Alli o Deos das felvas assentado
 Num musgofo penedo, coroado
 De verdes ramos de era,
 Em attenção profunda submergido,
 Como quem suas mágoas considera,
 Diz, soltando hum gemido:
 Ah Mancebo feliz, feliz Esposo!
 Quanto mais do que Pan tu es ditoso!
 Huma Ninfa não segues fugitiva,
 Mas huma terna Esposa, que aos ardores
 De teu peito responde compassiva.
 E se para apurar-te nos amores
 Risonha te fugir, e desdenhosa,
 Será como do Zefyro lascivo
 A namorada rosa,
 Que a huma, e outra parte vai fugindo,
 E a cahir-lhe entre os braços torna rindo.
 O filho de Semele acompanhado
 Do coro das Bacchantes
 Vem de frondosas parras adornado.
 Licores espumantes
 Nos fundos, e enramados cópos lança,
 Ao som de harmoniosos instrumentos,
 Mudando os leves pés ligeiro dança.
 Agora em compassados movimentos.
 As soltas flores piza, agora pula,
 Salta a rama, que a fronte lhe circula.
 O coro a voz levanta
 Suave, e modelada,
 E as canções nupciaes alegre canta,
 Accende Hyminco santo a luz sagrada.

Mas

Mas já os dous illustres Desposados
 Para o Thalamo o Deos vendado guia
 Em chammam amorosas abrazados,
 E cheio de alegria
 Mil exemplos de amor, e de ternura
 Lhes vai notando pelo bosque umbroso.
 Aquí dous alvos pombos na verdura
 Lhes mostra com sorriso malicioso,
 Que as azas enlaçando,
 Unindo os ternos bicos docemente,
 Se estão com mil affagos namorando.
 Alli lhes mostra a era entre os braços
 Do verde chopo preza em firmes laços.
 Vedes, lhes diz, a placida corrente,
 Que murmurando pelo prado gyra?
 São de huma Ninfa lagrimas, que ausente
 Do seu charo Pastor triste suspira.
 Estas sombrias plantas, que a espessura
 Enchem de amenidade, e formosura,
 São Ninfas delicadas,
 Por amores em troncos transformadas.
 Ouvís soltar a voz áquellas penhas,
 Como para queixar-se aos fundos valles?
 He Eco, que inda chora pelas brenhas
 Seus amorosos males,
 Os ingratos desprezõs de Narciso.
 Mas não temas, lhe diz, bella Maria,
 Por tão infausto aviso
 Soffrer da ingratição a tyrannia.
 Nunca suspirarás internecida
 Sem logo ver-te com amor ardente
 De mil doces affagos soccorrida,

80 OBRAS POÉTICAS

Sem que suspire Henrique juntamente.
 Benignos, justos Ceos, se os sacrificios
 Recebeis de meus hymnos numerosos,
 Os meus rogos ouvi, olhai propicios
 Os dous gentís, claríffimos Esposos,
 Que já nos verdes annos respeitando
 Como divino oraculo os exemplos
 Do grande Pai, que o mundo está affombrando;
 Pizando vão com animo sereno
 Da virtude os caminhos espinhosos.
 Fazei que como planta em campo ameno,
 Que dos ramos frondosos
 Brota fecunda os frutos graciosos,
 Se vejão rodeados
 De huma prole feliz, domando os fados.
 Fazei que novos Mellos, e Menezes
 Venhão reproduzir a immortal gloria
 Dos famosos antigos Portuguezes.
 Brotai, troncos illustres, os viçosos
 Pimpolhos em tão casto amor gerados:
 Como os não vereis logo vigorosos
 Pelas mãos das virtudes cultivados!
 A cadea renova amor dourada,
 Conserva Hymineo santo a luz sagrada.

IDYLLIO IV..

A H Fido! amado Fido! Ceos piedosos!
 Aonde, em que lugar chamarei Fido,
 Que aos tristes écos de meus ais responda?
 Ah Pastores da Arcadia, dizei onde
 Fido dos tristes olhos meus se esconde?
 Mas que mágoa, que dor vos emudece!
 Dizei onde, ai de mim! que o pranto amargo
 Nos já cançados olhos vos rebenta,
 As vozes opprimidas *dos soluços*
 Affogais na garganta *balbucientes*.
 Oh Ceos, que angustia o Menalo respira!
 Nestes ares hum som funesto gyra
 De lamentaveis, miseros gemidos.
 Ah Fido! amado Fido! Ceos piedosos!
 Aonde, em que lugar chamarei Fido,
 Que aos tristes écos de meus ais responda?
 Mas que vejo! que tumulto horroroso
 Entre hum bosque de funebres cyprestes
 Nas ribeiras do Alfeo se me apresenta!
 As Ninfas desgrenhadas o rodeão,
 E sobre elle os cabellos espalhando
 Estão rios de pranto derramando:
 Humas letras gravadas lhe diviso
 Detem-te, Caminhante! lê, e chora:
 Aqui jaz Fido, a gloria dos Pastores.

Oh

* A' morte de José Gonçalves de Moraes, chamado na Arcadia Fido Leucacio.

82 OBRAS POÉTICAS

Oh monstro inexoravel, morte dura!
De lagrimas, e sangue nunca farta,
O gentil Fido na viçosa idade
Dos olhos nos roubaste sem piedade.
Alfeo saudoso! como não abalas
Em pezar tanto a gruta escura, e fria?
Como não gemes, como não soluças
Nas limosas arêas estendido?
Como aos Ceos não lançais, troncos, rochedos
Altas vozes de puro sentimento?
Comtigo, Fido, nos roubou a morte
Destes amenos campos a alegria;
Comtigo faleceo o doce canto,
Que as indomitas feras amañçava,
Movia o monte, os ventos refreava.
Oh estrella cruel! destino injusto!
A nossa gloria, o nosso amado Fido
Nos restitue, senão verás em pranto
Desfazer nossas miseras entranhas,
Como o gelo, que desce das montanhas.
Nos verdes braços dos amados choupos
A tua eterna ausencia as vides chorão,
Eu lhe vejo lançar lagrimas tristes.
As rolas solitarias chorão, gemem,
Como se a garra do gavião furioso
Lhe tivesse banhado os charos ninhos
Com o sangue dos miseros filhinhos.
Oh que som lastimoso de ais saudosos
Destes bosque o silencio está rompendo!
Todos chorão perdida a suavidade,
Que nos laços da candida amizade
Benignamente os corações prendia.

Levai nossos gemidos , levai , ventos ,
 Aos campos estrellados , onde Fido
 Croado de outro louro agora assiste.
 Recebe , oh Fido ! o sacrificio triste
 Da faudade , em que o Menalo deixaste.
 Os Pastores da Arcadia , que ru vias
 Cantar alegres hymnos , coroados
 De verdes eras , e cheirosas flores ,
 Agora cantão sô tristes endexas
 Pelos sombrios bosques tão fentidos ,
 Que os valles compassivos lhes respondem.
 De nuvens pavorosas o ar cuberto
 Em sombras amortalha a luz do dia ,
 As flores se murcharão destes prados ,
 Como se o frio Inverno os pés gelados
 Pelos fragosos montes já moveffe.
 O purpureo jacynto , o branco lyrio
 Cahirão sobre a terra amortecidos ,
 Os carvalhos largando as verdes folhas
 Sobre a myrrada relva , a fresca sombra
 Aos armentios , e Pastores negão.
 As sanguinosas feras de magoadas
 Não perseguem as mansas ovelhinhas ,
 E seus roucos bramidos horrorosos
 Mudarão em gemidos pezarosos.
 Oh bellas Ninfas dos sombrios bosques ,
 Cingi as alvas testas de cypreste ,
 Ornai este sepulchro ; cheiros , flores
 Sempre sobre elle derramai saudosas.
 Já que nos largos campos sempre amenos
 Do crystallino Ceo deicaças , Fido ,
 Pizando as claras , nitidas estrellas ,

Este jaspe de ramos ornaremos,
Aqui chorosos versos cantaremos.

IDYLLIO V.

AH Mirtillo, que mal te fez a patria?
Porque deixas a nossa companhia?
Porque dos nossos valles te separas?
Torna, Pastor, a estes campos, torna,
Todos te amão, todos te suspirão.
Que vais buscar ás praias do alto Douro?
Olha que nesses campos a discordia
Tem o impio veneno semeado:
Vê quantos males tem reproduzido.
Que vais buscar ao Douro? Por ventura
Canta-se lá melhor que cá no Tejo?
Será mais fresca a sombra desses valles?
Ou são as suas Naiades mais bellas?
Ah não, não vás pizar estranhos montes:
Estes valles estão por ti chamando,
Os teus valles, os teus paternos campos.
Ah Mirtillo, assim deixas os Pastores,
Que contigo nascêrão, e que forão
Nos innocentes brincos de menino
Teus companheiros, que contigo andarão
Montados nas pacificas ovelhas!
Ou já correndo atrás dos cordeirinhos,
E outras vezes cortando as leves canas
Para colher maçans dos altos ramos,
Ou roubando do ninho as novas aves
Para arar-lhes nos pés o longo fio!

Ah

Ah Mirtillo, que puro amor não gera
 O trato simples da primeira idade!
 Em quanto à fresca sombra destas faias
 Tocavas a sonora, doce fruta,
 Contentamento tudo respirava;
 Mas hoje tudo cheio de tristeza
 Mirtillo com saudade está chamando.
 O dia, em que de nós te separaste,
 Cantou na madrugada o triste mocho;
 Os rafeiros fugindo dos rebanhos
 Uivarão pelos cumes das montanhas,
 E com tristes ballidos se queixarão
 As ovelhas pasmadas pela serra.
 Tu não sabes que mágoa, que desgosto
 Sentem na tua ausencia estes Pastores:
 Juro-te que não vivo mais saudoso
 Da formosa Tircea separado.
 Aqui já pela festa as bellas Ninfas
 Não vem gozar a sombra deste bosque;
 Nem a colher as matizadas flores
 Para os louros cabellos adornarem.
 Aqui já na serena madrugada
 Os rouxinoes não cantão nos loureiros,
 Nem já fazem seus ninhos nestas grutas
 As brancas pombas, as amantes rolas.
 Mas mudou-se Mirtillo destas selvas,
 Falta aqui a doçura do seu canto,
 Tudo falta: elle a furia refreava
 Da imperuosa corrente deste rio,
 Que hoje leva consigo a mesma ponte:
 Elle o raivoso vento suspendia,
 Que hoje soprando com feroz zunido,

86 OBRAS POETICAS

Faz gemer os carvalhos mais robustos,
Desfolha os ramos, e as mimosas flores
Humas deixa por terra amortecidas,
Outras leva quebradas pelos ares.
Oh venturoso Douro, venturoso,
Que á sombra de frondosos arvoredos
Levantas d'entre a placida corrente
A cabeça croada de espadanas
Para escutar a frauta de Mirtillo!
A frauta de Mirtillo, por quem dera
O brando Tejo o ouro das arêas,
Por quem saudoso lagrimas derrama.
Ah Mirtillo, comtigo destes campos
Todo o bem se apartou, toda a alegria,
Anda entre nós a palida tristeza
Espalhando suspiros, e soluços:
Ninguém ouve teu nome, sem que logo
Lhe rebentem as lagrimas nos olhos.
Que dó não faz o ver o teu rebanho
Ao desamparo em mãos de pegureiro,
Que a sono folto dorme sem cuidado?
Mil vezes no redil berrão famintas
As tenras ovelhinhas, outras vagão
Sem guarda pelo espesso, e agreste mato.
Quantas alli o sangue não derramão
Entre as garras do lobo carniceiro!
A tua ovelha branca, e a malhada
Este fim desastrado já tiverão;
A branca era parida de dous dias,
E morrerão á mingoa os cordeirinhos.
Oh que mágoa, que dor nos não causava
O vellos pelas fraldas dos outeiros

Com balidos ainda mal formados
 Chamando pela mái! Ah vem, Mirtillo,
 Vem a cuidar ao menos no teu gado,
 Vem encher estes montes de alegria.
 Aquella liza faia, em que deixaste
 Os teus sonoros versos entalhados,
 Sempre está de mil Ninfas, e Pastores
 Rodeada, das flores mais cheirosas
 Lhe tem os altos ramos adornado,
 E de hum troneo, onde escrito está teu nome,
 Huma capella de era está pendente:
 Vem, Mirtillo, que alli serás croado,
 As Napeas alli te estão formando
 Hum assento de myrtos, e de rosas,
 Vem, amado Mirtillo, vem de pressa
 Desterrar destes campos a faudade.

IDYLLIO VI.

JA' do seio das nuvens carregadas
 Os rigores desata o frio Inverno,
 Já nas selvas os Zefyros suaves
 Dos bravos Aquilões fogem medrosos,
 Os mares indignados se revolvem,
 Eco já não responde ao som da frauta
 Co's bramidos das ondas atordida:
 Aurora já não mostra os horizontes
 Da viva côr das rosas esmaltados,
 Já dos prados sem folhas, e sem flores
 As alvas Ninfas, e Pastores fogem.
 A' sombra deste bosque já despido,

88 OBRAS POÉTICAS

E nas floridas margens desta fonte,
 Que agosta-se vem nuas, e escaldadas,
 As formosas Napeias costumavão
 Enlaçar os jasmins co's verdes myrtos.
 Junto áquella musgosa penedia,
 Que divide a ribeira em dous regatos,
 Vinha cantar á sombra dos salgueiros
 O sabio Coridon * sonoros versos.
 Cuidadosas as Driades ornavão
 O sagrado lugar de varias flores;
 Os troncos enredados de grinaldas,
 Os pendentés festões de ramo a ramo
 Com os sopros do vento balançando
 A habitação das Musas figuravão.
 Sempre terei presente na memoria
 Huma tarde a Pomona consagrada,
 Em que alli Coridon co' a douta fronte
 Coroada de louro, ao som da lyra
 Cantou as graças da fecunda Deosa,
 Os bellos dons da sua mão propicia.
 O prado era cuberto de Pastores,
 E ao redor de hum altar, que estava ornado
 De brancas flores, e dourados frutos,
 Formavão ligeirissimas coreas.
 Aos écos harmoniosos, e festivos
 Respondião de longe os fundos valles;
 Mas soltou Coridon a voz divina,
 Diffundio-se hum silencio pelo bosque
 Como das sombras da serena noite.
 D'entre as aguas as Naiades erguêrão

* O Senhor Pedro Antonio Correa Gacção.

As limofas cabeças, fuspendidos
 Pelos ramos os Zephyros ficarão,
 E lá de quando em quando as leves azas
 Batião brandamente, parecendo
 Que os sonoros accents applaudião.
 Oh sezão defabridá, que despojas
 Com o alito gelado os ferteis campos
 Dos thesouros da verde Primavera!
 Que affugentas dos montes, e dos valles
 Os Pastores, os miseros rebanhos!
 Como a nua espessura está deserta!
 Como dos feros Aquilões fogosos
 Tem o bafio crestado a branda relva!
 Alveja pelos montes a geada,
 Estão os secos troncos goteando
 Como as grutas dos humidros rochedos.
 Lá no valle da fonte se divisa
 De Coridon a choça rodeada
 De altos loureiros enredados de era,
 Que tu, Inverno, destruir não podes.
 Por entre o colmo lança o fumo leve.
 Ah sabio Coridon, que em doce abrigo
 Ao amigo calor de hum brando fogo
 Gozas da paz, que habita com o justo!
 Talvez que ao lado da formosa Filis
 Tocando estejas a canora lyra,
 Em quanto a casta Ninfa huma capella
 Fabricando te está de louro, e murta.
 Ah quem pudesse, Coridon amado,
 Ir gozar do teu canto deleitoso!
 Mas tu moras, Pastor, além do rio,
 E cobre as pontes a invernoza enchente.

Nem a chamma ateadada em fecos troncos,
 Quando a branca geada os montes cobre,
 Como hum sincero, virtuoso amigo.
 A quem darei louvores, a quem versos,
 Senão a ti, Pastor, que o santo laço
 Sabes ligar da candida amizade,
 Que es das Mufas amado, e os versos amas?
 Tu, que habitando em levantado tecto,
 A que rodeão os rosaes corados,
 E os floridos pomares, não desprezas
 Os miseros humildes, e te dignas
 De visitar a minha pobre gruta.
 A ti, sabio Pastor, a ti, bom Silvio,
 Que nas regras do canto, e da cultura
 Por Mestre Coridon te reconhece.
 Os grandes Deoses tem abençoado
 Teus enxames, teus campos, e rebanhos,
 Os grandes Deoses, porque nunca deixão
 Sem recompensa o justo. De teus prados
 As puras fontes são o refrigerio
 Do sequioso, e lasso caminhante.
 As arvores copadas, que da calma
 A porta da cabana te defendem,
 Debaixo offrecem dos frondosos ramos
 Huma propicia sombra aos infelices.
 Goza, amado Pastor, em paz serena
 Dos copiosos frutos de teus campos,
 (Que de tuas virtudes são o premio)
 Hora na tarde do Verão calmoso
 Tocando á sombra dos amenos valles
 A' desejada avena, com que encantas,
 Hora sentado á saborosa meza

Adornada de folhas, e de flores
 Com a verde grinalda sobre a fronte,
 Gostando do cheiroso dom de Baco
 Nos entalhados cópos, que lavrara
 A d'estra mão do grande Alcimidonte.
 Eu não busco searas, nem rebanhos,
 Nem que o meu nome na futura idade
 Admirado repita o patrio Tejo:
 Basta-me só que sejam, charo Silvio,
 A teus ouvidos gratos os meus versos.
 Assim cantou alegre o pobre Alcino,
 E depois reclinado sobre a relva
 Gozou do quente Sol em doce sono.

IDYLLIO VIII.

A Mor gritando vaga pela selva,
 Não armado de setas venenosas,
 Nem do terrivel arco, que costuma:
 Huma grinalda de vermelhas flores
 O cabelo lhe cinge crespo, e louro,
 Dos tenros hombros huma lyra de ouro
 Pender-lhe vejo em lugar de aljava,
 E com voz apressada vai dizendo:
 Ah Pastores, Pastores, correi todos
 A' floresta dos myrtos, á floresta,
 Consagrai vossos versos, vosso canto
 A' formosa, á bellissima Amariles:
 Celebrai suas graças, e virtudes,
 Amariles louvai, que eu vos prometto,
 Que o que levar a croa em seus louvores

Do.

94 OBRAS POETICAS

Doce emprego ha de ser de seus amores.
Oh premio nunca usado nas contendas!
Quem será tão feliz, e tão ditoso,
Que alcançar possa tanto da ventura!
Oh femicapro Pan, inspira, inspira
Hum desusado som na minha lyra,
Faze-me vencedor, que em teus altares
Sobre o fogo do cedro mais cheiroso
Te sacrificarei huma novilha
Mais formosa, e mais branca do que a neve.
Faze que eu da contenda a palma leve.
Mas oh que já diviso na floresta
A formosa Amariles entre as graças!
Oh que estranha, que rara maravilha!
Floridos ramos de cheirosas murtas
Lhe formão brando assento, hum gentil bando
De Genios, e de Ninfas a rodea:
Humas terreiros juncão de espadanas,
Outras vão pelos troncos pendurando
Muitos festões de rosas, e boninas,
E dos ares os Zefyros voadores
Espalhão novas, e cheirosas flores.
Oh como a todas vence a luz brilhante,
Que em seus preciosos olhos reverbera!
Assim a luz do Sol, quando amanhece,
Os raios das estrellas escurece.
Mas Amor a seu lado já se assenta
Para ser o Juiz, e já se escutão
Sonoras vozes, doces instrumentos.
Qual será o feliz, que leve a palma?
Mas ai que Amor também tempera a lyra,
E para contender já se prepara.

Ah

Ah Pastores, fugi, que Amor tyranno
 Nos intenta tocer hum novo engano.
 Quem poderá fazer-lhe competencia,
 Sem que fique abatido, e envergonhado?
 Qual ha de ser a mão tão atrevida,
 Que as cordas hoje 'fira sem que trema?
 Qual de vós cantar póde de Amalires,
 Quando o mesmo Amor canta seus louvores?
 Ah deshumano Amor! Vede, Pastores,
 Como de nós o impio se está rindo.
 Ah deshumano Amor! se tu queras
 Contender pelo premio, que offreceste,
 Porque Orfeo não buscaste por contrario,
 Ou o louro Pastor do claro Anfrizo?
 Que estranho, que subtil modo inventaste
 De zombar dos Pastores innocentes!
 Todos se escondem cheios de vergonha,
 Lançando vão por terra as doces frautas.
 Já das tremulas mãos me cahe a lyra;
 Mas fica embora, inutil instrumento,
 Exposto do desprezo á infame pena,
 Já que o maligno Amor affim o ordena.

IDYLLIO IX.

JA' lá sinto rugir das aveleiras
 As bolicosas folhas, já escuto
 Hum rumor leve de subtis pizadas:
 Entre as confusas ramas já diviso
 Mover-se hum vulto: se virá Tircea?
 Por mais que affirmo a vista não distingo.

Ora

96 OBRAS POÉTICAS

Ora lá se encubrio agora a Lua
 Mas oh quanto o desejo vão me engana!
 Huma ovelha he perdida da manada,
 Lá vai balando pelo valle abaixo.
 Mas eu deliro, ou sonho? Que pondero?
 Oh quanto da saudade o golpe fero
 Os sentidos me opprime, e me confunde!
 Eu não julgava agora que este valle
 Era aquelle feliz, e deleitoso,
 Onde a minha Pastora sempre espera?
 Que esta sonora fonte, que murmura
 Entre cheirosas flores, e verdura,
 Cuberta de sombrios arvoredos,
 Era aquelle lugar, aonde a calma
 Costumamos passar da ardente festa?
 Quem vio já fantazia mais confusa!
 Oh poderoso amor, quanto me enleias!
 Oh quem pizára agora os venturosos
 Campos, que os resplandores luminosos
 Dos olhos de Tircea estão gozando!
 Quem víra agora o seu formoso rosto!
 Oh quem sequer ao menos escutára
 Os conhecidos ladros, os balidos
 De suas ovelhinhas, e rafeiro!
 Oh duras penhas, oh sombrios valles,
 Que meus saudosos ais estais ouvindo,
 Se agora aquelles bellos olhos visseis,
 Por quem meu coração tanto suspira,
 Verieis de repente a roxa Aurora
 Verter o fresco orvalho sobre as flores,
 Raiar o louro Sol nos horizontes,
 E enriquecer de luz os altos montes.

Parece-me, Tircea, que te vejo
Deixar na fonte o cantaro vazio,
E na mais alta penha dessa praça
Subida estar os olhos estendendo
Cheios de pranto para as altas serras,
Onde tão larga ausencia estou chorando.
Que saudosa dalli estás chamando:
Alcino, Alcino; quem de mim te aparta?
Parece-me que te ouço a voz magoadá
Já de ingrato accusar-me, de esquecido;
Que vás depois no valle suspirando,
E que alli muitas vezes estás lendo
Os amorosos versos, que nos troncos
Eu escrevi na amarga despedida.
Oh Pastora mais firme do que os montes,
Mais amante, mais terna do que as rolas,
Mais perfeita, mais candida; e formosa,
Que a pura neve, que a vermelha rosa,
Só por ti, eu o juro a estas penhas,
Só por ti ha de amor dentro em meu peito
Cravar as setas, accender as chammás.
Só por ti meus suspiros serão dados,
Só por ti chorarão de amor meus olhos,
Meus olhos, que por esses tão formosos
Agora estão chorando tão saudosos.

IDYLLIO X.

PRaias, que banha o Tejo caudaloso,
 Ondas, que sobre a arêa estais quebrando,
 Ninfas, que ides escumas levantando,
 Escutai os suspiros de hum saudoso.

E vós também, ó concavos rochedos,
 Que dos ventos em vão sois combatidos,
 Ouvi o triste som de meus gemidos,
 Já que de amor callais tantos segredos.

Ai, amada Tircea, se eu pudêra
 Os teus formosos olhos ver agora,
 Que de pressa o pezar, que esta alma chora,
 No gosto mais feliz se convertêra!

Oh como então ficaras conhecendo
 Quanto te amo, se visses a violencia,
 Com que estão de meus olhos nesta ausencia
 As saudosas lagrimas correndo!

Tanto neste pezar, que estou sentindo,
 O triste coração se desfalece,
 E tanto me atormenta, que parece
 Que ao soffrimento a alma vai fugindo.

Mas oh qual ha de ser a crueldade
 Deste terrivel mal, em que ando envolto,
 Se a qualquer parte em fim, que os olhos volto,
 Imagens estou vendo de saudade!

Huma serena tarde já Sol posto
 Te vi sobre esta penha estar sentada:
 Alli naquella fonte prateada
 Estiveste banhando o alvo rosto.

Dalli de quando em quando os olhos bellos
Movidos com tal gesto me voltavas,
Que em cada movimento asseguravas
Huma nova esperança a meus disvelos.

Alli na branca arêa se estão vendo
Ainda, doce bem, tuas pizadas,
Que entre as outras, que vejo affinaladas,
Estou distintamente conhecendo.

Vê como vivamente andas impressa
Nesta alma, que por ti se abraza amante;
Mas nem amor ao meu ha semelhante,
Nem outra, que contigo se pareça.

Por ti sempre dos olhos desatando
As lagrimas estou nestes retiros,
Entre soluços mil, e mil suspiros
Em vão ando o teu nome derramando.

Nesta praia não ha, nem pelo prado
Rustica penha, ou arvore sombria,
Tenra flor, duro tronco, ou fonte fria,
A quem por ti não tenha perguntado.

Talvez se visses quanto sinto ausente,
Tivesses dó de ver-me em tal tormento;
Mas que importa que vejas meu lamento,
Se já teu peito ingrato amor não sente.

Vem colher deste prado as bellas flores,
Vem gozar destas sombras a frescura,
Mostra-me ao menos tua formosura,
Inda que armada de crueis rigores.

Qual a confusa nevoa, que escurece
Na luz da madrugada os horizontes,
Que logo dos floridos, e altos montes
Com a vista do Sol desaparece,

100 OBRAS POETICAS

Assim eu neste misero desgosto
O pranto, que desato pela terra,
De meus saudosos olhos se desterra,
Quando o Sol lhe apparece de teu rosto.
Ah se pudeesses ver, doce inimiga,
O estrago, que me causa esta saudade,
Póde ser que o impulso da piedade
Te obrigasse ao que o amor te não obriga.

ELEGIA.

PAstores, que no campo dilatado,
Que banha o Lima claro, e deleitoso,
Cuidadosos guardais o manso gado,
Ouvi todos o canto pezaroso,
Que entoa a triste voz desta Elegia,
Vereis de Olivo o caso lastimoso.
Olivo, aquelle Olivo, que algum dia
Os vossos frescos valles habitava,
Servindo-vos de doce companhia:
Aquelle Olivo meu, que tanto amava,
Por quem em vão com triste pranto régo
Esta arêa, que o brando Tejo lava:
Aquelle, que deixando o rude emprego,
A ser por outros Mestres ensinado,
Passou aos ferteis campos do Mondego:
Aquelle, que por sabio respeitado
Foi naquella Cidade antiga, e forte,
Por onde o Tejo passa já salgado:

Est

Este vosso Pastor o fatal córte
Na mais perfeita flor da breve idade
Exprimentou da feia, e dura morte.

Tal mágoa nos deixou, tanta piedade,
Que nem nas praias Ninfa sem lamento,
Nem Pastor ha nos campos sem saudade.

Porém vós neste golpe tão violento,
Que nós choramos todos tristemente,
Poupastes grande parte ao sentimento.

Elle entre nós morreo, de vós ausente,
E a mágoa, de que a vista não se informa,
Tambem no coração menos se sente.

Verieis em que a vida se transforma,
Se visseis como a grande enfermidade
Lhe pôde horrorizar a gentil fórma.

Que coração a tanta adversidade
Pôde ver ao amado Olivo exposto,
Que impulsos não sentisse de piedade?

Macilenta, perdida a cor do rosto,
Já dos olhos a luz amortecida,
O respirar sem tempo, e descomposto:

A falla na garganta reprimida,
O alento de todo quebrantado,
Da boca toda a graça em fim perdida.

Affim o triste Olivo neste estado
Conforme, e num feliz conhecimento,
A vida deo a quem lha tinha dado.

E sempre o seu eterno apartamento
Celebrado será com triste pranto,
Em quanto houver no mundo sentimento.

Quem vivirá sem mágoa em pezar tanto?
Roubar-nos pôde a morte resoluta

102 OBRAS POÉTICAS

Hum Pastor, que foi sempre em tudo espar

Vencia os mais sagazes na disputa,
O mais déstro Pastor tambem vencia
Em baile, canto, fruta, barra, e luta.

Quando a sonora fruta elle tangia,
Parece que estes montes abalava,
Que deste rio as aguas suspendia.

Tinha hum agrado tal, quando fallava,
Que a vontade da mais livre Pastora
De amor aos doces laços sujeitava.

Nesta praia no valle a toda a hora
Estava brandos versos espalhando
Ao doce som da cythara sonora.

Inda agora se estão sempre escutando,
Que os Satyros lascivos seus amores
Com tão suaves versos vão cantando.

Suspendei, ó Selvagens amadores,
Suspendei vosso canto namorado,
Não dobreis o tormento a nossas dores.

Elle por seu saber era estimado
Dos nossos Maioraes, como entendido,
Não como guardador do pobre gado.

De todos era tão appetecido
Este Pastor famoso, que perdemos,
Que na perda por todos he sentido.

Na maior magoa em fim todos vivemos
Depois que por decreto das Estrellas
De tanto bem a falta conhecemos.

Já nenhuma Pastora das mais bellas,
Nem ferrano das alvas pelles veste,
Nem já tecem de rosas as capellas:
Só croados de ramos de cypreste

Andão amargamente suspirando
Pelo deserto monte, e mato agreste.

Famintas no curral estão berrando
Algumas das ovelhas, e cordeiros,
Outras os semeados vão pastando.

Balindo pelas fraldas dos outeiros
Andão outros das mãos desamparados,
Sós, expostos aos lobos carniceiros.

He tal a confusão por estes prados,
Que andão de mágoa os tristes guardadores
Esquecidos de si, e de seus gados.

Sem remedio senti, chorai, Pastores,
(Que fostes n'outro tempo tão ditosos)
De tanto bem perdido as cruéis dores.

E vós, Alma gentil, por quem saudosos
Os tristes olhos meus estão chorando,
Do feliz bem de ver-vos desejosos:

Vós, que a luz de outro Sol estais gozando,
E sobre outra verdura, outras boninas,
A' sombra de outros freixos descansando:

Vós, que pizais ditosa outras campinas,
Outros montes, e valles, e estais vendo
De outras fontes as aguas crystallinas:

Vós, que n'uma paz santa estais vivendo
Lá onde eternamente o bem se goza,
Sem mudanças da sorte estar temendo:

Vivei lá sem nos ver, Alma ditosa,
Em quanto o certo fim se não apressa
Da nossa vida triste, e trabalhosa.

Pastores, se quereis que se conheça
Todo o bem, que perdestes, toda a gloria,
Com vosso amargo pranto o Lima cresça.

E porque tão funesta, e triste historia
 Sempre seja de lagrimas motivo,
 Nos troncos escrevei para memoria
 Hum leteiro, que diga: *He morto Olivo.*

C A N Ç Ã O.

A O pensamento vinde, meus cuidados,
 Vinde, minha gostosa companhia,
 Tão amaveis, q̃, quando mais lembrados,
 Mais minha gloria sois, minha alegria.
 Doce emprego, recreio delicioso
 Das largas horas, em que vivo ausente
 Da soberana luz, por quem anciôso
 Hora suspiro triste, hora contente.
 Doces, doces cuidados, que á memoria
 Me trazeis num momento tanta gloria.
 Que vivamente estou na conjectura
 Aquelles graciosos olhos vendo,
 Que movendo-se cheios de ternura,
 Mil segredos de amor me estão dizendo.
 Os dourados cabellos, que voando
 Representão do Sol os resplandores,
 Aquella gentil boca, que callando
 Me diz num sô suspiro mil amores,
 Aquella formosura incomparavel
 Mais que tudo a meus olhos agradavel.
 Para quem vive ausente suspirando
 Não ha gloria maior, não ha ventura
 Como estar solitario recordando
 Do bem amado a graça, a formosura:

As

As promeſſas , a fé , os juramentos ,
 A ternura , as finezas , e os agrados .
 Oh cauſa de tão doces penſamentos !
 Oh motivo gentil de meus cuidados !
 Gloria não tem , e goſto não respira
 Quem de amor por teus olhos não ſufpira .

Nunca depois da noite tenebroſa
 A manhã orvalhando as tenras flores
 Me foi tão bella como a luz formoſa
 Me he ſempre de teus claros reſplandores .
 Nunca na tempeſtade o navegante
 Tanto ſufpira pelo porto amigo ,
 Como eu , ó bella Ninfa , a todo o instante
 Suspiro por te ver , e eſtar contigo .
 Oh mal haja o poder do injuſto fado ,
 Que me traz de teus olhos ſeparado .

Vem ver-me no deſerto deſta praia ,
 Aonde por ti vivo ſufpirando ,
 Vem , Tircea , que á ſombra deſta faia
 Em amor eſtaremos praticando .
 Aqui verás o Sol na agua eſconder-ſe ,
 Eſmaltando de roxo os orizontes ,
 Scintillar as eſtrelas , e ſó ver-ſe
 A mal diſtinta luz nos altos montes :
 Tronco aqui não verás , nem branca arêa ,
 Em que o teu doce nome ſe não leia .

E logo a minha cythara tangendo ,
 E tu a ſonorofa voz ſoltando ,
 Verás as bellas Tagedes erguendo
 As douradas cabeças goteando :
 Virão as brancas ondas dividindo
 Até na branda arêa pé tomarem ,

106 OBRAS POETICAS

Os Delfins as virão logo seguindo
 Para nossos accents escutarem :
 Aqui verás Amor colhendo flores
 Só para nos ouvir cantar de amores.

O' graça de meu canto, e minha lyra,
 Esperança, ventura, luz, e gloria,
 Por quem meu coração tanto suspira,
 Sempre te trago impressa na memoria;
 E se acaso algum leve esquecimento
 Me tece a inconstante fantazia,
 Logo torna a buscar-te o entendimento,
 Assim como o sequioso a fonte fria:
 Ver-te do pensamento separada
 Hum instante não posso, Ninfa amada.

Quantas vezes entre estes arvoredos
 Proferindo o teu nome a voz levanto
 A chamar-te: estes asperos rochedos
 Me ajudão condoidos de meu pranto!
 E quantas entre idéas enganosas
 Se me está vivamente figurando
 Que te digo mil queixas amorosas,
 Que me estás com branduras consolando,
 Que me juras de ser sempre constante,
 Que eu te affirmo de ser eterno amante!

Voa, Canção, aos olhos, que eu adoro,
 Dize-lhe, Canção, dize que te leião,
 E que premio não quero do que choro
 Mais do que por verdade só te creião.

O D E I.

VInde batendo as azas luminosas,
 Espiritos Celestes,
 A minha alma accendei de hum santo fogo,
 Regei a minha lyra,
 Sobre ella derramai alegres hymnos.
 Espiritos Celestes,
 Fazei que minha humilde voz terrena
 Com som, que mova as penhas,
 O nome do Senhor exalte, e louve,
 Do Senhor, que piedoso
 Muda os terriveis, tempestuosos ventos
 Em viração suave,
 E os bramidos das ondas arrogantes
 Em placido silencio:
 Que tendo sobre os Astros alto throno,
 Em cuja augusta face
 Baixão os olhos timidos os Anjos,
 Vem como humilde servo
 Habitar huma toçca, e pobre lapa
 Na morada terrestre.
 Tu, ó Jerusaleem, a vasta fronte
 Levantarás cingida
 De torres de rubins, e de esmeraldas,
 Hoje verás teus muros
 De porfido, e diamantes refulgentes.
 Vem, Aquilon benigno,
 E derrama os teus sopros sobre as flores,

EC.

108 OBRAS POETICAS

Espalha os teus aromas.
 Povo da Redempção; ó gente santa,
 Já de furor armado
 Não vereis o Senhor, que formidavel
 Sobre os hombros sustido
 Dos Querubins, cercado de medonhas,
 E fuzilantes nuvens
 Submergia as nações mais arrogantes.
 Já sua voz não soa
 Como espantosa, horrivel tempestade,
 A cujo som se arrancão
 Os peçados rochedos, as montanhas,
 E derretidos correm
 Como as grossas correntes despenhadas.
 Já o soberbo monstro
 Lá no profundo abyfmo irado geme,
 Assim como o furioso
 Euro agita as ondas do Oceano,
 Que irritadas bramando
 Cobrem de crespa escuma o veloz carro,
 Hora affrontando os ares,
 Hora batendo na deserta praia,
 E diz com voz horrenda:
 Do Tartaro profundo habitadores,
 Já o Antigo de dias
 Mandou á terra o promettido Filho:
 Chegou nossa ruina,
 Já chovêrão os altos Ceos o Justo,
 Já o grande prodigio
 Vaticinado ha tanto dos Profetas
 Em Belém se começa.
 Generá nosso Imperio destruido.

Já foão as pizadas
 Do Principe, que a paz euangeliza.
 Ai de mim! que faremos!
 De Israel as reliquias se salvarão,
 O mundo se gloria
 Ouvindo a voz terrivel, e impaciente
 Do monstro enfurecido.
 Entoai doces hymnos, gente santa,
 Vedê, vede os despojos
 Do braço do Senhor, que vem remir-nos.
 De Cizon a corrente
 Os cadaveres leva arrebatados
 Dos soberbos tyrannos.
 Minha alma se enche de prazer immenso,
 Vendo os novos triumphos.
 O Senhor destruiu seus inimigos,
 Elles desaparecem
 Como aos sopros do vento as secas folhas.
 Já vês, Jerusaleem,
 Cidade do Senhor, o suspirado
 Principe de Israel:
 Já nos teus montes soa a voz confusa
 Da multidão amiga,
 São os Reis das nações, que reverentes
 Vem beijar tuas plantas,
 E já de teus Altares sóbe o fumo
 Ao Senhor agradavel.
 Invocai, invocai seu grande nome,
 Oh gentes venturosas.
 Porém que portentosa luz me cerca!
 Que escondidos mysterios!
 A fraca vista já soffrer não póde

110 OBRAS POETICAS

Tão luminosos raios.
Tudo louve o Senhor, que a resgatar-nos
Desce da sua Gloria,
Que vem quebrar as asperas cadeias
Da escravidão da culpa.

O D E II. *

E Spirito Divino,
Que para annunciar altas verdades,
Sobre os fracos mortaes chover fizeste
Linguas de vivo fogo,
Com hum raio de luz minha alma accende,
Diffipa as negras sombras, que me cercão,
Que a minha rude lyra
Vai celebrar do Altissimo a grande obra.
Sião, Monte Sagrado,
Todo cheio de gloria, onde a grandeza
O Senhor das batalhas manifesta,
Ao pé de seus Altares
Prostrado inclina a fronte respeitosa,
Os ares rompe com alegres cantos,
Que já os campos do ermo
O suspirado fruto produzirão.
Sinai inacessivel,
Já mais não tremerás de pavor cheio,
Ouvindo retumbar nas fundas brenhas
Espantosas trombetas.

Já

* Ao Santissimo Natal.

Já cercada de nuvens fuzilantes
Não verás a terrível Magestade,
De cuja irada vista
Fugirão derretidos os rochedos.
Exultai, ó nações,
Que já nasceo o Principe supremo,
Tão suspirado das escravas gentes.
Já da calamidade
Os infelices tempos acabáráo,
Já do mundo fugirão os delictos,
Raiar a luz já virão
Os que as medonhas trévas habitavão.
Já brilha aquella Estrella
Do constante Jacob vaticinada,
O promettido orvalho derramarão
Os piedosos Ceos.
A terra produzio o Redemptor,
No meio do deserto se levanta
Espantando as nações
Nova Jerusaleem de luzes cheia.
Ergue, Cidade Santa,
Ergue a fronte das cinzas sacudida,
Olha como assombrado o Universo
Tua gloria contempla.
Da multidão estranha o tropel soa
Ao redor de teus muros levantados:
Olha como a teus pés
Os poderosos Principes se prostrão.
Vê como de Israel
Os tyrannos, soberbos oppressores.
Confundidos cahirão de seus thronos.
Cessarão nossos gritos.

112 OBRAS POETICAS

Reina a paz, e o silencio sobre a terra;
O Senhor lhes quebrou o fatal sceptro,
 Cujo pezo opprimia

Os miseraveis, os escravos povos.

 Eis-aqui, gente fanta,
Eis-aqui o pacifico Cordeiro,
Que vem dos Sacerdotes as estolas
 Tingir de vivo fangue.

Eis-aqui o Senhor, a cuja vista
O Inferno treme, treme o firmamento,
 Que desce de seu throno
Para habitar das lagrimas o valle.

 Huma tosca caverna
He a morada deste Rei supremo,
Que fez sahir do chaos o Sol, e a Lua:
 Humas humildes palhas

São o dourado berço, em que descança,
Dous brutos o acompanhão reverentes:
 São vís trajas de servo

A purpura brilhante, em que se envolve.
 Aonde estás, soberbo,
Aonde estás, tyranno, infernal monstro,
Que presumias ser igual ao Eterno,
 Dizendo que alto throno

Sobre o Sol, e as Estrellas erguerias?
O Senhor abateo o teu orgulho.
 Já os mortaes não gemem

Em teus indignos ferros maneatados.

 Sim, audaz inimigo,
Tu desappareceste da sua vista
Como do irado vento o leve fumo.
 De teu fatal destroço

é do Libano os cedros se glorião,
 los abyfmos cahifte despenhado.

A teu aspecto horrivel
 O Tartaro tremeo espavorido.

Este Divino Infante,
 que sustenta a seus peitos huma Virgem,
 destruir veio o teu funesto Imperio.

Senhor, teu nome seja
 he hum seculo a outro seculo bemdito,
 lá desde o Oriente até o Occaso:

Louvem-te os altos montes,
 Os salterios, as cytharas te louvem.

O D E III. *

O Santo amor da patria, que ultrajado
 Com tristes queixas a minha alma fere,
 Soltar me manda o som desentoadado,
 ncioso o coração vozes profere:
 he o grande José a luz divina,
 que meus versos inspira, que me accende,
 que me enche de furor, que me illumina.

Vós, soberano Rei, que defendido
 or esse braço sois tão invencivel,
 que se os olhos só move enfurecido,
 berreter os rochedos lhe he possível.
 Oh monstros de cruel atrocidade!
 m vão levantareis o braço infame,
 m vão contra a fagrada Magestade.

Os

Celebrando a Arcadia a preservação da preciosa vida
 de Sua Magestade Fidelissima.

114 OBRAS POETICAS

Os pezados sepulchros aba'ando
 As cinzas dos antigos Porruquezes,
 Impacientes vingança estão clamando:
 Vós, Nunos, Albuquerquez, vós, Menezes,
 Erguei as testas frias, e myrradas,
 Inda tintas de sangue em triste pranto
 Do rosto banharcis as cans honradas.

Levantai os intrepidos semblantes,
 Que mostrastes na mais guerreira empreza,
 Cheios de pó, de furias arrogantes,
 Vede a fidelidade Portugueza
 Gemer envolta em horridos desfouros:
 Sim, vede a mão da infame rebeldia
 Arrancar-lhe da frente os sacros louros.

Oh! que Marrona bella, agigantada,
 De altas torres a vasta frente croa,
 Vertendo triste pranto desgrenhada,
 Com gemidos, com ais os Ceos atroa?
 He Lysia, he Lysia; e como geme afflicta,
 Hora brama impaciente, hora se espanta,
 Os olhos põe no Ceo, justiça grita.

Horror fatal! abominavel erro!
 Cruel ingratição de filho enorme,
 Que no paterno sangue tinge o ferro!
 Que espessa nuvem com trovão disforme
 A huma, e outra parte raios lança!
 Já se rasga, e no seio ardente mostra
 Com mão armada a rigida vingança.

Ella faz levantar hum som terrivel
 De gemidos, e gritos espantosos,
 Já descarrega irada o golpe horrivel,
 Despedaça os rebeldes horrorosos,

Já os devora a chamma enfurecida,
 O mar se empola, já batendo as praias
 Vem a forver a cinza fementida.

Para as limofas grutas vão fugindo
 As Tagedes de fulto, e pavor cheias,
 O Tejo as bravas ondas impellindo,
 Ao ar levanta tumido as arêas:
 Já bate nos rochedos escabrosos,
 Já rasga o fundo abyfmo, ao Lethes manda
 Os veftigios dos monftros horrorofos.

Principe soberano, dom gloriofo,
 Que para augufto amparo o Ceo nos deo,
 Ao voffo povo vinde, que amoroso
 Por vós tão fieis lagrimas verteo:
 Elle cheio de alvorçoço vos espera,
 Voffa prefença lhe he mais agradavel,
 Do que a verde, e florida Primavera.

Vede-o, Senhor, enchendo os altos ares
 De alegres cantos com prazer immenfo,
 Fazendo levantar fobre os Altares
 Espelfas nuvens de devoto incenfo,
 Erguendo aos Ceos o voffo nome augufto
 Entre as vozes dos hymnos facrosantos:
 Oh Pai da Patria o mais piedoso, e jufto!

Vós não levais rompendo os crepitantes
 Incendios entre nuvens de poeira
 Voffos vaffallos a morrer constantes:
 Coroado de pacifica oliveira
 Já pelo Templo entraes da immortal gloria,
 Os Affonfos, os Sanchos escrevêrão
 Com o fangue dos povos a memoria.

Já triunfante, já defaggravada

Vejo

116 OBRAS POÉTICAS

Vejo a fidelidade, que a luzente
Frente de brancos lyrios traz ornada;
Sobre huma roupa ondosa, e transparente
Cinge huma banda de purpureas rofas,
Ao vosso throno sóbe, a mão vos beja:
Oh como rompe em vozes amorosas!

Ella vos diz, Senhor, que o desgraçado
Sangue, que profanou os seus altares,
He todo finalmente derramado:
Que já mais estes horridos defares
Não receeis, e que esta atrocidade
Mais accendeo nos vossos bons vassallos
As inviolaveis chammas de lealdade.

Sim, crede, todos querem impacientes
Illustrar os seus nomes, derramando
O fiel sangue por vós: que combatentes,
Ou que monstros farão no maior damno
Temer os Portuguezes, quando devem
Defender seu Augusto Soberano?

Oh que vozes de jubilo fahidas
Do interior da alma os ares vão rompendo!
As donzellas de gosto internecidas,
Os meninos as tenras mãos batendo
Repetem vivas. Ah cantai louvores
Do braço, que salvou o nosso Augusto
De entre as mãos de tão barbaros traidores.

O D E I V . *

Lusitania feliz! que venturoso
 Seculo te croou de maravilhas,
 Que todo o Universo está espantado
 do esplendor glorioso, com que brilhas
 Em voo levantado?

cabeça cingida de altas torres
 rguendo vás das cinzas sacudida,
 ls dilatados membros já guarneces
 as galas de labor, que prevenida

Pela mão propria tece.
 'ês descansar á sombra das Leis santas
 s candidas virtudes luminosas,
 em que as affuste a barbara injustiça:
 ês cortar as gargantas venenosas

Da Hydra da cubiça.
 fangue infame pizas já vingada,
 fangue da execranda rebeldia,
 ue levantando o braço sedicioso,
 uiz manchar com sacrilega ousadia

Teu nome glorioso
 sobre os aureos thronos resplandecem
 uas artes, que longo tempo viste
 emer sem reverencia, amortalhadas
 as feias trévas de huma noite triste,

Dos louros despojadas.

Tom. I.

I

Que

Celebrando a Arcadia o despacho do Illustrissimo .
 Excellentissimo Senhor Conde de Oeiras.

118 OBRAS POETICAS

Que poderosa mão, que braço forte
Do feio te arrancou da sombra escura,
E pôde levantar-te a tanta gloria,
Que hum trofeo tão sublime te pendura

No templo da memoria?

Tu es, excelso Conde! A Patria chara
Fizeste assombro das Nações estranhas:
Parece que alterado o Luso clima
Os thesouros produz, que nas entranhas

O Ganges rico anima!

Ah povos, que soffreis da dura guerra
As impias, as fataes calamidades,
Que do ferro inhumano devastadas
Vedes vossas campinas, e Cidades

Em chammas abrazadas!

Se viveis debaixo dos auspicios
Deste alto Heroe, o fruto delicioso
Gozáreis da feliz tranquillidade.

Nós vivemos no feio venturoso

Do amor, e da piedade.

Vós, Talentos, a quem do Pindo o coro
Altos versos inspira, do famoso
Vencedor dos obstaculos terriveis,
Eternizai o nome glorioso

Com hymnos apraziveis.

Oh magnanimo Rei! de vós recebe
Este peito incansavel, e constante,
Este espirito grande a luz, que o guia,
Assim como o Universo o Sol brilhante

C'os raios allumia.

A vossa augusta mão lhe cinja a fronte
Com o louro devido a seu talento,

lustrai deste Heroe a nobre historia,
 que em premiar o seu merecimento

Augmentais vossa gloria.
 Agrada Providencia, que piedosa
 á de cima dos pólos estrellados
 spalhais sobre os Póvos a abundancia,
 protegeis os Reinos dilatarados

Com prompta vigilancia,
 stendei, estendei as azas de ouro
 sobre o Conde sublime, que zeloso
 o amor da Patria o coração accende.
 luito o nosso descanso venturoso
 Da sua vida pende.

O D E V . .

M Usa, em favor da candida verdade
 Em meu seio os thesouros deposita
 Do alto furor, que vai a toda a idade
 svando a fama escrita
 os Gamas, dos Eneas, dos Ulysses.
 os progressos felices
 o Illustre Mendonça decantado
 evo cantar em verso levantado.
 O primeiro, que exposto ao rijo vento,
 si cortando com proa accelerada
 s desertos do liquido elemento,
 u com a dextra armada

I ii

Da

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Francisco
 Xavier de Mendonça, Secretario de Estado dos nego-
 cios do Ultramar, vindo do governo do Pará.

120 OBRAS POETICAS

Da ardente facha da terrivel guerra
 Lançou muros por terra,
 A's Cidades levando horror, e espanto,
 Não he mais digno de sublime canto.

Aonde levarei, Mendonça claro,
 Primeiro as minhas vozes reverentes?
 Cantarei o esplendor sempre preclaro
 Dos vossos Ascendentes,
 Cujas virtudes juntas se estão vendo
 Em vós resplandecendo,
 Assim como se mostra mais luzido
 De muitas luzes o crystal ferido?

Cantarei as estatuas, que a sapiencia
 Já vos tem nos seus Templos erigido?
 Ou o santo temor, a reverencia,
 Que tributais rendido
 Nos sagrados altares da justiça,
 Aonde a vã cubiça
 Entre duras cadeas maneatada
 Geme por vós, Senhor, atropelada?

Cantarei o valor infatigavel,
 Com que por vastos montes, por desertos
 Por ermos, e por mato inexpugnavel,
 Por caminhos incertos,
 Por entre brutos povos, que domastes,
 A ver quasi chegastes
 De espadanas o Grão Pará croado
 Lá na urna limosa recostado?

Entre tantas virtudes me estou vendo
 Qual cassador mal destro, e negligente,
 Que as intrincadas selvas vai rompendo;
 Quando vê de repente

O desejado bando levantar-se,
E sem determinar-se
A' qual aponte a farpa reprezada,
Do arco não dispara a setta armada.
Agora, agora, Póvos venturosos
Das vastas Regiões, ferteis campinas,
Por onde vai com passos furiosos
As aguas crystallinas
O Grão Pará levando ao mar salgado,
Agora coroado
Sobre seu carro de rubins, e de ouro
O Commercio vos abre seu thesouro.
Como vedes por terra destroçado
Da triste escravidão o vulto horrendo,
Que a crueldade tinha levantado!
Oh quantos vão correndo
Com os soltos grilhões das mãos pendentés,
Publicando contentes,
Que aquellas prizões duras, e peizadas
Por vós, Senhor, só forão desatadas!
As cadeas, o jugo rigoroso
No Templo pendurai da liberdade,
Que este alto Heroe vos erigio piedoso,
A pezar da impiedade,
Sobre as prostradas aras da cubiça;
Esfinge, que submissa,
E debaixo do véo de hum zelo ardente
Vos devorava com faminto dente.
Este monstro insaciavel, que roubando
Dos olhos da justiça a santa venda,
Faz que o delicto as leis atropelando
As cadeas desprenda;

121 OBRAS POETICAS

E que o supplicio tinja sem clemencia
O fangue da innocencia,
Que chore, e gema a misera orfandade
Arrastada da vil necessidade :

Faz que Marte entre os bronzes retumbantes
Do soberbo cavallo moya os passos
Sobre corpos humanos palpitantes,
E feitos em pedaços.

Quantos sceptros usurpa ensanguentando,
Os thronos assolando,
Os infelices Póvos, e Cidades
Com impias, com fataes calamidades.

Quantos do seio do repouso tira,
E leva c'os thesouros preciosos
A submergir pela implacavel ira
Dos mares tempestuosos.

Não teme outro poder mais formidavel
Que o da fortuna instavel,
Hum seu revez lhe faz maior desmaio,
Que á timida donzella o fatal raio.

Oh Mendonça, oh Heroe sabio, e prudente!
Vós deste monstro horrivel, e espantoso
A soberba servís domais valente.

O vosso generoso
Coração he o puro defensivo
Contra o veneno activo,
Que seu terrivel alito respira.

Ah quem de vós tivera digna lyra!

A inveja brama, morde-se raivosa,
Os cabellos erissa, a vista accende,
O pezado carcás arma furiosa,
Do curvo arco desprende

Com

Com ligeireza a setta penetrante.
 Mas oh que vacilante
 Já cahe por terra, perde os seus furores
 A' voz dos vossos publicos louvores!
 Soffra na escura noite a tempestade
 Com os mares lutando o navegante,
 Já vendo o fundo abyssmo á claridade
 Do raio crepitante,
 Já nos hombros das ondas empoladas
 Toque as nuvens inchadas
 Para trazer contente á patria terra
 Os thesouros, que o Ganges rico encerra:
 Ou rompa com seus braços das montanhas
 Os feios de rochedos defendidos
 Para arrancar-lhe o ouro das entranhas,
 Rios enfurecidos
 Faça subir, ou de seu curso mude,
 Que a candida virtude,
 Que nos grandes espiritos respira,
 Só cantarei ao som da minha lyra.

EPITALAMIO.

JA' do aureo berço levantava o dia
 A fronte entre fogosos resplandores,
 A roxa Aurora já não sacudia
 Os humidos cabellos sobre as flores;
 Mas inda dos celestes orizontes
 A luz rosada avermelhava as fontes:

As

* Nas Nupcias da Illustrissima, e Excellentissima Senhora Condessa de São Paio.

117 OBRAS POÉTICAS

As correntes do liquido elemento
 Vião-se adormecer como encantadas,
 Com estranho sussurro o fresco vento
 Respirava nas arvores copadas,
 E as verdes eras c'os frondosos braços
 Formavão pelos troncos novos laços :

Quando Cupido triste se assentava
 Sobre as margens do Tejo caudaloso,
 E estas vozes afflicto articulava :

Mái, soberana Mái, que nesse undoso
 Imperio no mais intimo aposento
 Tens poder, e tiveste nascimento ;

Porque dos altos Deoses me geraste?
 Já não creio ser filho de Vulcano.
 Porque o imperio das settas me entregaste
 Vê todo o meu poder tão soberano,
 Que até dos proprios Deoses he temido,
 Pelos fracos Mortaes escarnecido.

As duras flechas, a dourada aljava
 Lançava sobre a arêa enfurecido,
 A venda já dos olhos arrancava,
 O arco, que no braço traz mettido,
 Em pedaços partio por desafogo:
 Dos olhos scintillava vivo fogo.

Seu ancioso clamor no centro frio
 Ouvio a bella Mái, a quem cercavão
 As alvas Ninfas do sereno rio,
 Doces queixas de amor humas cantavão,
 Outras tecião de ouro, e lá preciosa
 De Adonis toda a historia lastimosa.

Ergueo o claro Tejo de repente
 Sobre as aguas, que unidas resplandecem,

Huma nuvem de escumas transparente ;
 Em circulos as ondas estremecem ,
 E apenas foi aos ares levantada ,
 Se vio de hum brando vento dissipada.

Sobre huma concha Venus apparece
 Seguida de mil Ninfas delicadas ,
 O dourado cabello , que lhe desce
 Pelos hombros em ondas encrespadas ,
 Em partes os genús membros lhe cobre ,
 A que hum véo transparente mal encobre.

Chegou Venus á praia , e de improviso
 Nos braços toma o Filho lacrimoso ,
 Fazer-lhe mil affagos foi preciso
 Para abrandar-lhe o pranto lastimoso ,
 E nos braços da Mãi , que o affagava ,
 Assim entre soluços se queixava :

Que destino cruel , que astro inimigo
 Conspira contra nós a Daun formosa ,
 Que por mais que me esforço não consigo
 Ferir-lhe o coração , antes vaidosa
 Ri de meu fogo , a meu poder resiste ,
 De mim triunfa , em liberdade existe ?

E se em quanto o verdor da tenra idade
 No candido semblante lhe florece
 Não entrega gostosa a liberdade
 Aos puros laços , que esta mão lhe tece ,
 Quem poderá domar-lhe a resistencia ,
 Quando o gosto reger pela prudencia ?

He possível que esta alma não suspire
 Das nossas puras chammas inflammada ,
 Que lagrimas não verta , e não delire
 De huma doce ternura penetrada ,

Quant

126 OBRAS POETICAS

Quando vejo que os Deoses suspirarão,
E que as nossas cadeas arrastarão?

Os Heroes mais guerreiros vendo estamos
Com os louros de Marte ensanguentados
Dos nossos myrtos enlaçar os ramos,
E escrever nos escudos os amados
Nomes, por quem de puro amor suspirão,
Com as altas plumas, que dos elmos tirão.

Até seu grande Pai, aquelle raro,
E portentoso Heroe, que nesta idade
Tem merecido o throno mais preclaro
No templo da immortal heroicidade,
Aquelle braço forte, em que descança
Da justiça a rectissima balança:

Aquelle coração todo inflammado
No santo amor da Patria, e da verdade,
Que se anima daquelle sangue honrado
Do illustre Egas, que á morte com lealdade
Leva os filhos, e a esposa destemido
Só para não faltar ao promettido:

Do excelso Coelho, bravo Cavalleiro,
Que a vida foi perder na Lybia ardente,
Sendo do grande Almeida companheiro;
E outros altos Heroes, que dignamente
Serão por todo o Orbe celebrados,
Em quanto a fama levantar os brados:

Até deste Varão tão portentoso
Feri com meus farpões o illustre peito,
Nos santos laços de hymineo glorioso
Goza de hum puro amor o doce effeito:
He Leonor quem em vivo ardor lhe accende
O coração, que amante elle lhe rende.

Leo-

Leonor, aquelle singular portento,
 Em cujas veas pula o fangue claro
 Do Heroe, que poz em triste abatimento
 Do terrivel Prussiano o esforço raro,
 Que inda lhe corre da fadiga honrosa
 O suor pela fronte valerosa.

Se não vejo da Daun a altivez fera
 Gemer entre meus laços opprimida,
 Se não lhe vejo da esquivança austera
 A pertinacia immovel abatida,
 Certamente verei com este exemplo
 Destruído o nosso Reino, e o nosso Templo.

Já mais não banhará nossos altares
 O fiel fangue em correntes denegridas
 Dos corações humanos, que a milhares
 Nos votão como victimas devidas,
 Nem já mais nos serão sacrificados
 Os suspiros, os prantos, e os cuidados.

E num penoso excesso suspirando
 Amor banhou com lagrimas o rosto,
 Hora com ancias, hora soluçando
 Mostrava mil sinaes de seu desgosto,
 Entregue ao sentimento de seus danos
 Chorava o que chorar faz os humanos.

Estas queixas do amado filho ouvia
 A suspirada esposa de Vulcano,
 E furrindo-se como quem sabia
 O remedio infallivel de seu damno,
 Logo assim consolou o Deos frecheiro,
 Enxugando-lhe as lagrimas primeiro.

Refrea, ó filho, o teu pezar, refrea,
 Modera o mal fundado sentimento,

128 OBRAS POÉTICAS

Que o poderoso coração te anee;
Tu has de conseguir o vencimento,
Ha de a tua absoluta potestade
Triunfar da sua isenta liberdade.

Tu, que abates os barbaros Gigantes,
E fazes que o teu jugo supportando
Suspirem como languidos amantes;
Que do Tonante os raios desprezando
Fizestes que elle em touro transformado
Por Europa mugisse namorado.

Se pertendes em tão excelsó peito
Abrir a chaga, que produz suspiros,
Busca hum farpão mais nobre, e mais perfe
Do que esse, com que em vão tens feito ti
Se lhe queres domar a isenção dura,
Huma prizão illustre lhe procura.

Voa apressado ao Templo portentoso,
Que das columnas em festões pendentés
Lhe brilhão como adorno magestoso
Lanças, escudos, elmos refulgentes,
Onde ornada de louro ensanguentado
Levanta a altiva fronte Marte irado.

Alli entre os Heroes mais admiraveis
Hum Mancebo verás de esforço raro,
Que unir sabe as virtudes mais amaveis
Ao sangue mais antigo, e mais preclaro
Da illustre prole dos Sampaivos fortes,
Que o nome merecêrão de Mavortes.

A seu lado verás os Lusitanos
Mais guerreiros, e mais esclarecidos,
O grande Lopo Vaz, que os Mauritanos
Estandartes deixou tão abatidos,

Que da cabeça do soberbo Ganges
As palmas arrancou entre os altanjes.

O invencível, e triunfante Diogo,
Que á custa de seu braço, e seus thesouros
O Hespanhol devastou a ferro, e fogo:
E outros muitos Heroes, que sacros louros
De Marte cingem na terrivel fronte,
Que de seu sangue são a illustre fonte.

Este he o grande Antonio, cujo nome
Ha de ler a immortal posteridade
Sobre os padrões, que o tempo não consome:
Este exemplo de rara heroicidade
He só o digno amante, que em seus braços
A Daun ha de ver preza em doces laços.

Esta belleza illustre, que mistura
Huma affabilidade magestosa
Co' sublime esplendor da formosura,
Que em virtudes se ostenta portentosa,
Arder não póde num amante affecto
Senão por tão preclaro, e digno objecto.

De Hymineo aos altares te remonta,
E no lume immortal da sacra pyra
Abraza de huma setta a aguda ponta,
Empunha o arco, ao coração lhe atira,
E logo verás como estima, e ama
O santo fogo desta pura chamma.

Affim Venus lhe disse, e Amor batendo
As azas, viva luz nos ares deixa,
Como huma exalação, que vai correndo:
No fogo de Hymineo accende a frexa,
Já voando da Daun a Antonio passa,
E seus corações nobres lhe traspassa.

130 OBRAS POETICAS

Já torna á bella Deosa o Deos vendado
 Do glorioso triumpho satisfeito,
 Hora se encoستا á mái como cançado,
 Hora sobre o seu arco inclina o peito.
 Ella risonha o toma no regaço,
 E gostosa lhe dá hum doce abraço.

Debaixo de huma antiga, e verde faia,
 Que os seus copados ramos estendia
 Sobre as arêas da dourada praia,
 Ella gozando estava a sombra fria
 Num assento de murtas, e de rosas,
 Que as Ninfas lhe formarão cuidadasas.

Alli os Cupidinhos entretidos
 Em mil brincos se andavão recreando,
 Huns nas pontas dos ramos suspendidos
 Se estavão levemente balançando,
 Outros em doces risos, e altos brados
 Nos Cisnes pela praia andão montados.

O curvo arco, os agudos passadores
 Outro lança apressado sobre a arêa,
 E vai ao prado a aljava encher de flores,
 Que traz contente á bella Citerea,
 Que alvoroçada n'um affecto ancioso
 Beijando estava o filho victorioso.

E com elle no colo caminhando
 Se tornou para a concha refulgente,
 Logo as nevadas pombas foi guiando
 Pelas aguas do Tejo transparente
 Té ás fraldas chegar de huma montanha,
 Por cujo roto feio o mar se entranha.

As aves mais armonicas deixando
 Os sombrios raminhos da espessura,

A bel-

A bella Deosa vão acompanhando.
 Muitas Ninfas de estranha formosura
 Sobre as nuas espaduas dos Tritões
 Entoavão sonoras mil canções.

Dos Cupidos o bando se adianta
 As crystallinas ondas dividindo ,
 Qual se mergulha alli , qual se levanta
 A molhada cabeça sacudindo ,
 E dos louros cabellos despedia
 Mil gotas de crystal , que o Sol feria.

Sobre as azas os Zephyros librados
 Lançavão sobre a Deosa dos amores
 Ramos de myrto , cheiros destilados ,
 E soltas folhas das viçosas flores :
 Com os alitos doces , que sopravão ,
 Os dourados cabellos lhe ondeavão.

Por huma funda gruta se mettêrão ,
 Cujos antigos portales estão ornando
 Verdes eras , que os ventos desprenderão
 Dos troncos , que o rochedo estão croando :
 Os mariscos nas conchas reluzindo ,
 Que hora se estão fechando , hora abrindo.

Já do calor do Sol amortecidas
 As flores para a terra se inclinavão ,
 As aguas pela gruta enfurecidas
 Bramando hora sahião , hora entravão ,
 Levantando nas rapidas correntes
 Entre as penhas escumas transparentes.

As Phocas encalmadas respirando
 A abobada escarpada borrifavão ,
 Outras á fresca sombra descançando
 Sobre as liquidas ondas se libravão.

132 OBRAS POETICAS

Huns penedos alli se vem erguidos
De espadanas, e musgos guarnecidos,

Onde Protheo da calma retirado
Pela undosa campanha descubria
O copioso rebanho de seu gado.

De alvas conchas a frente guarnecia,
E cubria as espaduas vigorosas
Com hum furrão de pelles escamosas.

Cantando estava os casos admiraveis,
Que as Parcas escrevêrão nos diamantes,
Altos perfagios sempre impenetraveis
Aos discursos humanos sempre errantes.

Vio a Deosa, ergueo-se alvoroçado,
E Venus logo assim levanta o brado:

Tu, ó sabio Protheo, que dos futuros
Comprehendes inda os casos não pensados,
E explicas os segredos mais escuros:

Do alto conforcio, a que os supremos Fados
Tem prometido os triunfos mais gloriosos,
Nos declara os pressagios portentosos.

E Protheo respeitoso a voz erguendo
Não consentio que a Deosa mais dissesse,
Que de mui longe está sempre sabendo
O que ha de acontecer, e o que acontece;
E sem que se transforme em monstro, ou fogo,
Em fatidicas vozes rompe logo:

Que nova produção de Heroes famosos
Sobre o Luso terreno se levanta!

Que victorias, que feitos gloriosos!

O Universo se espanta.

Os bravos mares surca hum novo Gama,
Vejo os Nunos, os Castros renascidos,

Ó Mar

O Mansanares treme, o Idaspe brama
Medrosos, e abatidos.

Destroçar vejo em guerra sanguinosa

As soberbas muralhas Africanas:

A pizar torna Lysia victoriosa

As Luas Othomanas.

Combatendo entre o fogo furibundo

Domão Póvos incognitos, e insanos.

Que immortaes nomes voão pelo mundo

Sobre as azas dos annos!

Assim cantou Protheo, e já cercavão

As filhas de Nereo a Cytherea,

Que para a Daun formosa lhe offertavão

Nas conchas, que o mar gera entre a arêa,

As perolas, rubins, aljofar fino,

O diamante mais puro, e crystallino.

Muitos lobos maritimos nadando

Formavão varios gyros com porfias,

Como se a Deosa andassem festejando:

Ella torna a cortar as ondas frias,

E aos Confortes se vai, porque narrado

Lhe seja o que Protheo tem declarado.

Entre os braços da chara Mãi chorando

Achou a bella Daun, e não sabia

Dentre elles apartar-se suspirando,

Nem conhecer as chammas, em que ardia:

Ella se via preza em outros laços,

Mas só da Mãi amava os ternos braços.

Assim nas prizões doces, e amorosas

Do caçador o simples passarinho,

Por mais que ellas lhe sejam venturosas

Sempre suspira pelo patrio ninho;

Tóm. I.

K

Mas

OBRAS POETICAS

134
Mas Venus d'entre os braços da Mãi chara
Leyo com mil affagos a separa.
As bellas Ninfas huma lhe offertava
As conchinhas do Tejo crystallino,
Outra de brancos lyrios lhe adornava
Os formosos cabellos de ouro fino,
O pomo de ouro tinha á Mãi roubado
Amor, e lhe offrecia acautelado.
E pela branca mão ao charo Esposo
A foi logo o Deos cego conduzindo,
Que suspirava n'um ardor ancioso,
E seus illustres corações cingindo
Cos doces laços da união mais pura,
Suspirar os faz cheios de ternura.

SONETO I.

P Or castigar; Senhor, nossos insultos
Os gloriosos Templos destruíste:
Como a tão grande estrago reduziste
Dos proprios Santos os sagrados Vultos?

Que he isto, immenso Deos, deixas sem cultos
A Hostia, em que teu puro Corpo existe?
Mas oh que em nossas culpas só consiste
A causa de segredos tão occultos!

Para melhor ficarmos advertidos
De nossos atrocissimos peccados,
Deixaste teus Altares destruidos;

Pois quizeste, por ver-nos castigados,
Antes vellos a cinzas reduzidos,
Que por nossas offensas profanados.

* A' destruição dos Templos de Lisboa pelo terremoto do primeiro de Novembro de 1755.

SONETO II.

Caminhante, se queres resistencia
Fazer ás impias forças do peccado,
Entra aqui, que este bosque he consagrado
A' Imagem da escarnada Penitencia.

Este he feu santo vulto, que a abstinencia
Tem com doce união junto a seu lado,
Que de asperos cilicios rodeado
Soffre de mil flagellos a violencia.

Vê como roto está, como ferido
O Santo Christo, que na dextra arvora!
Hoje os olhos levanta arrependido.

Mas se inda de piedade te não chora
O coração na culpa submergido,
Volta os errados passos, vai-te embora.

SO-

* Feito na Serra da Arrabida.

SONETO III.*

Contra Lisboa Antonio glorioso
A Omnipotente Mão vio levantada,
E correo a livrar a Patria amada
Do terrivel estrago pavoroso.

Levanta os rogos, antes que furioso
O Senhor descarregue a justa espada:
Tanto em fim lhe supplica, tanto brada,
Que logo hum Deos irado vio piedoso.

Por seu ardente zelo suspendido
Vemos ser o castigo mais horrendo,
Que tantos homems tinham merecido.

Oh quanto a tal Patrono estão devendo!
De hum Deos tão justamente enfurecido
Está o fatal raio suspendendo.

SO-

* A Santo Antonio pelo terremoto do primeiro de Novembro de 1755.

SONETO IV.

LA' no Templo immortal dà honrosa fama
 Se vai hum novo busto levantando,
 Vão-se os Deoses nos folios assentando,
 Hum portentoso Heroe hoje se acclama.

A mão da mesma gloria accende a chamma,
 Que o suavissimo incenso está queimando,
 Atrea a verde palma lhe está dando,
 E Minerva lhe cinge a sacra rama.

Quem será este Heroe esclarecido,
 Que o Marmore figura? O nome augusto
 Na magestosa base está esculpido.

Ao grande Sebastião, o sabio, o justo,
 Mandou Jove immortal fosse erigido
 Em premio de virtudes este Busto.

SO-

* Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de
 Oeiras.

SONETO V.

Rompentes quilhas, que do Tejo undoso.
 As crystallinas aguas dividindo
 Ides tanta riqueza conduzindo
 Ao porto mais feliz, mais proveitoso,

Tornai ao Commerciante, que gostoso
 Da seca praia vos está seguindo,
 Sem que as concavas vélas impellindo
 Vão os sopros do vento tormentoso.

Chegai pois ás correntes do selecto
 Grão Pará, conseguí toda a victoria
 Sem ver da desventura o horrendo aspecto.

Novo assumpto dareis á larga Historia,
 Se render tanto fruto este projecto,
 Quanto a seu Fundador rende de gloria.

SO-

* Ao mesmo Senhor na partida dos primeiros navios da
 Companhia do Maranhão.

SONETO VI.

Ilustre Conde, a fama em toda a idade
 Vos nomeará com brado reverente,
 Que o vosso resplendor mais excellente
 He das virtudes, não da dignidade.

Vós sabeis prevenir a variedade
 Dos successos futuros: do presente
 A tumultuosa, e rapida torrente
 Sabeis reger com prompta actividade.

Vós, Senhor, sempre immovel na constancia
 Este povo fazeis affortunado,
 Espalhando os thesouros da abundancia.

Em os vossos designios elevado
 Cada dia augmentais com vigilancia
 A gloria do Monarca, o bem do estado.

SO-

SONETO VII.

A Quelle braço forte, que de Astrea
 A pezada balança igual sustenta,
 Que piedoso as virtudes alimenta,
 Que o rancor dos malevolos refrea;

O peito, em que a sublime luz se atea,
 Que da ignorancia as sombras affugenta,
 A este Heroe cantar a lyra intenta.
 Mas como formarei tão alta idéa?

Sois vós, *Illustre Conde*, o Heroe preclaro:
 E que direi de vós, que sois do throno
 Firme columna, solido reparo?

Não: para vosso glorioso abono
 Direi que dos humildes sois amparo,
 E que dos desyalidos sois Patrono,

SO:

SONETO X.

DE fangue, e pó cuberto, desfarmado
 Nas margens do Moldava caudaloso
 Vencido cabe o peito valeroso,
 Que a triumphar foi sempre costumado.

Hoje deixaste, oh Conde, destroçado
 Hum Alexandre, hum Scipião famoso;
 Vê-se tremer o campo victorioso
 De mortos, e despojos carregado.

Não soa mais que o funebre alarido
 Dos que perdem a vida transitoria
 Nas vozes dos applausos confundido.

Cinge na fronte ò louro da victoria,
 Que a Fedrico venceste, e que o vencido
 Do forte vencedor publica a gloria.

SO

* Ao General Daun vencendo ElRei de Prussia.

SONETO XI.

São estes os loureiros gloriosos,
 Que do Alfeo banha o pranto crystallino;
 He este * Coridon, aquelle * Elpino,
 Bosques da Arcadia, bosques venturosos.

Oh petulantes Faunos invejosos,
 Fugi, fugi do Menalo divino,
 Já do Deos fomicapro o verso dino
 Retumba nestes valles delectosos;

E já de novo a santa Paz respira,
 Que a Discordia roubou foltando o freio;
 A' venenosa, á implacavel Ira.

Mas aos bosques da Arcadia Elpino veio,
 Souo de Coridon a doce lyra,
 Fugio, não apparece o Monstro feio.

SO-

* Na restauração da Arcadia. * O Senhor Pedro Antonio Garção. * O Senhor Antonio Diniz da Cruz e Silva.

SONETO XII.

Murchou da morte a mão myrrada, é fi
 A mais viçosa flor da formosura,
 Morreo Filis! mudou-se em sombra escura
 A luz, que á das estrellas excedia.

Emudecco do canto a melodia,
 Secou-se a doce fonte da ternura!
 Chorai, Ninfas, de funebre verdura
 Croai as alvas testas neste dia.

E vós, cedros, que os ramos debruçando
 Parece que com voto reverente
 Sobre esta urna estais sombra espalhando,

Não consentais que nunca o Sol ardente
 Venha secar o pranto, que chorando
 Sobre este jaspe estou tão descontente.

SONETO XIII.

Que alegre dia! os ventos rugidores
 Adormecêrão pelo bosque umbroso,
 Soar ouço o teu nome, charo Esposo,
 Nas frutas dos Arcadicos Pastores.

Como ornado das mais cheirosas flores
 Nos tem Cupido o thalamo ditoso!
 Como ao som de tua lyra deleitoso
 Danção as bellas Graças, e os Amores!

Tudo, Esposo, á ternura rios convida,
 A minha alma se vê como encantada
 Em tão doces prazeres embebida.

Renovemos do laço a fé sagrada,
 Tu co' a fronte de myrtos guarnecida,
 Eu de candidos lyrios coroada.

SO-

* Ao Senhor Pedro Antonio Garção, Socio da Arcadia,
 em dia de seus annos, offerecido por sua Mulher a S^{ra}
 nhora D. Maria Anna Xavier de Sarido e Salema.

SONETO XIV.

DE vende thyrsó a fronte Amor cingindo
 Deixou a slyva e os farpões dotrados
 Para estar entre os risos, e os agrados
 A's vossas furtas Nupcias presidindo.

Hora cantando amores, hora rindo,
 Dissipa os melancolicos cuidados,
 E nos copos de flores enramados
 O espumoso licor está esparindo.

Eu os louros deixei da Caballina,
 Pois Amor imitando no exercicio,
 Só me crede Baco a mão divina.

E para dar-vos do prazer indicio
 Vos faço como a taça crystallina
 Nas aras da Alegria o sacrificio.

SONETO XV.

DEsesperada, e contra Amor bramindo,
Desgrenhando os cabellos impaciente,
A discordia terrivel, e insolente
Destes alegres campos vai fugindo.

Alli Cupido á sombra está dormindo,
Naquelle tronco a aljava tem pendente;
Vão pelo prado as Ninfas docemente
Amarilis, e Tirce repetindo.

Mas que letreiro he este, que gravado
Vejo no pé desta arvore frondosa,
Em que está o Deos cego reclinado?

O amante Tirce já contente goza
A sua bella Amarilis; deste prado
Não perturbe ninguem a paz ditosa.

SONETO XVI.*

Gentís Graças, as fronte delicadas
 Ornai de brancas, e purpureas flores,
 Deixai a bella Deosa dos amores,
 Vinde do Deos menino acompanhadas.

Vinde do Tejo ás margens dilatadas
 Ver outros mais brilhantes resplandores,
 Cantai hoje comigo seus louvores
 A' sombra destas arvores copadas.

Inflammai-me de harmonica doçura,
 Para que eu possa celebrar o dia
 Consagrado a tão rara formosura.

Dos bosques de Cythera a sombra fria
 Deixai, Filhas de Jove, que mais pura
 Venus tereis na singular Maria.

SO-

* Aos annos de huma senhora.

SONETO XVII.

A Quelle gesto, que em teus olhos via
De amorosa piedade, e doce agrado,
Já não está naquelle mesmo estado,
Naquelle puro extremo de algum dia.

Jão sei que vejo em ti, que numa fria
Incerteza desfmaia o meu cuidado:
Parece que em teu rosto retratado
Vejo quanto reces a fantasia.

Jão sei como cruel, menos amante
Se me afigura teu rosto formoso,
Que em mil receios ando vacillante.

O coração palpita duvidoso,
E só dizer-te sei que o teu semblante
Não era assim em quanto eu fui ditoso.

SONETO XVIII.

NEsta praia algum dia me esperava
 A formosa Tircea c'os Amores,
 E as conchinhas pintadas de mil cores
 Para ornar-me o furrão colhendo andava,

Mas eu, que só por vella então deixava
 O gado exposto aos lobos roubadores,
 Do prado lhe trazia as bellas flores,
 Com que os louros cabellos concertava.

Oh que migos Amor me concedia!
 Mas já me não espera aqui Tircea,
 Antes foge de mim: quem tal diria!

Só eu deixo o rebanhõ, e me retrea
 Inda vir pela gloria de algum dia
 Desta praia beijar a nua arca.

SONETO XIX.

DEbaixo daquella arvore sombria
Do rebanho pacifico cercada
Vi a bella Tircea retirada:
Que venturoso foi aquelle dia!

Sentei-me junto della, que dormia
Sobre a florida relva reclinada,
Beijei-lhe a mão formosa, e delicada
Sem turbar-lhe o socego, em que jazia.

O meu nome escrevi no seu cajado,
E esperci entre huns myrtos escondido
Que sahisse do sono socegado.

Acordou, poz nas letras o sentido,
E com rosto depois sobrefaltado
O letreiro beijou, dando hum gemido.

SONETO XX.

Finalmente outra vez vejo perdida
 A's mãos de Amor a doce liberdade,
 Que já livrei da sua crueldade,
 Como quem de hum naufragio salva a vida.

Já no meu coração nova ferida
 Abrem os duros golpes da saudade,
 E já vive outra vez minha vontade
 De esperanças aereas revestida.

Nunca cuidei que vísse, Amor tyranno,
 Tão de pressa quebrado o juramento,
 Que fiz no puro altar do Desengano.

Mas quem pôde viver de amor isento,
 Vendo naquelle rosto soberano
 De taes olhos o doce movimento?

SONETO XXI.

Junto daquelle fonte hum triste dia
Me queixava do meu injusto fado,
Em dolorosas lagrimas banhado
Suspirava, anciava-me, gemia.

Ah tyranno Destino, eu proferia,
Que contra mim tão fero vens armado!
Quando estarás, cruel, quando cançado
De affligir-me com tanta tyrannia?

Se me negas o bem, por que faudofo
As lagrimas derramo de continuo,
Tira-me a vida, Fado rigoroso.

Confola-te, não temas, charo Alcino,
Me disse Amor com mostras de piedoso,
Que eu posso muito mais que o teu destino.

SONETO XXII.

H Uma tarde, já quando se escondia
 Por detrás da montanha o Sol dourado,
 À bella causa vi do meu cuidado
 Fugindo de huma fera, que a seguia.

Tão perturbada de temor corria,
 Que lhe gritei, e não me ouviu o brado;
 Mas logo na cerviz do monstro irado
 De huma setta cravei a ponta fria.

Cahio a fera morta, e a Ninfa amada
 Estendeo o seu corpo crystallino
 Sobre o terreno agreste desmaiada,

E disse, apenas teve acôrdo, e tino,
 Sem cuidar que eu lhe ouvia a voz magoada:
 Vem valer-me, ai de mim! amado Alcino.

SONETO XXIII.

Pelo campo cantando vai contente
O Lavrador seguindo o curvo arado ;
E canta na prizão o desgraçado
Ao triste som de húa aspera corrente.

Quelle canta alegre, e docemente
Nas suaves pensões de seu estado ;
Este só por vingar-se de seu fado,
Com o canto disfarça o mal que sente.

Tu também já em doces alegrias,
Qual Lavrador cantei nesta espessura
Sem conhecer do Fado as tyrannias ;

Porém hoje de amor. na prizão dura
Com o canto disfarço as agonias,
Por vingar-me de minha desventura.

SONETO XXIV.

Tudo cheio de horror, e sentimento
 Mostra o rigor do Inverno congelado,
 O ar de densas nuvens carregado
 Furiosas desatando chuva, e vento.

Despojada do verde luzimento
 Se vê toda a campina deste prado,
 O rio corre turvo, e despenhado,
 Tudo parece igual a meu tormento!

Mas passado o rigor do Inverno frio,
 O nublado ar se vê resplandecente,
 Florece o campo, e claro corre o rio.

Tudo de triste passa a ser contente,
 Só nos meus olhos nunca tem desvio
 As lagrimas, que choro tristemente.

SONETO XXV.

Serena, bella ingrata, o injusto enfado,
Ah não me afflijas mais, não me atormentes;
E se alguma piedade por mim sentes,
Torna a mostrar-me aquelle antigo agrado.

Vendo cruel que tenho derramado
Tantos ais, tantas lagrimas ardentes,
Inda irada te mostras, e consentes
Que eu viva tão afflicto, tão magoado?

Mostra-me hum leve indicio de piedade,
Logo as ancias verás de meu lamento
Mudadas na maior tranquillidade.

Mas como has de seguir o meu intento,
Se a fereza da tua crueldade
Se alimenta da dor do meu tormento?

SONETO XXVI.

Vio-me Amor suspirar tão docemente
 Junto da bella Nise, que invejoso
 Do estado mais alegre, e deleitoso,
 Me lançou no mais triste, e descontente.

Toda a risonha gloria de repente
 Se mudou no tormento mais penoso:
 O tigre mais cruel farão piedoso
 As duras mágoas, que este peito sente.

Já te não lembra, Amor, quando de flores,
 E de cheiroso myrto nos croavas,
 Em quanto suspiravamos de amores.

Tu mil vezes com ambos suspiravas:
 Quem differa, cruel, que os teus rigores
 Entre tantas doçuras disfarçavas?

SONETO XXVII.

O Utro alivio minha alma não procura
Mais do que a solidão a todo o instante,
Alli as horas passo vacillante
No roto feio de huma penha dura.

Alli do horror a palida figura
Sempre meus tristes olhos tem diante,
E vejo por hum campo lá distante
Fugir de mim a barbara Ventura.

Eu lhe grito: Cruel, leva as grandezas,
E deixa este infeliz, que desamparas,
Lutando com as miseras tristezas.

Em vão, impia Fortuna, me negaras
De teus grandes thesouros as riquezas,
Se hum mais precioso bem me não leváras.

SONETO XXVIII.

Que forçosa prizão, que mão ardente
 O coração me está sempre opprimindo?
 Que violento punhal me está ferindo?
 Que estrago he este, que meu peito sente?

Das lagrimas a misera corrente
 Pelo rosto mortal me está cahindo,
 Em suspiros o alento vem sahindo,
 A dor a vida já me não consente.

Mas viver em tormentos he forçoso,
 Que as entranhas me está despedaçando
 De Amor o cruel braço venenoso.

Mas oh quanta piedade estão mostrando
 Os olhos, por quem vivo tão ancioso!
 Feliz premio do mal, que estou chorando.

SONETO XXIX.

B Enigno Amor, os impios, que te offendem,
E contra teus decretos se conspirão,
He porque os laços ainda não sentirão
Destas doces cadeas, que me prendem.

Os peitos, que a teu jugo se não rendem,
E cheios de ternura não suspirão,
He porque os resplandores nunca virão,
Que em viva chamma o coração me accendem.

Vinde ver, desgraçados, e queixosos,
O bem, por que suspiro de continuo,
E fereis hum instante venturosos.

Mas nunca mudareis vosso destino,
Nunca, que aquelles olhos tão formosos
Outra luz não vem mais que o seu Alcino.

SONETO XXX.

A Sombra de hum rochedo cavernoso
 Sentado hum infeliz Pastor gemia,
 Tão triste, e tão magoado, que fazia
 Suspirar de piedade o valle umbroso.

O pranto pelo rosto desgostoso
 Em lagrimas ardentes lhe cahia,
 E estas afflictas vozes proferia
 Com som desconcertado, e pezaroso:

Duras penhas, que os ais, com que lamento
 Nesta amarga, e penosa soledade,
 Comigo repetis ao furdo o vento,

Se tendes dó da minha faudade,
 A Tircea contai o meu tormento,
 Dizei-lhe que de mim tenha piedade.

SONETO XXXI.

Quando em meu desvelado pensamento
 O teu formoso gesto se afigurá,
 Não fei que affecto finto, ou que ternura,
 Que a toda esta alma dá contentamento.

Alli fico num largo esquecimento,
 Contemplando na minha conjectura
 De teu sereno rosto a graça pura,
 De teus olhos o doce movimento.

Porém logo a inconstante fatallia
 Me acorda o entendimento arrebatado,
 E desfaz todo o bem, que me fingia,

Sendo tal este gosto imaginado,
 Que de amor outra gloria eu não queria
 Mais que trazer-te sempre em meu cuidado.

SONETO XXXII.

E Ntre sombras o dia luminoso
 Já se desfinaia, já se desfigura,
 Já vai por toda a terra a noite escura
 Espalhando o descanso delicioso.

Já não se escuta mais que o som gostoso
 Desta sonora fonte, que murmura,
 E já vai pouco a pouco a mágoa dura
 Fugindo deste coração faudofo.

Já o feliz instante vem chegando,
 Já me vejo nos braços da alegria,
 Que estou ha tantas horas suspirando.

Agora zombarei da tyrannia
 Do martyrio, que estive supportando:
 Mas, ai que já lá vem o claro dia!

SONETO XXXIII.

A O longo de huma praia hum triste dia,
 Já quando a luz do Sol se desmaiava,
 O saudoso Alcino caminhava
 Com seus cuidados só por companhia.

Os olhos pelas aguas estendia,
 Porque alivio a seu mal nellas buscava,
 E entre os tristes suspiros, que exalava,
 Em lagrimas banhado assim dizia:

Os suspiros, as lagrimas, que choro,
 Levai, ondas, levai, ligeiro vento,
 Para onde me levastes quem adoro.

Oh se podeis ter dó do meu tormento,
 Que me torneis o bem só vos imploro,
 Que puzestes em longo apartamento.

SONETO XXXIV.

Não sendo Amor tyranno a sede impia,
 Satisfeita em meu pranto lastimoso,
 Seu rigor com estrago o mais furioso
 Em meu sangue, ai de mim! fartar queria

Sobre hum funesto altar, que se escondia
 Entre as sombras de hum bosque pavoroso,
 Já da mão do Ministro rigoroso
 Sobre a garganta o golpe me pendia.

Quando grita Tisces suspirando;
 Suspende, Amor, suspende o golpe fero,
 Mil lagrimas dos olhos derramando.

Encheo-se da piedade o Juiz severo,
 E prostrado a meus pés beijou chorando
 Estes grilhões, que eu sempre arrastar quero.

SONETO XXXV.

COm a primeira luz da formosura
 Mostraste da razão os resplandores,
 Affirma da nova rosa as vivas cores
 Brilhão por entre as fendas da verdura.

As bellas Musas cheias de ternura
 Teu berço ornarão de cheirosas flores,
 E em seus benignos braços c'os licores
 Te alimentarão da Castalia pura.

Exercita teu animo innocente
 Nos encantos dos metricos cuidados,
 E cinge o louro na mimosa frente.

Mas se hum Menino vires, que vendados
 Traz os olhos, e aljava tem pendente,
 Ah não lhe brinques c'os farpões dourados.

* A huma Menina, que tendo cinco annos de idade, fabia de cor, e repetia com admiravel graça muitos versos.

INDEX.

TOMO PRIMEIRO.

- E**GLOGA I. *Oh como tardos os passos , &c.*
Pag. 1.
- E**GLOGA II. *Graças aos Ceos sincero que te vi-
rão , pag. 11.*
- E**GLOGA III. *Sejas bem vindo , meu Alcino ama-
do , pag. 18.*
- E**GLOGA IV. *Meu Alcino , que a sombra desta
faia , pag. 24.*
- E**GLOGA V. *Pelas ferras a neve branquejava , p. 33.*
- E**GLOGA VI. *Alcino , porque estás tão fatigado ,
pag. 40.*
- E**GLOGA VII. *Auliza , donde corres , a quem le-
vas , pag. 45.*
- E**GLOGA VIII. *Meu rafeiro fiel , e unico resto ,
pag. 50.*
- E**GLOGA IX. *Cantemos , frauta , miseras endeixas ,
pag. 54.*
- E**GLOGA X. *N'hum valle de frondosos arvoredos ,
pag. 60.*
- E**GLOGA XI. *Ha nas margens do Tejo caudaleso ,
pag. 63.*
- IDYLLIO** I. *Tristes mortaes , que estrago lamen-
tavel , pag. 69.*
- IDYLLIO** II. *Como vem no Orizonte descubriendo ,
pag. 72.*
- IDYLLIO** III. *Sobre huma densa nurvem prateada ,
pag. 76.*

IDYL-

IDYLLIO IV. *Ab! Fido, amado fido, Ceos piedo-
fos*, pag. 81.

IDYLLIO V. *Ab Mertillo, que mal se fez a Pa-
tria*, pag. 84.

IDYLLIO VI. *Já do seio das mureus carregadas*,
pag. 87.

IDYLLIO VII. *Huma clara manhã do frio Inver-
no*, pag. 90.

IDYLLIO VIII. *Amor gritando vaga pelas selvas*,
pag. 93.

IDYLLIO IX. *Já lá sinto o rugir das oncleiras*,
pag. 95.

IDYLLIO X. *Praças, que banha o Tejo caudaloso*,
pag. 98.

ELEGIA I. *Pastores, que no campo dilatado*, p. 100.

CANCAM I. *Ao pensamento vinde meus cuidados*,
pag. 104.

ODE I. *Vindê batendo as asas luminosas*, pag. 107.

ODE II. *Espirito Divino*, pag. 110.

ODE III. *O santo amor da Patria, que ultrajado*,
pag. 113.

ODE IV. *Lusitania feliz, que venturoso*, pag. 117.

ODE V. *Musa em fervor da candida verdade*, p. 119.

EPITALAMIO. *Já do aureo berço levantava o dia*,
pag. 123.

Seguem-se todos os Sonetos de pag. 135. até
ao fim do Tomo primeiro.

Erratas do primeiro Tomo.

C A R T A.

Pag. 1. reg. 15. Nós estamos vendo ; &c. lea-se, *se nós estamos vendo , &c.*

Pag. 4. reg. 22. Porque representa-nos, &c. lea-se, *porque representando-nos , &c.* Na mesma pag. reg. 27. que sendo o Edipo , &c. lea-se ; *que lendo o Edipo.*

O B R A S P O E T I C A S.

Pag. 1. Por Silvano Ericinio , &c. lea-se , *compsta por Silvano Ericinio , &c.* Na mesma pag. v. 2. os desejos , lea-se , *o desejo.* Pag. 12. v. 5. O máofato , lea-se , *o máo fado.* Pag. 25. v. 18. Oh ! quanto , lea-se , *o quanto , &c.* Pag. 27. v. 30. da Cíçilia , lea-se , *de Cíçilia , &c.* Pag. 34. v. 29. De quantas , lea-se , *de quantos.* Pag. 37. v. 17. De relvas lea-se , *de relva ,* Pag. 109. v. 4.

De Israel as reliquias se salvarão , lea-se ,

De Israel as reliquias se salvarão !

Pag. 131. vers. 22. Ora abrindo , lea-se , *e ora o brindo.* Pag. 164. vers. 11. Surdo o vento , lea-se , *surdo vento.*

As faltas de pontuação deixamos á discreção do sabio Leitor.

OBRAS
POETICAS

DE

DOMINGOS
DOS REIS QUITA,

Chamado entre os da Arcadia Lusitana
ALCINO MICENIO,

Dadas á luz por

BOREL, E ROLLAND,

Mercadores de Livros.

T O M O II.



L I S B O A ,

Na Officina de Miguel Manescal da Costa;
Impressor do Santo Officio.

Anno M. DCC. LXVI.

Com todas as licenças necessarias.

Vendem-se na logea dos mesmos Borel, e Rolland,
e á sua custa impressas.

1870

1871

1872

1873

1874

1875

1876

1877

1878

1879

1880

1881

1882

HERMIONE
TRAGEDIA.

ACTORES.

HERMIONE, Rainha de Epyro, e Esposa de Pýrro.

CHRICEA, Princeza Troiana. }
MARCINOE, Irmã de Chricea. } escravas de Pýrro.

IDAMANTE, supposto filho de Chricea, e verdadeiro filho da Rainha.

LYCAS, General das Armas.

PHESISTRA, Confidente de Hermione.

ARBANTE, Servo de Pýrro.

Coro das Damas da Rainha.



ACTO PRIMEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

Cbricça, e Arcinoe.

Arcinoe.



Não te entregues á dor , que te atribula ,
 Tão sem acordo , tão desesperada :
 Bem conheço que hum peito penetrado
 Do tormento fatal , que te magôa ,
 Não pôde reprimir a justa queixa ;
 Mas não queiras , chorando morto a Pyrrro ,
 Estalar opprimida de agonia.

Cbricça.

Minha fiel Irmã , ah tu não sabes
 O terrivel motivo dos pezares ,
 Que este opprimido coração combatem !
 Não he a perda só do amante Pyrrro
 Que me obriga a gemer cheia de angustias ,
 Inda pôde ferir-me a desventura
 Com golpe mais mortal.

Arcinoe.

Pois que destino
 Te lançou nesse abyfmo de tormentos?
 Agora, que em silencio fepultado
 Descança Epiro das recentes mágoas,
 O fono de teus olhos affugentas
 Com fufpiros, e lagrimas ardentes;
 E depois de vagar de fala em fala,
 Fazendo retumbar os altos tectos
 C'o dolorofo fom de teus gemidos,
 Sahes do Palacio inda antes do que a Aurora
 De diffipar acabe as negras fombas?
 Onde me guias? onde te encaminhas?

Cbricea.

A banhar este tumulo de pranto.

Arcinoe.

Não encerra este tumulo o soberbo,
 O infeliz Polymene, a quem teu filho
 Com valerofo braço deo a morte?

Cbricea.

As crueis mãos do barbaro Idamante
 Com violento golpe, e inesperado
 O lançarão na fria fepultura.

Arcinoe.

Pois tanta mágoa, tanta piedade
 Te deve defte Príncipe a desgraça,
 Que não só lhe confagras compaffiva
 As lagrimas, fufpiros, e foluços,
 Mas de barbaro o proprio filho accusas
 Como Juiz fevero, e inexoravel?
 Não te lifonjeavas na efperança
 De o ver inda algum dia fobre o throno?

Cbricea.

DE QUITA.

Chricea.

Vans esperanças! Forão meus projectos
Qual flor, que antes de abrir diffipa o ferro.

Arcinoe.

Que escuro enigma! Pois com este golpe
Não abrio Idamante para o throno
O seguro caminho, que cerrado
De Polymene a vida lhe teria?

Chricea.

Polymene infeliz! amado filho!
Recebe o triste pranto, com que deixo
Este funesto marmore banhado.
Ai de mim! Polymene, que destino!
Quando devia ver-te sobre o throno
Cheio de pompas empunhar o sceptro,
Te vejo neste tumulto encerrado
De hum punhal traspassado, envolto em fangue!
Que eu supportasse a mágoa de affastar-te
No instante, em que te dei á luz do dia,
Das maternas caricias de meus braços,
E do doce sustento de meus peitos,
Para nelles criar hum monstro horrivel,
Que feroz te arrancou a doce vida!
Ah fortuna orbel! que amargo fructo
Colhi das esperanças lisonjeiras,
Com que tão largo tempo me enganaste!

Arcinoe.

Tua dor, teus discursos tão estranhos
De confusão, e espanto me tem cheia:
Este escuro mysterio me declara,
Que eu não posso alcançar. De teus segredos
Não fui sempre fiel depositaria?

Não

4 OBRAS POETICAS

Não te lembras, Chricea, que dos proprios
Progenitores vida recebemos?

Conta-me teus secretos infortunios,
Tua dor desafoga.

Chricea.

Polymene
Nestas tristes entranhas foi gerado:

Arcinoe.

Que dizes? tu deliras? Polymene
Da Rainha não he o altivo filho?

Chricea.

Não: o cruel, o barbaro Idamante
He o terrivel filho de Hermione.

Arcinoe.

Acaba, desenvolve este segredo,
A minha confusão mais não augmentes.

Chricea.

Sim, adorada Irmã, attenta, escuta
Minhas adverbidades. Não ignoras
Que a terna mão do puro amor de Pyrrho
Me desatou da escravidão os ferros,
E rodeada de honras, e de glórias
Me guiou a seu thalamo ditoso:
Que o seu coração regio suspirando
Encantado com minha formosura
Todos os seus occultos movimentos
Pela minha vontade regulava,
E sabes que Idamante, e Polymene
Virão no mesmo dia a luz do mundo.
Oh quanto eu fora mais feliz, se os Deoses
Naquelle instante a vida me acabarão!
Para satisfazer a meus desejos,

E seu

E seu amor de novo confirmar-me,
 O amante Pyrro quiz que Polymene,
 Precioso penhor da sua ternura,
 Herdeiro fosse do paterno sceptro;
 E apenas estes dous tenros Infantes
 O repouso do berço conhecêrão,
 Trocou, da escura noite soccorrido,
 Meu filho pelo filho da Rainha.

Arcinoe.

Que successo tão raro! eu pasmo, e tremor,

Cbricea.

Conserva-se incorrupto este segredo
 Ha já mais do decurso de trez lustros.
 A Rainha educando Polymene
 Como seu filho, lhe inspirou altiva
 Contra Idamante hum entranhavel odio.
 Sabes que os dous Irmãos iguaes na idade,
 Disputando entre si sobre qual fosse
 Mais d'estro a conduzir o veloz carro,
 Ou a lançar o Disco: Polymene
 Não soffrendo a ventagem, com que excede
 Aos Athletas mais habeis Idamante,
 Lhe diz, que o filho de huma vil escrava
 Cobarde, e affeminado não he digno
 De disputar-lhe a gloria. A taes affrontas
 Indignado Idamante se allucina,
 E abrazado em furor com duro ferro
 De meu filho infeliz traspassa o peito.
 Em Delphos morre Pyrro: num só dia
 Vejo acabar grandezas, e esperanças.
 Sem soccorro abatida, sem abrigo
 Debaixo gemerei do cruel jugo

8 OBRAS POETICAS

Ao redor deste tumulto? Inimiga,
Não te basta no sangue faciar-te,
De que tintos estão os pavimentos
Do Palacio de Pyrrro, derramado
Pelas mãos execrandas de teu filho?
A meus olhos te esconde indigna origem
De meus males, de minhas desventuras.
Tu, despojo de Troia, vil escrava,
A turbar a feliz tranquillidade
Da Rainha de Epyro te atreveste?
De hum louco, e cego amor allucinando
Meu Esposo, com magicos encantos
Tu me arrancaste de seu peito amante,
E a seu duro desprezo me entregaste.
Por ti indignamente corrompidas
Vi da fé conjugal as leis sagradas.
Em fim depois de teres sido a causa
De tantos males tão abominaveis,
Geraste nas entranhas a serpente,
Que enfurecida devorou meu filho.

Cbricea.

Ponderas que este peito atormentado
Dos repetidos golpes da desgraça
Desejaria em vinculo amoroso
A hum perseguidor de Troia unir-se?
Seria-me agradavel a ventagem
De dar ao mundo escravos de Hermione?
Fruto infeliz do triste cariveiro!
Sem ultrajar-me podes, ó Rainha,
Desaffogar a dor, que te transporta:
He mui violento o golpe, que te fere.
Ah! eu tambem sou mãe, e bem conheço

Quan-

DE QUITA.

9

Quanto penoso he chorar hum filho,
E esconde o frio, lugubre sepulchro.

Hermione.

Oh monstro de perfidia! donde nascem
Essas lagrimas, que sóltas? Teu orgulho
Esse fingido pranto dissimulas.

Quão tua ambição conheço, fim, infame,
A teu perfido filho constrangeste
A commetter o barbaro delicto:
A esperança de o veres sobre o throno,
De associar-te ás honras do Diadema
Inspirar-lhe te fez a atroz empreza.

Chricea.

He a minha fraqueza, e desamparo
Que anima contra mim as tuas iras?
Oh Rainha! as desgraças não augmentes
De huma infeliz, que vio a chara Patria
Em turbilhões de chammas confundida,
Que entre indignas cadeas maneatada
Foi conduzida á Grecia, e atravessado
Vio Priamo seu pai com dura lança,
Que arrastar vio Heitor banhado em sangue,
E Polyxena victima innocente
Sacrificada ao inhumano Achilles.
São da minha innocencia testemunhas
Os Deoses immortaes. De teus insultos
Modera a impiedade, advertir podes
Que de hum filho de Pyrrro he mái Chricea,
E Princeza da Phrigia, inda que escrava.

Hermione.

Es huma vil cativa, que só deves
A meus pés humilhada respeitar-me:

Vã

10 OBRAS POETICAS

Vai, da minha presença te separa.
Meu respeito ultrajado a tua audacia
Saberá castigar: vai, insolente,
Teus projectos verás desvanecidos.
Com teu perfido filho brevemente
Irás as negras margens ver do Estygio.
Manes de Polymene, que justiça
Estais clamando nos Elysios campos,
Applacai vossas iras; sem demora
A dar o golpe corro da vingança.
A pedra tingirei deste sepulchro
Com o fangue da victima, que irados
Em castigo pedís do seu delicto:
A minha propria mão o duro ferro
Lhe cravará no peito sem piedade.

SCENA TERCEIRA.

A Rainha, e o Coro.

Corifeo.

MEu fiel coração se compadece
Do lastimoso estado, em que te vejo,
Desgraçada Rainha: a desventura
Te roubou num só dia Esposo, e Filho.
Que mais pôde opprimir o iniquo fado
Huma extemosa Mãi, Esposa amante?
Mas das iras mitiga a chamma ardente,
Que o coração afflicto te devora:
He a moderação segura guia.
Sempre de precipicio em precipicio
Nos conduz o furor desatinado.

Her-

Hermione.

Filho amado , que a eterna noite habitas ,
 Recebe o sacrificio doloroso
 Das lagrimas , que a dura mágoa arranca
 De hum triste coração , que se alimenta
 Só de angustias , suspiros , e soluços.
 Palacio deploravel ! oh familia
 Aborrecida dos Mortaes , e Deoses !
 Que destino cruel ! que infausto dia
 Todo cheio de horrores , e amarguras !
 Não bastava ver tintas as paredes
 Com o fangue do filho desgraçado ,
 Senão tambem chorar o charo Esposo
 Affassinado ás mãos do impio Orestes !
 Ah barbaro destino ! Polymene
 Ai de mim ! Polymene já não vive.
 Agora , que da triste Mãi viuva
 Consolação extrema ser devias ,
 Os Deoses te roubarão. Justos Deoses !
 Vós me tendes a vida conservado
 Para meus olhos serem testemunhas
 Do lamentavel fim de Polymene.
 Infeliz Mãi , Esposa deploravel ,
 Em qual abyssmo os fados te lançarão !
 Charo filho , que cheia de ternura
 Alimentei a meus amantes peitos ,
 Que eu eduquei com jubilo , e cuidado ,
 Esperando , meu filho , que me fosses
 Na cançada velhice doce arrimo ;
 Que as tuas mãos na minha fatal hora
 Os olhos me cerrassem , e piedoso
 As minhas frias cinzas recolheffes

No

12 OBRAS POÉTICAS

No breve espaço de huma urna de ouro.
Ai de mim! Polymene, amado filho,
Eu não vivo senão para offrecer-te
O sacrificio amargo de meu pranto.

Corifeo.

Ah Princeza! suspende alguns instantes
O doloroso curso a teus lamentos,
Ao decreto dos Deoses te submete.
O commum alimento dos humanos
São as tribulações, os infortunios,
E só quem melhor sabe supportallos
He que póde fugir-lhe aos duros golpes.
O coração conforta. Mas, Senhora,
Se Phefistra esperavas, he chegado.

SCENA QUARTA.

Phefistra, o Coro, e a Rainha.

Phefistra.

Senhora, tuas ordens em segredo
Entreguei a fieis executores,
Epyro te obedece: em toda a parte
Já se busca Idamante, brevemente
Será entre cadeas maneatado.

Rainha.

Reconheço na prompta obediencia
Que são meus interesses teu cuidado.
O perfido assassino com a morte
Pagará minhas lagrimas, e dores.

Phe-

Phefiftra.

Da Regia comitiva neste instante
 Disperfo hum Guarda chega, que confirma
 Do desgraçado Pyrro a triste historia,
 E exactamente acaba de explicar-me
 O fundamento do fatal defastre.

Rainha.

Com que motivo o furioso Orestes
 Profanando o fagrado altar de Apollo
 A vida lhe arrancou no proprio Templo?

Phefiftra.

Já trez vezes em Delphos tinha Pyrro
 Visto raiar a luz da roxa Aurora,
 Dispondo hum sumptuoso sacrificio.
 O receoso povo entra em suspeita
 Que elle reconhecer queria o Templo
 Para os thesouros lhe roubar astuto,
 Fundado na voz falsa, que corria,
 De que Pyrro intentava ao mesmo Apollo
 Satisfação pedir como culpado
 Da injusta morte de feu Pai Achilles.
 O Senado se ajunta, que em segredo
 De guardas rodear o Templo manda.
 Já Pyrro com magnifico apparato
 Principio ao sacrificio dava, quando
 Orestes com destreza entra no Templo,
 E espalhando hum murmurio furdamente,
 Logo as suspeitas em certezas muda.
 De improviso o revolto povo armado
 Gritando, o descuidado Pyrro affalta,
 Elle empunhando a espada activo, e prompto,
 Com valor algum tempo se defende;

Tom. II.

B

Mas

14 OBRAS POETICAS

Mas não podendo resistir aos golpes
Da multidão furiosa, que o cercava,
Junto ao altar cahio ensanguentado.

Rainha.

Ah que o barbaro soube astucioso
Occasião buscar para a vingança!
Peléo me tinha destinado Esposa
Do impio Orestes, depois a recompensa
Fui de hum famoso vencedor de Troia.
A Pyrrro Orestes roga suspirando,
Que o disposto hymineo lhe não perturbe;
Mas o filho de Achilles lhe responde,
Que hum perverso, das Furias o ludibrio,
De sua propria Mãe algoz infame,
Não era digno Esposo de Hermione.
Esta affronta terrivel ficou sempre
No coração do perfido gravada.
Ah Esposo infeliz! quanto funesto
Te foi meu hymineo! assassinado
A's mãos crueis de barbaros traidores,
E talvez infepulto, sendo pasto
De brutos carniceiros.

Pheisitra.

Não, Princeza,
Das honras funeraes não foi privado.
Com fiel zelo, e piedade Arbante
Os religiosos ultimos officios
Lhe tributou, e já fica disposto
A conduzir com funebre apparato
O sagrado deposito das cinzas;
E o proprio mensageiro me assevera,
Que antes que o Sol nas ondas se sepulte

Ve

erá Epyro a luctuosa pompa.

Rainha.

n fim, ao menos, justos Ceos! a triste
 onsolução terei de que meus olhos
 unhem de pranto as miseras reliquias,
 e aos feros assassinos escaparão.
 imo, oh Deoses! soffreis que sem castigo
 o enormes delictos se commettão?
 is já que a morte do infeliz Esposo
 rgar não posso, vingarei do Filho
 irinocente sangue derramado.
 bres Filhas de Epyro, que piedosas
 Nas lagrimas dais a meus pezares,
 Subres Nenias alternai, em quanto
 Criminosa victima disponho.

me segue, Pheisitra: hum só descuido
 o haja na precisa vigilancia.

Coro.

STROPHE I.

A negra Libitina
 Com as mãos sanguinosas
 Em trévas luctuosas
 Epyro sepultou.

ANTISTROPHE I.

Como lyrio mimoso,
 Que abate a fouce dura,
 Te lançou Polymene
 Na fria sepultura
 Da morte a mão feroz,

B ii

A ter.

OBRAS POETICAS

A terna Mãe afflicta
 Corre com braço armado
 Clamando alta vingança.
 Teu sangue derramado
 Chora o mesmo aggressor.

S T R O P H E II.

Já na mão de Nemefes
 As fochas vejo ardentes,
 Enroscadas serpentes
 Já ouço sybilar.

A N T I S T R O P H E II.

Pelas escuras margens
 Do medonho Cocyto
 A triste errante sombra
 Em vão com debil grito
 Chama a barca fatal.

O espirito roubado
 Em annos tão viçosos
 Leva, leva Caronte
 Aos campos venturosos
 Do repouso, e da paz.

ACTO SEGUNDO.

SCENA PRIMEIRA.

*Idamante, e o Coro**Corifeo.*

A Qui vem Idamante, vede como
 O tem desfigurado o seu delicto:
 O horror, e os remorsos lhe confundem
 Do rosto as graças. Misero mancebo,
 Que piedade me faz o teu destino!

Idamante.

Oh terra! oh luz do dia! a que remotas
 Legiões fugirei, que me não siga
 Minha iniquidade detestavel!
 Indomavel furor, que me fizeste
 Do sangue de hum Irmão tingir o ferro.
 Ou dos homens o mais abominavel!
 Que brado injurioso á minha gloria
 Vai espalhar a fama pelo mundo!
 Oh felices aquelles, que cubertos
 De cans, e rugas, tem dos longos annos
 Colhido o tardo fruto da prudencia!
 Que sabem reprimindo as paixões cegas
 Desviar-se do horrivel precipicio,
 Em que me despenhou a ira insana!
 Compaffivas Donzellas, não perturbe
 A vista odiosa deste criminoso
 Essas funebres, pias ceremonias,

Que

18 OBRAS POETICAS

Que vem só misturar com vosso pranto
Dolorosos gemidos: eu vos rogo,
Que sereneis co' as libações piedosas
De vossas ternas lagrimas os Manes
Do desgraçado Irmão. Sobre esta campa
Corra o sangue das victimas mais puras.

Corifeo.

Ah como sem tremer de horror te atreves
A expôr-te a nossos olhos lacrimosos?
Não sabes que não podem os profanos
Assistir a solemnes sacrificios?

Idamante.

Ah! não vos conjureis com impiedade
Contra este desgraçado, que procura
Ser victima do funebre holocausto:
Dignai-vos

SCENA SEGUNDA.

Cbricea, Arcinoe, e os mesmos.

Foge, salva-te, *Cbricea.*
Idamante.

Idamante.

Chara Mãi, que cuidado te accelera?
Que perigo, ou temor te sobressalta?

Cbricea.

Nossa ruina, (Arcinoe observa attenta
Se apparece algum barbaro inimigo)
Nossa ruina, ó filho, está imminente,
Se a reparar-lhe o golpe não acodes.
De espias a Cidade está cercada,

Cor-

corre a Lycas, ajunta os teus amigos,
os opprobrios, da morte te defende.

Idamante.

qual dos Gregos contra nós conspira?

Cbricea.

Rainha clamando aos Ceos vingança
de em furor, em raiva, e em nosso sangue
; crueis iras faciar procura.

Idamante.

Rainha? Respeito os seus furores,
reverente a seu braço me submetto;
as como hũa innocente Mãi envolve
o castigo do filho delinquente?

Cbricea.

la me julga complice do crime,
se tu só commetteste; e revolvendo
; passados successos, o motivo
: seus malignos zelos, imprudente
mfunde tudo. A barbara me accusa
mó motora do terrivel golpe.

Idamante.

o deploravel Mãi! a qual estado
: reduzio a minha atrocidade!

Cbricea.

ão vacilles, oh filho! hum só instante
ão te dilates: corre aos teus amigos,
nima teu partido: da tyranna
iffipa as crueis iras.

Idamante.

Onde póde
char foccorro hum fraticida infame?
qual dos Deoses será, ou qual dos homens

Tão

20 OBRAS POETICAS

Tão indulgente, que amparar-me queira
Sem horror de meu barbaro delicto?

Chricea.

Não te entregues a frivolos receios,
A minha vida salva, salva a tua.
A fortuna te estende a mão propicia,
Arbitro podes ser do teu destino.
Em partidos o povo se divide,
Huns da Rainha a impiedade seguem,
Outros em teu favor já se declarão:
Lycas te offrece o braço poderoso,
E hum secreto murmurio principia
A chamar Idamante para o throno.

Idamante.

Que falsas esperanças te allucinão?
Ponderas que veria em paz a Grecia
De huma Troiana o filho desgraçado
O diadema cingir na fronte impura
Cuberta da vergonha do delicto?

Chricea.

E receas que a Grecia não respeite
Hum ramo florecente, unico resto
Da clara estirpe do valente Achilles?
Sahe da tribulação, em que te lança
O horror de teu crime: na fortuna
Animoso confia, activo segue
O caminho do throno, que te espera.

Idamante.

Com illusões do Solio não me afflijas.
Projecto mais illustre, e mais glorioso
Já emprendido tenho: sem demora
Para Delphos os passos encaminho,

Ou

acabar ás mãos dos vís algozes,
vingando do Pai a injusta morte,
ar o delicto, que me infama.
bra triste do Irmão, em paz aceita
s remorsos mortaes, e meus gemidos.
eos, amada Mãi! do lamentavel
o recebe os ultimos abraços.

Cbricea.

e vás cegamente despenhar-te?
que abyfmo me deixas fluctuando?
frenesi mortal te irrita, ó filho,
ra teu proprio fangue?

Idamante.

Já que os Deoses
em o fangue deste miseravel,
ou morrer; porém menos culpado.

Cbricea.

to, e tens valor para deixar-me
ão fatal perigo, entregue ás iras
uma fera irritada, sem soccorro?
como a pomba timida entre as garras
avião faminto? Como podes
entir que as mãos cinjão de cadeas,
encaminharão teus primeiros passos!
rasgue o duro ferro os ternos peitos,
a tenra infancia tua alimentarão!

Idamante.

o vio consternação mais espantosa!
obstaculo se oppõe a meu designio!
o não, a desventura em vão pretende
icar-me das mãos a heroica palma:
o não pretende os passos desviar-me

22 OBRAS POETICAS

Do caminho da gloria: á nobre empreza
 Parto sem dilacão, o Ceo me chama
 A sacudir da fronte a negra infamia.
 Com o sangue de Orestes de meus erros
 Corro a lavar as manchas vergonhosas.
 Senhora, em Lycas tens seguro asylo
 Contra a forte cruel, que te persegue,
 A seu abrigo podes acolher-te:
 Elle porá em firme segurança
 A infeliz Mãi do desgraçado Amigo.
 A Deos, Senhora, a Deos.

Chricea.

Suspende, ó filho!

Idamante.

Vou a recuperar a minha gloria:
 Nem veráo mais meus olhos os lugares,
 Que testemunhas são do meu delicto.

SCENA TERCEIRA.

Chricea, Arcinoe, e o Coro.

Chricea.

AI de mim! que farei? que desamparo!
 Não encontro recurso, a desventura
 Me lança de hum abyssmo em outro abyssmo.
 Em tão fatal consternação não vejo
 Mais que ruina, e morte inevitavel . . .
 Ah desgraçado Páris, que infortunios
 A' chara, e triste Patria não causaste!
 Foi huma cruel Furia, e não Elena,
 Que tu levaste a Troia, infeliz Troia!

Ele.

Elena foi , que te entregou ás chammas
 Dos Gregos vingadores ; que as cadeas
 Me cingio do affrontoso cativeiro.
 Foi ella em fim , que me entregou ás iras
 Da soberba , da barbara Hermione ,
 E me faz supportar banhada em pranto
 Tantas tribulações , tantas affrontas . . .
 Ah chara Irmá , refugio em vão buscamos :
 A perfida Rainha sem piedade
 Me vai sacrificar a seus furores
 Impia fortuna , como te glorias
 De perseguir os tristes desgraçados ?
 Mas para que meus novos males choro ?
 Não vi a triste Illion abrazada ,
 Não vi atravessar com duro ferro
 O miseravel Pai , e a toda a sua
 Numerosa familia dar a morte ?
 Não fui eu arrastrada como escrava
 Aos navios dos Gregos inhumanos ?
 Ah seja a morte , seja meu refugio.
 He doce a sepultura aos desgraçados.
 Em fim perdida a unica esperança ,
 Que poderia agora consolar-me ,
 De que me serve a vida , que só hei de
 Alimentar com lagrimas , e dores ?
 O presente destino , e o passado
 Fazem que já me seja insupportavel.

Arcinoe.

Irmá , não desesperes , a ventura
 Tem difficeis , tem asperos caminhos :
 Confia no destino , que a desgraça
 Chegada ao maior auge , muitas vezes

Prô-

OBRAS POETICAS

24
Prodez revoluções inesperadas.
Chricea.

Que mais esperar posso da fortuna,
Que tão inexoravel me persegue?
O Ceo irado já me desampara,
A morte sobre mim levanta o ferro.
Arcinoe.

Contra o golpe fatal, que te ameaça,
O seguro refugio tens de Lycas:
Este Heroe respeitado em toda a Grecia,
Que por tantas façanhas se tem feito
A delicia do povo, e dos soldados,
Refrear de Hermione póde as iras,
E elevar Idamante ao Regio throno.
Vamos, Chricea, Lycas nos espera,
Na sua protecção descansar podés.
Vem de novo com lagrimas, e rogos
Mover seu coração compadecido.
Mas eu vejo a Rainha.

Chricea.

Oh Ceos! aonde
Me esconderei a seu aspecto odioso?

Arcinoe.

Podemos sem ser vistas retirar-nos
Do tumulo encubertas: vem, Chricea.

SCENA QUARTA.

A Rainha, e o Corp.

Rainha.

Cruel assassino vigilante
A's minhas iras esconder-se sabe;
em vão buscará seguro asylo,
vão entre os mortaes, ou entre os Deoses,
quem o salvará da justa morte,
esta Mãe vingadora lhe destina.

Corifeo.

inda o coração endurecido,
rime as iras, dá lugar, Senhora,
doces sentimentos da piedade.

Rainha.

fallais de piedade? Os interesses
geis do traidor? Charas amigas,
uereis que fiéis vos acredite,
i-me de justiça, e de vingança.

Huma pessoa do Corp.

ora, para nós encaminhar-se
Lycas com passões apressados.

Rainha.

o? Lycas? Sem dúvida que a vida
riminoso amigo vem pedir-me:
er-me a compaixão em vão pertende.

SCENA QUINTA.

*Lycas, e os mesmos.**Lycas.*

Filha de Menelão, o triste estado,
 A que os supremos Ceos te reduzirão;
 He digno de piedade, he lamentavel.
 Meu coração sensível a teus males
 A offrecer-te o mísero soccorro
 Vem de huma compaixão fiel, e pura.
 Mas, Senhora, modera a impaciencia,
 O furor, de que deixas dominar-te.
 Que projecto meditas sanguinoso,
 Que desesperação desordenada
 Te confunde, te accende o nobre peito
 De huma fatal vingança perigosa?

Rainha.

Aos designios dos Reis, como aos dos Deoses
 Os olhos fechar devem fieis vassallos,
 E submettendo-se ao poder do scepro,
 Devem, sem impugnallos, obedientes
 Respeitar seus Decretos absolutos.

Lycas.

Senhora, o dom precioso da prudencia,
 Que a distintos mortaes o Ceo concede,
 He a base mais solida, e segura,
 Que os Estados sustenta, os Reis conserva;
 E de hum fiel vassallo a indispensavel
 Obrigação he, sem o véo impuro
 Da infame adulação, aos Soberanos

A ver.

DE QUITA.

2

A verdade mostrar-lhes; e debaixo
 Desta lei inviolavel venho expôr-te
 Os sentimentos intimos do povo.
 Chora Epyro Idamante como digno
 De mais ditosa sorte. Que injustiça!
 Dizem os Epyrotas impacientes.
 Em que tem Idamante delinquido?
 Em castigar a audacia de hum soberbo,
 Que depois de o ferir com mil affrontas,
 Furioso arrancar a espada intenta?
 Que? Soffreremos que a Rainha injusta
 Sacie as crueis iras sem piedade
 No sangue esclarecido, que nos resta
 Do valeroso Achilles? Idamante
 Merece mais o throno que o supplicio.
 Estas razões pondera, vê, Senhora,
 Que se o povo huma vez sacode o jugo,
 He hum tigre feroz, que se não doma
 Sem as iras fatar em sangue humano.

Rainha.

Poderá sem horror o indigno povo
 Abraçar do aggressor abominavel
 Os impios interesses? Hum tyranno,
 Que ao innocente Irmão arranca a vida
 Para usurpar-lhe o Sceptro. Não confundas
 Com o zelo do público o teu zelo.
 He, Lycas, a amizade, e não o povo
 Que a proteger te move generoso
 O traidor insolente: solta, solta
 O vergonhoso laço, que te liga
 Indignamente a hum amigo infame.
 Hum tão vil, e execrando criminoso

Não

Não he digno do amparo, e sociedade
De hum Heroe, cujo braço tantas vezes
Tem da Patria a justiça sustentado,
Castigando orgulhosos inimigos.

Lycas.

Demaziadamente de Idamante
O delicto exageras, ó Rainha!
Mas concedo que tenha delinquido.
Sobre os maiores crimes a clemencia
Levanta o throno; fim, nem sempre deve
Seguir a culpa o rigido supplicio.
Da juvenil idade são os erros
Desculpaveis, e dignos de indulgencia.
O proceder severo, e rigoroso
He dos Monarcas fraco fundamento:
Confunde com a gloria os interesses,
A piedade as mãos ligue da vingança.

Rainha.

A que excessos de horror, de atrocidade
Não chegaria a barbara perfidia
Se-o castigo lhe não servir de freio?
Confiada no asylo da clemencia
Julgará leve culpa o negro crime
De banhar-se no fangue dos humanos.
Destemidos virão os aggressores
Despedaçar furiosos, sem piedade
Entre os braços das Mães os charos filhos.
Que Mãe da natureza tão alheia
Verá hum impio derramar-lhe o fangue
De hum filho amado, e unico, de hum fi
Que a materna ternura não exprima
No pranto, e na vingança? Não, meus o!

Não verão sem castigo o fraticida.
 Ah morra, morra o perfido, de exemplo
 Aos criminosos sirva seu supplicio.

Lycas.

He dor grande perder hum filho amado!
 Não ha para os mortaes mais duro golpe!
 Mas se os Deoses assim o determinão,
 A mágoa supportar em paz se deve.
 Não se vio Agaménon constrangido,
 Por observar dos Deoses o Decreto,
 A conduzir a victima innocente
 Da chara filha ao duro sacrificio,
 Tristemente arrancada dentre os braços
 Da afflicta Mãi em lagrimas banhada?

Rainha.

Sim, o filho de Atreo o duro ferro
 Enfanguentou na misera Iphigenia;
 Mas vingou resoluta Clitemnestra
 Com prompta morte a innocente filha.

Lycas.

E que horrores, que casos espantosos
 Não produzio a barbara vingança!
 Virão-se mais que mortes sobre mortes,
 Atrocidades sobre atrocidades!

Rainha.

Delictos castigar os Deoses mandão.

Lycas.

He dos Reis, e dos Deoses a clemencia.

Rainha.

Em vão pertendes, Lycas, applacar-me.
 Satisfeita verei correr o sangue
 Do cruel assassino de meu filho.

30 OBRAS POETICAS

Que jubilos esta alma não sentira,
Se as minhas iras faciar pudeffe,
Vingando como o filho o charo Esposo!

Lycas.

Em fim tu me retiro: fica entregue
A' cegueira fatal de teus furores.
Já que teu coração como hum rochedo
A's vozes da verdade incontrastavel
Do projecto imprudente não desiste,
Segue os impios conselhos dos indignos
Cidadãos lisongeiros, que te cercão.
Talvez que a indignação, que te endurece,
Te precipite em males sem remedio:
Talvez colhas só lagrimas, que fructo
São do arrependimento tardo, e inutil.

SCENA SEXTA.

Hesiftra, a Rainha, o Coro, e Guardas.

Rainha.

P Hesiftra, que cuidado te accelera?
Vens alguma importante aviso dar-me?

Hesiftra.

Sim, descança, Senhora, que Idamante
Já das prizões supporta os duros ferros.

Rainha.

Da tua actividade, do teu zelo
Será o justo premio sem limite.

Hesiftra.

Junto ao Templo de Thetis, das espias
Foi com sagacidade accommettido;

Mas o impio previsto a espada arranca,
 E no meio das lanças se arremessa,
 Como hum feroz leão entre cordeiros.
 A huma, e outra parte ao mesmo tempo
 Na sua dextra mão o ferro brilha.
 Não descarrega em vão algum dos golpes:
 Teus soldados se esforção, e disputão
 A gloria de vencer; mas animoso
 No combate Idamante o valor dobra.
 Hum lhe cahe a seus pés banhado em sangue,
 Outro foge ferido, e defarmado;
 Mas ou acaso fosse, ou defalento,
 Tropeçando Idamante cahe por terra.
 Os contrarios com subita destreza
 Sobre elle de tropel se atrojão todos;
 Das armas o despoção, de cadeias
 Com apertados laços logo o cingem:
 Elle bramando fervido, e raivoso
 Forceja por quebrar os duros ferros.

Rainha.

De delicto em delicto o impio corre;
 Mas hum prompto castigo livre a terra
 Deixará deste monstro sanguinoso.

Phesistra.

Encerrado num carcere seguro
 O deixei entre guardas vigilantes.

Rainha.

Vamos dispôr os ultimos preparos
 Do justo sacrificio: vem, Phesistra.

Coro.

STROPHE I.

Desgraçada stirpe
De Achilles famoso,
Que o golpe furioso
Te vai extinguir.

ANTISTROPHE I.

Hum Deos vingador
Seyero castiga
A mão inimiga
De Troia infeliz.
Ao pé dos altares
Priamo ferido,
O sangue esparfido
Da filha innocente.

STROPHE II.

O raio de Jove
Vibrando veloz
Vem de Pyrrro atroz
Os crimes punir.

ANTISTROPHE II.

Sobre este sepulchro
O ferro arrogante
Fará de Idamante
O sangue correr.
Verão nossos olhos
O Principe digno
De hum alto destino
Tão triste acabar.

ACTO

ACTO TERCEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

*amante soroadado como victima, cingido de cadeias,
rodeado de Guardas, e Sacrificadores, dos quaes
hum traz o ferro para o sacrificio,
a Rainha, e o Coro.*

Corifeo.

E Is-aqui Idamante... que defastre!
Entre os fataes Ministros, revestido
Com os ornatos funebres da morte,
Como culpavel victima ligado!
1 Região de Epyro! geme, chora
desgraça de hum misero mancebo,
um florecente Heroe, com quem fenece
da a tua esperança, e tua gloria!

Idamante.

vergonhoso crime, com que deixo
meu nome manchado, e minha gloria,
a unica angustia, que combate
eu coração em tão fatal instante.
feliz Pai! oh quanto injusto foste
n me deixar no seio do repouso!
orque Idamante não levaste ao lado?
ramaria o sangue em tua defeza,
mo tu entre as lanças morreria
os cruéis assassinos conjurados,
rém cheio de gloria, não da infamia,

Que

34 OBRAS POETICAS

Que me conduz cingido de cadeias
 Ao supplicio affrontoso. Sombra triste
 Do sepultado Irmão, que pela minha
 Atrocidade vagas entre as trévas
 Nas pavorosas margens do Cocyto,
 De voluntaria víctima recebe
 O sangue miseravel. Oh Rainha
 Justamente indignada, não dilates
 A hum desgraçado o doce bem da morte.
 Aqui tens a teus pés o delinquente,
 Com duro ferro o peito lhe traspassa.

Rainha.

Levanta-te, malvado. Como sabem
 Debaixo de palavras simuladas
 Esconder estes impios o veneno
 De hum coração perverso, e corrompido!
 Não, a tua virtude artificiosa.
 Não te póde salvar de minhas iras.
 Miseravel, confunde-te: vê esta
 Sepultura, que a tua crueldade
 Me faz banhar de inconsolavel pranto.
 Que razões poderão justificar-te?
 O inevitavel, e improviso golpe,
 Com que te vai punir esta mão justa,
 Te ajuntará ao numero dos impios,
 Que pagão com a vida seus delictos.
 Que infernal Divindade, do Diadema
 Te inspirou a ambição abominavel,
 E te moveo os passos para o Throno
 Pelo meio de hum crime tão infame?

Idamante.

O Rainha infeliz, bella Hermione,

Mai

Mais não opprimas este desgraçado,
 Imputando-lhe horriveis, novos crimes,
 De que eu não tive nem o pensamento.
 Mais terriveis me são estas affrontas,
 Do que o ferro fatal, que vejo prompto
 Para rasgar-me o peito, e dar-me a morte.
 Idamante a vileza não conhece.
 He grande o meu delicto, eu o confesso,
 Pois manchei estas mãos no triste sangue
 Do miserando Irmão; porém meu crime
 Não teve outro designio mais que aquelle,
 Que a cega indignação pôde inspirar-me
 De vingar as injurias, com que altivo
 Me ultrajou Polymene indignamente.
 Os mesmos Ceos, e a terra bem conhecem
 Que he meu coração puro como o dia!
 Sabem que não sei mais que honrar os Deoses,
 Cultivar os amigos innocentes,
 Cujã virtude os animos detesta
 Corrompidos, e sem horror da culpa.
 He assim que Idamante he conhecido
 Entre os illustres Gregos. Não seria
 O mais louco dos homens, se intentasse
 Succeder por traição tão execranda
 A hum Pai tão glorioso, cujo nome
 Se escuta com espanto no Universo?
 Não, tão vis sentimentos não me occupão;
 O esplendor da Coroa não me cega.
 Bem sabe a Grecia que eu não aspirava
 Mais que aquella, que cinge nos combates
 Do vencedor a fronte gloriosa.
 Contento de viver exercitando

36 OBRAS POETICAS

As nobres artes, que a formar ensinão
 Os guerreiros Heroes, só me bastava
 A fortuna de ser filho de Pyrro.
 O viver affastado dos perigos,
 Que ao Throno estão ligados, me foi sempre
 Hum mais precioso bem que o mesmo Throno.
 Jupiter formidavel aos perjuros,
 Ah! se eu te attesto em vão, sobre mim lança
 Os incendidos, furibundos raios.
 Eu padeça huma morte, se he possivel,
 Mais affrontosa que esta, que me cerca,
 Negue-me a terra, e mar a sepultura,
 E dos cães pasto sejam estes membros.

Rainha.

Póde a virtude mais ingenuamente
 Explicar-se, do que este fraudolento?
 Mas não ha de o cruel lisonjear-se
 De que póde enganar-me, e enternecer-me
 Com seus vãos juramentos. Que piedade
 Devo ter de hum perverso, hum assassino,
 Que sem horror do crime cruelmente
 Meu filho traspassou com ferio duro?
 Ah! triunfe, triunfe o amor materno,
 Vingue-se o filho, morra o delinquente.

Corifeo.

Que terror!

Outra pessoa do Coro.

Que espectáculo!

Outra.

Que angustia!

A Ra-

A Rainha na acção de descarregar o golpe.

Manes de Polymene, o impio fangue
 Desta agradável victima ... Ah que eu tremo!
 Que força occulta o braço me desarma! *
 Que horror a meu pezar me deixa immovel!
 O alento foge, o coração palpita,
 O fangue se me gela. Oh Ceos, que sinto!
 Deoses, se castigar mandais os crimes,
 Para que me arrancais das mãos o ferro?
 Quanto he timido nosso sexo, e debil!
 Ah! verei gloriar-se este assassino
 De arrancar a meu filho a chara vida
 Sem supportar a pena do attentado?
 Não, de escapar á rigida vingança
 Não ha de o aggressor cruel jactar-se.
 Olá, sacro Ministro, que costumás
 Intrepido tingir as fantas aras
 Com o fangue das victimas humanas,
 O golpe descarrega, fere, fere.

SCENA SEGUNDA.

Lycas com as armas na mão seguido de soldados.

AH! suspende, *Lycas.* Ministro, o iniquo golpe.

Rainha.

Vil Protector do crime, que pertendes?

Lycas.

Salvar meu Soberano da impiedade.

Ra-

* *Cabe-lhe o ferro da mão.*

38. OBRAS POÉTICAS

Rainha.

Oh Deoses! sem castigo

Lycas.

Olá, soldados,

Resgatar vosso Rei vindes da morte:
Se houver algum rebelde, que se atreva
A oppôr-se a tão legitimo desígnio,
Espire atravessado em vossas lanças.
Senhor, dá-me essas mãos, que desfaçar-te
Quero os indignos ferros, que te opprimem.
Nada temas, que Lycas te defende
Como leal vassallo, e fiel amigo.

Rainha.

Justos Ceos, e triunfa o delinquente!
Ai de mim! que farão meus vãos esforços
Entre esta multidão de gente armada?
Ah contra a vossa mísera Rainha
Vos rebelais traidores?

Idamante.

Charo Lycas,

Tua amizade pura reconheço:
Quem póde foccorrer na adversidade
Mais generoso hum infeliz amigo?
Mas da morte privar hum desgraçado
He dilatar o curso a seus tormentos.
Deixa que a descansar na sepultura
Vá o triste Idamante, deixa, Lycas;
Pois manchado da infamia do meu crime,
Gozar de que me serve a luz do dia?

Lycas.

Vem, Senhor, vem cingir na illustre fronte
O Diadema em lugar da mortal venda.

Ra-

Rainha.

Rebel'des, que intentais? quereis o sceptro
 Pôr nas mãos criminosas, e execrandas
 De hum tyranno, que a sua atrocidade
 A faciar no fangue principia
 De hum innocente Irmão? o filho indigno
 De huma escrava Troiana? Não vos lembra
 Quem foi o fero Heitor, e quem foi Páris?
 Não temeis que este monstro deshumano
 Os póvos opprimindo com violencia,
 Sobre vós, desafie a fatal ira
 Dos Deoses irritados? impios vedes
 Sem respeito infrangidas as Leis santas,
 E profanais as aras da justiça
 Para elevares o aggressor ao Throno?

Lycas.

São os Monarcas dadivas dos Deoses,
 Pertence a elles só punir seus crimes.
 O Rei ou seja injusto, ou justo seja,
 Fieis subditos devem respeitallo.
 Idamante he de Pyrro unico filho,
 E successor legitimo do Solio,
 Sua augusta pessoa he já sagrada,
 Contra elle não póde algum humano
 Conspirar sem o crime de rebelde.
 Vem, Senhor, receber as Regias honras.

Idamante.

Ah magnanimo amigo! não te exponhas
 A' inconstancia de hum povo vacilante,
 Que talvez fomentando-nos esteja
 A ruina total, e de imprevisita
 Rebelião as victimas sejamos.

Ah!

40 OBRAS POETICAS

Ah! não queiras unir-te a meu destino,
 Foje da minha iniqua sorte, foge.
 Deixa que morra só o desgraçado,
 O misero Idamante. Goza, Lycas,
 Dos felices auspicios, com que os Deoses
 Illustrão os teus dias venturosos.
 Tuas virtudes raras, e sem mancha
 São dignas de huma vida dilatada.
 Tão ingrato não sou, que sacrifique
 O mais amado, o mais constante amigo,
 Que desde a minha infancia interessado,
 Como amoroso Pai na minha gloria,
 Me tem sacrificado generoso
 Os mais ternos cuidados, e disvelos.
 Deixa que eu só acabe no supplicio.
 A miseravel Mãi te recommendo,
 Da sua triste vida tem cuidado.
 Ah! vai a soccorrella, vê se podes
 Na mágoa de perder-me consolalla,
 E fazer que innocente não suporte
 A pena só devida ao triste filho.
 A Deos, Lycas, a Deos, fiel amigo.

Lycas.

Morrer não verá Lycas Idamante,
 Sem que em sua defeza acabe a vida.
 Epyro, que me vê, e me respeita
 Como reparo solido da Patria,
 De inerte, e de cobarde me accusara,
 Se eu extinguir deixasse a clara estirpe
 Dos mais famosos, bravos vencedores
 Da soberba Dardania. Verá Lycas
 Huma successor legitimo do Solio

Scr

Ser victima da barbara vingança
 De huma Rainha altiva , e implacavel ?
 Confundir-me não hei de entre os indignos
 Cidadãos , que fomentão seus futores.
 Vem , Senhor , sôbe ao Throno , em mim confia.
 Teus sequazes fieis , e poderosos
 Impacientes te esperão , e constante
 Sempre conhecerás em mim o zelo
 De verdadeiro Pai , e fiel vassallo.
 Morrerá Lycas junto de Idamante.

Idamante.

Ah magnanimo Heroe , ah charo amigo !
 A minha gratidão , teus beneficios
 Pedem que eu te obedeça. Vamos , Lycas ,
 Os meus passos dirige , e meu destino.
 Mas da gloria sigamos o caminho ,
 Vamos vingar do Pai o triste sangue ,
 Ou morrer combatendo.

Lycas.

O mesmo braço ,
 Que te pôde arrancar das mãos da morte ,
 Poderá destruir teus inimigos ,
 E pôde sobre o Throno sustentar-te.

S C E N A T E R C E I R A .

A Rainha , e o Coro.

Rainha.

V Erão meus olhos empunhar o sceptro
 Ao perfido Idamante , o filho indigno
 Da soberba Chricea ? A vil escrava

Ve

42 OBRAS POETICAS

Verei gozar das honras do Diadema?
 Viverei sem vingança, supportando
 Seu affrontoso jugo? a illustre filha
 Do grande Menelão? Cruel fortuna,
 A gemer em tão vil abatimento
 Me constanges depois de tantos males?
 Ah Cidadãos rebeldes! Povo ingrato!
 Podeis ver Hermione reduzida
 A soffrer os ultrajes de huma escrava,
 A prostrar-se a seus pés para render-lhe
 Humilde vassallagem? Que ignominia!
 Ah! com que audacia a perfidã soberba
 Me não dirá: Aprende agora, altiva,
 A supportar insultos, e desprezos!
 Oh Deoses! ai de mim! morrer me sinto
 Na desesperação, que me devora.

Corifeo.

Não temas que se offenda indignamente
 O devido respeito á illustre filha
 De hum poderoso Rei, cuja aliança
 He preciosa a tantas Monarquias.
 Tu não es huma escrava arrebatada
 Dentre os incendios da arruinada Troia,
 Es da opulenta Esparta huma Princeza.
 De Chricea os ultrajes não recees:
 Quem se pôde atrever contra o decoro
 De huma illustre Rainha descendente
 Dos mais esclarecidos Reis da Grecia?
 Como temes o misero Idamante,
 Hum coração punido, e atormentado
 Pelo fatal verdugo dos remorsos,
 Que entre os duros tormentos do supplicio

Tem

Em mais horror do crime, que da morte?
 Com que humildade digna de clemencia
 Vão te offrecia o peito ao duro golpe?
 Que filho mais submisso, e respeitoso
 De huma indignada Mãi aos pés se prostrá
 Para o castigo receber dos erros?

Rainha.

He a arte commua dos malvados,
 Que á vista do supplicio confundidos,
 Por ver se podem reparar o golpe,
 Se cobrem com o escudo da virtude,
 E se servem das vozes da innocencia.

SCENA QUARTA.

Phefistra, os mesmos, e Guardas.

Phefistra.

EM vão embarçar o passo a Lycas
 Intentei, oh Rainha! Teus soldados
 soffrêrão valerosos os primeiros,
 E violentos golpes; mas vencidos
 Pela multidão forte dos rebeldes,
 Destroçados o campo abandonarão.

Rainha.

Ah meu chavo Phefistra! tu não sabes
 Em que novas desgraças os Destinos
 Esta infeliz Rainha sepultarão.
 Tudo em fim já perdi, já me não resta
 Mais que gemer em misera fortuna.
 Meus olhos sempre em lagrimas banhados
 Serão do filho o sangue sem vingança,

E o

44 OBRAS POÉTICAS

E o cruel assassino sobre o Throno
 Gloriar-se da sua impiedade.
 A supportar o povo me constrange
 O jugo de hum tyranno, e de huma escrava
 Oh Ceos ! a que infortunios, a que oppresões
 Me reservais depois de tantos males !

Pheisitra.

Não te entregues ás mágoas, que inda po
 Triunfar dos traidores inimigos.
 A exaltação do perfido Idamante
 Faz tomar teu partido novas forças.
 Os Grandès impacientes, e indignados
 Não tolerão que o filho criminoso
 De huma escrava Troiana o sceptro empunhe
 Dos Guerreiros a Lycas submettidos
 Já muitos seu projecto desapprovão.
 Os teus sequazes jurão de vingar-te,
 E de banhar o Throno com o fangue
 Do successor indigno. Vem, Senhora,
 Teu partido animar, antes que Lycas
 Sobornar possa o vacilante povo
 A que com voz unanime acclamado
 Seja o traidor nos publicos lugares.

Rainha.

Ah Pheisitra ! este espirito agitado
 De mil presentimentos, mil angustias
 Já da tribulação vencer se deixa.
 Não fei que novos males, que infortunios
 O afflicto coração me vaticina.
 Sim, o aggressor me irrita, e me enternece
 A sua exaltação, o seu delicto,
 Sua apparente, ou pura ingenuidade.

Me afflige, me enfurece, me suspende;
Mas devo eu ser sensível?...

Phefistra.

A' vingança

Tudo, Senhora, tudo sacrifica.
Que vá piedade, que temor inutil
N'uma lenta justiça te demora?
Cuida no prompto, no fatal supplicio.
Consentirás que hum monstro sobre o throno
Já banhado no sangue de teu filho
Te dicte as leis? Não temes que o tyranno
Para firmar a sua segurança
Astucioso procure dar-te a morte?

Rainha.

De que me serve o throno, e a triste vida;
Se o charo filho os Deoses me roubarão?...
Mas oh Ceos! morrer quero satisfeita,
Vendo banhar o solio com o sangue
Do aggressor execrando. Sim, Phefistra,
Da vingança sigamos os impulsos.
Sombra amada, que vagas implacavel
Nas margens do sombrio, e turvo Lethes!
De huma affligida Mãi a voz escura.
Como hum Deos tutelar, Filho, te invoco.
O traidor, o atrocissimo Idamante
Impiamente te fez na flor dos annos
A medonha morada ver da morte,
E em quanto em tristes lagrimas banhada
Fluctuo n'um abyfmo de tormentos,
O temerario corre sem castigo
A empunhar nas mãos, tintas no teu sangue,
O sceptro, que te usurpa. Sombra amada!

Tom. II.

D

A sua

46 OBRAS POÉTICAS

A seus atrozes olhos apparece,
 E como vingador irado, e justo
 Castiga com a morte este assassino,
 Que feroz te arrancou a doce vida.
 Ah fieis companheiras de meus males,
 Esperando ficai neste sepulchro
 Do meu Esposo as miseras reliquias,
 Pois quero que piedosas ajuntando
 As vossas tristes lagrimas ás minhas,
 Lhe tributemos as funestas honras.
 Depositar no mesmo monumento
 Quero as cinzas do Pai com as do Filho.

Coro.

S T R O P H E . I.

Defensor da virtude,
 Jupiter soberano,
 Desarma o braço insano
 Do indomito furor.
 Os ventos indignados
 No fundo abyssmo prendes,
 Tu nos ares suspendes
 O raio destruidor.

A N T I S T R O P H E . I.

Oh quanto es respeitavel
 Virtude dos Ceos filha,
 Ditoso o que se humilha
 Ao pé de teus altares.
 A teu divino aspecto
 Tremeo a morte irada,

C

DE QUITA.

47

Cahio da mão alçada
O sanguinolo ferro.

E P O D O N.

Generosa amizade,
Que aos golpes offrecida,
Vens para dares vida
A propria vida expôr.

ACTO QUARTO.

SCENA PRIMEIRA.

Chricea, Arcinoe, e o Coro.

Chricea.

VO's, Senhoras, sabeis que Polymene
Me foi tão charo, como o proprio filho,
Que seu triste destino de meus olhos
Tem arrancado doloroso pranto.

Quanto me he doce ver-vos empregadas
Em lamentar a sua desventura!

Consenti que ajuntando meus gemidos.

Aos vossos tristes ais, sacrificemos

A's suas preciosas, frias cinzas

Enternecidas lagrimas piedosas.

Ah lamentavel Principe! não posso,

Como devo, chorar tua desgraça!

A gloria, que me occupa, não permite

Que a dor tenha lugar dentro no peito;

Mas deixa que segura participe

D ii

Das

48 OBRAS POETICAS

Das honras , e poderes do Diadema ,
 Que para applacar tua errante sombra
 Ornarei este tumulo de flores ,
 Te offrecerei as victimas mais puras
 Em solemnes pomposos sacrificios.

Corifeo.

Chricea , donde vem que Polymene
 Seja á tua ternura tão precioso?
 Que a pezar da alegria , que te cerca ,
 Não te esqueces do seu triste destino?
 As lagrimas de dor , que intempestivas
 Nos olhos te rebenção , a piedade ,
 Que ás tuas honras funebres consagras ,
 Admirada me tem , me tem confusa ,
 E não sei que segredo mysterioso
 Me deixão perceber.

Chricea.

Pois tão alheia
 Da natural piedade me suppondes ,
 Que não seja sensível á desgraça
 De hum tão amavel , e infeliz mancebo?
 Sou acaso algum monstro inexoravel ,
 Como a cruel serpente vingativa
 Da implacavel Rainha? Mais humanos
 São da minha alma os ternos sentimentos,
 De Polymene a negra desventura
 Me interessa , me deve acerbos dores :
 Elle he filho de Pyrró , e juntamente
 Com Idamante vio no mesmo dia
 A luz do mundo. A' vista dos meus olhos
 Em gentileza iguaes ambos crescerão.
 Eu de hum secreto jubilo me enchia ,

Ven-

Vendo-os alguma vez interessados
 Nos pueris innocentes passatemplos:
 Suas nascentes graças accendêrão
 No meu materno amor a mesma chamma!

Arcinoe.

Basta, irmã, mais não tragas á lembrança
 Os motivos da dor, o pensamento
 Emprega na fortuna, que te espera,
 De prazer o magoado rosto banha,
 Vem ver subir ao throno triunfante
 O perseguido filho, vem, Chricea.

Coriseo.

Ah louca! pôde ser que as esperanças,
 Em que vâmente tua gloria fundas,
 Vejas trocadas em funesta pompa.

SCENA SEGUNDA.

A Rainha, Pbeſtra, o Coro, e Guardas.

Pbeſtra.

TEu coração altivo desconheço.
 Que mudança improvisa! Já, Senhora,
 Não es aquella intrepida Rainha,
 Que do terrivel ferro armando o braço,
 Jurava destruir seus inimigos.
 Entregue á confusão de hum vão remorso
 Vagas irrefoluta, em quanto o incendio
 Vai levantando chammas invencíveis?
 Ora clamando ao justo Ceo vingança,
 Abrazada em furor, estrago, e morte

Pro-

50 OBRAS POETICAS

Promettes ao *traidor*, e a seus sequazes :
Ors de dor, e *faltos* penetrada,
Espavorida *gemas*. Determinas,
E o que *ordenas* destroes no mesmo instante.

Rainha.

Ah! *vai*, *Phefistra*, mais me não consultes,
Corra o *sangue* dos nossos inimigos.
O *cruel* aggressor a pena sinta,
Que *merece*. o seu barbaro attentado.
Ai de *min* desgraçada! oh quanto invejo
Do *claro* Esposo, e Filho a triste sorte!

Phefistra.

Já *dispostas* as armas em segredo
Os *conjurados* tem, e a senha dada.
No *instante*, em que cingido do Diadema,
Cheio de pompas, sobre o Regio carro
Idamante gozar as populares
Acclamações, com repentino assalto
A forte multidão dos teus sequazes
Tingirá em seu *sangue* as duras lanças.
Vingada ficarás, antes que o dia
Entre as sombras da noite a luz esconda.

SCENA TERCEIRA.

A Rainha, e o Coro.

Rainha.

O Mundo já não tem felicidades
Para a triste Hermione, o cruel fado
Me ferio com os golpes mais sensiveis.

Co.

Corifeo.

Ah Senhora! serena o peito irado.
A vingança espantosa, que fulminas,
Não faz mais que augmentar os teus tormentos.

Rainha.

Amigas, companheiras, a meus males
Outro alivio não busco mais que a morte.
A satisfação triste só espero
De banhar em meu pranto inconsolavel
As frias cinzas do infeliz Esposo.
Oh quanto o Ceo irado me dilata
Este tão suspirado, e amargo instante!
Ai de mim! ai que angustias me combatem!
Que contrarias paixões ao mesmo tempo
Occupão a minha alma atribulada!
Do charo filho o innocente sangue
Vingança clama, e a ferir me excita.
Hum poderoso braço forcejando
Em vão quer apagar a ardente chamma,
Que me accende o furor, e me parece
Que nas entranhas huma voz me grita,
E me diz: O projecto sanguinoso,
Que indignada me dictas, n'um abyssmo
Te vai precipitar o mais horrivel.

Corifeo.

Não póde suffocar a paixão cega
Os sentimentos de hum illustre peito:
He a voz da piedade, que te falla.

Rainha.

Não, piedade não he, o impio morra.
Os fortes movimentos, que me abalão,
São a meu coração desconhecidos.

SCEN
SCE

SCENA QUARTA.

Idamante seguido de numerosas Guardas, e os mesmos.

Rainha.

CRuel, porque tão feramente armado
Vens mostrar-te a meus olhos? Que pretendes?
Tirar-me a vida, misturar meu sangue
Com o sangue do filho miseravel?
Fere, tigre faminto, que góstofo
Da morte me será o duro golpe.

Idamante.

O' atribulado coração serena,
Dissipa os sustos, que te sobrefaltão.
Estas agudas armas, que receias,
Fiel guarda serão do teu decoro.
Não temas: que vingar busque as injurias,
Que justamente tenho supportado.
Sabe Idamante mal soffrer opprobrios;
Porém a indignação, com que me ultrajas,
Não faz mais que augmentar o meu respeito.
Eu o Diadema vou cingir na fronte;
Mas repartir contigo venho o throno.
O meu maior cuidado será sempre
Intacta conservar-te a dignidade,
Serenar os teus dias tormentosos.
E permite que beije em fé, Senhora,
De minha respeitosa vassallagem
A mão, que o duro ferro....

Rainha.

Temerario,

Com tuas mãos profanas não me toques.

Ida.

Ida.

Idamante.

Que pertinaz , e que implacavel odio !
 Modera as fortes iras : castigado
 Já bastante me tem os meus remorsos . . .
 Mas os olhos , Senhora , aos Ceos levantas ?
 E a pezar do furor , que te endurece ,
 Banhas em pranto o rosto suspirando ? . . .
 Sinto estalar o coração no peito
 Das tuas tristes lagrimas ferido .
 Ah ! que exprimir não posso os movimentos ,
 De que está meu espirito agitado !
 Não me são da amorosa Mãi mais charos
 Os affagos , que as iras de Hermione .

Rainha.

Oh Deoses !

Idamante.

Se esta triste vida pôde
 O destino mudar , que te persegue ,
 Aqui tens esta espada , fere , mata ,
 Que tranquillo verei correr o fangue ,
 Por terminar os males , que te opprimem .
 Que duro peito não será sensível
 A' cruel forte ! . . .

Rainha.

Deixa-me affaffino .

Idamante.

Não te irrites , Senhora , melhor julga
 De hum coração sincero , que te falla .
 Os meus designios venho descobrir-te :
 Com a fronte cingida do Diadema ,
 Armado o peito de pezadas armas ,
 Na frente de soldados valerosos

54 OBRAS POETICAS

Ir pertendo vingar o fangue amado
Do miserando Pai, do teu Esposo.
São estas, Hermione, as leis primeiras,
Que dictar sobre o throno determino.

SCENA QUINTA.

Cbricea, e os mesmos.

Cbricea.

V Em, Idamante, vem subir ao throno,
Cheio o povo de jubilo te espera.
Vem, que já dos festivos sacrificios
Entre nuvens de fumo a chamma brilha,
E as victimas de flores adornadas
Já cercão os altares. Não te exponhas
A' indignação de teus perseguidores,
Foge aos opprobrios, vem gozar as honras.
Arrasta os inimigos maneatados
Ao carro da fortuna, que te exalta.

Rainha.

Endurecidos Deoses! he possivel
Que depois de desgraças tão funestas
Hermione se veja reduzida
A supportar tão barbaras affrontas?
Para quando guardais os vossos raios,
Se agora não vingais minhas offensas?

Idamante.

Nada temas, Senhora, que Idamante
Teu defensor será. Os meus vassallos
Verás a teus Decretos submettidos:
Não obterá nenhum a minha graça,
Sem que a teus pés se prostre respeitosa.

?I

Os thesouros serão do poder Regio
Pelas mãos de Hermione despendidos.

Cbricea.

Que imprudente projecto!

Rainha.

Em vão pertendes
Com razões simuladas applicar-me.
Vai, segue da Mãe perfida os conselhos.
Desprézo os benefícios de hum rebelde.
O temor de teu crime, e minhas iras
He que te faz submisso, e respeitoso.
Temes que minhas lagrimas conjurem
Para vingar-me o povo vacilante.

Idamante.

Nada teme Idamante. Crê, Senhora,
Que ternura, e respeito ló me movem.

Cbricea.

Oh Deoses! que proferes Idamante?
Que errados passos moves para o throno?
Queres alimentar teus inimigos,
E metter-lhes nas mãos a aguda espada,
Que ha de arrancar-te a vida cruelmente?
Ah cego! aonde vás precipitar-te?
Cuida em firmar a tua segurança,
Tudo a teus interesses sacrifica.

Rainha.

Ah perfida orgulhosa! já occulta
A sequiosa ambição: conter não podes:
A tua vil cubiça lisonjea
Nas esperanças vans, que te allucinão,
Entrega-te aos prazeres, hoje ao lado
Do criminoso filho ao throno sóbe,

De

56 OBRAS POETICAS

Determina, se podes, meu despenho,
 E em quanto o justo Ceo, horriveis monstr
 Tolera vossos crimes sem castigo,
 Talvez que bem de pressa o pranto, o fangu
 Da vossa gloria o proprio lugar banhe.

SCENA SEXTA.

Cbricea, Idamante, e o Coro.

Cbricea.

Tua bondade, filho, em vão pertende
 Desarmar seus furores implacaveis.
 Não fará teu respeito perigoso
 Mais que augmentar-lhe a barbara fereza.

Idamante.

Seu mortal odio tenho merecido.
 Ai de mim! eu desculpo as suas iras.
 Detestar o culpado Hermione deve
 Da lamentavel forte, que a maltrata.

Cbricea.

Tu culpado não es no seu destino.
 Seu desprezo arrogante não mereces:
 Sem motivo a tyranna te persegue:
 Castigar debes seus crueis designios,
 As terriveis filadas, que a soberba
 Tem impiamente contra ti armado.

Idamante.

Polymene, Senhora, era seu filho,
 Devia respeitallo, sim, devia
 Moderado soffrer os seus ultrajes,
 E não tirar-lhe a vida. Que castigo
 O meu delicto enorme não merece?

Chricea.

Lamenta embora a sua infeliz sorte,
 Chora o fangue do triste Polymene:
 Quantas lagrimas sua desventura
 Tambem me tem custado? Mas adverte
 Que o objecto principal de teus cuidados
 Deve ser o Diadema, que na fronte
 Hoje te cinge a prospera fortuna.
 E não podes no throno segurar-te,
 Se da Rainha o orgulho não refreas:
 Se em paz queres gozar a tua gloria,
 Põe-na em remoto, e aspero desterro,
 Ou manda que a soberba a vida acabe
 Encerrada n'um carcere medonho.

Idamante.

Não, Senhora, que eu siga não esperes
 Tão malignos, tão horridos conselhos.
 Quero antes perseguido da desgraça
 A sorte experimentar mais abatida,
 Do que subir (que horror para Idamante)
 Ao throno por degráos em fangue tintos.
 Permite, chara Mãi, que te declare
 Os ternos sentimentos em minha alma.
 Para mim Hermione enforcida
 Tão respeitavel he como Chricea:
 O seu odio implacavel, suas iras
 Nunca á vingança poderão mover-me.
 Tão infame ferei, que ainda opprima
 Huma queixosa Mãi! depois de ter-lhe
 Tão dolorosas mágoas motivado!
 Ah! perdoa, Senhora, não pertendo
 Mais que enxugar-lhe o pranto, que a seus olhos
 Fez

58. OBRAS POETICAS

Fez derramar a minha crueldade.
 Humilhada a seus pés a minha Corte
 Veja a illustre Hermione, reja, mande,
 Como Idamante seja obedecida.

Chricea.

Ah barbara fortuna! filho ingrato,
 He este o justo premio da ternura,
 Com que sempre eduquei a tua infancia,
 Do zelo, com que tenho procurado
 Salvar-te das mãos impias da inimiga,
 Prompta a banhar o ferro no teu sangue,
 E franquear-te o caminho para o throno?
 Soffrerás que a Rainha inexoravel
 Das honras goze, que me são devidas?
 Que Epyro lhe obedeça, que me veja
 Confundida entre a turba dos vassallos?
 Que a cruel seu orgulho lisonjee,
 Fazendo-me a seus pés prostrar submissa?
 Não te lembra que he tua Mãi Chricea?
 E que dar-lhe no throno lugar deves?
 Que seus conselhos justos, e saudaveis
 Por seguro caminho guiar podem
 A tua idade pouco experimentada?
 Nas mãos te ponho o sceptro, de seu pezo
 Aliviar te posso em grande parte.
 Quem te será mais firme confidente,
 E mais fiel que o coração materno?
 Em quem seguro podes, charo filho,
 Descançar das fadigas do governo?

Idamante.

Vamos, Senhora, Lycas nos espera,
 E sustentar o sceptro determino

Pe

Pela sua prudencia regulado.
 Não te affustes com vans desconfianças,
 Não julgues que eu confinta que não sejas
 Como Mãe de Idamante respeitada.

Coro.

STROPHE I.

Como não abrandas,
 Hermione, o peito
 Ao terno respeito
 Do triste aggressor.

ANTISTROPHE I.

Sequiosa ambição,
 Por alta ventura
 A virtude pura
 Queres corromper.
 Porém a grande alma
 Só de gloria acceza
 Constante despreza
 Conselhos cruéis.

STROPHE II.

De novo a vingança
 Se esforça indignada,
 É nova filada
 Armado já tem.

ANTISTROPHE II.

Oh Divina Thetis,
 Sahe dos fundos mares,

Que

60 OBRAS POETICAS

Que ante teus altares
Nos vamos prostrar.
De teu filho o fangue
Impiamente corre;
Epyro soccorre,
Deosa tutelar.

ACTO QUINTO.

SCENA PRIMEIRA.

A Rainha, e o Coro.

Rainha.

Feis amigas, vossa companhia
He doce refrigerio ás minhas mágoas,
Já este coração em tantos males
Estalado teria, se piedosas

Nas minhas afflicções me não tivesséis
Com tão grande disvelo consolado;
Mas ah! charas amigas, soccorrei-me,
Soccorrei-me . . . augmentar-se a cada instante
Sinto a tribulação, as amarguras.
Dissipai, Deoses, meus mortaes terrores.
Eu tremo, como se hum profundo abyfmo
Abrir visse debaixo de meus passos.

Corifeo.

Ah! minha Soberana, de Idamante
O miseravel fangue derramado
Não te fará sahir da sepultura
O charo filho, nem serenar pôde

A tua]

A tua dor ; o teu amargo pranto
 Não fará mais que o pensamento encher-te
 De pavorosas funebres imagens.

Rainha.

A sua submissão, o terno zelo,
 Com que por minha sorte se interessa,
 Me admira, e me confunde ; que virtude
 Brilha na sua boca respeitosa.
 Póde tanto fingir-se a ingenuidade !

Corifeo.

Com prudencia discorres : não, Senhora ;
 O coração, aonde o engano reina,
 Não póde ter tão doces sentimentos.

Rainha.

Mas o fangue do Filho derramado
 Em vão clamando ficará vingança ?

SCENA SEGUNDA.

Phefistra, os mesmos, e Guardas.

Phefistra.

JA' nas vozes do povo, de Hermione
JO triunfante nome aos ares vôa.

Rainha.

lá he morto Idamante ?

Phefistra.

Já nos braços
 De Lycas deo os ultimos suspiros.

Corifeo.

Oh desgraçada estirpe de Peleo !

62. OBRAS POÉTICAS

Pbeſiſtra.

Sobre hum carro triumphal, cheio de pompa,
 Ornada do Diadema a fronte altiva,
 Entre huma multidão de armada gente
 Seguro a receber se encaminhava
 As acclamações públicas; o povo
 De toda a parte aos bandos concorria:
 Quando por entre a turba numerosa
 De mão d'eftra huma setta despedida
 Quasi invisivel lhe traspassa o peito.
 Idamante a cabeça balançando,
 Deixa o braço cahir, que o sceptro empunha,
 Derrama negro fangue pela boca,
 E cahe aos pés dos cavalloſ moribundo.
 Ao eſtrondo da queda se eſpantárão
 Deſenfreados os fogofos brutos,
 E co' as pezadas rodas atropelão
 O enſanguentado, palpitante corpo.

Rainha.

De terror cheio o coração palpita.

Pbeſiſtra.

Huns immoveis paſmados emudecem,
 E gritão outros: Hermione viva.
 Lycas eſpavorido em vão o chama,
 Confuſo o lacerado amigo abraça,
 E fica ſobre o palido cadaver
 Derramando gemidos, e ſoluços.

Corifeo.

Incomprehenſiveis Deoſes! que deſtino
 Os dous filhos de Pyrrro experimentárão?
 Hum dia os vio nacer, e no ſepulchro
 Quasi os tem viſto entrar hum meſmo dia!

SCE

SCENA TERCEIRA.

Cbricea, Arcinoe, e os mesmos.

Cbricea.

Que mais pertendes, implacavel fera;
Para satisfação da impiedade?
A minha vida? Manda dar-me a morte.
De faciar acaba no meu sangue
Tuas famintas iras.

Rainha.

Olá, Guardas,
Afastai este monstro de meus olhos,
Puni esta soberba intoleravel,
Com vossas lanças traspassai-lhe o peito.

Cbricea.

Sim, offercer me venho ao duro golpe;
Mas hum segredo quero descubrir-te,
Que vingará meu sangue, que supplicio
Tormentoso será de teus furores.

Rainha.

Que procura inventar a tua industria
Mais horroroso para atormentar-me?
Ide, soldados, arrancai-lhe a vida.

Cbricea.

Farta, tyranna, a fera atrocidade;
Porém fica gemendo entre os remorsos
De ter ao proprio filho dado a morte. *

Rainha.

Que remorsos! que filho! justos Deoses!

E ii

SCE-

* Os soldados a arrebatão.

64 OBRAS POÉTICAS

SCENA QUARTA:

Rainha, Arcinoe, e Phefistra.

*Arcinoe. **

DEploravel Rainha, tem piedade
Desta infeliz Princeza, que o destino
Entregou ás prizões do cativeiro:
A' sua desventura a dor evita
De ver á triste irmã dar morte crua,
Unica companheira de seus males.

Rainha.

Deixa-me em paz.

Cbricea. ()*

Oh Deoses! ai que morro.

Arcinoe.

Crueis soldados, suspendei o golpe.

SCENA QUINTA:

Rainha, Phefistra, e o Coro.

Rainha.

OH Ceos! que confusão!

Phefistra.

Senhora, deixa

De mais atormentar-te; por ventura
Tens dado á luz do mundo mais que hum filh

Rainha.

Não.

Pl

* Lançando-se aos pés da Rainha. (*) \ Dentro da sce

Pliefftra.

Poris que fustos váos teu peito affigem,
 Se o traidor filho da soberba escrava
 He arrancou cruelmente a doce vida?

Rainha.

Huma queixosa voz, que me atormenta,
 Duço gritar no fundo de meu peito.

Corifeo.

A fupportar em paz hum novo golpe,
 Ienhora, o coração afflicto anima.
 Tu já diviso Arbante coroadó
 De verdenegros luctuosos ramos,
 Que n'um triste silencio submergido
 Conduz do teu Eſpoſo as frias cinzas.

Rainha.

Ah que a dor se renova! mas quem póde
 O pranto reprimir, as amarguras
 A' vista de espectáculo tão triste!

SCENA ULTIMA.

*Arbante acompanhado de huma lutuofa pompa, com
 huma urna nas mãos, e os meſmos.*

Arbante.

DEploravel Rainha, se o destino
 Do desgraçado Eſpoſo te he notorio;
 Sabes que o breve eſpaço desta urna
 Incerra as suas miserias reliquias.

Rainha.

Li de mim desgraçada! fim, Arbante,
 Lem notorios me são meus infortunios!

Da

66 OBRAS POETICAS

Dá-me, servo piedoso, este sagrado,
 E triste monumento. Deixa, . . . deixa
 Que o abrace, que o beije ternamente,
 E que de minhas lagrimas o banhe.
 Ah Esposo infeliz! ah doce Esposo!
 Que ainda que infiel sempre reinaste
 Na minha alma offendida. Urna funesta,
 A meus chorosos olhos não offreces
 Mais do que hum seco pó, huma vã sombra.
 Ah charo Esposo! quanto diferente
 Foi a admiravel pompa da partida!
 Sobre hum brilhante carro precedido
 De instrumentos sonoros, todo cheio
 De gloria, e magestade te ausentaste!
 E agora te recebo reduzido
 A humas frias, e ligeiras cinzas.
 Ai de mim! de meus olhos separado,
 Longe do teu Palacio o impio Orestes
 A vida te arrancou infamemente,
 Sem que pudesse a tua amante Esposa
 As honras do sepulchro tributar-te.
 Eu a consolação teria ao menos
 De cerrar, como ao filho desgraçado,
 Com a minha amorosa mão teus olhos
 Já cubertos de tristes negras sombras,
 E de ouvir os teus ultimos suspiros.
 Oh fatal dia! em que a terrivel morte,
 Como desenfreada tempestade,
 Que abate, e despedaça hum denso bosque,
 Arruinou a minha infeliz casa.
 Ai de mim! Ai de mim! tristes reliquias,
 Recbeimei-me no seio desta urna.

Am

DE QUITA

67

Amado Esposo , Filho desgraçado ,
soffrei que esta infeliz , que vos suspira ,
particpe da vossa sepultura ,
Assim como dos vossos infortunios
participado tem : a meus desejos
Não ha mais precioso bem que a morte.

Corisco.

Desgraçada Rainha , a dor modera :
A Lei irrevogavel dos destinos
Nenhum mortal isenta do sepulchro.

Arbante.

As dolorosas lagrimas , que soltas ,
sem , Senhora , legitimo motivo ,
pôis te pôde privar a dura morte
do mais amavel , do mais digno Esposo ;
mas ao menos o pranto evitar pôdes ,
que derramar te vejo pelo Filho.

Rainha.

Como ! chorar não devo o charo Filho ,
que na perda do Esposo só podia
ser a consolação desta Mãe triste ?
e estes magoados , e infelices olhos
vem naquelle tumulto encerrado ?

Arbante.

Os funestos successos , que affligido
em a casa de Pyrrro , não ignoro :
si que o bravo Idamante ardendo em ira
Polymene deo violenta morte.

Rainha.

ois julgas que não he o triste Filho
igno das ternas lagrimas , que verto ?

Ar-

68 OBRAS POETICAS

Arbante.

Chorar não te pertence a Polymene.

Rainha.

Arbante, tu deliras?

Arbante.

Ah! Senhora,

Serena o coração atormentado,
Que o prodigio, que vou annunciar-te,
Diminuirá o pezo de teus males.
Sabe, excelsa Rainha, que teu filho
Polymene não he, he Idamante.

Rainha.

Tu pertendes, Arbante, confundir-me,
Ou vens escarnecer de minhas mágoas?

Arbante.

Não, minha Soberana, em vão não fallo,
A tua dor mitiga co' a alegria
De recobrar hum filho, que do berço
Usurpado te foi, e que julgavas
Já entre as trévas horridas da morte.

Rainha.

Que escuto, oh Ceos! tomai, charas amigas,
Mai este deposito, que absorta
O sangue gelar sinto.

Arbante.

Attenta, escuta

As sagradas palavras, que espirando,
Affirmadas com santo juramento,
Pyrro depositou dentro em meu peito.
Cahir ensanguentado, e moribundo
Aos repetidos golpes dos contrarios
Vi o meu infeliz Senhor por terra.

A soc-

A foccorrello promptamente corro,
 Com alta voz o chamo, elle os turbados
 Olhos abre, que logo a cerrar torna,
 E gemendo a mão tremula me estende.
 Fiel Arbante, me diz, o Ceo me arranca
 Huma innocente vida, tem cuidado
 De applicar o meu sangue, e a minha sombra.
 Dize á mísera Esposa... e suspendendo
 Hum pouco a voz, que mal articulava,
 Como quem recordar quer altas cousas,
 Depois de hum ai profundo, oh Ceos! exclama,
 Com que gesto severo o bravo Achilles
 Me não reprehenderia, se eu entrasse
 Nas Elyfias moradas, usurpando
 A hum successor legitimo o Diadema,
 Para deixar o filho da Troyana
 Sobre hum throno da Grecia! ah! em que absurdo
 Me fez cahir de amor a paixão cega.

Rainha.

Cada palavra, que lhe escuto, ó Deoses,
 He hum panhal, que o peito me traspassa.

Arbante.

Estas ultimas vozes grava Arbante,
 No fiel coração, profegue Pyrro,
 E em toda a Grecia sejam publicadas.
 A' minha Esposa diz, que Idamante
 He das suas entranhas o precioso,
 O verdadeiro fruto, e Polymene
 He de Chricea o filho.

Rainha.

Polymene

Da escrava o filho... oh Ceos! como he possível!

Ar.

Arbante.

He verdade, Senhora, tudo Pyrró
 Revelou combatido dos remorsos.
 Instigado dos rogos de Chricea,
 E de hum ardente amor allucinado,
 Com sua propria mão tirou do berço
 (Apenas tinham visto a luz do dia)
 O successor legitimo do Solio,
 Em seu lugar deixando Polymene,
 Para que elle do sceptro fosse herdeiro.

Rainha.

Ah Phefistra! aqui tens desenvolvido
 O segredo da escrava; a minha sorte.

Phefistra.

Que inesperado, que espantoso caso!

Corifeo.

Como os cegos mortaes se precipitão
 Em abyssos de males, e de horrores!

Arbante.

Mas, Senhora, que palmo te emudece
 De gemidos, e pranto acompanhado?
 A desesperação, as amarguras
 Perturbão teu semblante, ó Deoses! quando
 Serenar tuas mágoas esperava,
 Restituindo a teus amantes braços
 Hum Filho, que julgavas já perdido,
 Te vejo fluctuar em novas dores
 O coração afflicto.

Rainha.

Vio o mundo
 Monstro mais infeliz, e mais horrivel!
 Ah Chricea cruel! Ah vil escrava!

Ná

DE QUITA.

71

bastava roubar-me o doce Esposo ,
o tambem roubar-me o charo Filho ?
ha desgraça os Fados completarão.
do Esposo as cinzas encerradas
a urna funesta , finalmente
a morte a quem tinha dado a vida.

Arbante.

espantoso successo me referes ?
e a morte a Idamante ? que desgraça !

Rainha.

o mim ! fim , Arbante , oh Deoses .. morro !

Arbante.

multidão de males imprevisos !

Phesistra.

or lhe priva o uso dos sentidos.

Corifeo.

Ceos ! que astro maligno tecer pôde
fatal cadeia de infortunios ;
negra , que inimiga divindade
sobre esta mísera Rainha
o pezo tão enorme de desgraças
nais pasmosas , que tem visto o mundo.

Rainha.

e mim ! ai de mim ! que nuve espessa
turbou de improviso a luz dos olhos ,
s Deoses ... Arbante ... companheiras ...
vós derramais lagrimas piedosas ,
o vos atreveis a soccorrer-me ?
fugis desta barbara homicida ?
filho deploravel ! arma o braço ,
ga esta Mái impia : fere , rasga

As

se desmaiada.

72 OBRAS POETICAS

As entranhas crueis , que te gerááo?
 Cahi porticos , muros , altas torres ,
 Sepultai-me debaixo das ruinas.
 O sangue derramei do Filho amado,
 E inda o Sol me allumia , inda respiro !
 Oh desesparação ! Injustos Deoses ,
 Que culpa commetti para fazer-me
 O odio dos mortaes , o hon'or do mundo ?
 Onde irei arrastar os meus remorços ,
 Até que pouco , e pouco me consumáo ?
 A insupportavel vida , que me resta ?

Corifeo.

Que duro coração negar se póde
 Aos ternos sentimentos de piedade ?
 Que dor me causáo , misera Rainha ,
 Os espantosos males , que te cercáo.

Rainha.

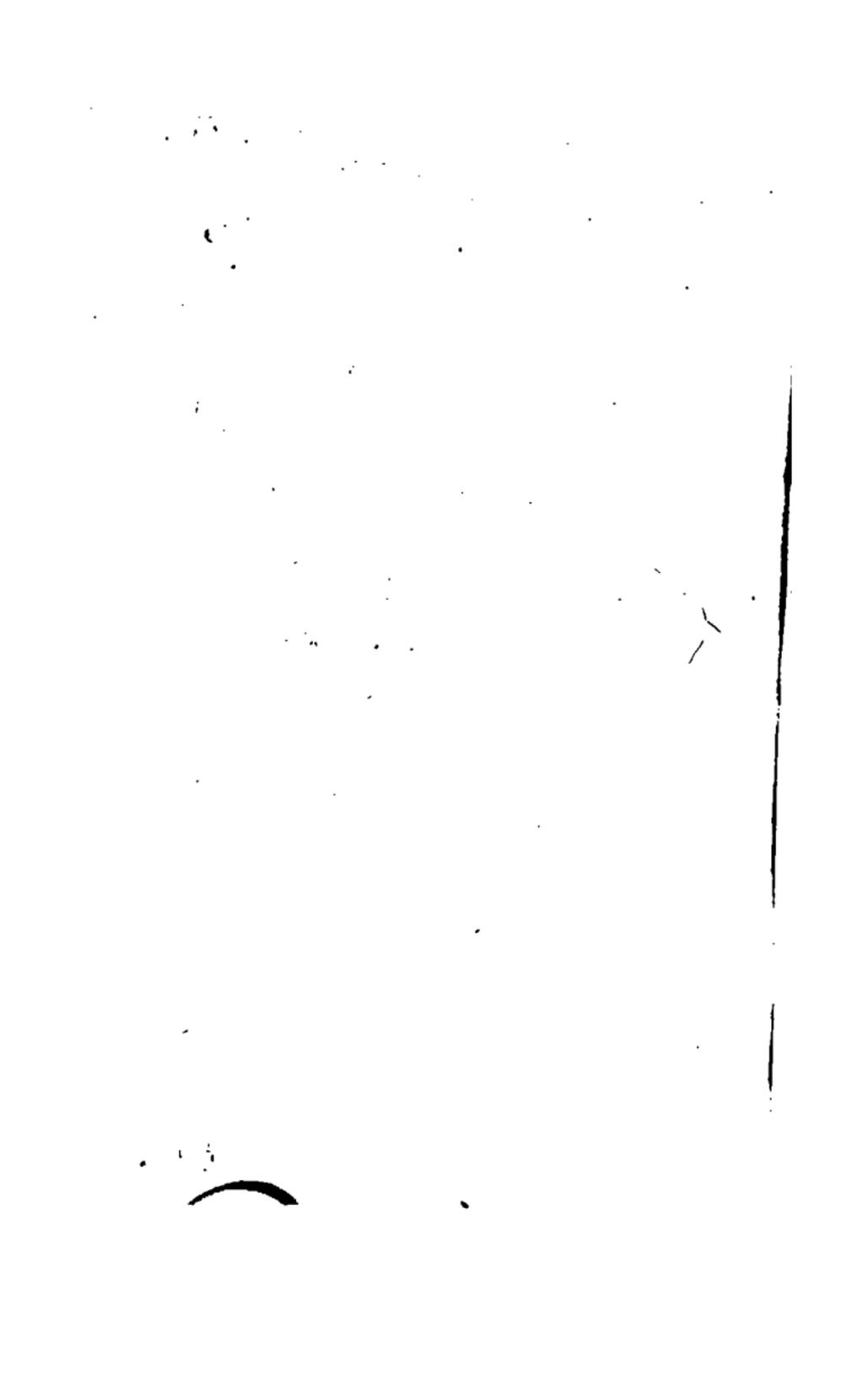
Fieis amigas , inda compassivas
 Vos dignais de chorar o meu destino
 Depois de tanto horror ? Inda benignas
 Não desamparais esta criminosa ,
 Este monstro execrando , e este objecto
 Da indignação dos Deoses , e dos homens ?
 Ai de mim ! ai de mim ! Supremos Deoses ,
 Já que vós minhas iras confundistes ,
 Desarmando-me o braço levantado ,
 Porque na boca destes simulacros
 Não fizestes soar a voz eterna ,
 Como horrivel trováo , para avisar-me ,
 Para o fatal segredo descubrir-me ,
 Origem de meu crime abominavel ,
 E de meus espantosos infortunios ?

Ab

Ah Cidadãos! ah Póvos! Se piedade
Tendes desta Rainha desgraçada,
Porque hum punhal me não cravais no peito;
Ou me não sepultais nos mares fundos?...
A Deos, triste Palacio, a Deos, lugares
Todos cheios de horror, tintos de sangue.
Soberano esplendor da magestade,
Em pavorosas sombras envolvido,
A Deos, que eu vou chorar minhas desgraças
Na solidão de hum misero desterro,
Nas mais desertas, e profundas brenhas,
Aonde mais não veja a luz do dia.

Corifeo.

Qual dos mortaes feliz chamar se póde,
Se a fortuna dos Reis está sujeita
A mudanças tão tristes, e espantosas?



CASTRO
TRAGEDIA

ACTORES.

O Principe D. Pedro.

Dona Ignez de Castro.

El Rei D. Affonso IV.

Coelho. } Conselheiros.
Pacheco. }

Hum Embaixador de Hespanha.

Almeida, Confidente de D. Pedro.

Leonor, Aya de Dona Ignez.

A Scena he no Jardim da quinta das Lagrimas.



ACTO PRIMEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

Principe, e Ignez.

Ignez.



Principe, divertir em vão procuras
A tristeza mortal, que me acompanha :
Deste ameno jardim as verdes plantas,
Que tão alegres já meus olhos virão,
Medonhas me parecem : cada sombra
Hum assassino armado me figura :
Se agita os ramos o ligeiro vento,
Immovel fico, esmorecida tremo :
Quando te vejo, hum novo sobressalto
O coração me anima ; mas não posso
Dissipar os temores, que me cercão.

Principe.

Formosa Ignez, o animo serena :
Em fantasticos sustos não consumas
Os instantes a nosso amor devidos.
Descança no solícito disvelo

Tom. II.

E

De

78 OBRAS POETICAS

De hum coração , que nesses olhos arde ;
 Que sempre vigilante tem buscado
 Destruir os obstaculos contrarios
 A teu feliz repouso , a teus desejos.

Ignex.

De teu constante amor não desconfio ,
 Que benigno me ampara , e cuidadoso ;
 Mas a desgraça temo , que invejosa
 Já começa a turbar minha ventura ;
 Pois ignorando Affonso que nos liga
 Do sagrado consercio o santo laço ,
 Nova aliança firma com Castella ;
 E para ser o vinculo mais forte
 Da jurada amizade , determinão
 Que tu dês a Beatriz a mão de Esposo.
 A Princeza com pompa magestosa
 Para nossas Fronteiras se encaminha.
 A pezar de importantes embaraços
 ElRey da Corte sahe , talvez irado
 De ouvir as tuas frivolas escusas ,
 E já pizando as margens do Mondego ,
 Do Embaixador de Hespanha vem seguido.
 O soberbo Coelho , o audaz Pacheco ,
 Seus crueis Conselheiros , o acompanhão ,
 Que no rigor das leis endurecidos
 Não conhecem brandura , nem piedade.

Principe.

Confesso que a chegada repentina
 De meu Pai a Coimbra , acompanhado
 Do Conde Embaixador , me traz confuso ;
 Porém como tem sido impenetravel
 O segredo de nossos desposorios ,

Julgará que de novo forcejando,
 Com solidas razões possa arrancar-me
 Da paixão amorosa, em que me obstino.
 Mas quanto são errados seus projectos!
 De meu constante amor as puras chammas
 Não lhes ferião menos invenciveis,
 Que o laço indissolúvel, que me liga.
 Descança, bella Ignez, nada receies.

Ignez.

Príncipe amado, descansar não posso
 Nos sustos, que me affligem.

Príncipe.

A quem temes,
 Se meu amor, e braço te defendem?

Ignez.

Temo a soberba Hespanha, o cego povo,
 E temo de teu Pai severo, e justo
 O grande coração, e de meus filhos
 Receio o lamentavel desamparo.

Príncipe.

Reprime, bella Castro, o terno pranto,
 Que supportar não posso a dura mágoa
 De ver teu rosto em lagrimas banhado.
 Julgas que eu possa do menor perigo
 Ver os teus bellos dias ameaçados,
 Sem que para salvar-te exponha a vida?
 Primeiro me verás, amada Esposa,
 O sangue derramar em tua defeza,
 Do que soffrer que a mão mais respeitavel
 Para offender-te intente levantar-se.
 Sahe da tribulação de vãos receios,
 Em paz o fruto goza da ternura,

80 OBRAS POETICAS

Que o extremo do coração me inflamma,
Em quanto sobre o Throno, que me esper
Tranquillo possessor, a bella fronte
Esta mão te não cinge c'o Diadema.

Ignex.

Senhor, quizerá o Ceo que não tivesse
Thronos o teu amor para offrecer-me,
E que tua alma só o premio fosse
De meus di velos, e de meus suspiros.
Tu verias então como elevada
Na gloria de ser tua não temia
Da contraria fortuna os duros golpes:
Meus tristes olhos não derramarião
Mais que as suaves lagrimas, que exhala
Hum coração ferido de ternura.
Só então me julgára venturosa.
Quanto, Principe amado, a forte invejo
Dos humildes Pastores innocentes,
Que no centro das selvas, onde habita
O prazer, e o socego, alegres gozão
Das doçuras de seus castos amores.
A ventura os iguala, amor os une,
Sem que a mão da politica orgulhosa
Curto limite ponha a seus desejos.

SCENA SEGUNDA.

Almeida, e os ditos.

Almeida.

Senhor, chegou ElRey, e já entrando
Vem a primeira sala do Palacio.
Apressa os passos, corre a recebello.

Ignez.

Ai de mim! soccorrei-me, Ceos piedosos!

Principe.

Socega, Ignez amada, não te affustes,
A teu Quarto segura te retira.
Segue, fiel Almeida, a afflicta Esposa.
Sim, vai no sobrefalto perigoso
Com teus sábios conselhos confortalla.

SCENA TERCEIRA.

Principe, e ElRey.

Principe.

Neste instante, Senhor, fui avisado
Da tua inesperada, e feliz vinda,
E a toda a pressa já me encaminhava
A beijar respeitoso a mão augusta.

Rei.

Aquelle filho, Principe, que sabe
Respeitar a seu Pai, não fica immovel
Aos paternos mandados, obediente
A vontade submete a seus preceitos.
Tu a meus rogos furdo, tu remisso

82 OBRAS POETICAS

A's inviolaveis, soberanas ordens,
E á luz da razão cego não respeitas
Mais que a louca paixão, que te domina.

Principe.

Desculpa como Pai, Senhor, meus erros.

Rey.

Principe, como Rey attento devo
Regular meus Estados, a justiça
Equilibrando com balança recta.
Desde o dia fatal, que o Ceo benigno
Depositou em minhas mãos o scepbro,
Ainda não propoz a meus cuidados
Mais altos, importantes interesses
A' felicidade pública; e tu deves
Mais prudente cuidar, mais advertido
No preciso socego deste povo,
Que o indiscreto amor, que te allucina,
Vai lançar n'um abyssmo de discordias.
Beatriz já partio, e em breve tempo
A veremos gostosa entrar na Corte,
Que para recebella se prepara
Com magnificas pompas, e com festas.
Hoje pertendo, Filho, se publiquem
Com applauso festivo os Desposorios;
E para que á feliz solemnidade
O decoro não falte magestoso,
Vem os Grandes da Corte, Conselheiros,
E o mesmo Embaixador comigo trago.
Resolve, não vaciles, hoje quero
Que tão grave negocio se conclua.

Principe.

Hoje, Senhor...

e'A

Rey.

Rey.

Sim, Filho, perigosa
 s póde ser a dilacão mais breve.
 mesmo Sol, que o curso já declina,
 de ver meus projectos completados.
 que esperas? que os olhos da Princeza
 tuas repugnancias examinem?
 que ultrajada com desprezos duros
 Hespanha volte em fim desesperada?
 e as estrangeiras Cortes nos criminem
 a desordem como factio indigno?
 eras que Castella a toda Europa
 queixe de lhe havermos sem justiça
 tratado solemne a fé violado?
 as mesmas razões o seu Ministro
 em particular me representa,
 não presumas que esta Monarquia
 se soffrer em paz tão grande injuria.
 cheço o seu orgulho, não duvides
 e para despicar-se torne as armas.
 prevenir devemos os perigos,
 antes que se levante a tempestade.

Principe.

vão, Senhor, te espantão seus futuros:
 o tirará de nos mover a guerra
 mais que a vergonha de ficar vencida.
 ameaços de Hespanha não receies:
 as suas Cidades desfoladas
 não nossos triunfos publicando:
 a lembrada está que o nosso braço
 libertou das armas Agarenas.

Rey.

Rey.

Não deve hum Rey cegar-se da vangloria,
 Desprezando a equidade, porque a forte
 De vencedor o nome lhe tem dado.
 Nem sempre na campanha se orna a fronte
 De triunfantes louros, a fortuna
 Muda ás vezes a gloria em triste infamia.
 Não he porque eu de indigno terror cheio
 Da bellicosa Hespanha as iras tema;
 Mas se no campo armado for preciso
 Disputar-lhe a razão, justifiquemos
 Antes nossos legitimos direitos,
 E não demos á sua inimizade
 Hum vão pretexto. Dos cançados Póvos
 Devemos ter piedade, que triunfando
 Tambem as Monarquias se enfraquecem.
 O Monarca guerreiro compra a gloria
 Cos gemidos, c'o sangue dos vassallos.
 Assim para evitar a guerra odiosa,
 E para segurar a nova aliança,
 Vem jurar os felices Desposorios.
 Não te dilates, vem, amado Filho,
 Minha Real palavra desempenha,
 Firma do Estado os grandes interesses.
 Sim, entre os braços deste Pai, que te ama,
 Obediencia promete resoluta.

Principe.

Ah! perdoa, Senhor. . . .

Rey.

Que! tu repugas?

Principe.

Ah! perdoa, Senhor, que a teus preceitos

bedecer não posso. Se me ordenas
 ue a vida exponha contra o ferro, e fogo
 ã defeza da Patria, ou para o sceptro
 : conservar, Senhor, na mão augusta,
 termina, serás obedecido,
 rrer me verás prompto a dar o sangue
 tre as agudas armas do inimigo;
 as que este coração, que tenho dado,
 utro jugo suporte, outras cadeias,
 minha fé, amor o não consente.

Rey.

im coração covarde, que se deixa
 minar de paixões affeminadas,
 : cingir o Diadema não he digno.
 1, que me deves succeder no Throno,
 mover do Governo as longas redeas,
 mo serás, os póvos regulando,
 gido defensor das Leis sagradas,
 ão pizas c'os pés os váos prazeres?
 nce gloriosamente a paixão cega,
 te os sentidos assim te desordena.
 r instantes aqui chegar espero

Conde Embaixador; e adverte, Filho,
 te muito nos importa que a seus olhos
 ondas teus delirios vergonhosos.

Principe.

1, Senhor, o respeito mais sagrado
 o pôde reprimir ah! não me atrevo
 dizer-te o que sente o peito afflicto.
 nheço que es meu Pai, meu Soberano,
 a lembrança a lingua me entorpece;
 s, *Senhor*, não opprimas, não constranjas

Hum

88 OBRAS POÉTICAS

Descontente murmura o Povo, e clama:
 O Reino pendente sobre o precipício,
 E salvá-lo não podes, senão mandas
 Logo tirar do mundo a causa opposta.
 He a vida de Castro quem nos traça
 A ruína, que vemos imminente.
 Com o sangue de Castro comprar deves
 O público locego, o teu repouso.

Rey.

Com o sangue de Castro! hũa innocente
 Ha de ser pelas mãos da tyrannia
 A victima de humanos interesses?
 Verei a minha gloria deslustrada
 No Inverno já de meus cançados annos
 Com a mancha affrontosa da crueldade?
 Não, amigo, mais pio me aconselha.
 Vejamos se podemos dar remedio.
 A nosso mal sem augmentar o damno.

Coelho.

Senhor, para atalhar hum grande incendio
 Derribão-se os vizinhos edificios,
 Que inda illesos se vem de voraz chamma;
 E o que parece duplicar o estrago
 He sabia prevenção: Não te suspenda
 Huma inutil piedade, e perigosa:
 Adverte, Senhor, que hum Rey prudente
 Deve á conservação do Estado tudo
 Sacrificar. E quantos pela Patria
 Entregarão seus filhos ao supplicio?
 Esta severa Lei faz muitas vezes
 Condemnar com justiça os innocentes.

Rey

Rey.

io, Coelho, por meios mais suaves
 pero serenar a tempestade,
 e tão medonha, e feia vem soprando.
 fastarei dos olhos de meu Filho
 occasião da sua pertinacia:
 n perpetua clausura logo seja
 na Ignez encerrada.

Coelho.

Em vão pertendes
 o Principe apagar o amor ardente,
 e quanto nas mais leves esperanças
 amentar o fogo, em que se inflamma.
 e, Senhor, que se erramos o caminho,
 os vamos despenhar em fundo abyfmo.
 eis aqui vem Pacheco com o Conde.

SCENA SEXTA.

*O Embaixador, Pacheco, e os mesmos.**Embaixador.*

Ey poderoso, agora hum mensageiro
 Acaba de informar-me que a Princeza
 vem entrando pelos teus Dominios;
 do meu Soberano, que a injuriosa
 pugnancia do Principe já sabe,
 o aviso me traz, em que me ordena,
 e vigilante busque que o decoro
 pezar de contrarias consequencias)
 Beatriz, e do Solio fique illeso.

Rm.

90 OBRAS POETICAS

Rey.

Sabio Conde, descança, que eu respeito
Mais que o poder de Hespanha a fé de amigo:
Hoje de todo desfatar pertendo
A cadeia, que o Principe tem prezo,
E verás brevemente de seus olhos
Desterrar Castro, que as prizões lhe tece.

Embaixador.

Tua rara prudencia de conselho,
Senhor, não necessita. Com acerto
O meio procuraste mais seguro
Para extinguir de todo a paixão cega;
Porém se me permittes que, seguindo
Teu parecer, meu pensamento exponha,
Não só da vista Castro lhe separe,
Mas tambem de teu Reino, assim lhe corta
De todo as lifonjeiras esperanças,
Que poderão oppôr-se a teus intentos.

Pacheco.

Senhor, o Embaixador sabio discorre.

Rey.

Sim, Conde, teu projecto approvo, e figo.

Embaixador.

Pois ordena, Senhor, o seu desterro,
Que eu farei que no centro de Castilla
Seja em Real Mosteiro clausurada:

Rey.

Já tenho resolvido, sem demora
Vamos executar tão bom designio.

ACTO

ACTO SEGUNDO.

SCENA PRIMEIRA.

*Principe, e Almeida.**Principe.*

Que espantosa desgraça me referes !
 ElRey desterrar manda de meus olhos,
 E deste Reino a triste, infeliz Castro?
 Resolução cruel! oh Pai injusto!

Almeida.

Da tua amada Castro he infallivel,
 Senhor, a desventura: exterminada
 Brevemente a verás destes Dominios.

Principe.

Não sei como respira o peito afflicto
 Entre os golpes da dor, que me traspassa!
 He possivel que ElRey sem horror possa
 Castigar tão severo huma innocente!
 He possivel, oh Ceo!

Almeida.

O Ceo quizera
 Que tal desastre fosse duvidoso;
 Mas teu augusto Pai na tenção firme,
 Pelos dous Conselheiros instigado,
 E pelo Embaixador, da triste Castro
 O perpetuo desterro determina.

Principe.

Os barbaros Ministros, o impio Conde,
 De meu Pai a fatal tenção fomentão?

92 OBRAS POETICAS

Almeida.

Affim , Senhor. . . .

Principe.

Audazes inimigos ,
Que debaixo do escudo soberano
Me ferís no mais intimo do peito ;
Mas apezar do abrigo mais supremo
Gemereis nos estragos da vingança ,
Que minha indignação promete , e jura.
Almeida , que farei ? Tu me aconselha.
Como posso salvar a chara Esposa ?
Como de tão confuso labyrintho
Sahirei ? Que amargura intoleravel !
E poderei soffrer , sem que as entranhas
Me despedace a dor , que a bella Castro
Arranquem dentre meus amantes braços
Em lagrimas banhada , inutilmente
Meu amor implorando em seu foccorro ?
Ah ! não , primeiro todos os furores
Verão de hum coração desesperado.
Tu me aconselha , amigo , que não póde
Já discorrer minha alma atribulada.

Almeida.

Difficil o remedio me parece.

Principe.

Que mortal afflicção ! Irei prostrar-me
Submisso aos pés de ElRey , e declarar-lhe
O santo nó , que prende nossas almas ?

Almeida.

Senhor , se a Castro adoras , se depende
Tua vida de seus amaveis dias ,
O segredo importante não descubras.

Principe.

Que dizes? Pois receias se conjurem
Contra seu innocente, e amado fangue?

Almeida.

Hum terrivel aspecto não ignoras,
Que a fortuna presente está mostrando,
E, Senhor, não duvides que a sua morte
Seja para applacalla o sacrificio.
Os crueis Conselheiros murmurando
Já deixão perceber que nas entranhas
Esta tenção maldita tem gerado.

Principe.

Ferozes monstros mais que leões bravos!
Que infames interesses vos inspirão
Huma tão execranda atrocidade?
Oh bella Castro, Esposa desgraçada!
Acode, grande Deos, que os homens correm
Aos ultimos extremos da crueldade.
A Castro dei a mão, assim o mandas,
E devo contra os homens defendella.

Almeida.

Eu vejo para nós encaminhar-se,
Senhor, o Embaixador.

Principe.

A sua vista
Todo em furor o coração me accende.

94 OBRAS POETICAS
SCENA SEGUNDA.

O Embaixador , e o Principe.

Embaixador.

PErmitte-me , Senhor , te felicite
Do glorioso laço , com que firma
Hespanha , e Portugal eterna aliança ,
Cuja amizade já respeita , e teme
O bravo Mauritano , o Gallo forte.

Principe.

Sim , Conde , sei que a tua actividade ,
Com prevenção , e astucia , facilmente
Tem os grandes obstaculos destruido.
Já foi por teu conselho desterrada
Para o centro de Hespanha a triste Castro?

Embaixador.

Se teu augusto Pai assim o ordena ,
Quem póde revogar os seus Decretos ?

Principe.

Pois advirta Hespanha que se agora
Do doce bem me priva da sua vista ,
E me faz supportar a dor violenta
De a ver partir de mágoa traspassada ,
Tempo virá , em que me veja em campo
Vingar as suas lagrimas , e angustias.
Com as armas na mão , de entre seus muros
Irei co' proprio sangue resgatalla.

Embaixador.

A forte Hespanha , Principe , respeita
O teu valor heroico , mas não teme
Arrogancias , nem bravos ameaços.

Príncipe.

Mais adiante não passo , só declaro
 Que meu constante amor á bella Castro
 Tem o Thalamo , e Solio promettido ,
 E saibão que só ella ha de occupallo.
 Depressa esta resposta decisiva
 C'o a Princeza Beatriz manda a Castella.

Embaixador.

Sim , de teus desenganos offensivos
 Aviso darei logo ; mas não creias
 Que Hespanha soffra em paz tão grande affronta
 Brevemente a verás tomar as armas ,
 E sustentar no campo a sua gloria.

Príncipe.

Indignada conduza seus guerreiros
 A combater , e aprenderá de novo
 A ceder a victoria derrotada.

Embaixador.

Em soberbos discursos desaffoga
 O vão furor , que da razão te priva.
 De teu fero valor desvanecido
 Julgas que tudo deve submeter-se
 A teu jugo , e tremer a teus ameaços ;
 Mas a vaidosa , juvenil idade
 Com triunfos fantasticos te engana.

Príncipe.

Orgulhoso desprezas justas iras ?
 Cuidas talvez que minha tolerancia
 De ouvir tantos insultos já cançada
 A punir tua audacia não se atreva ?

Embaixador.

Como Conde , Senhor , tenho a ventura

96 OBRAS POETICAS

De não ser teu vassallo. Hespanhol sou,
E como Embaixador, nestes Dominios
Soberano, a quem deva submetter-me,
Não temo, não conheço.

Principe.

Pois aprende

O meu braço a temer como inimigo. *

SCENA TERCEIRA.

ElRey, e os mesmos.

Rey.

TEmerario, que intentas? em que abyfmo
Te submergem teus loucos defatinos?
Desprezando os direitos mais sagrados,
As leis atropelando, vais correndo
Como indomavel desbocado bruto
De delicto em delicto?

Principe.

Pois se queres

Que cessem já meus crimes vergonhosos,
Desiste do projecto, que meditas,
Ou quando não verás com minha morte
Todo o excesso, todos os effeitos,
Que a desesperação feroz inspira.

Rey.

Indigno Filho, já que sem piedade
De meus pezados, e infelices annos,
Já que sem respeitar as Leis supremas
Quebrantas a sagrada immuniidade

De

* *Tira a espada.*

Devida aos Soberanos, com jaſtancia
 De tua vergonhoſa pertinacia,
 A conhecer começa quanto póde
 Hum terno Pai mudado em Rey ſevero.
 Já daqui como prezo te retira
 Ao Caſtello da proxima Cidade,
 Que ha de ſer o teu carcere ſeguro,
 Em quanto preſiſtires em teus erros.

Principe.

Senhor, ás tuas ordens ſubmettido,
 A' prizão me recolho, mas primeiro
 Correrei a ſoffrer infame morte,
 Que a Beatriz dar a mão. Oh trisſte Caſtro!

SCENA QUARTA.

El Rey, e Embaixador.

Rey.

C Onde, como prudente, e ſabio deves
 Deſculpar os excessos temerarios
 De hum mancebo indiscreto, que os ſentidos
 Tem da paixão violenta perturbados.

Embaixador.

Offendido, Senhor, indignamente
 Vês o Monarca em mim, que represento;
 Mas a ſatisfação honroſa, e prompta,
 Que dás a ſeus aggravos, me perſuado
 Que ſerá bem aceita recompensa.
 Mas furioſo o Principe, exhalando
 Contra Heſpanha ameaços, deſafia,
 Jura que reſgatar á força de armas,

De

98 OBRAS POETICAS

De entre nossos reparos irá Castro.
Em fim declara já desesperado,
Que lhe tem promettido a mão, e o Throno;
E que a pezar de tudo háo de cumprir-se
As promessas de seu amor constante;
E me ordena, que logo á minha Corte
Mande Beatriz com este defengano.

Rey.

Ah louco Filho! Conde, nada temas:
Descança em meu cuidado: bem depressa
Irá Ignez levar essa resposta.
Para apagar do Principe os furores
Farti de novo todos os esforços.

Embaixador.

Teu coração magnanimo mostrado
Tem quanto pôde hum verdadeiro amigo;
Mas permite, Senhor, que me retire,
Para que logo ao Rey, a que leal sirvo,
Do presente successo aviso mande,
E de novo tambem certificar-lhe
Tua firme amizade, e fé constante.

Rey.

O fiel zelo, com que a teu Rey serves,
De mais sublime apreço te faz digno.

SCENA QUINTA.

*Coelbo, Pacheco, e ElRey.**Rey.*

A Migos, nossos males se duplicação.
 Não bastou toda a minha vigilancia
 Para atalhar o risco meditado.
 Verificados vi os meus receios.
 Por infeliz acaso conduzido
 O Conde com o Principe se encontra:
 Fui avisado, corro prevenido
 A evitar o perigo, mas foi tarde.
 Já tinha dado livre desaffogo
 Com mil indecorosas arrogancias
 A' sua pertinacia, a seus furores;
 E depois de afirmar-lhe que só Castro
 Havia ser a Esposa, que a seu lado
 Veria Portugal subir ao Throno,
 Depois de mil ultrajes injuriosos
 Contra o Embaixador a espada arranca.

Coelbo.

Que desatino!

Pacheco.

Atroz temeridade!

Coelbo.

E que satisfação darás a Hespanha,
 Que a desaggrave de tão grande affronta?

Rey.

Na presença do mesmo Embaixador
 Ao vizinho Castello o mandei prezo.
 Castro em desterro seja logo posta,

160 OBRAS POETICAS

E veremos se venço com violencia
O que vencer não posso com brandura.

Pacheco.

Com acerto recorres á violencia ;
Mas para rebater a mão armada ,
Que evidente ruina nos promete ,
De Dona Ignez não basta o exterminio.
Canças-te em vão se a vida lhe não tiras.

Rey.

Vossos conselhos impios me horrorizão.
Seguiremos com barbara fereza
O medonho caminho da injustiça ?
Com que motivo condemnar podemos
Huma infeliz mulher , talvez forçada
A submeter-se ao jugo de meu Filho ?

Coelho.

Pois , Senhor , de outra forte irremediaveis
São os males , que vai sobre este Povo
Lançar huma mulher.

Rey.

Em nosso damno

A desditosa Ignez não tem mais culpa
Que agradar a D. Pedro ; mas roubada
A seus olhos a bella luz , que o cega ,
Facilmente seus erros detestando
A riscará do peito , e da lembrança
Pela distancia longa defunido.

Pacheco.

Defunido , Senhor ? o firme laço ,
Que o nuorado coração lhe prende ,
Só a morte he que pôde desfalleo.

Rey

Rey.

Acaba de explicar-te ; que me dizes ?

Pacheco.

O Principe em segredo desposado
Com Castro vive em santo ajuntamento.

Rey.

He possivel , oh Ceos ! e que certeza
Tendes desse successo tão estranho ?

Coelbo.

Agora de informar-nos acabamos ,
Que a voz do vulgo affim o certifica.

Rey.

Que credito merece o vulgo errante ?
Huma voz popular , talvez fundada
Em suas obstinadas repugnancias.

Pacheco.

Senhor , não desprezemos este aviso ,
A sua obstinação , os seus furores ,
C' o ruido do vulgo combinados
Nos dão de facto certo claro indicio.

Rey.

Impossivel o caso me parece.

Coelbo.

E se o caso , Senhor , se verifica ?

Rey.

Então , fieis amigos , sem governo
Nos vamos engolfar em bravos mares.

Coelbo.

Pois o seguro porto , em que salvar-nos
Podemos do naufragio , tens patente :
Se a elle não recorres , nos perdemos.

Rey.

102 OBRAS POETICAS

Rey.

Deos venha a soccorrer-nos , que eu não posso
A tão grande crieza resolver-me.

Pacheco.

Cruel , Senhor , serás senão cuidares
Em atalhar a pública desgraça.
Esperas ver gemer o triste Povo
Com o açoute de nova , injusta guerra?
Julgas que Hespanha altiva , e indignada
Nossas Fronteiras a inundar não corra
De numerosos esquadrões armados
Para vingar affrontas tão pezadas?
Ainda nossos campos tinge o fangue ,
Que derramámos com total destroço
Do bárbaro terrível Mauritano :
Inda chorão as miserias viúvas
Dos infelices orfãos rodeadas :
As mãis inconsolaveis inda gritão
Pelos amados , e perdidos filhos.
Em fim , Senhor , o Reino , que opprimido
Tão longo tempo c'o furor das armas ,
Inda desfalecido principia
A erguer a cabeça entre as miserias ,
Em que tantas fadigas o lançarão ,
Queres expôr de novo , quando pódes
C'o preço de huma vida salvar tantas?

Coelho.

Vê que por toda a parte o mal nos cerca ,
Pondera nas discordias intestinas ,
Em que infallivelmente cahir vamos.
Os Grandes poderão soffrer que o Throno
Occupe huma mulher , que , inda que illustre ,

He vassalla, Senhor, e não Princeza?
 As Damas Portuguezas affrontadas,
 Seu esplendor preclaro disputando,
 Lhe negarão as honras de Rainha.
 E que civis defordens, que contendas
 Ao socego do Público contrarias,
 Deste odioso conforcio não se esperão?
 Em tão graves razões, Senhor, fundados,
 Não com peito cruel te aconselhamos.
 O Povo taes perigos antevendo,
 A' morte a triste Castro sentença,
 A prevenção o pede, e justifica
 O que julgas atroz procedimento;
 E se em nossa tenção te não confias,
 Alguns sabios, e Grandes te acompanhão,
 Que prudentes, e rectos julgar podem.
 A conselho os convoca, e presidindo
 Ao supremo congresso, attento escuta
 Seus importantes, e sinceros votos.
 Assim em nossos hombros descarregas
 O pezo, que tomar em teus recusas.

Rey.

Venturoso o que vive socegado
 Em humilde fortuna, que do sceptro
 Não supporta o penoso, o fatal jugo.
 Que dura obrigação! em fim me arrastão
 A julgar como réo de infame crime
 (No tribunal severo da justiça)
 Huma fraca mulher, cujo delicto
 Punir as justas Leis nunca mandarão?
 Mas eu defenderei sua innocencia.
 Sim, amigos, comvosco me conformo

Nes.

104 OBRAS POETICAS

Neste prudente meio. Exactamente
 Ide averiguar se tem D. Pedro
 Celebrado legitimo conforcio;
 E se he verdade, o intricado ponto
 Em Conselho de Estado se decida.

Pacheco.

Senhor, Ignez com os filhos vem buscar-te,
 O peito cerra a lagrimas, e a rogos.
 Immovei na constancia, não te deixes
 Vencer de tua natural clemencia,
 Que em tal conflicto he vicio, e não virtude.

Rey.

Que espectáculo digno de piedade!

Coelho.

Vê, Senhor, que nos perdes.

SCENA SEXTA.

Leonor, Ignez, seus filhos, e os mesmos.

R^{*Ignez.*}ey piedoso

Esta infeliz, que chea de amargura
 Vês prostrada a teus pés em pranto solta,
 He a causa dos erros de teu Filho.
 Estes tenros Infantes são teus Netos,
 Que vem com mudos, e innocentes rogos
 Applacar tuas iras. Chegai, Filhos,
 Beijai de vosso Avô a mão augusta;
 E já que a vossa idade inda não póde
 Expressar da alma os ternos sentimentos;
 Implorai em favor de hum Pai afflicto,

E de f.

E desta Mãe cercada de agonias
 Com os chorosos olhos a clemencia,
 Que seu benigno aspecto vos promette.
 Ah, Senhor, sobre mim volta os castigos,
 Se inda meu triste pranto defarmado
 Não tem as justas iras de teu peito.
 Eu só a culpa tenho, eu só padeça;
 Porém o meu Senhor, o meu Esposo
 Das rigorosas penas alivia.
 Se desobediente a teus preceitos
 Da Princeza Beatriz a mão despreza,
 He por não quebrantar as Leis Divinas,
 Pois já ligado a esta infeliz vive
 Em secreto, e legitimo consorcio.

Rey.

Filho imprudente, deshumano Filho,
 A que tribulações, a que violencias
 Teus loucos desatinos me entregarão!

Pacheco.

Senhor, não necessitas de mais prova.

Ignaz.

Não opprimas, Senhor, perdoa a hum Filho,
 Que he da tua ternura doce objecto:
 Perdoa ao charo Filho, cuja gloria
 Em amar-te, e servir-te só consiste.
 Por esta mão, que beijo, to supplico:
 Por estes innocentes, que nas veias
 Lhes circula teu sangue esclarecido,
 Em cujo amavel gesto, e gentil rosto
 Estás vendo teu Filho retratado.
 E já que de minha alma atribulada
 O doloroso estado te descubro,

Com.

106 OBRAS POETICAS

Com o final mais leve da clemencia
 As minhas afflicções mortaes consola:
 De teu peito magnanimo a brandura
 Nunea negou piedade aos desgraçados:
 A perseguida, e misera innocencia
 Em ti sempre acha defensor seguro.
 Mas ai de mim, Senhor! tu emudeces?
 Não merecem as minhas duras mágoas
 A clemencia, que aos miseros não negas?
 Como cheio de horror voltas o rosto
 Para não ver o pranto, que derramo!
 Ah não, Senhor, não cerres os ouvidos
 Aos ternos rogos desta mulher fraca.
 Vê que venho chamar-te em meu soccorro
 Com ais, e com gemidos, não affastes
 De minhas tristes lagrimas teus olhos....
 Ah! que eu vejo, Senhor, que o teu silencio
 Minha fatal sentença está dictando!

Rey.

Dura consternação!

Ignex.

Amados Filhos,
 São verdadeiros meus presentimentos.
 Vós perdeis vossa Mãe: sim, tristes Filhos,
 Vosso preclaro Avô a gritos furdo,
 Insensivel a mágoas, e a lamentos,
 A' dura, e prompta morte me condemna.
 Vós perdeis vossa Mãe, tenros meninos,
 Sem que possa das mãos dos cruezs verdugos
 Vosso Pai valeroso defender-me.

Rey.

Afflicta Ignex, não julgues que impiedade

10-

Insensível me faz a teus clamores :
 Mais que teu coração atormentado
 Geme em silencio o meu dentro no peito.
 Mas como póde consolar teus males
 Quem do mesmo remedio necessita ?

Coelho.

Senhor, o tempo vôa.

Pacheco.

Apressa os passos,
 Ao designio recorre meditado.

Rey.

Deos immenso, que se os mortaes não guias,
 Como cegos sem tino se despenhão,
 Vem assistir-me, vem allumiar-me.

Ignex.

Senhor, deixas-me entregue a meus temores,
 A's minhas afflicções sem deferir-me ?

SCENA SETIMA.

Ignex, seus Filhos, e Leonor.

Ignex.

MInha ruina he certa. Ceos, valci-me!
 Eu morro, vivei vós, vivei meus Filhos,
 Benigno o Ceo complete vossos dias,
 Sem conhecer a misera desgraça,
 Em que me vedes acabar a vida.
 Eu morro, Filhos meus, e vós perdeis
 A ternura, os affagos, as delicias,
 Com que esta Mãi vos tinha tão mimosos;
 Mas vós ficais gozando do disvelo

108 OBRAS POÉTICAS

De hum terno Pai, que menos vos não ama;
Esta lembrança a minha dor mitiga.
Mas ai de mim, que digo! combatido
Dos repetidos golpes da violencia
Ou o vereis morrer, ou já cansado
Vos dará constangido huma Madrasta,
Que talvez invejosa, e defabrida
Não faberá soffrer sem arrogancia
Da vossa infancia o minimo descuido.
Que infeliz Mãi! que Filhos desgraçados!

Leonor.

Senhora, para que com dor, e sustos
Buscas a morte, que temer não deves?
Confia na piedade, e sã justiça!
Do magnanimo Affonso, que em suspiros,
E reprimindo as lagrimas nos olhos,
Te mostrava a brandura de seu peito.

Ignex.

Cruenta morte tudo me annuncia.
Sim, charos Filhos, os crueis puzerão
Vosso Pai em prizão, para seguros
No tenro peito o ferro me cravarem.
Ah Principe affligido, de que angustia
Não serás penetrado, quando entrares
Neste triste Palacio? quando vires
Estas paredes tintas em meu sangue?
Estes penhores teus, em cuja vista
Te recreavas cheio de alegria,
Em desamparo, em misera orfandade?
Uni-vos, Filhos meus, aos tristes peitos,
Que de doce sustento vos servirão,
Recebei os meus ultimos abraços.

Sim

Sim, Filhos, os algozes arrancando
 Vem contra mim as barbaras espadas...
 Filho do Eterno, vem a soccorrer-me,
 Que eu vou prostrada ao pé de teus Altares
 Implorar teu amparo: só teu braço
 Salvar me póde deste precipicio.
 Vinde, innocentes, e infelices orfãos.

ACTO TERCEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

Ignex, e Leonor.

Ignex.

SIm, Leonor, a minha desventura,
 De meus Filhos o triste desamparo,
 As afflicções do perseguido Esposo
 A prostrar-me de novo aos pés me levão
 Do implacavel Affonso, inda esperando
 Que meus rogos, e lagrimas ardentes
 Seu coração severo mover possão.
 Porém com que illusões a dura sorte
 Minha dor lifongea! Onde me arrastão
 As mortaes delirantes agonias!
 O cruel povo pede a minha morte,
 Os duros Conselheiros a persuadem,
 De recto, e justicoso ElRey ostenta,
 E julgará que offende a sã justiça,
 Se com minha innocencia for piedoso.

Tom. II,

H

Leo-

110 OBRAS POETICAS

Leonor.

Senhora, não desfaias, não te entregues
Sem esperança a sustos, e receios :
Segue animosa, segue o justo intento.
O benigno Monarca, inda que austéro,
Sabe unir a justiça co' a clemencia.
Não te demores, vai de novo expôr-lhe
Com lacrimosas supplicas teus males.

Ignaz.

Inevitavel he a minha morte.
Ai de mim! os tyrannos inflexiveis
Meus tristes, verdes annos não respeitão,
Nem a pueril idade de meus Filhos.
Eu morro, Esposo, e teu amor ardente
He quem o duro golpe descarrega.
Sim, adorado Principe, a ventura,
Que me deo tua mão, me custa a vida;
Mas não julgues que eu possa aborrecer-te,
Por me ser esta gloria tão funesta.
Vive, amado Senhor, Esposo vive,
E de tua saudade a dor consola
Com a vista de teus queridos Filhos,
Já que em fim te reduz a impiedade
A chorar huma Esposa, cuja vida
Só teus vastos cuidados occupava,
E a ver crescer debaixo de teus olhos
Os charos Filhos na mimosa infancia
Privados do materno, doce abrigo.
Vós ereis, infelices innocentes,
As delicias, o amor desta Mãe triste.
Quanto me fere a mágoa de deixar-vos!

Leonor.

Ah, Senhora, teus ais, e teus gemidos
 Poderão abrandar as mesmas feras.
 Ah! que não posso dar a tuas mágoas
 Mais que do pranto o mísero soccorro!
 Porém não desesperes, e não queiras
 Acabar só de angustias opprimida.

Ignéz.

Oh quanto Almeida tarda! que noticias
 Trará do meu Senhor: de que agonias
 Não estará seu peito penetrado!

Leonor.

Olha que o tempo vôa, e proveitoso
 Pôde ser a teus males: não vaciles
 A commover de novo o Rey clemente,
 Vai no poder celeste confiada,
 Cujó invencível braço em seu soccorro
 Achão os innocentes sempre armado.

Ignéz.

Aos pés do irado Rey meu peito afflicto
 Em vão soltará lagrimas, e rogos;
 Mas façamos os ultimos esforços
 Para applacar leões enfurecidos,
 Que mais com meus gemidos se embravecem.
 Vamos, a dor me arrasta. Deos immenso,
 Que já nos fundos mares submergidos,
 Quando te agradas salvas os humanos!
 Se a teus olhos sou digna de piedade,
 Se de minha afflicção te compadeces,
 Manda que a meus gemidos, e a meu pranto
 A indignação, as iras se dissipem.
 Dá força a meus clamores, com que possa

H ii

Abran-

112 OBRAS POETICAS

Abrandar corações endurecidos.

O Ceo, a terra, as negras tempestades

Submettidas estão a teus Decretos.

Mas ai, eu vejo Almeida, que apressado

Para nós se encaminha cuidadoso.

SCENA SEGUNDA.

Almeida, e os ditos.

Ignex.

Fiel Almeida, minhas amarguras
Vem suavizar co' as suspiradas novas
Do meu charo Senhor. Como tolera
Da violenta prizão as duras mágoas?
Lamenta a sua doce, infeliz Castro?
Suspira pelos seus queridos Filhos?

Almeida.

Os cuidados, os graves pensamentos,
Que feu afflicto coração combatem,
Por minha voz, Senhora, te relata.

Ignex.

Sólta do peito a voz, depositaria
Da ternura do meu constante Esposo.

Almeida.

De ancias mortaes o Principe ferido
Suspira, e brama já desesperado.
Ora subido na mais alta torre,
Neste Palacio emprega os tristes olhos
Em lagrimas banhados: ora errando
De lugar em lugar espavorido,
Entre soluços chama Esposa, e Filhos.

Ignex.

Ah Principe infeliz!

Almeida.

Em fim , Senhora ;
De novo , e duro golpe traspassado ,
Assustado me chama , e diz : Almeida ,
Tu só mitigar podes os meus males ,
Tu só podes salvar das mãos da morte
A perseguida Ignez : vòa a dizer-lhe ,
Que nossos implacaveis inimigos ,
Contra sua innocencia conjurados ,
Com mil falsos pretextos corrompêrão
O coração de hum Rey clemente , e justo ,
E a crua morte os impios a condemnão :
Que já de seu fatal , cruel destino
Em Conselho de Estado se dicide.

Ignez.

Que escuto , oh Ceos !

Leonor.

Que Esposos desgraçados !

Almeida.

Continúa , os suspiros reprimindo ,
E dize-lhe , que já que dos verdugos
A sua vida defender não posso ,
Que a toda a pressa fuja , que se esconda
Dos feros olhos dos irados monstros :
Em quanto o Ceo piedoso não ferena
Nossas angustias , nossos infortunios :
Em quanto as mãos ligadas me não solta
Para punir os barbaros traidores ,
Que fuja á dura morte , sem que os passos
O amor de nossos Filhos lhe suspenda :
Que a meu terno cuidado os deixe entregues :
Que venhão suavizar as minhas mágoas ,

Sup.

114 OBRAS POETICAS

Supportando comigo a prizão dura.

Ignex.

Tristes Meninos , affligido Esposo !

Almeida.

Em fim , Senhora , o Principe te ordena ,

Que fujas sem demora , que me sigas ,

E cauteloso já dispuz os meios

Para a seguro asylo conduzir-te.

Alguns leaes amigos valerosos

Promptos estão a te servir de guarda.

A partir te resolve , não vacilles.

Ignex.

Ah , meus Filhos , a Deos , ai , charo Esposo

Eu vou fugindo ás mãos da tyrannia

Acabar entre os golpes da faudade.

Almeida.

Senhora , em mortaes prantos , e agonias

Não te demores , vai apparelhar-te.

Disfarça o traje , parte resoluta.

Já vai o Sol os raios escondendo ,

E pelas sombras da vizinha noite

Poderemos seguros retirar-nos.

Bem sabes que no fundo desta Quinta

Ha huma occulta porta , onde teremos

Livre sahida ao campo solitario.

Alli acautelados nos esperão

Armados Cavalleiros.

Ignex.

Sim , Almeida ,

Ai de mim ! a partir eu vou dispôr-me ,

E despedir-me dos amados Filhos.

Ah cruéis corações , a que tormentos

Entregais esta triste desgraçada!
 Não me demoro, Almeida, aqui me espera.

SCENA TERCEIRA.

Almeida.

Que iniquo fado, que inimiga estrellã
 Turbar veio o focego venturoso,
 Em que seus ternos corações vivião!
 Da mais doce alegria de repente
 Os fez passar o Ceo ás amarguras,
 Dos communs infortunios, e misérias
 Os Principes da terra não se isentão,
 Nem a virtude, de alto premio digna,
 Dos golpes da desgraça inexoravel;
 Mas trovejando o arbitro superno,
 A's vezes lança o raio furibundo
 Sobre aquelles mortaes, a quem mais ama.
 O mesmo amor, que aos dous charos Esposos
 Tanto prazer, e gloria promettia,
 Agora se alimenta com seu pranto.
 Mas aqui vem ElRey. Ai de mim! onde
 Poderei a seus olhos esconder-me.

SCENA QUARTA.

Rey, e Almeida.

Rey.

A Almeida.

Almeida.

Oh Ceos, que nova desventura!
 Senhor, que ordenas?

Rey.

116 OBRAS POÉTICAS

Rey.

Desejoso vinha

De encontrar-me contigo, e me parece
Que a Providencia aqui guiou meus passos.
Cercado de severos Conselheiros
Não ouço mais que as vozes horrorosas,
Que me pedem da triste Castro o sangue.
Em fim, amigo Almeida, convencido
Pelos votos do rigido Conselho,
Pelos gritos do povo violentado,
Firmei gemendo a fatal sentença.

Almeida.

E pudestes, Senhor. . . .

Rey.

Quanto me treme

Cheio de horror o coração no peito.
Meus olhos estão vendo Ignez chorosa,
Rodeada de meus pequenos Netos,
Clamando ao Ceo vingança, e nas entranhas
A innocencia me grita condemnada.

Almeida.

Pois, Senhor, novo campo á tua gloria
Tens patente a teus olhos: exercita
A natural clemencia, que violento
Teu coração magnanimo reprime.
A triste Castro he digna de piedade;
E se matalla mandas, a teu Filho
Tiras a vida com o mesmo golpe.
Ah, Senhor, tu não sabes os tormentos,
Que o coração do Principe deverão.
Com o pezo das mágoas abatido
Em profundo, e mortal silencio geme,

Ou de improviso os olhos agitando,
 Acezoz em furor, e razos de agua,
 Levanta o braço, como se no peito
 Hum agudo punhal cravar quizesse.

Rey.

Brevemente verá . . . mas aqui chega
 O Conde Embaixador.

SCENA QUINTA.

Embaixador, e os mesmos.

Embaixador.
Monarca invicto,

A desventura da innocente Castro
 O coração me move, me enternece,
 E sua vida venho supplicar-te.
 Eu sei que a teu pezar, e constrangido
 Pela unanime voz dos Conselheiros
 A terrivel sentença confirmaste,
 E que de terror cheio só desejas
 Seguir os movimentos da piedade.
 Pois, Senhor, não reprimas, submettido
 A' cegueira fatal de teus vassallos,
 De tua alma os benevolos impulsos.
 Senhor, a nobre Hespanha não duvida
 De tua rectidão, sabe que attento
 Guardas a fé jurada a teus aliados,
 E julgo que bastante satisfeita
 Em tudo ficará, quando informada
 For da razão legitima, que impede
 Da Princeza o conforcio. Indissolúvel

He

118 OBRAS POETICAS

He o laço, que o Principe tem prezo,
E querello romper, sacrificando
A triste vida da innocente Esposa,
He rigor inaudito, que não cabe
Nesse teu coração clemente, e justo.
Aquelles, que zelosos te persuadem
A tão dura fereza, ou se alimentão
Da horrivel crueldade, ou preocupados
De fanaticos erros te aconselhão.

Rey.

Sim, magnanimo Conde, prevenindo
A generosidade de teu peito,
Já da prizão mandei sahir meu Filho,
E determino que a pezar dos votos
Dos rigidos, tenazes Conselheiros,
E clamores do povo alvoraçado,
Em paz a Esposa goze, que o supremo
Motor lhe destinou, cujos segredos
São aos fracos mortaes impenetraveis.

Almeida.

Oh grande Rey!

Embaixador.

Senhor, em todo o Orbe
Acclamado serás por novo Tito.

Rey.

Viva ditosa Ignez, se os Ceos o querem,
Ao Throno suba com o charo Esposo,
Culpe-me embora o mundo de clemente,
Mas não de rigoroso, e inêxoravel.

Embaixador.

Hoje novo esplendor á gloria juntas,
Com que teu nome já no mundo brilha;

Mas

Mas permite, Senhor, que sem demora
 Parta a encontrar Beatriz para informalla
 Dos acontecimentos tão estranhos,
 Que legitimamente embaraçarão
 Nossos designios.

Rey.

Sim, illustre Conde,
 Tua resolução prudente segue;
 E quando a luz brilhar da nova Aurora
 Também seguir teus passos determino.

S C E N A S E X T A.

Almeida, e Rey.

Almeida.

EM fim, piedoso Rey, já resoluto
 A conservar a vida á triste Castro
 Soltar o amado Príncipe mandaste!

Rey.

Sim, Almeida; mas vamos sem demora
 Revogar a sentença, pois receio
 Que os duros Conselheiros implacaveis
 Da dilação mais breve se aproveitem.

Almeida.

Sim vai, Senhor, acode a toda a pressa,
 A afflicta Castro de perigo salva.

SCENA SETIMA.

*Principe, e os mefmos.**Principe.*

S Enhor, a beijar venho a mão piedosa,
 Que a prizão me desfata: leve pena
 Da minha ingratição, e de meus crimes.
 Mas para que me dás a liberdade,
 Quando tens condemnado a dura morte
 A desditosa Ignez. Ah, Senhor! queres
 Que a meus olhos os impios assassinos
 A chara Esposa irados despedacem?

Rey.

Filho, descança, a venturosa Castro
 Vai socegar nas mágoas, e temores,
 E vai annunciar-lhe que indulgente
 A vida lhe confervo, e daqui parto
 A intimar ao povo, que absoluto
 A sentença derogo pronunciada,
 A pezar das razões, e dos clamores,
 Que seu fangue me pedem.

*Principe.**Rey benigno.*

Oh magnanimo Pai! Com que alegria
 Esta clemente mão a beijar torno!
 Esta mão, que me tira de hum abyfmo,
 E do prazer ao Throno me levanta.
 Como as sombras co' a luz da madrugada
 Se dissiparão minhas amarguras.
 Charos filhos, eu vou, amada Esposa,

-A teus

A teus chorosos olhos vou mostrar-me.
 Que jubilo, que alegre sobressalto
 Não sentirá teu peito, quando vires
 Este Esposo, que ver já não esperas,
 Que vai restituir-te a doce vida,
 E firmar para sempre a tua gloria.
 Mas ai de mim . . . que escuto . . . que soluços,
 E que gemidos ferem meus ouvidos.

SCENA OITAVA.

Leonor, e os mesmos.

Leonor.
V Alei-me, justos Ceos, que dor, que angustia!

Principe.
 Ah, Leonor, tu em lagrimas banhada!
 Que medonho successo me annuncias?

Leonor.
 Ai de mim!

Rey.
 Que agonia te perturba?

Principe.
 Dize, que dor motiva teus clamores?

Leonor.
 Como o direi! he morta a bella Castro.

Principe.
 Oh Ceos! a bella Castro, a minha Esposa?

Leonor.
 Ai de mim! sim, he morta a tua Esposa.

Rey.
 Oh mulher desgraçada!

Prin.

Principe.

Deos immenso !

Dize, Leonor, talvez accommettida
 Foi de algum accidente, motivado
 Pela força de suas amarguras ?

Leonor.

Não, Principe, dous barbaros algozes
 A vida lhe arrancarão sem piedade.

Principe.

Oh Esposa infeliz ! ai doce Esposa !
 Que peitos carniceros se atrevêrão
 A manchar as mãos impias no teu sangue,
 Sem temer que debaixo de seus passos
 Se abrisse a terra, e fossem submergidos ?
 Ah perfidos ! ah monstros de impiedade !

Leonor.

A desgraçada Ignez já resoluta
 A salvar-se da morte na fugida,
 De suas fieis Damas rodeada,
 Banhada em triste pranto, de seus filhos
 Com saudosa dor se despedia.
 Ora a hum, ora a outro despendendo
 Os maternos, ternissimos affagos,
 Os seus ais dolorosos, que podião
 A piedade mover as mesmas penhas,
 Ferião nossos peitos, que a ternura
 Em choveiros de lagrimas soltavão.
 Os miseros Meninos os lamentos
 Com innocente choro acompanhando
 As mágoas duplicavão da mãe triste.
 Os écos dos gemidos lastimosos
 Soavão pelas salas do Palacio.

Ai de mim!

Príncipe.

Leonor.

Quando dous crueis verdugos
As portas violentando de seu quarto,
Com as espadas nuas se apresentão:
A tão horrivel vista, a triste Castro
Lança cheia de espanto hum grande grito;
Com que as altas abobedas gemêrão.
Foge pelo Palacio: os charos Filhos
A seus vestidos apegados correm.
Em vão piedade pede, e chama Esposo.
Húa chorando, aos pés impios se lança,
Outra gritando, ao Ceo socorro implora;
Mas os crueis a seguem fervorosos,
E lhe cravão no peito os duros ferros.

Príncipe.

Que impiedade!

Almeida.

Que horror!

Rey.

Ah crueis monstros!

Leonor.

Que amarga dor! ao referillo tremo.
Em borbulhões rebenta o vivo sangue;
O pavimento alaga, e salpicados
Ficão os ternos, miseros Infantes.
Com voz troncada diz: Príncipe, Esposo:
Desfalecida cahe, e levantando
Para os Ceos as mãos tremolas, espira.
Torna-se o rosto palido, e de sombras
Os seus formosos olhos se cubrirão.

Prin-

Principe.

Que desesperação, que aguda espada
Me fere o peito, o coração me arranca!
E quaes forão, Leonor, as mãos infames,
Que tão atroz delicto commettêrão?

Leonor.

São Coelho, e Pacheco os assassinos.

Principe.

Ah traidores, ah barbaros verdugos!

Parte.

Rey.

Como a desgraça os passos accelera!

SCENA ULTIMA.

*Abre-se huma porta no fundo do Theatro da galaria
do Palacio, por onde sabem os dous matadores
embainbando as espadas tintas de sangue, e
apparece Dona Ignez morta.*

Coelho, Pacheco, Rey, Almeida, e Leonor.

Rey.

Indignos Conselheiros...

Almeida.

Ceos, que vejo!

Rey.

Indignos Conselheiros, apressados
Para servir de algozes, e remissos
Para distribuir os justos premios,
E as graças, que por vossas mãos despendo.

Coe-

Coelho.

Senhor...

Almeida.

Que atrocidade!

Leonor.

Que destino!

Rey.

Deshumanos, pudestes os furores
No peito conservar? Não vos cahirão
Das crueis mãos as barbaras espadas
A' vista dos lamentos, e clamores
Daquella miseravel mulher fraca?

Pacheco.

De crueis nos accusas, quando rectos
Tua justa sentença executámos?

Rey.

Minha justa sentença . . . com que esforços
Não impugnei as horridas propostas,
Com que minha piedade convenceste?
Vós a pronunciastes, violentando
Com mil falsas razões, com mil enganosa
Minha tremola mão para firmalla.
Oh cega, e vá cubiça, que desejas
A coroa cingir, reger Imperios!
O Throno he cativo, em que os Reys vivem
Com douradas cadeias maneatados.
Da Monarquia escravos, a vontade
Tem menos livre que hum humilde servo.
Assaffinos infames, retirai-vos,
Ide, que são encheis de horror meus olhos!

17
C
N
E
C

126 OBRAS POETICAS

Almeida.

Ao Príncipe, Senhor, acudir vamos
Antes que em maior damno o precipite
A desleição.

Rey.

Vamos, Almeida.

FIM DA CASTRO,



LICORE

DRAMA PASTORIL.

INTERLOCUTORES.

Licore.

Silvano, Pai de **Licore**.

Amintas, Amante de **Licore**.

Palemo, Pai de **Amintas**.

Hum Sacerdote de **Diana**.

Dameta.

Hum Mensageiro.

Turba de Pastores, e Pastoras.

A Scena representa hum bosque, hum altar, e no fundo o vestibulo do Templo de Diana.

SCE



ACTO PRIMEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

Amintas, e Palemo.

Palemo.



H meu filho, que alegre madrugada!

Como de Venus o astro luminoso
Brilha rompendo as fugitivas
sombras!

De rosas coroada a branca Au-
rora,

Vermelhas chammas no Orizante accende,
Com que os montes, e prados allumia:
Como vem a risonha Primavera,
De branda relva, e matizadas flores,
Ornando os campos da frondosa Arcadia!
Que formoso espectaculo figurão
Estas floridas arvores, que cercão
O sacro Templo da immortal Diana!
Salve, Deosa dos bosques, protectora
Das campinas do Alfeo. Oh grande Deosa!

Ho

130 OBRAS POETICAS

Hoje prostrados ante os teus altares ,
 Da Arcadia os opprimidos habitantes,
 Teu soccorro implorar virão afflictos.
 Ouve propicia seus ardentes rogos.
 Destes amenos bosques longe affasta
 A cruel fera, o devorante monstro ,
 Que defollado tem os nossos campos.

Aminas.

Ah meu Pai! eu me vejo arrebatado
 A' vista do prazer, e maravilhas,
 Que nos offrece a verde Primavera.
 Que feliz, que aprazivel variedade!
 Os lyrios, as boninas amarellas,
 Co' as vermelhas papoilas misturadas,
 Matizão a floresta: a nova rosa,
 Que entre o verde botão se mostra rindo,
 De suaves perfumes enche os ares:
 As arvores floridas representão
 Humas da neve a candida brancura,
 Outras a côr purpurea do Sol posto.
 Como as aves armonicas cantando
 Pelos verdes raminhos do arvoredado
 Espalhão mil requiebrados namoradas,
 Affim nas tardes do Verão calmoso
 Pelas sombrias margens dos regatos
 Com a bella Licore, as brandas queixas,
 Cantei do terno amor. Com que alegria
 Renascer a sezão das flores vejo!
 Como se vão copando as altas faias,
 Que estão cubrindo aquella clara fonte!
 Ditosos vales, do prazer morada,
 Adornai-vos de sombias, e verdura.

Palmo.

Os verdes prados, as umbrosas selvas
São, charo filho, habitação dos Deoses.
Nelles a paz, e a innocencia vive;
Mas hum Deos inimigo a nossos campos
Sem dúvida mandou da inculta Lybia
Hum tão estranho, sanguinoso monstro
Perturbar a feliz tranquillidade:
Tão indomita fera nunca virão
Do brando Alfeo as margens delectosas.
Abfortos nossos miseros Pastores
Huns chorão as searas, e rebanhos,
Outros os tenros filhos devorados,
E de tão duros males opprimidos
Mal podemos gozar da paz serena,
Que nos offrecem as amenas selvas.
Ninguem se atreve, cheio de temores,
A sahir da cabana: o pobre gado
Emagrece encerrado nos apriscos.

Amintas.

Pois como a dar-lhe a morte não corremos?
Armando-lhe futil seguro laço,
Tal como a prizionar as outras feras
Costumamos nas brenhas solitarias?
Ou armados em bando numerofo
A não vamos cercar no mato espesso?
Se ha valor nos Pastores destes valles,
Seguir me venhão c'os agudos dardos,
Que eu farei o primeiro que accommetta
O feroz monstro co' a nodosa clava.
O combater nas intricadas selvas,
Rapazes, lobos, javalis cerdosos,

132 OBRAS POÉTICAS

São os meus passatempos costumados.

Palemo.

De tudo zomba o furioso monstro.
 Rompe cilladas, cercos disbarata,
 Seu vasto, e inorme corpo defendido
 De impedernidas, e escabrosas conchas
 Impenetravel he ao dardo agudo.
 A seus longos bramidos mais horriveis,
 Que espantoso trovão os montes tremem.
 Abrindo a cavernosa, horrenda boca,
 Vomita das goellas inflammadas
 Corrupto fumo, que envenena os ares.
 E já defenganados os Pastores
 De que não bastão só humanas forças,
 Hoje vem com solemne sacrificio
 O soccorro implorar da casta Deosa.
 As virgens coroadas de alvos lyrios
 Trarão das novas flores as offrendas,
 E dos candidos velos: os Pastores
 Juntamente virão nas mãos trazendo
 Das fervorosas supplicas os ramos.
 Silvano, cuja idade veneranda,
 E copiosos gados destes montes
 O tem feito o Pastor mais respeitado,
 Obedecendo ao grande Sacerdote,
 Ao Templo deve conduzir a turba.
 Aquelle Altar verás em breve tempo
 Da supplicante multidão cercado.

Amintas.

Affim, meu Pai, tambem ornar devemos
 De capellas a frente, a mão de ramos?

Palemo.

Sim, Amintas, ao grande sacrificio
Devemos vir submissos, e devotos.
Então depois que as virgens espalharem
Sobre os Altares as mimosas flores,
E depois que soar o sacro Templo
Com altos cantos, com ardentes rogos,
Então o justo interprete da Deosa
Consultar deve o oraculo Divino,
Que propicio esperamos nos declare
De nossos grandes males o remedio.

Amintas.

Os ramos vou cortar, colher as flores,
De que ornar nos devemos. Que impaciente
Desejo, que o feliz instante chegue,
Em que entre as virgens hei de ver Licore,
Como não brilharão co' os brancos lyrios
Seus ondosos cabellos enlaçados!
Como á vista de sua formosura
Tudo nuvens ferão, e tudo sombras!
Será inda mais bella entre as Pastoras,
Que a Lua entre as estrellas, ou que a rosa
Entre a palida flor do agreste cardo.

Palemo.

Se o teu repouso amas, senão queres
Turbar a paz de meus cançados annos,
Deste amoroso Pai segue o conselho,
Risca, filho, Licore da lembrança.

Amintas.

Meu Pai, que me aconselhas, que mudança
Improvisa fizerão teus projectos?
Tu não me promettias mil venturas,

Se Hymineo a Licore me ligasse?
 Não me dizias tu que alta cabana
 Me havias de formar de espesso colmo,
 Junto do novo, levantado freixo,
 Com que o meu nascimento affinallaste?
 E que me davas para meu rebanho,
 Dous capros, e seis cabras todas prenhes,
 Outras tantas ovelhas já paridas,
 E trez malhadas vacas c'os bezerros?

Palemo.

Tu do pobre Palemo es filho, Amintas,
 E a formosa Licore de Silvano,
 Que de manadas estes montes cobre.
 Assim despreza o louco amor inutil,
 De quem o cruel jugo em vão sustentas.
 Emprega teu cuidado na cultura
 De nosso estreito campo, e nossas plantas,
 Pois inda atado c'os delgado junco
 Não tens as tortas vides aos ulmeiros,
 Nem arrancado as ervas importunas,
 Que affogão a nascente sementeira.

Amintas.

Oh desgraçado Amintas! despenhado
 Fostes de huma alta rocha . . . bem conheço
 Que teu paterno amor com sãos conselhos
 As minhas mágoas evitar procura.
 Ha tempos que eu diviso que me occultas
 Hum segredo contrario a meus desejos;
 Pois quando de Licore te fallava
 Alegre não te achava, e fatisfeito
 Como de antes te via; mas fizudo,
 Sem responder gemias em silencio.

Mas já bem claro vejo o meu destino.
 Sim, meu Pai, já entendo. Em fim Silvano
 Me nega a bella filha, porque a sorte
 Me não concede dilatados campos,
 Nem soberbas cornigeras manadas.

Palemo.

Sim, filho, e dar Licore determina
 Ao mancebo Menalca, unico filho
 Desse oppulento Mopso, que nas margens
 Dalém do Alfeo os gados apascenta.

Amintas.

Justos Ceos! a Menalca! hum Pastor rude,
 Que duas vezes já venci cantando
 Em as festas de Pan, sendo juizes
 O sabio Corydon, o Mestre Elpino?
 Triste Licore, desditoso Amintas,
 Cruel fortuna, barbaro Silvano.
 Ah deshumano amor! a que amarguras,
 A que duros tormentos me entregaste?
 Meu triste coração entre agonias
 Se vê desfalecer, como se fosse
 Mordido pela boca venenosa
 De assanhada serpente.

Palemo.

Amado filho,

Não te deixes vencer da paixão cega,
 Tão perigosa á louca mocidade.
 Se perdes a Licore, outra mais bella
 Para Esposa acharás: teus verdes annos
 A florecer agora principião.
 Esse ramoso cedro, que assombrando
 Está o verde monte, foi primeiro

De

136 OBRAS POETICAS

Debil, e tenra planta, escarnecida
 Dos rijos ventos, e das tempestades.
 Confia no poder dos justos Deoses,
 Elles são quem beneficos repartem
 A fortuna aos mortaes: agora cuida,
 Em quanto o sacrificio não se apresta,
 Em colher as amargas tamargeiras
 Com o cheiroso trevo, e brandas hervas,
 Que ao gado retezar as tetas fazem,
 Que eu vou tirar das mãos os cordeirinhos,
 Antes que o doce leite todo esgotem.

S C E N A S E G U N D A .

Amintas.

A I de mim! que farei? bella Licore,
 Sem ti viver não pôde o triste Amintas,
 Sem ti do valle ameno as frias sombras
 Mais quentes me serão, que a viva chamma
 Nos razinofos troncos ateadada.
 Da crystallina fonte as doces aguas
 Me serão mais amargas, que os abraços.
 Ai amada Pastora! Hão de meus olhos
 Unida ver-te ao rustieo Menalca?
 Que não sabe cantar em brando verso
 As ternas mágoas de hum amor suave,
 Nem as mimofas graças, os encantos
 De tua incomparavel formosura...
 Ah não, não ha de ver o afflicto Amintas
 Rir Menalca da sua infeliz forte.
 No retiro das mais desertas brenhas
 Irei passar os meus amargos dias,

Oni

Onde dos humanos olhos escondido
 Em gemidos, e lagrimas exhale
 O coração magoado. A infeliz Echo
 Repetirá meus ais, e meus suspiros
 Aos prados, e as florestas, porque sejam
 Da bella causa de meu mal ouvidos....
 Mas lá vem entre aquellas aveleiras
 Huma Pastora os passos apressando....
 Licore me parece.... Ceos, que vejo!
 He a bella Licore, não me engano.

SCENA TERCEIRA.

Licore, e Amintas.

Licore.

AH meu charo Pastor.

Amintas.

A Deos, Licore.

A Deos, em paz te fica, alegre goza
 Da tua feliz forte o triste Amintas,
 Parte a chorar a sua desventura.

Licore.

Ah! tu foges de mim, ingrato Amintas?

Amintas.

Sim, a teus bellos olhos esconder-me
 Vou nas escuras, solitarias grutas,
 Onde venha o furioso, e fatal monstro
 Devorar-me c' os dentes carniceiros.
 As piedosas Ninfas brevemente
 Repetirão, chorando pelos vales:
 Perdeo a vida quem perdeo Licore.

Licore.

O bom Silvano préza a chara Filha
 Mais que os dons da fortuna, e mais qu'
 Perder seus grandes campos, e rebanhos
 Que ver meus tenros dias perturbados
 Com duras mágoas, com mortaes pezar
 Em Menalca me falla; porém vendo
 Que meu rosto se cobre de amargura,
 Com suaves palavras me consola.
 Charo Amintas, descança, não te entres
 A vans desconfianças, que primeiro
 As eras deixarão de amar o choupo,
 Primeiro se unirá no casto ninho
 Com o idiondo corvo a casta rolla,
 Que meu constante amor mudavel seja.

Amintas.

Fugi de mim temores, e receios:
 Entrai doces prazeres em minha alma,
 A nupcial cabana ornai Pastoras
 Com sacros mirtos, e festões de flores.
 Vem Hymineo, accende o santo lume,
 Que Licore ha de ser a terna Esposa
 Do venturoso, desvelado Amintas.
 Deixa, fiel Pastora, que rendido
 Esta grinalda beije, que formárão
 As tuas mãos mais alvas que alucenas.
 Aqui tens a cabeça, que ornar queres,
 Coroa este Pastor de gloria cheio.

Licore.

Sim, Amintas amado, e sem demora
 Juntar nos vamos com os mais Pastores,
 Que já do sacrificio a hora chega.

Amintas.

Vamos, bella Licore, oh grande Deosa!
 Nossas deprecações ouve propicia:
 Restitue o repouso a nossos campos:
 Traspassa com tuas frechas as arvoreas
 Do indomito monstro, que não possa
 Turbar a fanta paz, que gozar deve
 O venturoso Amintas com Licore.

Licore.

Mas lá vem hum Pastor com lentos passos
 Pela vareda o bosque atravessando...
 Amintas, he meu Pai, aqui o espero
 Para nosso Hymineo certificar-lhe,
 Tu com elle me deixa em liberdade.

SCENA QUARTA.

Silvano, e Licore.

Silvano.

ES tu, Filha adorada? Que alegria
 O coração me banha! cuidadoso
 Te vinha procurando pela selva;
 Pois acordando vi que o Sol rompia,
 E que sahido tinhas já da choça,
 Julguei terias hido ao vergel nosso
 Colher as novas rosas orvalhadas:
 Alli me encaminhei, e não te vendo
 Dentro do peito, o susto me figura,
 Que da ligeira caça cubiçosa
 Incauta vagarias pelo matto,
 E que a terrivel fera... Que amarguras

K

ES

142 OBRAS POETICAS

Estas lembranças tristes me custarão!
 E que a terrível fera poderia
 Lacerar os teus membros delicados;
 Porém graças aos Deoses, que a meus olhos
 Aqui te mostram de perigo salva.

Licore. *

Ah meu Pai, que estremofo, e vigilante
 Teu amor sempre vejo! O Ceo permitta
 A longar tua idade tão cançada.
 Eu sahi da cabana, quando a Aurora
 Vinha os vermelhos raios espalhando,
 E fui colher as flores, com que tenho
 Trez festivas capellas já tecido.

Silvano.

Que piedoso, e solícito cuidado!
 Se propicia a teus rogos, chara Filha,
 Quizeres sempre achar a immortal Delia;
 Com fervoroso zelo lhe prepara
 As agradaveis, candidas offrendas,
 Que nunca os altos, soberanos Deoses
 Deixão sem recompensa quem os honra.

Licore.

Húa a ti destinei para adornar-te
 No sacrificio a fronte respeitavel,
 E pendente a deixei do vasto ulmeiro;
 A cuja sombra descansar costumás:
 E com outra, de mirtos fabricada,
 A cabeça cingi do terno Amintas.

Silvano.

Qual, Amintas, o Filho de Palemo?

11

* *Abraçando o Pai.*

Licore.

, meu Pai, o gentil, louro mancebo :
 or, e gloria das silvestres musas,
 ensinado me tem co'a doce fruta
 ellas brandas, pastoris cantigas,
 tanto de me ouvir cantar te agradas :
 , o formoso Amintas, o mais bello
 todos os Pastores destes campos :
 animo innocente he tão sereno,
 no ribeiro em placido remanso.
 conhece as saudaveis ervas,
 do rebanho enfermo os males curáo :
 na frecha, e no cajado déstro,
 roso combate as bravas féras ;
 a fortuna os bens lhe nega a vara,
 ceo-o liberal a natureza
 nil raras virtudes, de mil graças.
 m se ternamente amas Licore,
 uma ditosa vida lhe deseja,
 ditte que de Amintas seja Esposa.

Silvano.

nho oitenta vezes visto, Filha,
 er o Lavrador os dons de Ceres,
 ce o Ceo se meus quebrados olhos
 aráo na viçosa Primavera
 r cobrir os troncos de verdura.
 s, Licore, o fruto derradeiro
 minha sepultada, e chara Sylvia:
 este tronco a unica vergonta,
 não tem dessepado a mão da morte ;
 enéficos Deoses te conserváo
 recreio de meus longos annos ;

K ii

Mas

144 OBRAS POETICAS

Mas agora que o corpo lasso, e curvo,
 Já mal firmado no bordão nodoso,
 Caminha para a fria sepultura,
 Dar-te seguro arrimo determino;
 Pois qual era sem tronco a que se arrime
 He sem marido a misera donzella,
 E tu já sabes que elegido tenho
 Do rico Mopso o Filho para genro.

Licore.

Ah! não, meu charo Pai, antes quizera
 Meus dias consumir, sem que me ligue
 Do risonho Hymineo o doce laço,
 Que ao agreste Menalca unida ver-me:
 Nem o mancebo Alexis, nem o mesmo
 Gentil Meris no canto tão gabado,
 Que cem vezes coroada já de mirtos
 Vio a cabeça pelas alvas Ninfas,
 Farão mudavel meu amor constante.

Silvano.

Amada Filha, não he tempo agora
 De tratarmos de Nupcias, só devemos
 Chorar a lastimosa adversidade,
 Em que gemem do Alfeo as tristes margens.
 Imploremos da Deosa o grande auxilio
 Com fervorosas súplicas, e votos,
 E vamos Filha, que a devota turba
 Sem dúvida impaciente já me espera
 Para virmos sobre estas santas aras
 Principio dar ao público holocausto.

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO

ACTO SEGUNDO.

SCENA PRIMEIRA.

Turba de Pastores, e Pastoras, coroados de flores, com ramos verdes nas mãos, aos quaes precederá Silvano, Amintas, Palemo, e Licore: virá depois sabindo do Templo o Sacerdote.

Silvano.

Affligidos Pastores, socegai-vos,
 Que nossos rogos ouvirá piedosa
 A benéfica Deosa, e a tantos males
 Dará prompta o soccorro desejado.

Rodeai esse altar, que a receber-nos
 Já vem do Templo o pio Sacerdote...

Grão Ministro da Filha de Latona,

Eis-aqui os afflictos habitantes

Do desollado Menalo: estes seguem

Das castas virgens o innocente bando,

Outros em varias turbas divididos,

Adornados de ramos, e capellas,

Estão prostrados ante as santas aras,

Que neste sacro bosque se venerão.

Tu a nossa desgraça não ignoras:

Tu sabes a geral calamidade,

Que devora estas miseras campinas.

Sacerdote.

Deploraveis Pastores, aos gemidos,

Que

146 OBRAS POETICAS

Que soão neste bosque venerando,
 As mesmas duras penhas se enternecem.
 Ao mais penoso estado reduzido
 Vos tem da féra os horridos estragos;
 Porém não duvideis que a tantos males,
 E clamores a Deosa compassiva
 O terrivel flagello não abrande;
 Que talvez indignada vos castiga,
 Por não ver-vos submissos, e obedientes
 A' voz de seus oraculos sagrados,
 Porque vê esquecidos os seus cultos.
 Ha longo tempo que não tinge o sangue
 De victima innocente estes altares,
 Nem de puro holocausto o fogo brilha.

Silvano.

Tem piedade de nós, que a ti corremos
 Como ovelhas do lobo perseguidas:
 O remedio procura a nossos damnos:
 Examina as entranhas palpitantes
 Da temerosa, destinada corça:
 Das aves o presago voo observa,
 E os divinos oraculos consulta.
 Tu só consolar podes nossas mágoas,
 E dos Ceos applacar as justas iras;
 Pois nós te respeitamos como aquelle,
 Que tem commercio com os altos Deoses,
 Que os enigmas comprehendes, e dicifras,
 Com que os designios revelar se digna
 Aos humildes mortaes a casta Delia:
 A suprema vontade nos declara
 Que eu em nome de todos os Pastores
 Sobre este sacro altar protesto, e juro

De cumprir o celeste mandamento,
 Inda que hum sacrificio de cem touros
 Peça a benigna Deosa, e todo aquelle,
 Que perjuro faltar ao que prometto,
 Veja rebelde a terra a seu trabalho
 Produzir em lugar do louro trigo
 A inutil grama, veja de contagio
 O rebanho espirar, e os proprios Filhos.

Sacerdote.

Vós inviolaveis, candidas donzellas,
 A quem só ver a face he concedido
 Do puro Simulacro, entrai no Templo,*
 Ide entoar os canticos sagrados,
 E á casta Deosa appresentar devotas.
 As offrendas humildes, e sinceras.
 E tu, prudente ancião, co'os mais Pastores
 Este sagrado altar fica cercando....
 Sobre elle ponde os consagrados ramos,
 Que por estas donzellas innocentes
 Mandarei brevemente declarar-vos
 Do soberano oraculo os designios.

SCENA SEGUNDA.

Silvano, e os mais Pastores.

Silvano.

DEosa dos bosques! compassiva escuta
 Nossos queixosos, miseros clamores:
 Consola com algum annuncio fausto
 O lamentavel mal, que nos opprime.
 Nossos cançados braços, nossos peitos

Atti

* Não-se encaminhando para o Templo.

148 OBRAS POÉTICAS

Atribulados com pavor, e sustos,
 Em vão se esforço contra o fatal monstro.
 Se tu, piedosa Deosa, não soccorres
 Tão infelizes, destróçados campos
 Acabaráo os seus habitadores
 Pelos ferozes dentes devorados.

Palemo.

Venerando Silvano, dos Ceos altos
 A indignação cahio sobre estes montes
 Como grosso chuveiro: A paz ditosa
 Fugio de nossos delectes valles.
 Já nas floridas margens dos regatos,
 Onde os doces cantores costumavão
 A vinda celebrar da Primavera,
 Com suaves canções, a melodia
 Da sonora fruta não se escuta.
 O Pastor assustado não se atreve
 A gostar, no raseiro confiado,
 O leve sono sobre a mole relva
 Junto da clara fonte, que murmura,
 Precipitada pelo fundo valle:
 Nem pelo verde olheiro alegre pasce
 O manso gado as saborosas ervas;
 E ballando faminto nos apriscos,
 Dos uberes vazios vê pendentes
 Desfalecer á mingoa os tenros Filhos.

Amintas.

Anciões respeitaveis, permiti-me
 Que tão sabios discursos interrompa:
 Vejo hum Pastor, que afflicto vem correndo,
 E seu infiado rosto nos segura
 Algum novo desastre.

SCE

SCENA TERCEIRA.

Dameta, e os mesmos.

Dameta.
CEos, valei-me.
 socorei-me, Pastores!

Silvano.

Que te affusta,
 infortunio, Dameta, te acontece?

Dameta.

stores ... ai de mim! ... apenas posso
 anda respirar ... o pouco gado
 e roubáráo, de que me alimentava.

Silvano.

que mão insolente, e roubadora
 deixou em miseria tão extrema?

Dameta.

uma pobre novilha, e cinco ovelhas
 a, Silvano, todo o meu rebanho:
 em seus vélos os membros defendia
 dos frios sopros do gelado Inverno,
 com seu parco, saboroso leite
 preciso sustento ao corpo dava;
 mas vendo consumir de dia em dia
 o curral triste a mísera manada,
 pascer a levei á mole relva
 e verdes fraldas do vizinho outeiro.
 e quanto fui incauto! não cuidando
 de tão perto da Aldeia andasse a fera!
 minha apenas descido para o valle
 usando as terras, e viçosas ervas,

Quant

150 OBRAS POETICAS

Quando de entre huma balsa funda, e densa
 Com ruido espantoso o monstro salta:
 A tão horrivel vista o frio susto
 A lingua me entorpece, e prende os passos:
 Em hum momento degolada vejo
 A formosa novilha, e trez cordeiros:
 Eu recobrando alento, gritos lanço,
 A sanguinosa féra a mim se volta,
 E sem dúvida já despedaçado
 Pelas medonhas garras me veria,
 Se com velozes passos lhe não fujo.

Silvano.

Acudi, justos Deoses! Estes prados
 Salvai de tão fatal calamidade.
 Pobre Dameta! quanto me lastimo
 Da perda de teu misero rebanho;
 Mas dá graças ao Ceo, que brevemente
 Verás tua desgraça reparada:
 Huma gorda novilha, e sinco ovelhas
 Logo te mando dar de meus armentos.

Dameta.

Generoso Silvano, o Ceo premeie
 De teu peito benefico a piedade,
 Com que meu desamparo remedeas:
 Sempre em tua cabana a paz habite:
 Nunca maligna estrella turbar possa
 O repouso de teus cançados annos:
 Sempre tua cabeça encanecida
 Coroe de flores a risonha sorte.

Amintas.

Ah! Silvano, sahindo já do Templo
 Vem o choro das virgens.

Silvano.

Ceos, que vejo!
 Chorosas, e assustadas as donzellas!
 Filhas amadas, que successo infausto
 Nos annuncia vosso amargo pranto?

SCENA QUARTA.

*As Virgens, e os mesmos.**Licore.*

AH meu Pai! tu não sabes a desgraça,
 O perigo fatal, em que nos vemos!

Silvano.

Que improvizo terror vos sobrefalta?
 Como bando de pombas temerosas
 Das inimigas aves assaltado?

Licore.

A sanguinosa morte, que se lança
 Sobre nós, levantando a curva foice.

Silvano.

Que espição funesta pede a Deosa?

Licore.

O sangue de huma virgem.

Amintas.

Ceos, que escuto!

Silvano.

O sangue de huma virgem! justo Nume!
 E de qual virgem deve o puro sangue
 Banhar o altar sagrado? dize, Filha.

Licore.

Ai de mim! charo Pai, attento escuta

A Sai

152 OBRAS POETICAS

A sacra voz do oraculo terrivel:
Tristes Pastores, respondeo a Deosa,
Quando debaixo do sagrado ferro
A garganta puzer hũa donzella,
Então vereis do monstro dessepada
A medonha cabeça.

Amintas.

Gello, e tremo.

Dameta.

Que nova tempestade se levanta!

Palemo.

Oh Deoses! que remedio abominavel
Dais a nossas desgraças!

Silvano.

Filha amada,

E que resolve o rigido Ministro?

Licore.

Na fatal urna fica recolhendo,
Conforme o costumado, antigo rito,
Os tristes nomes das afflictas virgens,
E aquella, sobre quem a irada Cinthia
Fizer cahir a lutuosa sorte,
Sem remedio será sacrificada.

Amintas.

O coração em sustos me palpita
Como as folhas do zefiro agitadas.

Palemo.

Que duro, que cruento sacrificio!

Dameta.

Ah, miseras donzellas!

Silvano.

Ah Pastores!

Vós feridos estais de mágoa, e susto;
 Mas quanto mais que às vossas, lamentaveis
 São minhas dolorosas agonias!
 Que além de ver-me, como vós, exposto
 A perder a innocente, e amada Filha,
 Consolação extrema, doce abrigo
 De meus cançados, e abatidos annos,
 Me vejo pela dura primazia,
 Que sobre estes Destrictos me concede,
 A opulenta fortuna, e longa idade,
 Constrangido a tirar da fatal urna
 A deploravel sorte. Justos Deoses!
 Triste emprego, funesta preeminência!
 E que será de ti, infeliz velho,
 Se mettendo a mão tremola tirares
 O nome amado da querida Filha?
 Ah não, piedosos Ceos, salvai clementes,
 Salvai a minha misera velhice
 De tão amarga, tão mortal angustia.
 Minha Filha, entre aquella densa matta
 Hum santo altar se occulta, alli prostrado
 Vou supplicar aos Deoses te preservem
 Do terrivel, cruento sacrificio.

Licore.

Sim, meu Pai, as supremas Divindades
 Aos clamores do justo são sensiveis.

SCENA QUINTA.

Os mesmos, excepto Silvano.

Amintas.

AH triste Amintas, de que aguda fêta
Sentes o terno peito traspassado!
Que terrivel desastre te figurão
Dentro d'alma os receios, e temores!
Ah formosa Licore! em mais angustias
Se não vê aquella ave, que no ninho
Tem os implumes filhos, vendo a serpe
Enroscada no tronco, que o sustenta,
Silvar vibrando a venenosa lingua.

Licore.

Ah Pastor, os suspiros amorosos,
Com que lamentas meu destino incerto,
Farão suaves minhas agonias,
Se a justa Deosa tem determinado
Que meu infeliz sangue as aras banhe;
Mas não consumas com mortaes cuidados
O terno coração, meu charo Amintas:
Não te entregues a sustos, e temores,
Que inda os irados Céos não decidirão
De minha desgraçada, ou feliz sorte:
Póde ser que ieníveis, e clementes
Aos fervorosos rogos, e gemidos,
Que por mim lhes dirige hum Pai magoad
Ou talvez que escutando compassivos
Os suspiros, e lagrimas queixosas,
Que exhalão nossos innocentes peitos,

Do sanguinoso golpe me preservem.
Sinto de quando em quando hũa esperança
Vir alentar minha alma attribulada
Como viração fresca, que os ardores
Mitiga dos anciosos encalmados.

Amitas.

Ah Pastora fiel! quanto engenhoso
He sempre o teu amor em consolar-me
Nos meus receios, e mortaes tormentos!
Como esconder intentas a meus olhos
De tua alma as acerbas agonias?
Se as rosas de teu rosto desmaiadas,
A branca testa palida, e cuberta
De hum suor semelhante ao frio orvalho,
Teu doloroso estado estão mostrando?

Licore.

Ai de mim! eu confesso que me sinto
Quasi sem movimento: O frio susto
Me tem no coração gelado o sangue;
Mas não devo assustar-me, quando vejo
Huma innocente, misera donzella,
Exposta nos alegres, verdes annos
A cair pela sacra mão ferida
Como viçosa flor, que arado corta?
Huma de nós fobre este altar sagrado
Immolada será em breve tempo,
E qualquer destas tristes companheiras,
Que o destino a ser victima condemne,
Sentir me fará tanto o horror da morte,
Como se eu mesma o golpe supportasse;
Mas entre as amarguras me parece
Que ouço fallar amor dentro no peito,

De

Dizendo-me: Não temas, que Licore
Ditosa vivirá c'o terno Amintas.

Amintas.

Talvez que a dura sorte commovida
De tua formosura, e minhas mágoas
Dentro da urna infausta te confunda.
Mas que esperança vá me lisonjea!
Se a inflexivel, ávida, desgraça
Nunca do menos bello se contenta.
O loubro roubador não tinge as garras
Senão no sangue da melhor ovelha:
A negra tempestade não arranca
Os agrestes silvados, mas abate
A formosa, frutifera oliveira.
Ah! que bem receei que a desventura
Contra meu puro amor se conjurava,
Quando vi de repente hum triste dia
A roseira secar-se, e a nova murta,
Que junto da corrente de hãa corrente fonte
Eu mesmo tinha consagrado a Venus:
A fatidica gralhia á parte esquerda
Com rouco som também meu mal predisse,

Licore.

Quantas vezes, Pastor, no pensamento
Debuxando mil bens, e mil venturas,
Esperava que os candidos amores,
A nossos puros votos favoraveis,
Em laço indissolvel nos unissem;
Porém zombando os Deoses poderosos
Dos váos projectos dos mortaes humildes,
Mudão em sustos minhas esperanças.
Mas se para applicar as justas iras.

Determinão que meus chorosos olhos
 Veão luzir em vez da nupcial tocha
 O fogo horrivel da funesta Pyra,
 Offrecer a garganta ao duro golpe,
 Qual victima paciente irei submissa.

Amintas.

Oh Ceos! E fereis tão inexoraveis,
 Que condemneis á morte sem piecade
 Tanta virtude, tanta formosura?
 Innocente Pastora, se o destino
 De extinguir os teus dias tem jurado:
 Sem mim não passarás o turvo Letes,
 Entre as garras lançar-me irei correndo
 Do carniceiro monstro, e destemido:
 A duros golpes da pezada massa
 Vingarei tua morte, antes que acabe
 Contaminado pelo seu veneno.

Huma Pastora.

Ah! fujaamos, fujaamos, companheiras,
 Que já lá vem do Templo o Sacerdote
 Nas mãos trazendo a formidavel urna.

Licore.

Sim, fujaamos Pastoras, não sejamos
 Testemunhas da nossa triste sorte.

Amintas.

Ah Licore, eu te figo: justos Deoses!
 Salvai-a do evidente precipicio.

SCENA SEXTA.

*A turba dos Pastores , Palemo , Dameta , o
Sacerdote , e depois Silvano.*

Sacerdote.

EM fim , Pastores , a benigna Cinthia
Escutou vossos miseros clamores ,
E sensível ao estrago lamentavel . . .
Mas onde está Silvano ?

Palemo.

Está prostrado
Ao pé do altar , que aquella matta occulta ;
Mas ei-lo vem sahindo d'entre a rama.

Sacerdote.

Vem , ancião prudente , e respeitavel ,
Que cessar a geral calamidade
Brevemente veremos.

Silvano.

Ceo clemente!

Porque tão indignado nos opprimes !
Piedoso Sacerdote . . . ai de mim ! quando
Contentes esperavamos que a Deosa
Refugio desse a nossos infortunios ,
Então em novo abysmo nos despenha ?

Sacerdote.

Não , Silvano , Diana compassiva
Pronto remedio a tanto mal promette.

Silvano.

Que funesto remedio ! O sacro Nume
As vingadoras iras não abranda ,

Se de innocente, lastimosa virgem
A garganta não rasga o duro ferro?

Sacerdote.

Sim, Pastor; mas adverte que os arcanos
Das poderosas, altas divindades
São ao juizo humano inacessiveis,
E adorar seus oraculos devemos
A fronte reverentes, inclinando:
E tu, de cujo exemplo estão pendentos
Os Pastores do Menalo sagrado,
Tu, que por hum solemne juramento
De imprecações horriveis carregaste
Aquelle, que sacrilego, e perjuro
O celette decreto não cumprisse,
Es o primeiro que impugnallo intentas?
Teme, Silvano, teme, que vingança
De tão impia ousadia a Deosa tome.

Silvano.

Não, supremo Ministro, não presumas
Que Silvano sacrilego pertenda
Atropellar os puros, santos votos:
Aos divinos mandados submettido,
Das iras celestiaes o raio adoro.
Se com meus dons a Deosa se contenta,
Lhe offrecerei devoto sobre as aras
De meus curraes o numerozo gado,
E nos troncos das arvores fecundas,
Que me enriquecem de abundante fruto,
As chammas se alimentem do holocausto;
Mas tremo á vista dessa fatal urna,
A desgraça lamento de huma virgem,
Que victima infeliz, o tenro colo

Offrecer ao cruento golpe deve
Como innocente, temerosa ovelha.

Sacerdote.

Hum só instante mais se não dilate
A piã execução das Leis Divinas:
Obedece Silvano, os olhos cerra
Ao supremo decreto do alto Nume:
Eis-aqui o deposito terrivel,
Que da piedade, victima placavel,
O triste fado occulta, e a ti compete
Animoso tirar a fatal sorte:
Não vacilles, Pastor, a mão estende,
Toca a urna fagrada.

Silvano.

Ceos, valei-me!

Oh chara Filha! Oh miseras donzellas! *
Oh Deoses! ai de mim! que infeliz Pai!
Amparai-me, Pastores, que não posso
Firmar os fracos pés entorpecidos.

*Palemo. **

Que mortal agonia te perturba?

Silvano.

Que infeliz Pai! que desgraçada Filha! ...
Que offensas, irados Ceos ... vede, Pasto
Ai de mim! respirar apenas posso.

*Palemo. **

Oh Deoses! he a victima Licore.
Ah pobre Amintas!

1

* Mette a mão na urna, e lê.

* Sustendo-o.

* *Dá o nome a Palemo.*

Dameta.

Misero Silvano,
 Que nuvem carregada de pezares
 Vem perturbar o inverno de teus annos!

Sacerdote.

Silvano, se applacar do Ceo as iras
 Desejas, e salvar os patrios campos,
 Da terrivel, geral calamidade
 Offertar voluntario a Cinthia debes
 Com animo constante a chara Filha;
 E não queiras com miseros lamentos
 Manchar a expiação fagrada, e pura.
 Ide, Pastores, publicar na Aldea
 O formidavel, candido holocausto.
 Levai estes sagrados, verdes ramos,
 Que Diana propicia a vossos rogos
 Vos promette salvar do horrivel monstro:
 Sim, ide, e sem demora conduzida
 Ao Templo seja a victima agradavel,
 Para, conforme o costumado rito,
 Ser no banho lustral purificada
 Antes que sobre o altar o colo estenda.

SCENA SETIMA.

*Silvano, e Palemo.**Silvano.*

Deosa dos bosques, formidavel Deosa!
 A tuas fantás leis a fronte inclino.
 Mas que enorme delicto em mim castigas?
 Acaço profanei os teus altares,

A con-

A consagrada victima arrancando
 Das puras mãos do pio Sacerdote?
 Ou qual outro Acteon no fresco banho
 Fui offender com impuros olhos
 O virginal pudor da castidade?
 Não gastei o vigor dos verdes annos
 Em cultivar o teu sagrado bosque?
 Os antigos loureiros, que plantados
 Estão á roda do marmoreo Templo,
 Não forão destas mãos sincera offrenda?
 Da copiosa fonte, que rebenta
 No penhasco daquelle verde outeiro,
 O curso não mudei, porque a corrente
 Banhasse em gyros a divina Selva?
 Quantas vezes na lida trabalhosa
 A ti contente a voz ergui, dizendo,
 Se as penosas fadigas, casta Deosa,
 Que te consagro, são de premio dignas,
 Abençoa benefica a cabana
 Do piedoso Silvano, porque veja
 Crescer os tenros Filhos como planta
 Disposta em fresca margem de ribeiro,
 Que a ser venhão com teu feliz auspicio
 Estas vergontas arvores frondosas,
 A cuja sombra possa recrear-me
 Na já cançada, tremola velhice.
 E assim premias meus ardentes votos?
 De seis Filhos, que o Ceo me concedêra,
 Só me restava a mísera Licore,
 Doce abrigo de hum Pai encanecido,
 E mandas arrancar-ma de entre os braços
 Para vella expirar em morte crua?

Palemo.

tu doloroso estado, bom Silvano,
de mover as feras á piedade;
as não te entregues a mortaes tormentos,
rigosos a teus enfermos annos:
o seco Ourono qualquer vento abate
já crestadas, moribundas folhas;
as nada menos eu ferido sinto
coração paterno de agonias:
tu choras a perda de Licore,
a cega paixão de Amintas temo,

Silvano.

de mim! Ceos piedosos, soccorrei-me!
tu dai já fim a meus pezados annos!
corre, Palemo, a prevenir teu Filho,
que eu á minha cabana me retiro
dar hum curso livre a tantas mágoas.

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO TERCEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

*Silvano, e Palemo.**Palemo.*

SIm, amigo Silvano, pela porta,
 Que dá entrada aos raios do Sol posto,
 Ao Sacerdote já mandei aviso:
 Aqui virá buscar-te: Livremente
 Lhe declara o legitimo motivo,
 Que suspender o sacrificio deve.
 Licore tem jurado com Amintas
 Amantes desposorios, e não póde
 Ser a Diana victima agradavel.

Silvano.

Algun celeste Deos, Palemo amigo,
 Te inspirou, condoido de meus males,
 Tão benigno recurso, tu me alentas
 O desfolado, moribundo peito.
 Eu sinto renascer as esperanças
 Dentro desta alma, como se estivesse
 No vigor da enganada mocidade....
 Mas ah louco! que espero? o amor paterno
 Faz que vacillem credulos, e incautos
 Meus experimentados, longos annos.
 Ah Palemo, se atrás os olhos volto,
 E contemplo de meus viçosos dias
 A vaga, e tumultuosa variedade,
 Vejo que as mais risõhas esperanças

De.

De mim fugirão como veloz ave,
 O caçador avaro presentindo.
 Ah correi, correi, lagrimas funestas,
 Banhai as minhas enrugadas faces.

Palemo.

Silvano, as amarguras, que combatem
 Teu coração aborto, não te deixão
 Ver mais que os infortunios, que te cercão.

Silvano.

Eu bem sinto, Pastor, que a dor violenta
 Faz delirar minha alma attribulada,
 Pois os supremos Deoses muitas vezes,
 Se lhes agrada, salvão do perigo
 Aquelle, que vai já precipitado;
 Mas creio que do fado a lei terrivel
 Já tinha resolvido que meus olhos
 Vissem cortar na flor da bella idade
 A tenra vida dos amados Filhos.

Palemo.

A pureza da virgem destinada
 Arde em desejos de amorosas nupcias,
 E bem sabes que a lei da casta Deosa
 Do altar exclue a victima, que impura
 De Hymineo o profano Templo adora,
 Nem seu nome devia ser exposto
 A' fatal sorte, como os das mais virgens.

Silvano.

Quanto mais vou na mente revolvendo
 Os presentes successos, mais a perda
 De Licore infallivel me parece.
 Ah Silvano infeliz, da chara Filha
 Verás passar o peito delicado,

166 OBRAS POETICAS

Se com portento raro os altos Deoses
 A não salvarem do imminente golpe.
 Não, Palemo, excluida não devia
 A triste Filha ser da fatal urna,
 Pois a lei formidavel exceptua
 Só aquella, que tenha contrahido
 Solemnes desposorios, confirmados
 Com as festivas, e usadas ceremonias;
 E bem sabes que Amintas, e Licore
 Inda com paternal consentimento
 As capellas de Myrto não trocarão.

Palemo.

Pastor, não desesperes, não te deixes
 Vencer irrefoluto, e temeroso
 Da mortal afflicção, que te attribula:
 O Lavrador, que timido esmorece
 Vendo atear-se o fogo na seara,
 De seu duro trabalho perde o fruto,
 Porque a salvallo impavido não corre:
 Não desfmaies, Silvano, não vacilles,
 Segue, segue o projecto meditado:
 Tu não ignoras quanto escrupuloso
 Na pureza dos pios sacrificios
 He de Diana o casto Sacerdote,
 E poderá, sabendo que se abraza
 Em amorosas chammas a donzella,
 Achar impura a victima, e profana:
 E de novo fará volver as fortes
 Na formidavel urna.

Silvano.

Em vão, Palemo,
 Confiado em tão frivolo pretexto,

Esperar devo a tanto mal refugio ;
 Porém tua piedade, e a mágoa minha
 A paterna ternura me convencem,
 Que deixar-se enganar deseja anciosa.
 Sim, Pastor, vamos, estes passos demos
 Por suave caminho, inda que errado.

Palemo.

Pois aqui vem o interprete da Deosa
 Os passos para nós encaminhando,
 Reverente lhe expõe a justa causa.

SCENA SEGUNDA.

Sacerdote, e os mesmos.

Sacerdote.

IMportunos Pastores, que profano
 A perturbar se atreve os santos ritos?
 Porque mandais ao intimo do Templo
 Apressados chamar-me? quando vedes
 Que o sagrado apparatus estou dispendo
 Do público, tremendo sacrificio.
 Esta já prompta a victima applicavel?

Silvano.

Venerando Ministro, se indiscretos
 Teu religioso emprego interrompemos,
 Desculpa nosso arrojado temerario;
 Mas constrangido de importunos rogos.
 Venho fazer-te com sincero zelo
 Hum talvez importante, e justo aviso.

Sacerdote.

He pertencente ao funebre holocausto?

Sil-

168 OBRAS POÉTICAS

Silvano.

Sim.

Sacerdote.

Então livre falla, sem que occultes
A menor circumstancia.

Silvano.

Alguns affirmão,
Que he maculada a victima, e que á Deosa
Agradavel, e grata ser não póde.

Sacerdote.

Que dizes? E quaes são as feas manchas,
Que a farão detestavel? Por ventura
Foi de lascivo fatyro violada?

Silvano.

Não:

Sacerdote.

Pois o virginal, e casto pejo
Tem profanado com occultas nupcias?

Silvano.

Nem ao menos brilhar o santo lume
Inda vio de Hymineo; mas por Amintas
De amor supporta as venenosas settas.

Sacerdote.

E tem com paternal consentimento
Algun solemne ajuste celebrado?

Silvano.

Ai de mim! não, supremo Sacerdote,
Antes minha vontade sempre opposta
Achou a seus desejos.

Sacerdote.

Temerarios!

Só dignos de castigo, e não de amparo.

Que intentais com tão louco, e vão pretexto?
 Perturbar as sagradas ceremonias,
 E a victima roubar das santas aras?
 De humra simples donzella o puro fangue
 Pede a triforme Deosa, e não de austero
 Virginal coração, que amor deteste.
 Palemo, as minhas ordens executa
 Fervoroso, e submisso, a toda a pressa
 Vai conduzir a victima sagrada:
 Obedece, Pastor, e aqui te espero.

SCENA TERCEIRA.

Silvano, e o Sacerdote.

Silvano.

Não julgueis que imprudente, e sem respeito
 Aos divinos mysterios intentasse
 Suspender o votivo sacrificio
 Para salvar da morte a Filha chara.

Sacerdote.

Pastor, se austero, e rigido executo
 O divino Decreto inalteravel,
 Não sou tão inflexivel, e inhumano
 Que teu destino infausito não lamente;
 Mas se agora com dor o pranto soltas,
 Chorarás de alegria, quando vires
 Em venerado tumulo encerradas
 As cinzas de Licore, quando leres
 Escrito o brando verso, que publique:
 Aqui descança em paz a bella virgem,
 Por quem da horrivel fera resgatada

170 OBRAS POETICAS

Foi a opprimida Arcadia, a fria campa
Será em dia alegre, e affinalado
Ornada de cheirofas, e alvas flores.
Pelas silvestres Ninfas, as donzellas
Em festivas, e rapidas choreas
Em torno cantarão fonoros hymnos.

Silvano.

Grande Deosa, submisso, e voluntario,
De Licore te offereço a doce vida;
Benigna aceita meu sincero voto.
Mas oh Delia immortal, a dor desculpa,
Que ver sem pranto derramar o fangue
Da suspirada Filha, Ceos piedosos!
Não o permite a fraca natureza.

SCENA QUARTA.

*Licore, a turba das Pastoras, e Pastores,
Palemo, e os mesmos.*

Palemo.

E Is-aqui, soberano Sacerdote,
A donzella infeliz, cujo destino
Nas grutas chorarão as brandas Ninfas,
E soltarão gemidos os outeiros
De inconsolavel dor enternecidos.

Silvano.

Oh Deoses, soccorrei hum Pai afflicto!

Sacerdote.

Vem, oh Virgem ditosa, a quem os Deoses
Dos Ceos a clara entrada estão abrindo,
Vem receber no Templo as religiosas,
Sagradas libações.

Licore.

Ah triste velho!

Deixa, fiel Ministro, que primeiro
 Em tanta dor console hum Pai magoado.
 Amado Pai, debaixo de que estrella
 Me déstes a fragil, desgraçada vida?...
 Mas ai de mim! que digo? Onde me lançaõ
 As acerbos, extremas amarguras?
 Quer a Deosa o meu sangue; e tu juraste
 De observar seu oraculo terrivel.
 Sim, meu Pai, he feliz a minha morte,
 Pois te alivia do funesto pezo
 Das horriveis, fataes imprecações,
 Com que o solemne voto confirmaste.
 Oh Ceos! a voz me falta... Pai afflicto,
 Deste lugar odioso te separa,
 Não accrescentes minhas agonias...
 Ah! não vejão meus olhos lacrimosos
 Ao levantar do ferro a ferir prompto
 Teu rosto desfaiar, e solto em pranto
 Gemidos exhalar de angustias cheio.
 Foge, velho infeliz, eu to supplico
 Por aquelle suave amor paterno,
 Que o desolado coração te abraza.
 A Deos, meu Pai, a Deos, em paz te fica,
 Pela ultima vez os braços abre
 A esta amada, moribunda Filha.

Silvano.

Em fim chegaste, misero Silvano,
 Ao doloroso, funebre momento
 De ver sacrificar a Filha amada,
 Qual paciente corça, ou mansa ovelha,

Seu

Seu innocente peito traspassado
 As aras tingirá de vivo sangue?
 Ah! que já do cruento ferro sinto
 Nesta alma afflicta o golpe... Immortal Deos!
 O duro sacrificio em mim começa....
 Ai de mim, chara Filha, digno objecto
 De meus ternos cuidados... Sim, recebe
 Em meus braços os ultimos affagos....
 A Deos, quèrída Filha, unico abrigo
 De minha triste, e languida velhice....
 Ah queira o Ceo clemente em recompensa
 Da nossa submissão cubrir-nos ambos
 Com a fria terra neste mesmo dia....
 A Deos, em paz espira, Filha amada,
 Eu resolutto parto, e tu humilde
 Sobre o sagrado altar o colo estende.

SCENA QUINTA.

Os mesmos, excepto Silvano.

Licore.

Que horrorosas angustias, justos Deoses
 No terrivel instante me rodeão
 Da suspirada morte! Partir vejo
 De mortal afflicção já quasi exangue
 O desgraçado Pai; o terno Amintas
 De compaixão, de puro amor ferido
 Accusa de crueis os altos Deoses,
 E com queixosos ais inconsolavel
 Faz retumbar os valles, e os outeiros.
 Oh tormentos mais duros que os da morte

Compassivo Palermo, a teu cuidado
 Amintas recommendo, e o Pai afflicto;
 Vai na dor perigosa consolallos:
 Dize-lhe, que fiel ás suas mágoas
 Vou derramar os ultimos suspiros,
 E que meu innocente, e puro fangue
 A paz restituirá aos verdes campos
 Do lacrimoso Alfeo: que os armentios
 Tornarão a gozar do brando pasto,
 Sem temerem da féra as crueis garras,
 E que os Pastores em feliz repouso
 Nos bosques cantarão ao som das frautas
 O lastimoso caso de Licore.

Sacerdote.

Entra no Templo, victima obediente,
 Vem offercer-te á Deosa, que te espera
 Com placido semblante, não dilates
 A pia execução de seu Decreto.

Licore..

Sim, vamos. Vós, oh charas companheiras,
 Ornai de flores este altar sagrado,
 Que meu fangue innocente banhar deve.
 Quanto me he doce em tão fatal instante
 Associadas ver-vos a meus males!

SCENA SEXTA.

*Palemo , a turba das donzellas , e Pastores , e
depois hum mensageiro.*

Palemo.

AH Pastores , que tristes , que espantosos
São nossos deploraveis infortunios !
Haverá peito barbaro , ou ferino ,
Que de Licore o fado não lamente ?
Conter não podem meus afflicto olhos
A corrente das lagrimas piedosas.

Mensageiro.

Ah Palemo infeliz , quantos defastres
Em hum momento os irritados Deoses
Cahir sobre nós fazem ! Oh Pastores ,
Que inesperado , que espantoso caso !
Ai de mim ! que mancebo miserando !

Palemo.

Pastor afflicto , que desgraça horrivel
De novo ajunta o Ceo' a nossos males ?

Mensageiro.

Ai de mim ! . . . referillo apenas posso :
He de Amintas a morte inevitavel.

Palemo.

Ah misero Palemo ! ah charo Filho !
Pastor , e que improviso , veloz raio
Sobre seus dias lança a dura sorte ?
Talvez seu louco amor defatinado
O despenhou de levantada rocha ?
Ou com agudo dardo o brando peito
Traspassou em frenetico delirio ?

Mensageiro.

Inda em mais evidente, e fatal risco
A sua vida está, se acaso vive,
Que eu julgo que seus membros palpitantes
Já com famintas iras lacerados
A selva banharão de negro sangue.

Palemo.

Em que lago profundo, duros fados,
Palemo submergis? ... Valei-me, oh Deoses?
Dize, Pastor, que mãos sanguinolentas
A tão funesto estado o reduzirão?

Mensageiro.

A desesperação, amor insano.

Palemo.

Oh indomito monstro, que devoras
A mocidade incauta.

Mensageiro.

O triste Amintas

Vendo que sem remedio sobre as aras
Vai exalar a tenra, e doce vida
Licore amada de seu peito alento,
Gemendo sobre a terra reclinado
Com insoffrivel dor jazia enfermo,
Eu, e Dameta, na mortal angustia,
Em consolallo em vão nos esforçamos;
Quando o languido corpo levantando,
De improviso da mágoa ao furor passa:
A festiva capella irado arranca,
Que no chão em pedaços arremeça,
O lanoso furrão bramando rasga.

Palemo.

Que furioso, que cego desatino!

M ii

Me-

176 OBRAS POETICAS

Mensageiro.

E depois, exhalando hum ai profundo,
 Entra na choça o magoadó Amintas:
 Nós julgámos que occulto a nossos olhos
 Hia desaffogar a dor co' pranto;
 Mas apparece armado em hum momento
 De agudo dardo, e de nodosa massa,
 E como veloz cervo o denso bosque
 Correndo atravessava: nós ligeiros
 Após elle voando nos lançamos;
 Mas já quando Dameta estava perto
 De suspender-lhe os passos com mão firme,
 Como feroz leão a nós se volta,
 E diz, atrás o pé firmando destro,
 Como quem se dispõe para o combate:
 Fugi, Pastores, de hum desesperado,
 Deixai-me em paz seguir o meu destino;
 E se intentais o passo embarçar-me,
 Os primeiros fereis que os duros golpes
 Destas funestas armas exprimentem.
 Licore vai morrer, e o triste Amintas,
 Fiel a seu amor, nas crueis garras
 Vai expirar da fera juntamente,
 Ou vingar com o seu total destroço
 O sangue amado da infeliz Pastora.

Palemo.

Acudi, justos Deoses, defendei-o
 Do formidavel, imminente estrago.

Mensageiro.

Nós immoveis ficámos, e assustados,
 E com brandas palavras de amizade
 Applacar procurámos seus furores;

Mas a nossos saudaveis rogos furdo
 O louco Amintas a vareda segue,
 Que ao valle dos loureiros encaminha:
 Nós bradando o seguimos affastados,
 Quando junto da matta dividamos
 O monstro horrendo, que sevava os dentes
 Nas carnes de rebanho degolado.
 Affombrados ficámos, e suspensos;
 Mas Amintas furioso, e resolutto
 Na forte mão o dardo sopezando,
 Para o fatal affalto se prepara.
 Eu cheio de pavor os olhos cerro,
 E por não ver o seu estrago horrivel,
 Atrás os passos volto, e veloz fujo,
 Dameta sobe em levantado freixo,
 Em vão gritando foge, foge, Amintas,
 Que sem dúvida já despedaçado
 Exhalaria os ultimos suspiros.

Palemo.

Ai de mim! fugir sinto a luz dos olhos,
 E cercar-me da morte a negra sombra.

Huma Pastora.

Oh Deoses immortaes, amor tyranno,
 E vedes sem piedade nestas selvas
 Dos humanos correr como regatos
 As dolorosas lagrimas, o sangue?

Palemo.

Temerario mancebo! ... Ceos, valei-me! ...
 A Deos, Pastores.

Mensageiro.

Onde vais, Palemo?

178 OBRAS POÉTICAS

Palemo.

Vou socorrer o desgraçado Filho.

Mensageiro.

Tu de'iras, Pastor? Que perigoso,
E que inutil projecto premeditas!

Palemo.

Vou consolar ao menos minhas mágoas,
Abraçando seu misero cadaver.

Mensageiro.

Palemo, a que desastre vais expôr-te?
Ah segui-me, correi, Pastores, vamos
Os temerarios passos suspender-lhe.

SCENA SETIMA.

*As donzellas, e depois o Sacerdote, Licore,
e sacrificadores.*

Huma Pastora.

Que chuveiro fatal de agudas setas
Desatão sobre nós os Ceos irados!

Outra Pastora.

Ah tristes companheiras, vede como
Ao lado de Licore o sacro ferro
Brilha nas mãos do rigido Ministro!
A dor me rásga as miseras entranhas.

Sacerdote.

Oh lá, donzellas, com semblante alegre
A victima applaudi, hum só suspiro
A mágoa não derrame, tão jucundo
Holocausto os altares nunca virão.

Licore.

Compaffivas donzellas, companheiras
De meus alegres, doces passatemplos,
Os derradeiros, funebres fufpiros
Recebei entre meus amantes braços...
Já nos fombrios valles, e florestas
Soltar não me ouvireis a voz fonora,
A cujo fom as aves fe callavão,
Nem me vereis nas rapidas coreias
O déstro pé mover em leve salto. ...
A Deos, charas, a Deos, fieis amigas....
E tu, que foste sempre, terna Alcipe,
Da minha sociedade inseparavel,
Vem atar-me a funesta, mortal venda
Nos já turvados olhos: não me negues
Esta piedade no momento extremo. *

Sacerdote.

Sim, piedosa Pastora, o rosto afflicto
Co' sacro véo lhe cobre.

*A Pastora. **

Que amargura!

Licore.

Ah desgraçado Pai! oh triste Amintas!

*Sacerdote. **

Propicia aceita, soberana Deosa,
Da voluntaria victima placavel.

SCE-

* *Chega-se para o altar.*

* *Atando-lhe a venda.*

* *Na acção de ferir.*

SCENA OITAVA.

*Dameta, e os mesmos.**Dameta.*

AH! suspende, benigno Sacerdote,
Suspende o sacrificio doloroso.

Sacerdote.

Que profano, sacrilego interrompe
O sagrado holocausto?

Dameta.

Attento escuta,

O mais raro prodigio, que Diana
Nestas divinas selvas tem obrado.

Sacerdote.

Que dizes, imprudente?

Dameta.

O feroz monstro

A vida já rendeo a duros golpes.

Sacerdote.

Que escuto, immortal Deosa! . . . Tu deliras,
Ou intentas, Pastor, allucinar-me?

Dameta.

Não, supremo Ministro, em vão não fallo.

Sacerdote.

E que mão destemida, e valerosa
Dar pôde a morte a tão cruenta féra?

Dameta.

O vigoroso Amintas.

Sacerdote.

Como expôr-se

Foi

Foi ousado hum mancebo a tal perigo?

Dameta.

Em fim entregue o namorado Amintas ,
 A' desesperação , á dor violenta ,
 Determina dar fim a seus pezares ,
 Morrendo juntamente com Licore ,
 Ou vingalla , matando a brava féra.
 As duras armas toma , e pelas selvas
 Se lança como tygre , que arremete
 O caçador , que a farpa lhe cravára.
 As mattas bate , as grutas investiga :
 Avista o bruto enorme , e resoluto
 Accommettello vai com braço armado :
 Mais audaz , e terrível não se pinta
 O valeroso Alcides , combatendo
 A formidavel Hydra : o feroz monstro
 As medonhas goellas lhe apresenta ,
 E já para tragallo se avençava ;
 Porém com dextra mão o dardo agudo
 O Pastor lhe arremeça , e pela boca
 Nas vorazes entranhas lho sepulta.
 A cruel féra suffocada brama ,
 Vomita em borbulhões o sangue immundo ;
 Arrasta o corpo horrível , com as garras
 Os troncos arrancando : o bravo Amintas
 Levanta o forte braço , e na cabeça
 Lhe descarrega repetidos golpes
 Com a pezada clava : ao estampido ,
 Com que as asperas conchas estalavão ,
 As cavernas em torno respondião :
 Exhala o bruto os ultimos arrancos ,
 Amintas a cabeça lhe separa ,

E can-

182 OBRAS POETICAS

E carregado co' fatal despojo
O verás brevemente.

Sacerdote.

Que portento!

Oh lá, donzellas, a funesta venda
Desfatai a Licore.

Hum Pastor.

Ah companheiras,

Vede o triunfante Amintas, que a seus hombros
Traz a cabeça da espantosa fera.

SCENA NONA.

*Amintas, Palemo, e a turba dos Pastores,
e os mesmos.*

I Nda vive Licore?

Amintas.

Dameta.

Sim, Amintas.

Sacerdote.

Vem, glorioso Pastor: esse despojo
Offrece sobre aquelle altar sagrado.
Que impenetraveis são dos grandes Deoses
Os occultos juizos! Quanto errada
He dos fracos mortaes a mente cega!
Já comprehendo, alto Nume, já dos olhos
Me dissipaste a sombra, que a luz pura
De teu santo mysterio me encubria.
Vive, innocente, e candida donzella.
A Deosa não pedia sangue humano,
Só queria, Pastores, na constancia,
E na prompta obediencia experimentar-vos.

SCE.

SCENA ULTIMA.

*Silvano, e os mesmos.**Silvano.*

V Em a meus braços, valeroso Filho,
 Libertador feliz dos patrios campos.
 Vem, digno Esposo de Licore amada,
 Tu me arrancas da fria sepultura. . . .
 Ah deixa, Filha minha, que te banhe
 Com as suaves lagrimas, que solto
 De prazer, de alvoroço transportado. . . .
 Tua piedade em fim, clemente Delia,
 Consola hum triste Pai! A chara Filha
 Restituindo a seus amantes braços!
 Sempre bemdita sejas. . . . Ah Pastores,
 Eu finto remoçar-me, o vigor torna
 A meus cançados, vacilantes membros.

Dameta.

Viva o triunfante Amintas.

Toda a turba.

Viva, viva.

Amintas.

Em fim, Licore bella, noſſas mágoas
 Em jubilos mudou o Ceo piedoso.

Licore.

Sim, extremoſo Amintas, tu me ſalvas
 Das crueis mãos da ſanguinoſa morte.

Silvano.

Vinde, meus Filhos, adornar as fronteſ
 Co' as nupcias capellas.

184 OBRAS POETICAS

Sacerdote.

Não, primeiro
Vinde por tão immenso beneficio
Cantar os hymnos das devidas graças;
Pois em tão fausto, memoravel dia
Franquear as sagradas portas mando
Do Templo inaccessible: vinde todos.

Silvano.

Sim, Ministro adoravel, os louvores
Da benefica Deosa cantar vamos.

FIM DE LICORE.



LICENÇAS.

Do Santo Officio.

Vista a informação, pôde-se imprimir o livro, de que se trata, e depois conferido tornará para se dar licença que corra, e sem ella não correrá. Lisboa, 27. de Junho de 1766.

Mello. Thorel. Lima.

Do Ordinario.

*Censura do Doutor Caetano Francisco Xavier
de Zumiga.*

EX.^{mo} S E N H O R.

Este livro, composto de varias obras metricas, em nada se oppõe á Fé Orthodoxa, nem aos bons costumes; e se nelle leio Obras, e Sonetos excellentes, tambem achei outros errados nos preceitos da arte com lunares de semitoantes, e simulcidentes, defeitos, que os antigos não conhecêrão, e quasi todos os modernos ignorão; e este meu reparo não deve impedir a licença, que se pede; e V. Excellencia mandará o que for servido. Lisboa, 22. de Julho de 1766.

Caetano Francisco Xavier de Zumiga.

Viz.

Vista a informação, pôde-se imprimir o livro, que se apresenta, e depois voltará conferido para se dar licença, sem a qual não correrá. Lisboa, 22. de Julho de 1766.

Costa.

Do Paço.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Meza conferido para se taxar, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, 11. de Agosto de 1766.

Siqueira. Pacheco. Castro. Craesbeck.

Está conforme com o seu original. Lisboa, Casa da Divina Providencia, em 2. de Junho de 1767.

D. Antonio Luiz Villares C. R.

Póde correr. Lisboa, 2. de Junho de 1767.

Carnalho. Thorel.

Está conforme com o seu original. Lisboa, 3. de Junho de 1767.

Caetano Francisco Xavier de Zuniga.

Póde correr. Lisboa, 3. de Junho de 1767

Coelho.

Está conforme com o original. Lisboa, 11. de Junho de 1767.

João de Alpoim e Brito Coelho.

Que possa correr, e taixão em duzentos reis. Lisboa, 12. de Junho de 1767.

Affonseca. Pacheco. Craesbeck. Viegas.

INDEX.

TOMO SEGUNDO.

ERMIONE. *Tragedia I.* pag. 1.

CASTRO. *Tragedia II.* pag. 77.

LICORE. *Drama Pastoril III.* pag. 129.

Erratas do segundo Tomo.

Pag. 9. v. 7. A teu perfido filho , lea-se , *o teu perfido filho*. Pag. 31. v. 5. Na sua dextra mão , lea-se , *na sua dextra mão*. Pag. 32. vers. 3.

Que o golpe furioso te vai extinguir , lea-se ; *que golpe furioso te vai extinguir*. Pag. 57. vers. 21. Em minha alma , lea-se , *de minha alma*. Pag. 106. v. 1. Da clemencia , lea-se , *de clemencia*. Pag. 107. v. 5. Senhor o tempo vòa , lea-se , *Não vaciles , senhor*. Pag. 111. vers. 23. Quando te agtadas , &c. lea-se , *quando te agrada*. Pag. 114. vers. 10. Ah , meus filhos , a Deos , lea-se , *ah , meus filhos , a Deos ! &c.* Pag. 131. vers. ultimo. Rapazes , lobos , lea-se ; *rapazes , lobos , &c.* Pag. 140. v. 13. A casta rolla , lea-se , *a terna rolla*. Pag. 144. vers. 5. A que se arrime , lea-se , *a que se enlacc*. Pag. 146. v. 1. Venerando , lea-se , *venerado*. Pag. 150. v. 6. Cordeiros , lea-se , *cordeiras*. Pag. 156. v. 18.

Que junto da corrente de huma corrente fonte , lea-se , *que junto da corrente de huma fonte*. Pagina. 160. v. 8. Que da piedade , &c. lea-se , *que da pedida , &c.* Ibid. v. 19. Que offensas , lea-se , *que offensa , &c.* Pag. 162. v. 4. Fui offender , lea-se , *fui offender-te*. Pag. 167. v. 16. Viçtima placavel , lea-se , *viçtima placavel*. Pag. 169. v. 9. Pag. 171. v. 4. Me dêstes , lea-se , *me dêste a fragil , &c.*

As faltas de pontuação deixamos á discrição do sabio Lector.

*Livros impressos á custa de Borel , e
Rolland , Mercadores de livros
em Lisboa.*

Diccionario da Biblia , traduzido do Francez
8. 1. vol. Lisboa , 1767.

Compendio do antigo , e novo Testamento com
as razões , com que se prova a verdade de nossa Re-
ligião , traduzido do Francez , 8. 1. vol. 1767.

Obras de Duarte Ribeiro de Macedo , 4. 2. vol.
Lisboa , 1767.

Conselhos de Sabedoria , ou Maximas de Salomão ,
traduzidos do Francez , 8. 3. tom. em 2. vol.
Lisboa , 1767.

Obras de Domingos dos Reis Quita , Arcade de
Lisboa , 8. 2. vol. Lisboa , 1767.

*Livros , que se estão imprimindo á custa dos
mesmos.*

Escola do mundo por Mr. Le Noble , traduzida
do Francez , 8. 4. vol.

Secretaria dos negociantes , 8. 1. vol. Portu-
guez , e Francez.

Armazem dos meninos , por Madame Le Prince
de Beaumont , traduzido do Francez , 8. 2. vol.

*Livros , que se achão em grande quantidade em casa
dos mesmos Mercadores de livros.*

Obras de Luiz de Camões , 12. 3. vol. Paris c. fig.

Vida de D. João de Castro , 12. Paris c. fig.

Manual da Missa , 12. Paris c. fig.

Tevii (Jacobi). opuscula , cum comment de re-
bus ad Dium gelitis , 12. Paris , 1766.

Trã

- Tratado da conservação dos Póvos , 8. edição
 de Paris.
 Methodo Geografico , 12. 2. vol. Paris.
 Compendio Geografico , 12. Paris c. fig.
 Vida de D. Bartholomeu dos Martyres , 8. 2. vol.
 Tratado das evoluções militares de Bombelles,
 traduzido do Francez , 8. 1. vol. c. fig.
 Catecismo de Montpellier , 8. 4. vol.
 Obras de Melizeu Cylenio , Arcade de Lisboa,
 12. 1764.
 Enfermidades mais communs dos exercitos por
 Van-Swieten , 8. Lisboa , 1763.
 Pereira de Restitutions , fol. 2. vol.
 Conversações familiares sobre a eloquencia do
 Pulpito , 8. Lisboa , 1762.
 Prado das ceremonias da Missa , com reflexões
 mysticas , moraes , delectaveis , e uteis , 4. 1. vol.
 Lisboa , 1760.
 Dictionario de Moreri , fol. 10. vol. em Hespá-
 nhol.
 Commentarios de la guerra de España , por el
 Marquez de S. Philippe , fol. 1. vol. raro.
 Bona (Cardinal) opera omnia liturgica , fol. 4. vol.
 Taurivi.
 Eusebii Pamphilii , & Aliorum historia Eccles.
 fol. 3. vol. Taurini. Gr. lat.
 Van-Swieten , commentaria in Aphorismos Boer-
 haave , 4. vol. Taurini.
 Catechismus Concilii Tridentini ad Parochos ,
 8. Taurivi.
 Opere di Metastasio , 8. 9. vol. Taurivi.
 Dictionnaire de la Langue Françoise , connu sous
 le nom de Trevoux , fol. 7. vol. Paris.
 Fabri Thesaurus Eruditionis Scholasticæ , fol.
 2. vol.
 Meerman , novus thesaurus Juris civilis , & Ca-
 nonici , fol. 7. vol. Amstelod.
 Van

- Van-Espen Opera omnia, fol. 40. vol.
- Histoire de l'Academie Royale des sciences, depuis son commencement jusqu'en 1763. 4. 103. vol. ouvrage complet.
- Histoire de l'Academie des Inscriptions, & belles lettres, 4. 30. vol.
- Histoire des Voyages, 12. 68. vol. c. fig. & les suiv.
- Romaine de Catrou, & Roiullé, 8. 20. vol. c. fig.
- Genealogique de la Maison Royale de France par Anselme, fol. max. 9. vol. de la Bible, par Roy-aumont, 8. c. fig.
- Baronii Anales Eccles. fol. 38. vol. edit. ultim.
- Histoire Eccles. de Fleury 12. 40. vol.
- Atlas Geographique de Robert, & Vaugondi, fol. mai.
- Methodes de dresser les chevaux, par Newcastle, fol. mai. c. fig. veritable edition de Londres.
- Hausser, Pphis recens, 8. 2. vol. c. fig. 1766.
- Biblia Sacra, fol. 2. vol. Paris cum Commentariis, e variis Authoribus excerptis.
- Siege de Calais Tragedie, 8.
- Attaque, & defense des Places par Vauban, 4. 2. vol. c. fig.
- Mecanisme d'Artillerie par Dulacq. 4. c. fig.
- Memoires d'Artillerie par Mr. De S. Remy. 4. 3. vol. c. fig.
- Ingenieur françois par Deidier, 4. c. fig.
- Bombardier françois par Belidor, 4. c. fig.
- Art de la Guerre par Puysegur, 4. 2. vol. c. fig.
- Plinii historia naturalis, cum notis Harduini, ad usum Delphini, fol. 3. vol.
- Juris prudene Romaine par Terrasson, fol. Paris.
- Cours des sciences par Buffier, fol. 1. vol.
- Quintilianus Cuperperitii, fol.

Virgilius cum commentariis de Lacerda, fol. 3. vol.
 T. Livius ad usum Delphini, 4. 6. vol.
 Fagnanus in Jus Canonicum, fol. 5. vol.
 Aventuras de Telemaco, 8. 2. vol. Lisboa, 1766.
 Penfées ingénieuses des Anciens, & des modernes, 12. Paris, 1762.

Ovidius.
 Quintillianus.
 Cicero.
 Florus.
 Lucanus.
 Horatius.
 Martialis.
 Phædrus.
 Justinus.

Terentius.
 Plautus.
 q. Curtius.
 Claudianus.
 Virgilius.
 Velleius Patere.
 Sulpicius.
 Juvenalis.
 Sallustius.
 Valerius Maxim.

Cum notis variorum
 optimi. edit. Amstelod.

Beyerlinck Theatrum vitæ humanæ, fol. 2. vol.
 Cicero ad usum Delphini c. n. Oliveti, 4. 9. vol.
 Geneva, 1758.

Comenii Janus linguarum, five compendiosa methodus Latinam, Gallicam, Italicam, Hispanicam, & Germanicam linguam per discendi, 8. apud Elzev.
 Calmet in S. Scripturam. & Dictionarium Biblicum, fol. 11. vol. Augustæ Vind.

Collectio maxima Conciliorum, Studio Philipp. Labbe, & G. b. Coffart. fol. 15. vol. editio Parisiensis.
 Cartier Theologia universa, 4. 5. vol. August. Vind. 1757.

Ejusd. Philosophia, 4. 2. vol. ibid.
 Collet Pet. Theologia ad usum Seminariorum, 12. 7. vol.

Dupasquier Summa Theologiæ Scotificæ, 12. 8. v.
 Fleury Claud. Historia Eccles. e Gallico in lat. sermonem] conversa notisque illustrata a R. P. Bru-

none Parode Ord. S. Bened. 8. 22. vol. & seq. Augustæ Vind. 1758. & seq.

Gallia Christiana : opus Fratrum Samaritanorum , fol. 11. vol. & seq. Parisiis.

Gerbert (*Martini*) Ord. S. Bened. Theologia vetus , & nova , & alia opera , 8. 22. vol. Friburg. 1766.

Italia Sacra , opus Ferdinandi Vghelli ; fol. 9. tom. in 8. vol. Romæ , 1643. & seq. c. fig.

Heineccii opera omnia , 4. 10. vol. Genevæ.

Wolfii (*Christoph.*) Elementa Matheseos universæ , 4. 5. vol. c. fig.

Maittaire (*Mich.*) Annales Typographici ab artis inventæ origine , 4. 5. vol. Amstelod. 1733. & seq.

Abregé de l'histoire de France. par Mezerai , 12. 14. vol.

Dictionnaire historique par Ladvocat , 8. 3. vol. Paris. 1764.

Elements de l'histoire par Valmont , 12. 5. vol. Paris.

Agriculture complete , ou l' Art d' Ameliorer les terres , 12. 4. vol. fig. Paris. 1765.

Bibliothèque des Juenes negociants par la Rue 4. 2. vol. 1758.

Corps Politiques , & leurs Gouvernemens , 12. 3. vol. Lyon , 1764.

Dictionnaire du commerce par Savari , fol. 5. vol. dernière édition.

Æconomique , fol. 3. vol. Paris , 1767.

Maison Rustique , ou æconomie Generale de tous les biens de campagne . avec fig. 4. 2. vol. 1762.

Science des negociants , & teneurs de livres par La Porte , 8.

Ordenações do Reino , fol. 3. vol.

Repertorio das ordenações , fol. 2. vol.

Appendix ás Leis extravagantes , fol. 1. vol.

.. **Gratiani Canones Genuini ab apocryphis discreti** , corrupti ad emendationum codicum fidem exacti , difficiliore commoda interpretatione illustrati opera , & studio Car. Sebast. Berardi Presbyt. 4. 4. vol. Taurini , 1754. ex Typographia Regia.

.. **Nat. Alexand. Histor. Eccles.** fol. 9. vol.

Thesaurus Theologicus , 4. 15. vol. 1764:

Ferraris Bibliotheca , fol. 9. vol.

Bibliæ Duhamel cum concordantia , fol. 3. vol.

Graveson Opera omnia , 4. 19. vol.

Houdry Bibliotheca concionatoria , fol. 4. vol.

Benedicti XIV. opera omnia , fol. 12. vol.

Merendæ controversiæ Juris , fol. 4. vol.

Corpus Juris canonici , fol. 3. vol. seu **Textos de Drecto canonico**.

Juris Civilis , fol. 6. vol. seu **Textos de Drecto civil.**

Goldoni , **Comedie** , e **Theatro nuovo** , 8. 24. vol.

Exposition anatomique de la Structure du corps humain par Mr. Winslow , 12. 4. vol. Paris , 1766. c. fig.

Essais anatomiques , contenant toutes les parties du corps de l' homme par Licutaud , 8. Paris , 1766. c fig.

Precis de la matiere medicale par Licutaud . 8. Paris , 1766.

Matiere medicale raisonnee , ou precis des medicamens considers dans leurs effets , a l' usage des Eleves de l' hecole Royale , avec les formules medicinales de la meme hecole par Bourgelat , 8. Lyon , 1765.

Precis de la medecine pratique par Mr. Licutaud . 8. Paris. 1761.

Encyclopedie portative , (*nouvelle*) ou **Tableau General des connoissances humaines** , 8. 2. vol. Paris , 1767.

No-

Novo methodo de Grammatica para aprender a lingua Franceza pelo Dr. mr. de la Rue , 8. Lisboa , 1766.

Interets des nations de l'Europe developpés relativement au commerce ; 12. 4. vol. Paris , 1767.

Science du Gouvernement par mr. de Real , 4. 8. vol.

Fœdera , conventiones , literæ , & cujuscumque generis Acta publica inter Reges , Imperatores , Pontifices , Principes , habita aut tractata , accurate Thoma Rymer , fol. 20. tom. in 10. vol. compacti. Hagæ comitis , 1750. editio nitidissima.

Dizzionario Scientifico di Pivati , fol. 10. vol. com figure.

Dictionnaire des sciences ecclef. par des Religieux Dominicains , fol. 6. vol. 1767. Paris.

Vocabulario della lingua Italiana per gli Accademici della Crusca , fol. 6. vol.

S. Cesari in oro raccolti nel Farnese Museo , e publicati coll'loro congrue interpretationi , dal P. Paolo Pedrusi , fol. 10. vol. c. fig. Parma , 1694. & seq.

Collet Theologia , 12. 7. vol. Lemonier Philosophia , 12. 6. vol.

Tillemont , Histoire Ecclef. 4. 22. vol.

Cellier , Histoire des Auteurs Ecclef. 4. 23. vol. & seq.

Antiquité expliquée par Montfaucon , fol. 15. vol. c. fig.

Collection Academique de l'histoire naturelle de Dijon , 4. 8. vol. c. fig.

Atlas historique par Guedeville , fol. 7. vol. c. fig.

Phitantoza iconographia , seu descriptio aliquot millium plantarum , fol. mai. 6. vol. com figuras illuminadas.

Geographie Hist. Ecclef. & critique par Vaissette , 12. 12. vol. Paris , avec cartes Geogr.

1. *Jerusalem delivrée : Poeme epique du Tasse.* 12.
2. vol. Paris, 1766.

*Traite du vrai merite de l' homme , avec des
Principes d'education propres a d'Esformer les Jeunes
Gens à la vertu ,* 12. 2. vol. Amsterd. 1754.

2. *Principes generaux . & raisonnés de la Gram-
maire françoise par Restaut ,* 12. Paris , 1764.

3. *Physique de l'histoire ; ou considerations gene-
rales sur les principes elementaires du temperament,
& du caractere naturel des Peuples ,* 12. 1. vol. 1765.

4. *Droits de la Religion chretienne , & catholique
sur le cœur de l' homme ,* 12. 2. vol. 1764.

5. *Dictionnaire geographique portatif , ou descrip-
tion des Royaumes , Provinces , Villes , Ports , for-
tresses ; & autres lieux considerables des quatre
parties du Monde traduit de l' Anglois de L. Echard
par Mr. Vosgien ,* 8. 1. vol. Paris, 1764.

Idem em Hespanhol.

6. *Recueil des lettres de Mad. la Marquise de Se-
vigné à Mad. la Comtesse de Grignan sa fille nou-
velle edition ,* 12. 8. vol. Paris , 1763.

7. *Religion revelée , defendue contre les ennemis
qui l'ont attaquée par le R. Fr. le Balleur , Relig.
Cord.* 12. 5. vol. Paris, 1757.

8. *Logique , (1a.) ou l' Art de penser , contenant
outre les regles communes , plusieurs observations
nouvelles propres a former le jugement ,* 12. Paris ,
1763.

Ouvrages de quelques Poetes , sçavoir.

Boileau ,	- - - -	Regnard ,	- - - -	Vergier ,
Corneille ,	- - - -	Boindin ,	- - - -	Marivaux ,
De la Motte ,	- -	Crebillon ,	- - - -	Thomas ,
Racine ,	- - - -	Dulard ,	- - - -	Peliffon ,
Fontaine ,	- - - -	Greffet ,	- - - -	Chalieu ,
Scarron ,	- - - -	Mad. Du Bocage ,	-	Detouches ,
Moliere ,	- - - -	Piron ,	- - - -	La chaussee.

Rien

Pratique du Theatre par D' Aubignac, 8. 3. vol.
Passe-temps poetique , historique , & critique ,
12. 2. vol.

Pensees diverses , dediees a Mad. de Pompadour
par Mr. Ange Goudard , 12.

Recueil des plus belles Pieces des Poetes fran-
çois , 12. 6. vol.

Prejugés du Public sur l' honneur ; avec des ob-
servations critiques , morales , & historiques par Mr.
de Negle , 12. 3. vol. Paris , 1766.

Threso du Parnasse , ou le plus joli des recueil ;
12. 4. vol. Londres , 1762.

Theatre des Grecs par le P. Brumoy , 12. 6. vol.
Paris , 1765.

Letres Parisiennes ou desir d'etre heereux , 12.
1765.

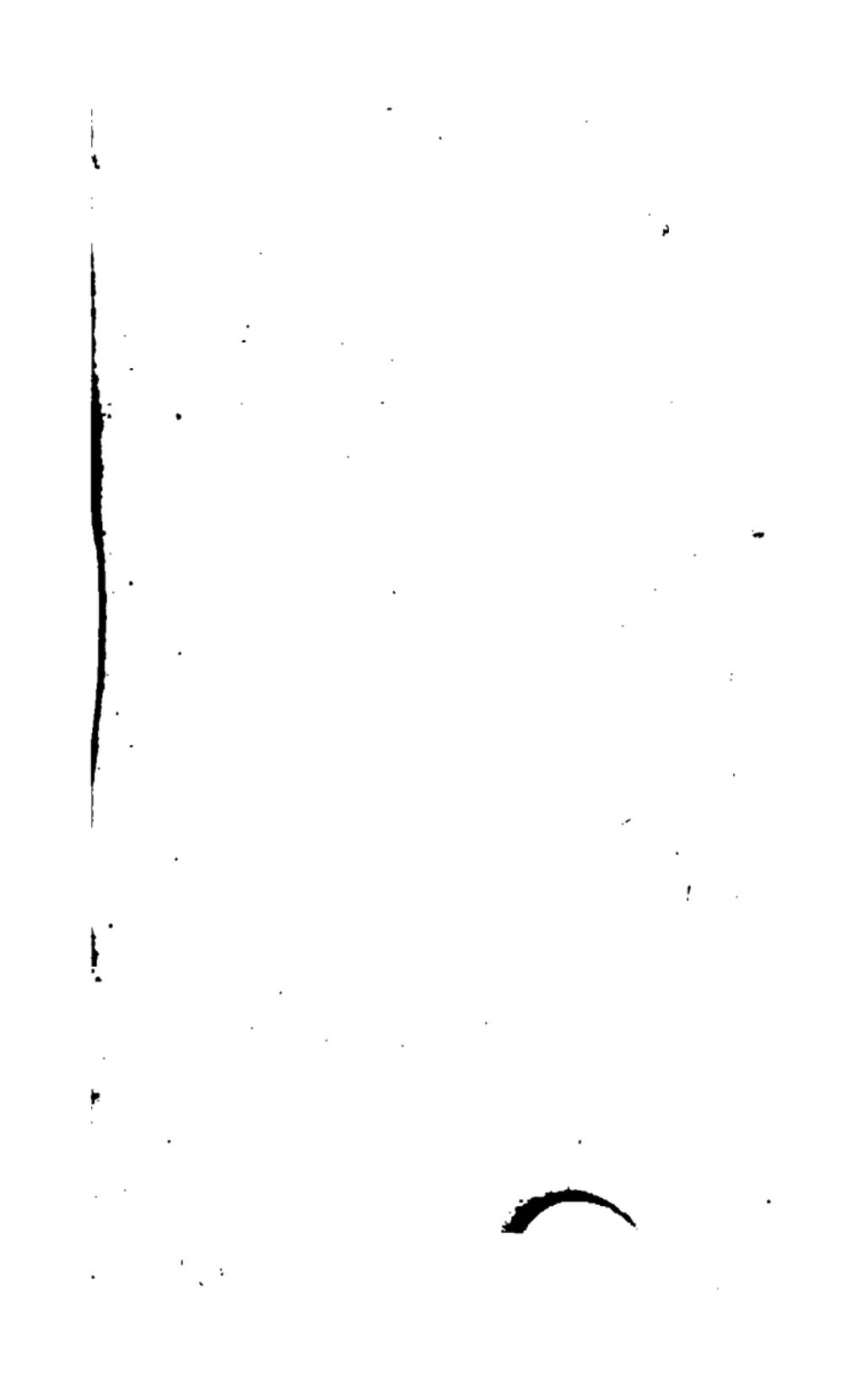
Idylles , & autres ouvrages de Mr. Gesner , tra-
duits de l' Allemand.

Illiadé , & Odisséé d' Homere traduites en Fran-
çois par Mad. Dacier , 12. 8. vol. Paris , 1758.

Harangues sur toutes sortes de sujets , avec l'art
de les composer par Mr. de Vaumoricre , 4. 1. vol.
Paris.

*Tambem se acha em casa dos mesmos Mercado-
es de livros huma grande collecção de livros bem es-
colhidos sobre todas as faculdades , Latinos , France-
ses , Gregos , Portuguezes , Italianos , Castelhanos com
os seus justos preços.*





2



